

ENSAIO MONOGRÁFICO SOBRE OS QUIRÓPTEROS DO BRASIL

p o r

CARLOS O. DA CUNHA VIEIRA

I N T R O D U Ç Ã O

No presente trabalho, procuramos tanto quanto possível, dar um cunho essencialmente prático ao conhecimento dos morcegos brasileiros.

Evitamos assim cair em descrições por demais minuciosas de caracteres anatômicos internos que, além de exigirem conhecimentos especiais para sua observação, requerem ainda muito tempo e material apropriado.

Dado o grande interesse havido ultimamente pelo estudo do papel representado pelos animais selvagens na transmissão de moléstias infecciosas, sobretudo no gado, e, sendo os morcegos, dentre eles, os mais indigitados portadores de parasitos patogênicos, frequentemente é o Departamento de Zoologia consultado por particulares e institutos científicos sobre a determinação de exemplares provenientes dos diversos Estados do Brasil e até mesmo de países limítrofes.

Se muitos dos morcegos brasileiros são facilmente reconhecíveis à primeira vista, a maior parte é de difícil identificação, pois além de ser muito grande o número de formas, muitas delas pouco de diferenciam no aspecto externo e no colorido.

Adotando o critério seguido por DOBSON no seu Catálogo dos quirópteros do Museu Britânico, obra básica para o conhecimento dos morcegos de todo o mundo, fizemos as chaves sinóticas das famílias, subfamílias, gêneros e espécies, baseadas em caracteres morfológicos externos e de dentição mais facilmente observáveis.

Para maior evidência juntamos, sempre que foi possível, o desenho duma espécie de cada gênero, acompanhada da fotografia do respectivo crânio.

Infelizmente, as numerosas lacunas ainda existentes na biblioteca e nas coleções do Departamento de Zoologia, não nos permitiram fazer trabalho completo como era nosso intento, dando descrições minuciosas, de todos os quirópteros que têm sido notificados em território brasileiro.

Aos srs., Dr. OLIVERIO MARIO DE OLIVEIRA PINTO, Diretor Superintendente do Departamento de Zoologia; FREDERICO LANE, D. JOSÉ KRETZ, LINDOLFO R. GUIMARÃIS e LAURO TRAVASSOS FILHO, assistentes do mesmo Departamento; Dr. EMMANUEL DIAS, assistente do Instituto Osvaldo Cruz, que muito cooperaram com preciosas indicações ou fornecimento de material para a realização de nosso objetivo, deixamos aqui externados nossos mais sinceros agradecimentos.

À Exma. Sra. D. AURORA DE MORAIS REGO, professora amazonense comissionada pelo seu governo junto ao Departamento de Zoologia, que gentilmente se prestou a fichar toda a coleção de mamíferos e a preparar crânios de quirópteros, agradecemos a presteza e o cabal desempenho dessas árduas tarefas.

Estendemos nossa gratidão aos Srs. EURICO ALVES DE CAMARGO, JOSÉ CANELA FILHO e GIRO PASTORE, respectivamente encarregados das coleções, desenhista e fotógrafo do Departamento de Zoologia, pela boa vontade e competência que demonstraram.

Graças à gentileza do Dr. JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA, digno assistente de Vertebrados do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a quem somos sumamente gratos, foi-nos permitido examinar a vultosa coleção de morcegos daquele instituto científico.

LIGEIRO HISTÓRICO SOBRE OS MORCEGOS BRASILEIROS

As primeiras referências sobre os morcegos do Brasil foram feitas por GABRIEL SOARES DE SOUZA que, em 1857, no seu *Tratado Descritivo do Brasil*, confundindo-os com aves noturnas, mencionou-os sob o nome indígena de “anduras”, notando que alguns eram “muito grandes, com tamanhos dentes como gatos, com que mordem”. Observou-lhes, também os hábitos, referindo que se criavam nos ôcos das árvores e no interior dos engenhos em tal quantidade que chegavam a causar grande dano, comendo o açúcar e sujando-o com os excrementos.

Mais tarde, MARCGRAVE, incidindo no mesmo erro, também mencionou-os entre as aves na sua *História Rerum Naturaliae Brasiliae*, publicada em Amsterdan em 1648.

AIRES DO CASAL, na introdução de sua *Corografia Brasílica*, impressa no Rio de Janeiro, em 1817, ainda se refere aos morcegos como aves, considerando-os nocivos: “são multiplicadíssimos por toda a parte, e alguns do tamanho de pombas, prejudiciais aos gados, à certas frutas e ainda às casas e templos”.

Somente em princípios do século XIX, é que o príncipe MAXIMILIANO DE WIED-NEUWIED tratou-os sob o ponto de vista científico. Em suas longas viagens pela costa oriental do Brasil nos anos de 1815 a 1817, colecionou muitas espécies e observou-lhes os hábitos, o que relata minuciosamente no “*Reise nach Brasilien*”, publicado em 1820. No segundo volume de “*Belträge zur Naturgeschichte Brasiliens*” aparecido em 1826, descreveu dez espécies novas obtidas nessas expedições e que foram depois reproduzidas em magníficas estampas coloridas no “*Abbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens*”, Weimar, 1823-1831.

Em 1823, SPIX descreveu no *Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, Species Novae*, dezenove formas desconhecidas até então, classificando-as em duas grandes famílias: *Anistophori*, com os gêneros *Noctilio*, *Molossus*, *Thyropterus*, *Proboscidea* e *Vespertilio*; *Istiophori*, com os gêneros *Vampyrus*, *Phyllostoma*, *Glossophaga* e *Diphylla*.

PAUL GERVAIS, em 1855, estudando o material zoológico colhido pela expedição do CONDE CASTELNAU à América do Sul, publicou “*Documents Zoologiques pour servir à la Monographie des Chéryptères Sud-américains*”, insertos na sétima parte da volumosa obra “*Expédition dans l’Amérique du Sud sous la direction du Comte de Castelnau*”.

Nesse notável trabalho, além de descrever quarenta espécies de morcegos brasileiros, alguns dos quais até então desconhecidos, classificou os quirópteros sul-americanos em duas grandes famílias: *Phyllostomidae*, subdividida nas tribus *Desmodina*, *Stenodermina*, *Glossophagina* e *Vampyrina*; *Vespertilionida*, subdividida em *Noctilionina*, *Molossina*, *Emballonurina*, *Nycticeina* e *Vespertilionina*.

HERMANN BURMEISTER, em 1854, enumerou e descreveu no “*Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens*”, vol. *Mammalia*, trinta espécies obtidas nas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

GEORGE EDWARD DOBSON, em 1878, no seu clássico “*Catalogue of the Chiroptera in the collection of the British Museum*”, descreveu setenta e seis espécies conhecidas no Brasil considerando-as compreendidas em três grandes famílias: *Vespertilionidae*, com os grupos *Mniopteri* e *Vespertiones*; *Emballonuridae* com *Furiae*, *Emballonurae*, *Diclidurae*, *Noctiliones* e *Molossi*; *Phyllostomidae*, com *Mormoops*, *Vampiri*, *Glossophagae*, *Stenodermata* e *Desmodontes*.

NATTERER, em sua longa permanência no Brasil durante os anos de 1817 a 1835, coletou quarenta e oito espécies que foram estudadas e descritas por PELZELN no *Brasilische Säugethiere, Resultate von Johann Natterer's Reisen in der Jahren 1817 bis 1835*, publicado em Viena em 1883, no tomo XXXIII, de *K. Zoologisch-botanischen Gessellschaft*. Já então foram classificadas em quatro famílias: *Phyllostomata*, *Brachyura*, *Molossi* e *Vespertiliones*.

HERLUF WINGE, em 1883, depois de examinar o material obtido por LUND, nos arredores da Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais, e atualmente integrando as coleções do Museu Zoológico da Universidade de Copenhague, enumerou trinta espécies fósseis e vinte e cinco vivas, descritas no *Jordfundne og nulevende Flagermus (Chiroptera) fra Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasilien*.

HERMANN IHERING no seu *Catálogo dos Mamíferos de São Paulo*, 1893, citou vinte e cinco espécies de morcegos no Estado de São Paulo, número esse bastante exagerado. Nos *Mamíferos do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 1895, descreveu dezessete formas por ele achadas naquele Estado.

EMILIO GOELDI na sua sucinta *Monografia dos Mamíferos do Brasil*, Rio de Janeiro, 1893, mencionou quarenta espécies dando a descrição e os hábitos dalgumas delas.

OLDFIELD THOMAS, em 1901, examinou a coleção de quirópteros do Museu Paraense, de Belem, encontrando vinte e duas espécies que foram enumeradas ou descritas nos "*Annals and Magazine of Natural History*", série 7, vol. 8, pag. 188, sob o título "*On a Collection of Bats from Pará*". Em 1920, o mesmo autor examinou outra coleção proveniente do Baixo Amazonas, e pertencente ao mesmo Museu, na qual achou algumas espécies e gêneros novos, descritos no volume 6 da 9.^a série da mesma publicação, sob o título "*On mammals from the Lower Amazonas*".

Uma coleção de quirópteros feita por RICARDO KRONE no litoral paulista foi estudada e descrita por ADOLF PIRA de Estocolmo, em 1905, no "*Zoologischer Anzeiger*", vol. XXVIII, pág. 12, sob o título "*Über Fledermause von São Paulo*".

Outra coleção obtida por uma expedição austríaca ao norte e nordeste do Brasil em 1903, foi examinada por K. D. TOLDT de Viena, que em 1926, publicou na revista *Akademie Wissenschaften in Wien* o resultado de seus estudos, mencionando apenas dez espécies encontradas nos Estados do Pará, Piauí e Baía.

JOÃO LEONARDO DE LIMA, naturalista colecionador do Museu Paulista, descreveu no seu minucioso trabalho *Os Morcegos do Museu*

Paulista publicado no tomo XIV da *Revista do Museu Paulista*, as cinquenta e três espécies existentes nas coleções daquele estabelecimento, das quais uma até então desconhecida.

A biologia dos morcegos brasileiros, porem, ainda é bem pouco conhecida, resumindo-se nas observações do príncipe de WIED, SPIX e alguns autores modernos.

A COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA E OS PROCESSOS DE SUA CONSERVAÇÃO

A coleção de quirópteros do antigo Museu Paulista, hoje pertencente ao Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, foi iniciada há mais de quarenta anos pelo seu primeiro Diretor, Dr. HERMANN VON IHERING, que determinou o material colhido por vários colecionadores, principalmente ERNESTO GARBE.

Por meio de compras ou permutas e recorrendo a especialistas que determinaram as espécies duvidosas, conseguiu iniciar uma das melhores coleções da América do Sul.

Em 1926, quando o saudoso naturalista do Museu JOÃO LEONARDO DE LIMA publicou seu trabalho sobre os morcegos da coleção, havia 53 espécies determinadas ou seja mais de 50 % das espécies conhecidas no Brasil.

Desde então, seja por meio das frequentes excursões empreendidas pelos naturalistas do Museu Paulista, seja por permutas ou dádivas de particulares e instituições científicas, a coleção aumentou notavelmente.

Ultimamente, depois de creado o Departamento de Zoologia, com as contínuas excursões efetuadas pelo seu pessoal e com a aquisição de importante coleção de mamíferos caçados nos Estados do Pará e Amazonas pelo naturalista colecionador Sr. ALFONSO M. OLALLA, alcançou 1.250 exemplares, distribuidos por 19 famílias e 74 espécies.

A coleção seriada é composta de exemplares conservados em álcool e formol ou de peles cheias de algodão, acompanhadas dos respectivos crânios.

Este último sistema, que é o mesmo usado nas coleções ornitológicas, tem o inconveniente de não permitir o exame minucioso do espécime, pois a pela secando no fim d'algum tempo, não mais permite a distensão das asas. Além disso, o encarquilhamento das orelhas

e apêndices nasais deforma e altera por completo a fisionomia do animal.

O melhor processo e o da conservação em álcool, pois o formol mesmo em soluções fracas de 2 a 4%, enrija demasiadamente a pele e os músculos, o que dificulta o exame e torna as membranas extremamente quebradiças.

ORDEM CHIROPTERA

SUBORDEM MICROCHIROPTERA

O carater essencial dos quirópteros é a presença de asas. Adaptados assim à locomoção aérea, sofreram grandes modificações na estrutura de todo o organismo.

Ao contrário de todos os outros mamíferos que, por estarem sujeitos à locomoção terrestre possuem os membros posteriores maiores e mais fortes, nos quirópteros, os membros anteriores sendo os únicos órgãos do movimento, são necessariamente os mais desenvolvidos e robustos.

O torax é relativamente muito mais amplo, assim como os pulmões e o coração. A clavícula e a omoplata desenvolveram-se muito mais que os ossos pélvicos e as costelas ligaram-se quase todas para tornar o tórax mais resistente.

O esqueleto é constituído por ossos extremamente leves e providos de canais medulares muito grandes.

A coluna vertebral é curta, e nas várias famílias de quirópteros pouco diferem em número e forma.

A articulação da tibia com o femur é retorcida para permitir a rotação da perna.

As orelhas estão sujeitas a inúmeras variações de tamanho e forma que são características nas várias famílias.

Com exceção da família *Rhinolophidae*, que não ocorre na região *Neotrópica*, todos os membros das outras famílias são munidos d'um aparato membranoso de extrema sensibilidade (trago), cuja função parece ser a de receber as ondulações sonoras e intensificá-las. Nas famílias em que o trago falta ou é muito reduzido, a bula auditiva atinge enorme desenvolvimento, assim como a concha da orelha é profundamente modificada para compensar sua falta.

Na família *Molossidae* por exemplo, o trago sendo quase insignificante, a concha da orelha aparece munida duma forte proeminência

longitudinal em seu centro (*quilha*) e tem na sua base um outro grande aparato denominado *antitrigo*.

O focinho também está sujeito a grandes variações, n'algumas famílias é munido na extremidade de um apêndice cutâneo de tamanho variável denominado *folha nasal*.

Esse apêndice nasal, assim como o trigo, parece ser dotado de estranha sensibilidade táctil recebendo e transmitindo ao cérebro do animal qualquer impressão produzida pela vibração do ar.

Em certos grupos, o focinho é curto, achatado, truncado ou inteiramente liso, n'outros, é alongado, munido de verrugas ou proeminências cutâneas e, nalguns casos, como no gênero *Rhynchonycteris*, a extremidade excede mesmo o lábio superior, prolongando-se além, em forma de pequena tromba.

A dentição dos morcegos americanos é sempre adaptada ao tipo insetívoro, embora muitos deles sejam frugívoros ou muito mais raramente, hematófagos.

O número de dentes é extremamente variável, reduzindo-se a 20 nalguns gêneros como *Desmodus* e *Diaemus* ou elevando-se a 38 em *Thyroptera* e *Myotis*.

Os incisivos são sempre pequenos, exceto na pequena família *Desmodontidae*, dispostos lateralmente sobre o maxilar superior e muitas vezes caducos; os caninos são aguçados, e com bordos cortantes; primeiro pre-molar muitas vezes rudimentar; molares da mandíbula superior sempre diferenciados dos da inferior; quase sempre largos com duas ou três cúspides; dobras do esmalte muitas vezes dispostas em W.

Muitas espécies possuem glândulas odoríferas que exudam secreções de odor muitas vezes nauseabundo. Parece que a sua finalidade é protegê-las contra animais de rapina ou atrair os sexos durante a época do cio.

As glândulas mamárias são peitorais ou axilares.

Observando-se as membranas estendidas de um quiróptero, distingue-se três regiões perfeitamente definidas:

1.^a — o *patágio* que envolve todos os dedos das mãos e liga-se ao antebraço e às pernas.

2.^a — o *propatágio* ou *membrana antebrachial* que ocupa o ângulo formado pelo braço e o antebraço.

3.^a — o *uropatágio* ou *membrana interfemural*, que estende-se entre os membros posteriores, e, muitas vezes, envolve toda a cauda.

O *patágio* pode ser ainda distinguido em duas partes bem definidas: o *dactilopatágio*, que é a parte compreendida entre os dedos, e o *endopatágio* que compreende a parte situada entre o quinto dedo e o resto do corpo.

As mãos são sempre munidas de cinco dedos, tendo o primeiro, o quarto e o quinto, um metacarpo com duas falanges; o segundo e o terceiro porem variam conforme a família.

O polegar é sempre munido de forte unha que, nas espécies frugívoras atinge seu maior desenvolvimento. Os pés são constituídos de um tarso muito curto e de dedos compridos, achatados lateralmente e munidos de unhas muito recurvas, em forma de garras.

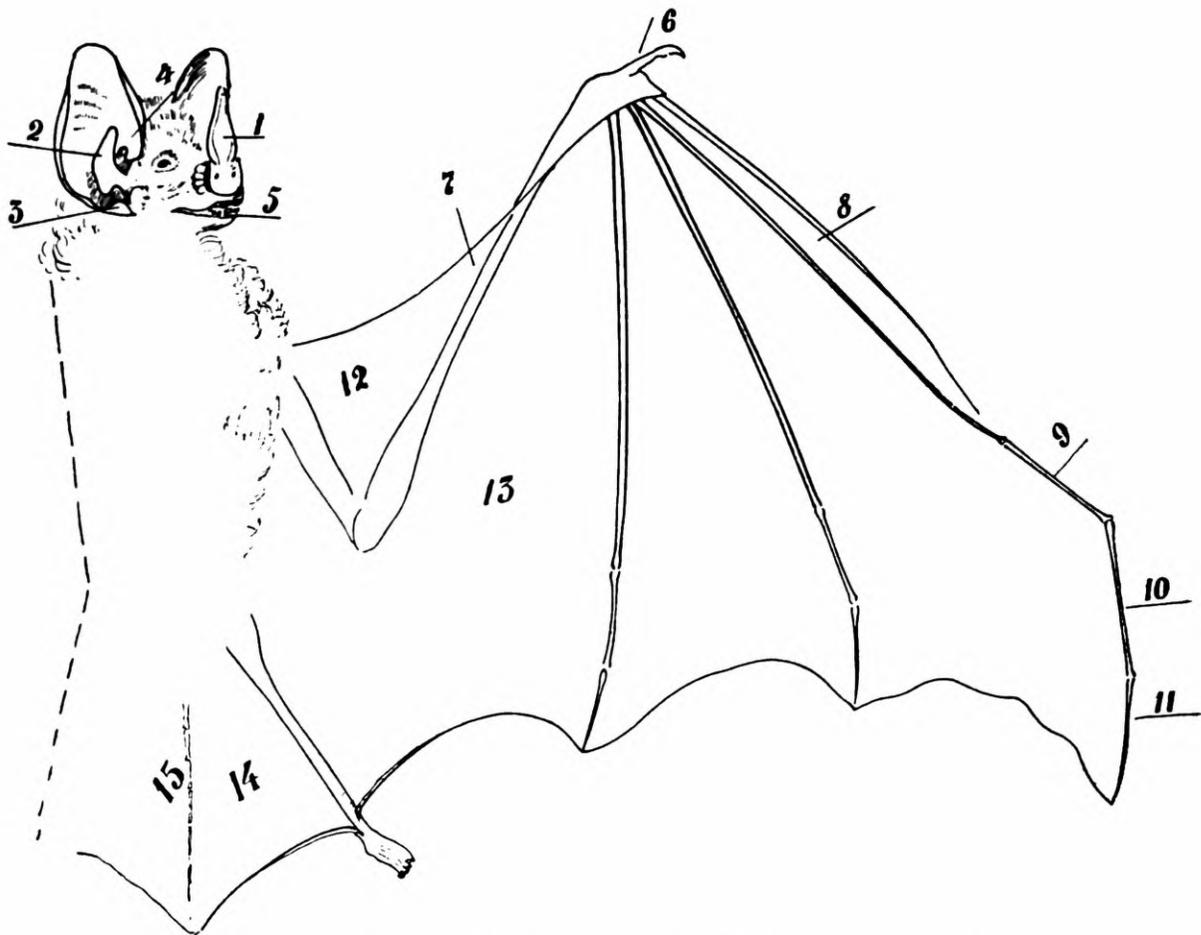


Fig. 1 — Nomenclatura das partes externas de um morcego

NOMENCLATURA DAS PARTES EXTERNAS DE UM MORCEGO

Números

- 1 — Apêndice ou folha nasal
- 2 — Trago
- 3 — Lóbulo basilar externo

- 4 — Lóbulo basilar interno
- 5 — Verrugas
- 6 — Polegar
- 7 — Antebraço
- 8 — Metacarpo
- 9 — Primeira falange
- 10 — Segunda falange
- 11 — Terceira falange
- 12 — Propatágio ou membrana antebraquial
- 13 — Endopatágio ou membrana da asa
- 14 — Uropatágio ou membrana interfemural
- 15 — Cauda.

Todos os morcegos da Região Neotrópica estão compreendidos na subordem dos *Microchiroptera* que, com os *Megachiroptera* das outras regiões, constituem hoje para mais de 900 formas disseminadas por todo o globo.

Na sub-região Brasileira, ocorrem para mais de 100 espécies de *Microchiroptera* distribuídos em 10 famílias, das quais nove estão representadas no Brasil.

Atualmente, o número de formas constatadas no Brasil orça em 98, das quais 74 estão representadas nas coleções do Departamento de Zoologia.

Em geral, os morcegos americanos são sociáveis e vivem em colônias, às vezes muito grandes, principalmente nas regiões tropicais.

Nos climas temperados são menos abundantes e raramente são encontrados em grandes bandos.

Observações feitas na América do Norte, provaram que são animais migratórios, pois, durante o inverno, quando escasseia a alimentação, vão em busca de regiões mais quentes onde lhes seja propícia a caça de insetos.

A alimentação da maioria das espécies americanas consiste em insetos, mas muitas são frugívoras e carnívoras e, um pequeno grupo, é exclusivamente sanguívoro.

São todos animais noturnos ou crepusculares e têm como principal inimigo os rapineiros noturnos, conforme demonstra o exame feito no conteúdo do estômago dessas aves.

CHAVE PARA AS FAMÍLIAS DE QUIRÓPTEROS BRASILEIROS

A) Dedo médio com 3 falanges completamente ossificadas

a) Apêndice nasal rudimentar e em forma de disco; incisivos estreitamente contíguos, muito grandes e falciformes; molares rudimentares ou ausentes; 20 a 26 dentes *Desmodontidae*

aa) Apêndice nasal bem desenvolvido e em forma de folha, presente em quase todos os gêneros; incisivos superiores normais, molares bem desenvolvidos; 28 a 34 dentes *Phyllostominae*

B) Dedo médio somente com duas falanges ossificadas (a 3.^a falange, quando presente, é rudimentar ou reduzida a cartilagem)

b) Cauda tão longa quanto a membrana interfemural ou muito mais longa que ela.

c) Completamente livre em sua metade terminal..... *Molossidae*

cc) Completamente envolvida pela membrana interfemural

d) Polegar bem desenvolvido e munido de unha

e) Com discos adesivos nos polegares e pés.... *Thyropteridae*

ee) Sem discos adesivos *Vespertilionidae*

dd) Polegar rudimentar

f) Sem unha pm $\frac{2-2}{3-3}$ *Furipteridae*

ff) Com unha, pm $\frac{3-3}{3-3}$ *Natalidae*

bb) Cauda muito mais curta que a membrana interfemural e perfurando-a em sua parte superior

g) Orelhas pontudas; membrana interfemural muito larga; 28 dentes *Noctilionidae*

gg) Orelhas redondas; membrana interfemural estreita; 32 dentes *Emballonuridae*

—

Família *EMBALLONURIDAE*

Emballonuridae DOBSON, 1875, Ann. and Mag. Nat. Hist. 4.^a ser., vol. XVI, pg. 349; idem, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 353; WINGE, 1892, Jordfundne og nulevende Flagermus fra Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasilien, pg. 24; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, Bull. 57, U. S. Nat. Museum, pg. 52.

Família constituída de morcegos relativamente pequenos, caracterizados pela curiosa disposição da cauda, que, sendo muito mais curta que a membrana interfemural, perfura-a na sua parte superior, ficando assim com a extremidade inteiramente livre. Carater notavel tambem é a disposição das asas, quando em repouso: a primeira das duas falanges do dedo médio, dóbra-se sobre o osso metacarpiano.

Em certos gêneros, os indivíduos machos são providos de glândulas que constituem verdadeiras bolsas ou sacos nas membranas das asas ou na membrana interfemural e que segregam uma substância untuosa com forte cheiro amoniacal.

Nas fêmeas, esta bolsa é rudimentar e reduzida apenas a duas pregas da membrana da asa.

A presença destas bolsas unicamente nos machos, parece indicar que sua finalidade é atrair, com o forte odor de sua secreção, as fêmeas, durante a época do cio.

As orelhas são de regular tamanho, nunca ligadas na base e com extremidades mais ou menos pontudas.

Trago sempre bem desenvolvido.

Focinho obliquamente truncado e, às mais das vezes, projetando-se além do lábio inferior.

Narinas abrindo-se livremente na extremidade do focinho, não sendo circundadas por qualquer apêndice foliáceo.

Pernas longas e finas, com fíbulas muito delgadas.

A dentição varia nos diversos gêneros, porem os incisivos superiores são sempre grandes e separados dos caninos; os molares bem desenvolvidos e com cuspides que formam nitidamente um W.

Pouco se sabe quanto ao modo de vida dos embalonurídeos.

WIED, que foi o descobridor de *Diclidurus albus*, encontrou-o nas folhas de coqueiro, que parece ser sua morada habitual.

Observações feitas sobre *Rhynchiscus naso* demonstraram que esse pequeno e original morcego é exclusivamente insetívoro, vivendo em bandos, às vezes numerosas, na vizinhança dos banhados e cursos d'água.

Durante o dia repousam sobre pedras ou na superfície lisa dos troncos que se debruçam sobre a água, e aderem aí tão fortemente, que tomam a aparência dum bando de borboletas, pouco visíveis devido ao colorido cinzento claro que os confunde com a casca das árvores.

Ao entardecer, despertam e esvoaçam com grande rapidez sobre a água à cata de mosquitos e outros minúsculos insetos.

É quasi certo que as espécies dos gêneros *Cornura*, *Peropteryx* e *Saccopteryx*, sejam também exclusivamente insetívoras, levando mais ou menos o mesmo modo de vida.

É família cosmopolita, só não existindo na Austrália e Nova-Zelândia.

Seus representantes na América do Sul constituem um grupo bastante homogêneo, excetuando-se os gêneros *Diclidurus*, *Cyttarops* e *Depanycteris* que, por seus caracteres especiais devem ser separados em subfamília à parte.

CHAVE PARA AS SUBFAMÍLIAS

- Membrana interfemural lisa e livremente perfurada pela cauda; colorido geral pardo escuro ou cinza *Emballonurinae*
 Membrana interfemural munida de um aparato especial em forma de bolsa, cujo centro é perfurado pela cauda; colorido geral branco ou pardo muito claro *Diclidurinae*

SUBFAMÍLIA EMBALLONURINAE

Emballonurinae DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus. pg. 353; TROUESART, 1904, Catal., Mammal. Supplem., pg. 96; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats., U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 85; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. tomo XIV, pg. 5; SANBORN, 1937, Field Mus. Nat. Hist., Zool., vol. XX, pg. 321.

Compreende seis gêneros na América do Sul, dos quais quatro são constituídos por morcegos de tamanho médio munidos de bolsas braquiais, e dois, por morcegos muito pequenos, sem essas bolsas.

CHAVE PARA OS GÊNEROS SULAMERICANOS

- A) Com bolsa na membrana antebraquial;
 b) Extremidade do focinho comprida e projetando-se além do lábio inferior.

- c) Orelhas completamente separadas, sem ligação alguma;
- d) Orelhas estreitas, profundamente recortadas na margem externa; trago abruptamente truncado na extremidade
..... *Saccopteryx*
- dd) Orelhas largas, não recortadas na margem externa; trago com extremidade arredondada *Peropteryx*
- cc) Orelhas ligadas na base *Peronymus*
- bb) Focinho largo e achatado *Cormura*
- ß) Sem bolsa na membrana antebraquial
 - a) Asa ligada à tibia; pele do antebraço revestida de pelos....*Rhynchiscus*
 - aa) Asa ligada ao metatarso; pele do antebraço inteiramente nua....
..... *Centronycteris*

Gênero: **PEROPTERYX** Peters

Peropteryx PETERS, 1867, Monatsb. K. preuss. Akad. Wessench., Berlin, pg. 472; DOBSON, 1878. Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 370 (subgênero de *Saccopteryx*); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem. pg. 98; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. tomo XIV, pag. 6; SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist., Zool., vol. XX. pag. 339.

TIPO — *Vespertilio caninus* Wied (= *Emballonura macrotis* Wagner)...

Orelhas grandes e largas, maiores que a cabeça e não ligadas na base; trago bem desenvolvido, com extremidade arredondada; membranas das asas ligadas ao tarso; bolsa na parte superior da membrana antebraquial.

Crânio com rosto largo e chato, mais comprido que a metade da caixa craniana e tão deprimido que forma um distinto ângulo agudo com a frente. Bordas das órbitas tão dilatadas que escondem os dentes, quando o crânio é visto por cima.

$$\text{Fórmula dentária } i \begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ 3 & 1 & 2 & 3 \end{array} c \begin{array}{c} - \\ - \\ - \\ - \end{array} pm \begin{array}{c} - \\ - \\ - \\ - \end{array} m \begin{array}{c} - \\ - \\ - \\ - \end{array} = 32$$

Incisivos superiores pequenos e agudos, afastados dos caninos; incisivos inferiores trifidos.

CHAVE PARA AS ESPECIES BRASILEIRAS

Maior (antebraço 48 mm.), pelo denso, colorido-pardo-avermelhado claro — *kappleri*
 Menor (antebraço 45 mm.), pelo pouco denso, colorido- pardo-escuro — *macrotis*

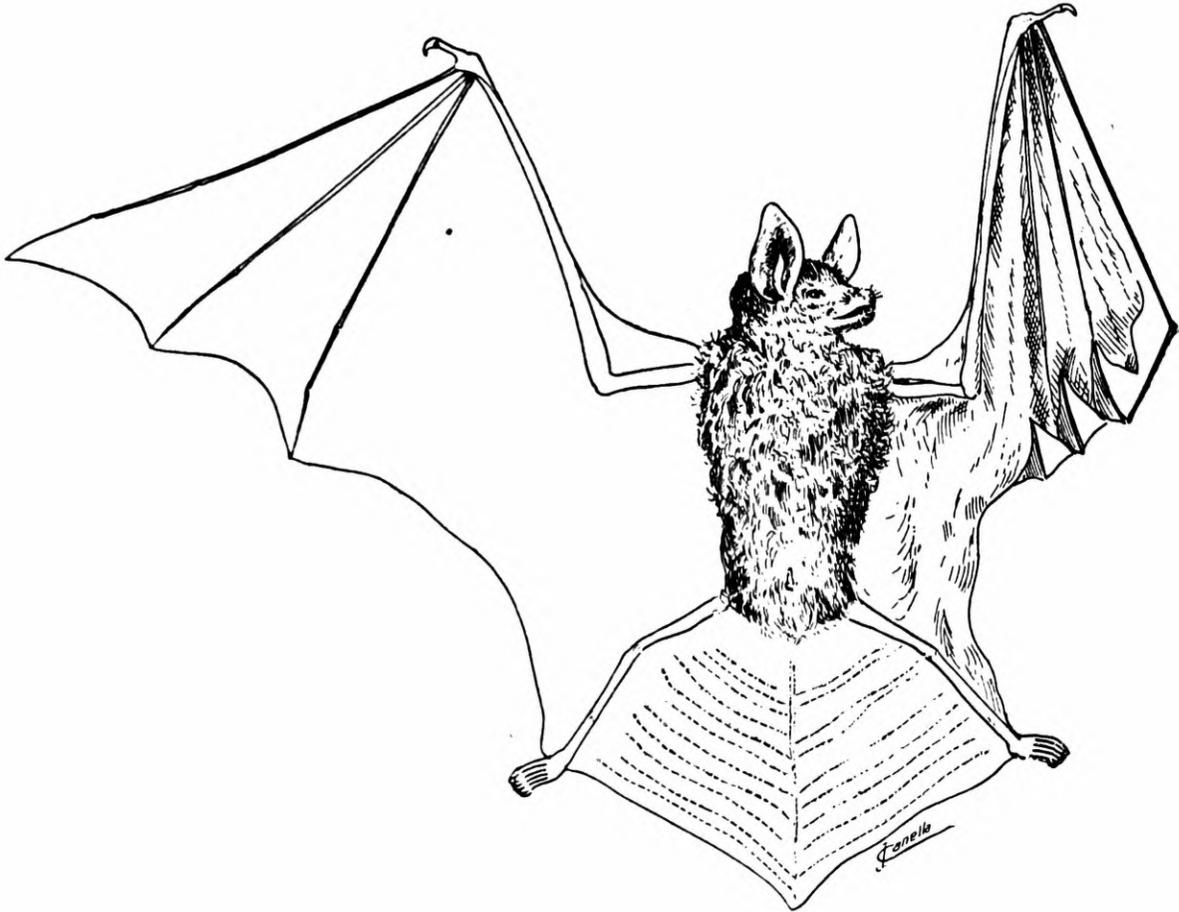


Fig. 2 — *Peropteryx macrotis macrotis* (Wagner)

***Peropteryx macrotis macrotis* (Wagner)**

Emballonura macrotis, WAGNER, 1843, Archiv. f. Naturg., 9, pg. 367;
 idem, Abhand. Münch. Akad., 5, pg. 189, pl. 4, fig. 8-10; PETERS,
 1867, Monatsb. Akad. Wiss., Berlin, pg. 472. (Mato Grosso).

Vespertilio caninus W|54, 1826, Beitrage zur Nat. Brasil., bd. II, pg. 262
 (preocupado por *Vespertilio caninus* Blumenbach).

Saccopteryx canina DOBSON, 1878, Cat. Cliropt. Brit. Mus., pg. 373, (Amé-
 rica Central); PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo,
 Zoolog. Anzeiger, vol. 28, pg. 18 (São Paulo).

Peropteryx canina TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Suplem., pg. 98)
LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul.,
tomo XIV, pg. 14 (Ubatuba, Iguape e Piquete, Estado de São
Paulo).

Peropteryx macrotis macrotis SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist.,
Zoology, vol. XX, pg. 339 (Guatemala, Panamá, Colômbia, Perú,
Venezuela e Brasil: São Paulo, Minas Gerais, Baía, R. G. do
Norte, Piauí, Maranhão e Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Mato-Grosso (1).

DESCRIÇÃO: Focinho obliquamente truncado, com extremidade proeminente que se projeta além do lábio inferior que é profundamente sulcado no meio.

Orelhas tão longas quanto a cabeça, bastante largas na parte inferior, não ligadas na base, terminando em ponta arredondada; trago mais comprido que largo, com ponta arredondada.

Bolsa antebraquial (nos machos), situada no meio da superfície da membrana antebraquial, com abertura dirigida para o lado externo; nas fêmeas, reduzida a simples dobra da membrana.

Asas ligadas ao tornozelo; membrana interfemural muito larga e, quando expandida, sua parte mediana estende-se além dos pés.

Polegar bem desenvolvido, com unha muito fraca.

Cauda bem desenvolvida, perfurando a membrana em seu terço superior.

Tíbia bastante comprida, maior que o calcâneo; pés pequenos, inteiramente nus, com dedos muito delgados, munidos de unhas fracas.

Colorido geral pardo escuro, muito mais claro nas partes inferiores.

Crânio com crista sagital pouco distinta; processo postorbital grande, largo e achatado.

Incisivos superiores muito delgados, com ponta aguçada, largamente separados dos caninos que têm agudas cúspides basais nas partes anterior e posterior; primeiro premolar muito pequeno; segundo, grande, com cúspide basal bem desenvolvida.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1888, ♂, Ubatuba: comprimento total, 16; largura bizigomática, 9; largura interorbital, 4; altura occipital, 5; largura palatal no M², 2,5; largura entre os caninos, 4; comprimento da mandíbula, 10,5; comprimento da série dos dentes no maxilar 7,5.²

(1) WAGNER não designou localidade exata.

(2) Todas essas dimensões são referidas em milímetros.

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
3881	Ubatuba	♀	45	13	18	8	45	15	3	41	14	21	6
1888	Ubatuba	♂	44	—	17	7	41	10	3	39	13	19	5
640	Iguape	♀	47	—	16	6	43	14	3	42	14	22	6
1334	S. Sebastião	♀	45	12	21	8	45	13	3	41	14	21	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Venezuela, Guianas; Brasil, da Amazônia ao Estado de S. Paulo.

As duas outras raças: *P. macrotis trinitatis* e *P. macrotis phaea*, são das Antilhas.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 699 ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 21-1-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 640 ♀, Iguape, S. Paulo, KRONE col. 1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 1208 ♀, Iguape, S. Paulo, KRONE col. 1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 3381 o?, Ubatuba, S. Paulo, GARBE, col. 1902, em álcool, Dep. Zool.;
 1334 o?, S. Sebastião, S. Paulo, GARBE, col. 1902, em álcool, Dep. Zool.;
 1884 ♀, Ubatuba, S. Paulo, GARBE, col. 1905, pele cheia, Dep. Zool.;
 1885 ♀, Ubatuba, S. Paulo, GARBE, col. 1905, pele cheia, Dep. Zool.;
 1887 ♂, Ubatuba, S. Paulo, Garbe, col. 1905, pele cheia, Dep. Zool.;
 1888 ♂, Ubatuba, S. Paulo, GARBE, col. 1905, pele cheia, Dep. Zool.;
 1889 ♂, Ubatuba, S. Paulo, GARB, col. 1905, pele cheia, Dep. Zool.;
 1255 o?, Piquete, S. Paulo, ZECH, col. X-1896, pele cheia, Dep. Zool..

Peropteryx kappleri Peters

Peropteryx kappleri PETERS, 1867, Monatsb. Akad. Berlin, pg. 473 (G. Holandesa); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 374; TROEUSSART, 1905, Cat. Mammal., Supplem. (subespécie); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 15 (S. Sebastião, S. Paulo); SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist., Zool., vol. XX, pg. 343 (Guatemala, Nicarágua, Panamá, Venezuela e Equador).

LOCALIDADE TÍPICA: Guiana Holandesa.

DESCRIÇÃO: Bem maior que *P. canina* com o qual muito se assemelha no aspecto geral.

Colorido de tom avermelhado muito mais claro e pelo mais denso.

Orelhas muito mais largas, com extremidades pontudas e trago mais comprido; cabeça maior, com focinho mais largo; membrana interfemural pouco maior, perfurada por cauda mais comprida.

Bolsa como na espécie precedente.

Crânio com rostro fortemente achatado; dentes dispostos como na espécie precedente, porem muito mais fortes, principalmente os caninos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

N.º	Procedência	Sexo	Comprimento total	Larg. bizig.	Larg. interorb.	Alt. occipital	Larg. palat. m.º	Larg. entre caninos	Compr. mandíbula	Comp. da série maxilar superior
1335	S. Sebastião	♀	17,5	11,5	4	7	5	2,5	13	8,5
3611	Terezópolis	♀	17,5	10,5	4	7	5	3	13	8

DIMENSÕES EXTERNAS

	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1335	S. Sebastião	♀	45	15	21	9	49	13,5	5	45	15	22	5
3611	Terezópolis	♀	45	15	20	9	50	14,	5	45	15	22	5
3610	Terezópolis	♀	45	15	20	9	44,5	14,	5	44	15	22	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Provavelmente toda a América do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1335 ♀, S. Sebastião, S. Paulo, BICEGO col., 1896, pele cheia, Dep. Zool. (Determinado por MILER em 1921);
- 3611 ♀, Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro, sem data, em alcool, Museu Nacional.
- 3610 ♀, Terezópolis, Estado do Rio de Janeiro, sem data, em alcool, Museu Nacional.

Gênero SACCOPTERYX Illiger

- Saccopteryx* ILLIGER, 1811, Prodróm. Syst. Mammal. et Avium, pg. 121;
Urocryptes (em parte) TEMMINCK, 1835, Monogr. Mammal. pg. 301;
Saccopteryx DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 369; TROUESSART,
 1904, Cat. Mamal. Supplem. pg. 97; MILLER, The Fam. and Gene-
 ra of Bats. U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 89; SANBORN, 1937,
 Field Mus. of Nat. Hist., Zool., vol. XX, pg. 328.

TIPOS *Vespertilio lepturus* Schreber.

Compreende este gênero doze espécies, das quais somente quatro ocorrem no Brasil.

Orelhas estreitas, com pontas aguçadas, menores que a cabeça, bem separadas uma da outra; trago bem desenvolvido, mais alto que largo, com extremidade arredondada.

Focinho com extremidade saliente, projetando-se além do lábio inferior.

Bolsa bem desenvolvida (nos machos), abrindo-se na superfície superior da membrana antebraquial; rudimentar nas fêmeas.

Crânio com rostro largo e achatado, tão deprimido na frente que forma um distinto ângulo com a frente; bordos das órbitas tão dilatados que escondem a fileira dos dentes, quando o crânio é visto por cima. Processo post-orbital grande, largo e chato; crista sagital bem desenvolvida.

$$\text{Fórmula dentária: } i \begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ 3 & 1 & 2 & 3 \end{array} c \begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ 3 & 1 & 2 & 3 \end{array} pm \begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ 3 & 1 & 2 & 3 \end{array} m \begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ 3 & 1 & 2 & 3 \end{array} = 32$$

Incisivos superiores muito pequenos e aguçados; incisivos inferiores trífidos; caninos superiores com cúspides basais agudas em frente atrás, separados do segundo premolar por um largo espaço, na parte anterior do qual, junto à base do canino, está o primeiro premolar superior, que é muito reduzido; o segundo premolar é grande, com cúspide basal anterior bem desenvolvida. Molares superiores com um distinto W formado pelas cúspides da coroa.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Grandes (compr. do corpo e da cabeça 52 mm.)
 a) Colorido geral pardo escuro; duas linhas brancas longitudinais sobre o dorso *bilineata*

- aa) Colorido geral preto; duas linhas esbranquiçadas sobre os olhos *leptura*
- B) Pequenos (compr. do corpo e da cabeça não excedendo 38 mm.)
- b) Colorido geral pardo escuro nas partes superiores, mais claro nas partes inferiores; membrana interfemural ligada aos pés, que são muito reduzidos *gymnura*
- bb) Colorido geral cinza oliváceo claro; pontas dos pelos amarelas; membrana interfemural ligada ao tarso *canescens*

Saccopteryx leptura Schreber

Vespertilio lepturus SCHREBER, 1775, Säugethiere, pg. 173, pl. 57 (Surinam).

Saccopteryx leptura PETERS, M. B. Akad. Berlin; pg. 471; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg.37 (Surinam e Pará); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 97; TOLDT, 1910; Die Chiroptera ausbute, Zool. Exp. Brasil, 1903, Denksch. Akad. Win. Wien. pg. 53 (União, Piauí); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 10 (Amazonas e Espírito Santo); SANBORN, 1937, Field Mus. Nat. History Zool., vol. XX, pg. 332 (Panamá, Colômbia, Equador, Venezuela, Perú, Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Surinam (Guinana Holandesa).

DESCRIÇÃO: Orelhas menores que a cabeça, estreitas, com profunda concavidade no terço superior da margem externa; convexa na margem interna; extremidade arredondada. Trago mais alto que largo, com a margem interna um tanto côncava; e a externa com um indistinto lóbulo triangular sobre a base; ponta arredondada.

Focinho com extremidade saliente, projetando-se ligeiramente além do lábio inferior, o qual tem um profundo sulco vertical no meio.

Olhos bem grandes; asas ligadas ao tarso.

Os machos possuem grandes bolsas secretoras de substância untuosa situadas na parte interna da membrana antebraquial, ao longo do antebraço. Nas fêmeas, essas bolsas são rudimentares, reduzidas a simples dobras da pele.

Membrana interfemural, muito grande e, quando expandida, excede largamente, os pés. Parte dela, é densamente pilosa até a extremidade da cauda que é bem desenvolvida.

Partes superiores e inferiores da membrana das asas, densamente cobertas de pelos, desde a região do úmerus até os joelhos; membrana interfemural coberta de pelos até a extremidade da cauda. Femur e tibia peludos; pés nus.

Colorido geral pardo cinza, sendo as partes superiores mais escuras; asas pretas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

N.º	Procedência	Sexo	Comprimento total	Larg. bizig.	Larg. interorb.	Alt. occipital	Larg. palat. m.º	Larg. entre caninos	Compr. mandíbula	Compr. da série no maxilar
1071	Rio Juruá	♀	15	10	4	5	4	2,5	10,5	7,5
2287	Colatina	♂	15	10	4	5	4	2,5	10,5	7,5

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Trago	Polegar
1072	Rio Juruá	♀	45	—	15	7	36	11	36,5	12	18	3	5
1071	Rio Juruá	♂	45	—	14	7	37	10	35	11	18	3	5
1472	Rio Juruá	♂	45	12	16	6	45	10	39	12	19	3	5
1473	Rio Juruá	♀	46,5	13	20	9	45	10	41	13	19	3	6
2287	Colatina	♀	45	12	19	7	40	11	37	12	18	3	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Regiões tropicais da América do Sul. Guianas, Amazônia, Estado do Espírito Santo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1701 ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 18-I-1902, pele cheia, Dpt. Zool.
 1050 o?, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 18-I-1902, pele cheia, Dpt. Zool.
 1071 ♂, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 18-I-1902, pele cheia, Dpt. Zool.
 1072 ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 18-I-1902, pele cheia, Dpt. Zool.
 1472 ♂, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1902, (em álcool), Dpt. Zool.
 1473 ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1902 (em álcool) Dpt. Zool.
 1474 ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1902 (em álcool) Dpt. Zool.
 2287 ♀, Colatina, Esp. Santo, GARBE col., 1906, pele cheia, Dpt. Zool.
 3490 ♂, Abaeté, Pará, 1936, em álcool, Museu Nacional.
 3783 ♀, Tapuiapé, Mato-Grosso, L. CARVALHO, col. 1939, em álcool, Mus. Nac.

Saccopteryx bilineata (Temminck)

Urocryptes bilineatus TEMMINK, 1835, Monograf. Mammal., II, pg. 301 (Surinam).

Emballonura bilineata WAGNER, 1835, Supplem. Schreber, Säugeth., pg. 694 (Surinam).

Saccopteryx bilineata PETERS, 1867, M. B. Akad. Berl., pg. 471; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt., Brit. Mus., pg. 372 (Colômbia, Pará); TROUES-SART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 94; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 12 (rio Juruá, Amazonas); SANBORN, 1937, Field Mus., Nat. Hist. Zool., vol. XX, pg. 328 (México, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Colômbia, Equador, Guiana Inglesa, Bolívia e Brasil).

LOCALIDADE TÍPICA: Surinam (Guiana Holandesa).

DESCRIÇÃO: Bem maior que a espécie precedente com a qual muito se assemelha no aspecto geral e na forma da cabeça e das orelhas. Também a estrutura do crânio e a dentição são as mesmas.

Bolsa antebraquial dos machos muito maior que na espécie precedente (com cerca de 10), situada do lado interno da base do antebraço. Nas fêmeas é rudimentar.

Colorido geral pardo muito escuro nas partes superiores, com duas distintas listras brancas longitudinais e paralelas que começam na região lombar e se prolongam até a base da cauda.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5617, ♂; comprimento total 18,1; largura bizigomática, 6; largura interorbital, 5; altura occipital, 5; largura palatal no M², 3,5; largura entre os caninos, 2,5; comprimento da mandíbula, 8,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 8,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1049	Rio Juruá	♂	51	13	20	9	44	11	3	45	14	20	6
4413	Buiussú	♂	52,5	—	19	9	46	10	3	46	14	20	6
5617	Buiussú	♂	54	13	19	10	47	11	3	47	15	20	6
5830	Minas	♀	52	12	19	9	44	10	3	45	12	20	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Guianas, Colômbia, Bolívia; Brasil: Estados do Amazonas, Pará, Mato-Grosso e Rio de Janeiro.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 700 o?, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 1049 ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 4410 ♀, Buiussú, Amazonas, Pará, OLALLA col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 4413 ♀, Buiussú, Amazonas, Pará, OLALLA col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 4376 ♂, Buiussú, Amazonas, Pará, OLALLA col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 5617 ♂, Buiussú, Amazonas, Pará, OLALLA col., I-1902, pele cheia, Dep. Zool.;
 5830 ♀, rio Piracicaba, Minas Gerais, OLALLA col. 5-IX-40, pele cheia, Dpt. Zool.;

Saccopteryx canescens Thomas

Saccopteryx canescens THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., ser. 7, vol. VII, pg. 366 (Venezuela, Surinam); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 98; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus., Paul., tomo XIV, pg. 11 (rio Juruá, Amazonas); SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist. Zool., vol. XX, pg. 334 (Colômbia, Venezuela, Guiana Francesa, Perú, Pará, e Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Óbidos, rio Amazonas, Estado do Pará.

DESCRIÇÃO: Pouco menor que *S. leptura*, mas inteiramente semelhante no aspecto geral. Difere principalmente nas orelhas, que são mais estreitas e pontudas, com a margem interna muito menos côncava. Trago muito menor que o da espécie precedente e mais estreito.

Crânio menor e de ossos delgados; processos post-orbital curto, dentes muito pequenos e frágeis.

Colorido geral cinzento oliváceo, muito mais claro nas partes inferiores, cujos pelos têm extremidades amareladas. Cabeça acinzentada, com duas listras esbranquiçadas sobre os olhos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

699, ♀, Rio Juruá: comprimento total 14,5; largura bizigomática, 7; largura interorbital, 3,5; altura occipital, —; largura entre os caninos, 1,5; largura no M², 3,5; comprimento da mandíbula, 8,5; série de dentes no maxilar, 6.

DIMENSÕES EXTERNAS

699, ♀ cabeça e corpo, 39; cauda 13; tibia, 19; pé, 5; antebraço, 30 altura da orelha, 10; trago, 3; 3.^o metacarpo, 38; 1.^a falange, 12 2.^a falange, —; polegar, 5.

EXEMPLARES EXAMINADOS

699 ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col. I-1902. pele cheia, Dep. Zool.

Saccopteryx gymnura Thomas

Saccopteryx gymnura THOMAS, 1901, Ann. and Mag. of Nat. Hist., ser. 7, vol. VII, pg. 367 (Pará); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 98; LIMA, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Museu Paulista, vol. XIV, pg. 11 (Santarem, Pará).

LOCALIDADE TÍPICA: Santarem, Estado do Pará.

DESCRIÇÃO: Cabeça semelhante a de *S. leptura*; orelhas bem mais estreitas, com trago bem desenvolvido, reto e com extremidade arredondada.

Focinho como os das outras espécies deste gênero: extremidade proeminente, projetando-se além do lábio inferior.

Saco gular bem desenvolvido nos machos.

Membrana interfemural com base nua, no que difere das outras espécies do gênero.

Pés curtos e ligados pelo metatarso às membranas das asas.

Calcâneo ligando-se ao pé na base do quinto dedo.

Crânio, como na espécie precedente, muito delgado, porem com o processo posorbital muito mais desenvolvido.

Colorido cinza pardacento nas partes superiores, mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1200, ♀; comprimento total, 11; largura bizigomática, 7; largura interorbital, 3; altura occipital, 4; largura entre os caninos, 1,5; largura no M², 3; comprimento de mandíbula, 6; série de dentes no maxilar, 6.

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Trago	Polegar
1199	Santarém	♂	39	9	11	6	33,5	10	28	11	15	3	4
1200	Santarém	♀	41	—	11	5	34	9	28	11	17	3	4

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Esta espécie é conhecida apenas de Santarem, Estado do Pará.

EXEMPLARES EXAMINADOS

1199 ♂, Santarem, Pará, GARBE col., I-1903, pele cheia, Dep. Zool., (det. THOMAS)
1200 ♀, Idem.

Gênero CORMURA Peters

Cormura PETERS, 1867, Monatsb. K. preuss. Akad. Wissensch., Berlin, pg. 475; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 98; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 90; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 9; SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist., Zoology, vol. XX, pg. 348.

TIPO (por monotipia): *Emballonura brevirostris* Wagner.

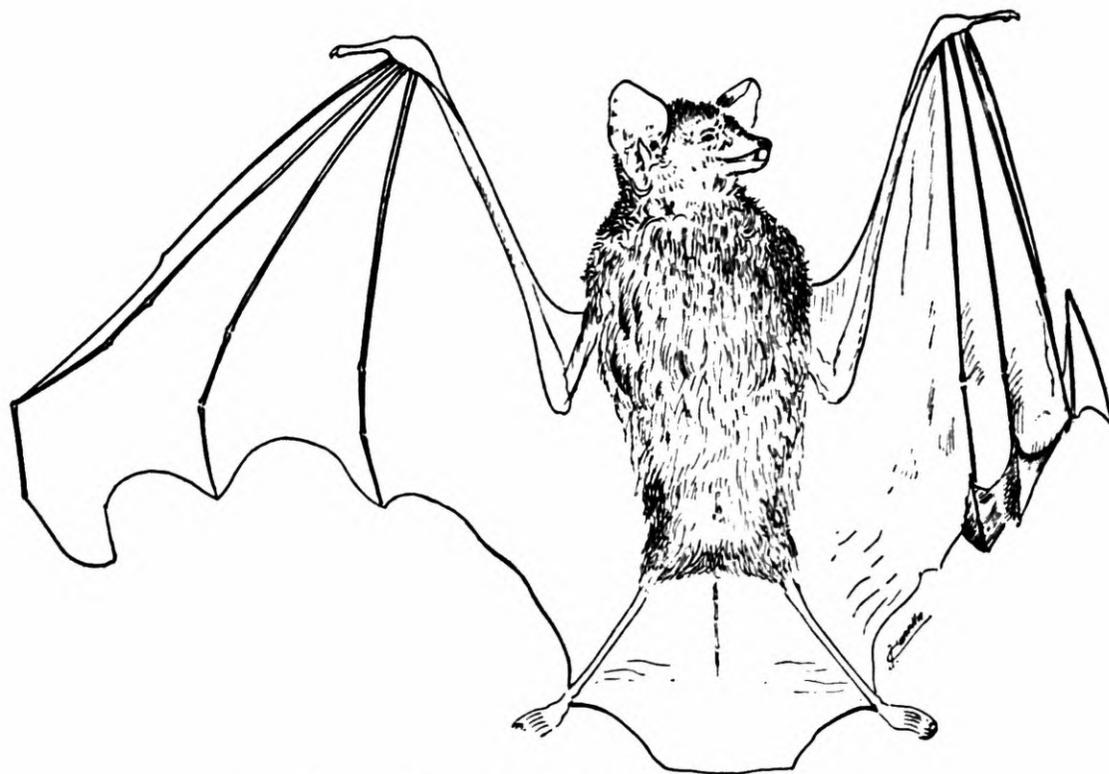
Crânio com rostro largo e chato, mais comprido que a metade da caixa craniana e tão baixo posteriormente que forma um distinto ângulo com a frente.

Lados do rostro ligeiramente dilatados; margens das órbitas mais dilatadas que em *Saccopteryx*; emarginação palatal estendendo-se para trás até o nível do pequeno premolar. Crista sagital distinta.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ 3 & & 1 & & 2 & & 3 & & & \end{array}$$

Dentes maiores e mais fortes que em *Saccopteryx*; em consequência disto, e do pequeno comprimento da porção facial do crânio, o primeiro pequeno premolar superior quasi envolve o espaço entre o canino e o segundo premolar. Incisivos superiores muito pequenos e fracos; incisivos inferiores trilobados.

Compreende este gênero uma única espécie.

Fig. 3 — *Cormura brevirostris* (Wagner)*Cormura brevirostris* (Wagner)

Emballonura brevirostris WAGNER, 1843, Wieg. Archiv., pg. 367; idem,, 1843, Abhand. Münch. Akad., V, pg. 187; idem, 1855, Suppl. Scheb. Sangeh., V. pg. 696; (Amazonas).

Cormura brevirostris PETERS, 1867, M. B. Akad. Berlin, pg. 475; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 375 (nota); TROUËSSART, 1904, Cat., Mammal., Supplem., pg. 98; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus., Paul., tomo XIV, pg. 91 (rio Juruá, Amazonas); SANBORN, 1937, Field Mus., Nat. Hist. Zool., vol. XX, pg. 322 (América Central, Colômbia, Equador, Venezuela, Perú e Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Marabitanas, Rio Negro, Amazonas.

DESCRIÇÃO: Orelhas muito mais curtas que a cabeça, de forma triangular e extremidades pontudas.

Trago bem desenvolvido, com a extremidade abruptamente truncada e a margem externa com pequeno lóbulo na base.

Asas ligadas ao metatarso, calcâneo pouco mais curto que a tíbia.

Membrana interfemural bem desenvolvida, excedendo os pés, quando estendida.

Colorido das partes superiores pardo escuro com tom avermelhado claro nas partes inferiores. Pelos do occiput, da base das orelhas e das espáduas, com base branca.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

4377, ♀; comprimento total, 15; largura bizigomática, 9,5; largura interorbital, 3,5; altura occipital, 6; largura entre caninos, 2,5; largura palatal no M², 4; comprimento da mandíbula, 9,5; série de dentes no maxilar, 4,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Altura da orelha	Trago	Antebraço	Pé	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1073	Rio Juruá	♂	50	12	14,5	45	5	45	7	39	13	19	6
4377	Buiussú	♀	50	—	13,5	44	5	44	7	39	13	19	6
4468	Itacoatiara	♀	50	—	15	43,5	5	43	7	39	13	19	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Colômbia, Equador, Perú, Venezuela e Amazônia.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1073 ♂, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. Zoologia;
 4377 ♀, Boissú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dpt. Zool.;
 4468 ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA, col., II-1937, pele cheia, Dep. Zoologia.

MILLER¹ criou o gênero *Myropteryx*, muito semelhante externamente a *Cormura*, com a única espécie *Myropteryx pullus*, baseado em vários exemplares provenientes da Guiana Holandesa. Um outro espécime do Museu de Viena, rotulado como procedente de Bananeiva (sic), Brasil,² foi pelo mesmo autor determinado como tal, THOMAS³ porem, não aceitou este novo gênero com a respectiva espécie; para ele, as diferenças notadas por MILLER entre esses crânios e os de *Cor-*

(1) Proceed. Biol. Soc. Washington, XIX, pág. 59, 1906.

(2) Deve ser Bananeira, localidade situada no município de Guajará-Mirim, Norte de Mato-Grosso, margem do rio Madeira, onde Natterer colecionou em 1829.

(3) The Annals and Magazine of Nat. History, vol. X, série 8, pág. 133, 1913.

mura, são de muito pouco valor e provenientes apenas do mau preparo do material examinado. Considerou, pois, *Myropteryx pullus* Miller, como sinônimo de *Cormura brevirostris* Wagner.

SANBORN, contudo, no seu recente trabalho "American Bats of the subfamílie *Emballonurinae*", Field Mus. of Nat. Hist., Zool., vol. XX, 1937, como espécie válida, dando como área de sua dispersão a Guiana Holandesa e o Estado de Mato Grosso.

Gênero CENTRONYCTERIS Gray

Centronycteris GRAY, 1838, Mag. Zool. Bot., II, pg. 499 (subgênero de *Proboscidea*); PETERS, 1867, Monatsb. K. preuss Akad. Wissensch., Berlin, pg. 478; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 371 (subgênero de *Saccopteryx*).

TIPO (por monotipia): *Vespertilio calcarata* Wied (= *Saccopteryx wiedi* Palmer = *Vespertilio maximiliani* Fischer).

Gênero bastante semelhante a *Saccopteryx*, diferindo no crâneo que, além de muito mais delgado tem a margem inferior da órbita tão pouco expandida que, quando o crâneo é visto por cima, a fileira de dentes do maxilar superior é perfeitamente visível.

Dentição igual à de *Saccopteryx*:
$$\begin{array}{cccc} 1 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - \\ & 3 & 1 & & 2 & & 3 & \end{array} = 32.$$

Bolsa situada perto da borda da membrana antebraquial, junto à espádua.

Uma única espécie.

Centronycteris maximiliani maximiliani Fischer

Vespertilio calcaratus WIED, 1821, Schinz. Thierreich, I, pg. 180; idem, 1826, Beitr. zur Naturgesch. Brasil., bd. II, pg. 269 (Espírito Santo).

Vespertilio maximiliani FISCHER, 1829, Synopsis Mammal., I, pg. 112-113 (novo nome para *V. calcaratus* WIED, 1821, preocupado por RAFINESQUE, 1818).

Saccopteryx wiedi PALMER, 1898, Proc. Biol. Soc. Washington, vol. 12, pg. 110 (novo nome para *V. calcaratus* Wied, 1821).

Centronycteris wiedi TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem. pg. 98.

Centronycteris maximiliani maximiliani SANBORN, 1937, Field Mus., Nat. Hist., Zool., vol. XX, pg. 336.

LOCALIDADE TÍPICA: Espírito Santo, Brasil.

Conforme a descrição de DOBSON, as orelhas são pouco maiores que a cabeça e estreitadas na parte superior. A margem externa da concha tem dois recortes, um maior na metade superior e outro menor sobre o antitrigo, que é pouco desenvolvido. Trago com dois leves recortes no lado externo e abruptamente truncado na parte superior, cerca de duas vezes tão alto como largo, mantendo quase a mesma largura até a extremidade.

Aberturas nasais obliquamente ovais, dirigidas para a frente, abrindo perto da margem do lábio superior, separadas um do outro por um espaço igual à largura duma narina.

Lábio superior com pequena proeminência central semelhante a uma verruga; lábio inferior com um espaço nu na frente, dividido por um sulco vertical.

Focinho largo e achatado.

Asas ligadas à base dos dedos; membrana antebraquial com pequena elevação correspondente à bolsa (nas fêmeas), perto da espádua.

Pelo pardo avermelhado nas partes superiores, mais pálido nas inferiores; membranas das asas pardo-escuras.

Dimensões iguais às de *Saccopteryx bilineata*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estados do Pará e Espírito Santo.

Gênero RHYNCHISCUS Miller

Proboscidea SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil, Sp. novae, pg. 61 (nec *Proboscidea* Brugière 1791).

Rhynchonycteris, 1878, PETERS, Monatsb. K. preuss Akad. Wissensch. Berlin, pg. 477 (nec *Rhynchonycteris* Tschudi, 1846); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museun, pg. 366.

Rhynchiscus MILLER, 1907, Proc. Biol. Soc. Washington, pg. 65, vol. XX; idem, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, bull. 57, pg. 88; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. vol. XIV, pg. 7; SANBORN, 1937, Field Mus. Nat. History, Zool. vol. XX, pg. 325.

TIPO: *Proboscidea saxatilis* SPIX (= *Vespertilio naso* Wied).

Compreende este gênero uma pequena espécie caracterizada pelo focinho com extremidade muito saliente, em forma duma minúscula tromba.

Crânio pequeno, com rostro muito alongado, maior que a caixa craniana; fronte tão deprimida que não chega a formar ângulo notável com o rostro.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 1 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ & 3 & 1 & & 2 & & 3 & & & \end{array}$$

Incisivos superiores muito pequenos e fracos, separados dos caninos; incisivos inferiores trifidos; primeiro premolar superior grande, triangular, com pequeninas cúspides basais em ambos os lados. Sem bolsa antebraquial; asas ligadas aos tornozelos.

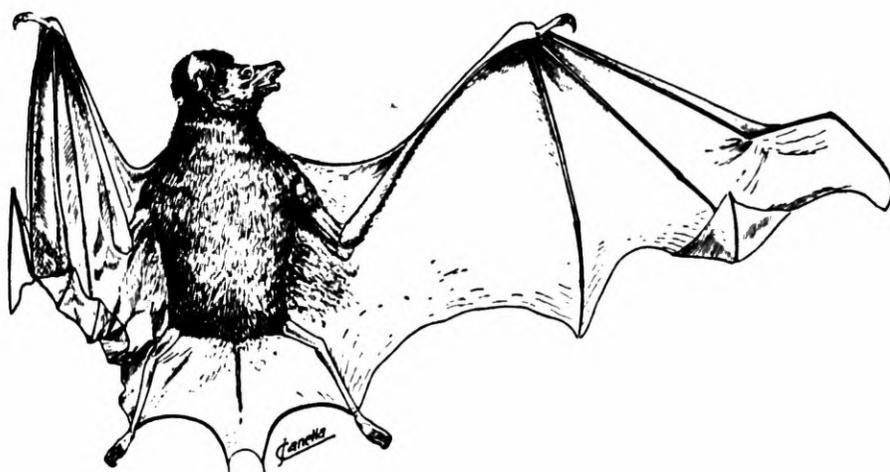


Fig. 4 — *Rhynchiscus naso* (Wied)

Rhynchiscus naso (Wied)

Vespertilio naso WIED, 1820, Reise nach Brasilien, I, pg. 251 (nota); (Minas Gerais); idem, 1826, Beiträge zur Naturgesch. Brasil., pg. 274 (Minas Gerais).

Proboscidea rivalis et saxatilis SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilonum Brasil., pg. 62 (rios S. Francisco e Amazonas).

Rhynchonictes naso PETERS, 1867, Monatsb. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 478; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 267, pl. 20, fig. 4 (Guiana Holandesa), América Central e Perú; TROUESART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 96).

Rhynchiscus naso TOLDT, 1910, Die Chiroptera Ausbeute, Zool. Exp. Brasil, Denksch. Akad. Wissensch. Wien, pg. 53 (Fazenda da Serra, Barra do Rio Grande); MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 22

(Mato-Grosso); LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 7 (Amazonas, Pará, Baía e Espírito Santo); SANBORN, 1937, Field Museum of Natural History, Zoology, vol. XX, pg. 325 (México, América Central, Colômbia, Perú e Brasil: Amazonas, Baía e Mato Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Rio Mucuri, Minas Gerais.

DESCRIÇÃO: Esta espécie é facilmente reconhecível pelo comprido focinho de extremidade proeminente, munido de alguns compridos pelos e projetando-se bem além do lábio inferior com uma pequenina tromba.

Orelhas mais curtas que a cabeça, muito estreitas e com extremidades pontudas; trago mais comprido que largo, de ponta arredondada e margem interna levemente convexa.

Narinas ovais, abrindo-se para baixo; lábio inferior com duas protuberâncias nuas.

Calcâneo muito mais comprido que a tibia; membranas das asas ligadas aos tarsos; membrana antebraquial revestida de alguns pelos na parte superior, mais densos perto do antebraço; membrana interfemural revestida de pelos densos na parte superior e completamente na inferior.

Colorido geral pardo cinza, mais intenso nas partes superiores e muito claro, com tons amarelados nas inferiores. Pelos do lado superior da membrana interfemural, antebraço e membrana adjacente, pardo avermelhado e cinza claro. Pelos do lado inferior, também cinza claro. Esse colorido porém é muito variável, pois têm sido encontrados, na mesma localidade, indivíduos com tonalidades claras e escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

N.º	Procedência	Sexo	Comprimento total	Larg. bizig.	Larg. interorb.	Alt. occipital	Larg. entre caninos	Larg. palat. m.º	Compr. mandíbula	Compr. da série no maxilar
699a	Rio Juruá	♂	12	7	3	4	2	3	5	5
2670	Cid. Barra	♀	12	7	3	4	2	3	5	5

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
699	Rio Juruá	♂	46	9	14	5	36	6,5	3	33,5	12	14	5
699a	Rio Juruá	♀	41	10	14	5	36	7	3	31	12	14	5
1202	Santarém	♂	45	9	14	5	36	7	3	33	12	14	5
2699	C. Barra	♂	46	9	14	5	36	7	3	33	12	14	5
2670	C. Barra	♀	47	9	14	5	37	7	3	36	12	14	5
2429	Rio Doce	♂	46	9	14	5	37	7	3	36	12	14	5
5754	Cuiabá	♂	43	9	14	5	37	7	3	36	12	14	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Sul do México, América Central, Perú, Guianas; Brasil: Amazonas, Pará, Mato-Grosso, Minas Gerais e Espírito Santo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 699, ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., V-1902, pele cheia, Dep. Zoologia.
 699a, ♂, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., V-1902, pele cheia, Dep. Zoologia.
 5614, ♂, rio Juruá, Amazonas, OLALLA col., 25, I-1937, pele cheia, Dep. Zoologia.
 5625, ♀, rio Juruá, Amazonas, OLALLA col., 25, I-1937, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1202, ♂, Santarem, Pará, GARBE col., I-1903, pele cheia, Dep. Zoologia.
 2699, ♂, Barra, Baía, GARBE col., II-1908, pele cheia, Dep. Zoologia.
 2670, ♀, Barra, Baía, GARBE col., II-1908, pele cheia, Dep. Zoologia.
 2429, ♂, rio Doce, Espírito Santo, GARBE col., VIII-1906, pele cheia, Dep. Zoologia.
 2430, ♀, rio Doce, Espírito Santo, GARBE col., VIII-1906, pele cheia, Dep. Zoologia.
 5754, ♂, Cuiabá, Mato-Grosso, OLIVERIO PINTO col., 9-IX-937, em alcool, Dep. Zool.
 5755, ♀, Cuiabá, Mato-Grosso, OLIVERIO PINTO col., 9-IX-937, em alcool, Dep. Zool.
 5756, ♀, Cuiabá, Mato-Grosso, OLIVERIO PINTO col., 9-IX-937, em alcool, Dep. Zool.
 5757, ♀, Cuiabá, Mato-Grosso, OLIVERIO PINTO col., 9-IX-937, em alcool, Dep. Zool.
 5758, ♀, Cuiabá, Mato-Grosso, OLIVERIO PINTO col., 9-IX-937, em alcool, Dep. Zoologia. Museu Nacional.

Gênero PERONYMUS Peters

Peronymus PETERS, 1868, Monatsb., Akad. Wiss. Berlin, pg. 145, (subgênero de *Peropteryx*).

Peropteryx DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 370 (subgênero de *Saccopteryx*).

Peronymus MILLER, 1907, The Fam. and Gen. of Bats. U. S. Nat. Museum., pg. 345; SANBORN, 1937, Field Mus. Nat. Hist., vol. XX, pg. 345.

TIPO: *Peropteryx leucoptera* Peters.

Caracteriza-se este gênero em ter as orelhas unidas na base por uma estreita faixa de membrana com 3 mm. de altura.

Crânio semelhante ao de *Peropteryx*, diferindo unicamente no rosto que é relativamente mais largo.

Fórmula dentária também igual:
$$i \begin{array}{c} 1 \\ 3 \end{array} - c \begin{array}{c} 1 \\ 1 \end{array} - pm \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} - m \begin{array}{c} 3 \\ 3 \end{array} = 32$$

Compreende duas subespécies, das quais, uma tem sido encontrada no Amazonas.

Peronymus leucopterus leucopterus Peters

Peropteryx leucoptera PETERS, 1867, Monatsb. Akad., Wiss. Berlin, pg. 474, (Guiana Holandesa).

Saccopteryx (Peropteryx) leucoptera DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. pg. 374.

Peronymus leucopterus THOMAS, Annals and Magazine Nat. Hist. 6, pg. 270 (Cametá, Pará); SANBORN, 1937, Field Mus. of Nat. Hist., Zool., vol. XX, pg. 345 (Venezuela e Amazonas; rios Tapajós e Xingú).

LOCALIDADE TÍPICA: Guiana Holandesa.

DESCRIÇÃO: Orelhas unidas na base por estreita membrana; margens internas de suas conchas, direitas; margens externas, convexas nas partes superiores e côncavas no lado oposto ao trago; este, é de bordos direitos e extremidade arredondada. Focinho e bolsa antebraquial como em *Peropteryx* canina. Asas ligadas ao tarso.

Colorido pardo-escuro nas partes superiores, mais claro nas inferiores; membranas das asas brancas e translúcidas na região do antebraço, pardo-escuro nas outras partes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Venezuela; Brasil; Amazonas (rios Tapajós e Xingú).

DIMENSÕES DO CRÂNIO

6001 ♂ : Comprimento total 16; largura bizigomática 10; largura interorbital 4; altura occipital 7; largura entre caninos 3; largura palatal no M² 4; comprimento da mandíbula 11; comprimento da série no maxilar superior 7.

DIMENSÕES EXTERNAS

6001 ♂ : cabeça e corpo 50; cauda 12; tibia 16; pé 6,5; antebraço 42,5; altura da orelha 12; trago 5; 3.^o metacarpo 39; 1.^a falange 10,5; 2.^a falange 18; polegar 7.

EXEMPLAR EXAMINADO

6001 ♂ : Cachoeira, ilha de Marajó, Dr. EMANUEL DIAS col., 17-VII-941; em álcool; Departamento de Zoologia.

SUBFAMÍLIA DICLIDURINAE

Diclidurinae GRAY, 1866, Ann. and Mag. Nat. Hist., 3^a série, vol. 18, pg. 12.

Dicliduri DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 397.

Diclidurinae MILLER, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 95.

Morcegos pequenos, de colorido branco ou pardo uniforme, caracterizados pela presença, na tibia, de um sulco longitudinal tão profundo que esse osso tem a aparência dum cilindro oco.

Um dos gêneros desta subfamília tem, na membrana interfemural, uma singular bolsa cuja parte inferior é perfurada pela extremidade da cauda.

São todos habitantes das regiões tropicais da América e distribuídos por três gêneros, todos do Brasil.

CHAVE PARA OS GÊNEROS:

A) Polegares e unhas rudimentares

- a) Trago com margens direitas, sem lóbulo na base *Diclidurus*
 aa) Trago munido de grande lóbulo na base *Cyttarops*

B) Polegares e unhas bem desenvolvidos *Depanycteris*

Gênero DICLIDURUS Wied

Diclidurus WIED, 1819, Isis, pg. 1629; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 391; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats. U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 95.

TIPO: *Diclidurus albus* Wied.

Polegar muito curto, com unha rudimentar; extremidade do foci-nho não excedendo o lábio inferior; fronte profundamente côncava. Membrana antebraquial sem bolsa; extremidade da cauda, nos machos, perfurando o centro duma bolsa glandular, que constitue uma verdadeira capsula córnea.

Fórmula dentária:
$$i \begin{array}{c} 1 \\ 3 \end{array} - c \begin{array}{c} 1 \\ 1 \end{array} - pm \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} - m \begin{array}{c} 3 \\ 3 \end{array} = 32.$$

Primeiro premolar superior diminuto e aguçado, situado no centro do espaço existente entre o canino e o segundo premolar; incisivos superiores delgados e pontudos; incisivos inferiores trifidos.

Compreende três espécies conhecidas, todas de colorido branco. No Brasil, somente uma.

Diclidurus albus Wied

Diclidurus albus WIED, 1819, pg. 1630 (Baía); idem, 1826, Beitr. Naturgesch. Brasil, II, pg. 242 (Canavieiras, Baía); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 391 (América do Sul); TROUES-SART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 100.

Diclidurus freyreissii WIED, 1838, Abbild. zur Naturgesch. Brasil., pl. XVI, (rio Pardo, Baía); GRAY, 1838, Mag. Zool. Bot. II, pg. 502.

Diclidurus scutatus PETERS, 1869, M. B. Akad. Berlin, pg. 400.

LOCALIDADE TÍPICA: Rio Pardo, Baía.

DESCRIÇÃO: Pequeno morcego com orelhas muito mais curtas que a cabeça, de extremidades arredondadas e trago curto e largo.

Polegar muito curto, com unha rudimentar; asas ligadas aos tarsos; calcâneo quasi tão longo quanto a tíbia; pés delgados; dedos de igual comprimento, munidos de unhas recurvas e extremamente agudas.

Extremidade da cauda perfurando o centro duma bolsa glandular situada no meio da membrana interfemural e do lado inferior, que é rudimentar nas fêmeas.



Fig. 5 — *Diclidurus albus* Wied

Pelos compridos e lanosos, de cor branca de creme; orelhas amareladas, assim como as membranas, que são muito finas e transparentes.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5823, ♂, rio Negro: comprimento total, 16,5; largura bizigomática, 9,5; largura interorbital, 4; altura occipital, 5; largura entre caninos, 2; largura palatal no M², 4; comprimento da mandíbula, 13; série de dentes no maxilar, 5.

DIMENSÕES EXTERNAS

N.º	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
5823	Rio Negro	♂	54	—	20	5	50	8	3,5	50	10	15	1
5824	Rio Negro	♀	—	12	20	5	50	8	3,5	50	10	15	1

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Regiões tropicais da América; Brasil: Estados do Amazonas, Baía, Espírito Santo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

5823 ♂, Taracuí, rio Negro, Amazonas, Padre A. GIACOME, col., X, 940, em alcool.
5824 ♀, Idem, idem, idem, idem, idem, — Dep. Zoologia.

Gênero CYTTAROPS Thomas

Cyttarops THOMAS, 1913, Ann. and Mag. Nat. Hist., ser. 8, vol. XI, pg. 134.

TIPO: *Cyttarops alecto* Thomas.

Difere de *Diclidurus* em ter a cauda perfurando normalmente a membrana interfemural em sua parte superior, como nos outros gêneros da família *Emballonuridae*.

No aspecto externo, pouco se diferencia do gênero precedente.

Crânio com rostro mais curto e dentes semelhantes, mas os caninos não têm cúspides terminais posteriores e os premolares são inteiramente ligados aos caninos e aos molares.

Uma única espécie conhecida.

Cyttarops alecto Thomas

Cyttarops alecto THOMAS, 1913, Ann. and Mag. Nat. Hist., ser. 8, vol. XI, pg. 135.

LOCALIDADE TÍPICA: Mocajatuba, Pará.

DESCRIÇÃO:¹ No aspecto geral assemelha-se a um *Peropteryx*.

Orelhas de tamanho mediano, largas e arredondadas, com margem externa fortemente convexa; trago muito característico; margem interna reta e externa convexa, tendo na parte mediana um lóbulo relativamente enorme, o que é muito raro em qualquer outra espécie de microquiróptero.

Asas ligadas ao lado externo dos tarsos; calcâneo longo, sem lóbulo pósterocalcâneo.

(1) Baseada na descrição original.

Pelos compridos e finos, tendo os do dorso cerca de 6 mm. de comprimento. Membranas nuas, exceto na parte mediana da membrana interfemural que é revestida de pelos.

Colorido uniformemente cinza-fuliginoso, mais carregado no dorso.

DIMENSÕES: cabeça e corpo, 50; antebraço, 45; cauda, 20; pé, 8; orelha, 10; trago, 2,8; metacarpo do 3.º dedo, 4,5; 1.ª falange, 9,5; calcâneo, 15.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICAS Guiana Inglesa; Brasil: Pará.

Gênero DEPANYCTERIS Thomas

Depanycteris THOMAS, 1920, Ann. and Mag. Nat. Hist., ser. 9, vol. 6, pg. 271.

TIPO: *Depanycteris isabella* Thomas.

Semelhante a *Cyttarops*, mas diferindo no polegar que é mais comprido e possui unha maior, e no trago, que é como em *Diclidurus*, sem lóbulo basal.

Pernas e pés também mais compridas; extremidade da cauda nos machos, sem qualquer bolsa glandular desenvolvida, sendo sua estrutura semelhante à das fêmeas de *Diclidurus*.

Sulco longitudinal da tíbia mais curto e largo que o de *Diclidurus*.

Crânio semelhante ao de *Diclidurus* na conformação, porém com a abóbada palatina profundamente recortada na parte posterior, ao nível dos terceiros molares e largamente escavada na parte anterior.

Uma única espécie conhecida.

Depanycteris isabella Thomas

Depanycteris isabella THOMAS, 1920, Ann. and Magaz. Nat. Hist., ser. 9, vol. VI, pg. 271.

LOCALIDADE TÍPICA: Manacapuru, Amazonas.

DESCRIÇÃO: ¹ Semelhante no tamanho e na forma à *Diclidurus albus*, mas de colorido muito diverso; em vez de branco creme como aquele, é pardo-claro na cabeça e nas espáduas, e pardo-escuro no dorso; partes inferiores branco-amareladas.

(1) Baseada na descrição original.

DIMENSÕES: Cabeça e corpo, 62; cauda, 21;; pé, 11; orelha, 12; trago, 4; metacarpo do terceiro dedo, 56; primeira falange, 10; tibia, 19; pé, com unha, 9; calcâneo, 16.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: É conhecida somente de Manacapuru, rio Solimões, Estado do Amazonas.

FAMÍLIA NOCTILIONIDAE

Noctilionidae GRAY, 1821, London Medical Repository, XV, pg. 299 (em parte).

Emballonuridae DOBSON, 1878, Cat. Chiroptera British Museum, pg. 353, 1878 (grupo *Noctiliones*).

Noctilioninae TROUESSART, 1905, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 100, 1905 (subfamília *Emballonurinae*).

Noctilionidae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 95.

Primitivamente incluído na família *Vespertilionidae*, este grupo, dada a disposição da cauda que perfura a membrana interfemural, ficando com a extremidade livre, foi depois, por vários autores, colocado na família *Emballonuridae*, constituindo o grupo dos *Noctiliones*.

Outros autores, considerando os hábitos e afinidades que tem com os *Lobostominae*, incluíram-no na família *Phyllostomidae*.

Particularidades da asa, crânio e pelvis permitem porém que se constitua com ele uma família perfeitamente definida.

São quirópteros grandes, com aspecto de roedores alados, orelhas bem separadas e pontudas, asas estreitas e compridas, membrana interfemural muito grande, inteiramente nua, perfurada na parte superior por uma cauda bem desenvolvida. Pernas muito longas, com pés grandes, munidos de robustos dedos, terminados em fortes unhas recurvas, em forma de garras. Calcâneo comprido e forte.

Nos hábitos, muito se assemelham aos *Phyllostomidae*: são moradores de ocos de árvores ou de fendas de rocha¹ à beira d'água e alimentam-se conforme observações de TSCHUDI² e WIED³ de insetos, principalmente coleópteros.

(1) MIRANDA RIBEIRO que observou *Dirias albiventer* planando no entardecer sobre o Rio Paraguai, encontrou nas fendas das rochas ribeirinhas, vivendo em sociedade com vários molossídeos (Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas. anexo 5, Zoologia, 1941).

(2) Fauna Peruana, pág. 77.

(3) BEITRAGE ZUR NATUR. BRASILIENS, II, pág. 223.

Restos de frutos e pequenos crustáceos também têm sido encontrados no estômago.

Observadores fidedignos asseguram que sua principal alimentação é constituída de peixes que apanham voando rente à superfície da água como se fossem aves marinhas.

Isso lhes é permitido pelas poderosas garras de que são dotados.

São bem conhecidos no litoral do Brasil, voando ao crepúsculo sobre o mar, e notáveis pelo forte odor nauseabundo que exalam⁴.

Habitam as mais quentes regiões tropicais da América, sendo bem conhecidas das Antilhas ao Brasil Meridional.

Compreende apenas os dois gêneros *Noctilio* e *Dirias*, bastante semelhantes entre si.

CHAVE PARA OS GÊNEROS

Maior (comprimento da tíbia igual ao comprimento da metade do 3.º dedo da mão); molares superiores separados entre si por largos espaços.. *Noctilio*
Menor comprimento da tíbia igual à terça parte do comprimento do 3.º dedo da mão); molares superiores inteiramente ligados entre si..... *Dirias*

Gênero NOCTILIO Linnaeus

Noctilio LINNAEUS, 1776, Syst. Naturae, 12.^a ed., pg. 88; SPIX 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil., pg. 57; GRAY, 1838, Mag. Zool. & Bot., II, pg. 499; BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 58; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 393 (em parte); TROUËSSART, 1905, Cat. Mammal. Supplem., pg. 100; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 97.

TIPO: *Vespertilio leporinus* Linnaeus.

É gênero dos mais característicos, reconhecível à primeira vista pela grande cabeça de aspecto canino, pernas longas e pés muito grandes e fortes, com garras aduncas.

Calcâneo inteiramente ossificado, muito longo e robusto.

Focinho saliente, lábios cheios de pregas, orelhas compridas, estreitas e bem separadas entre si.

Falange terminal do terceiro dedo dobrando-se sobre o metacarpo.

-
- (4) OLIVERIO PINTO na sua excursão ao litoral da Baía observou na ilha Madre de Deus, no Recôncavo, os hábitos de *Noctilio leporinus* que, segundo ele, habitam nos ôcos das árvores e, ao anoitecer, saem em busca de alimentação, não hesitando mesmo em roubar peixes às redes dos pescadores. (*Revista do Museu Paulista*, tomo XIX, pág. 31, 1935).

Crânio com forma característica: oval, curto e largo, com mastoideu proeminente e crista sagital bem distinta.

Rostro curto e largo; ossos frontais pequenos e achatados, nenhum processo-pósterior-orbital.

$$\begin{array}{cccc} 2 & 1 & 1 & 3 \\ \text{Fórmula dentária: } i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 28. \\ & 1 & 1 & & 2 & & 3 & & & \end{array}$$

Incisivos superiores unicúpidos; os internos são unidos entre si; os externos são muito pequenos e unidos aos caninos grandes e fortes; premolares e molares com cúspides muito agudas.

Noctilio leporinus leporinus (Linnaeus)

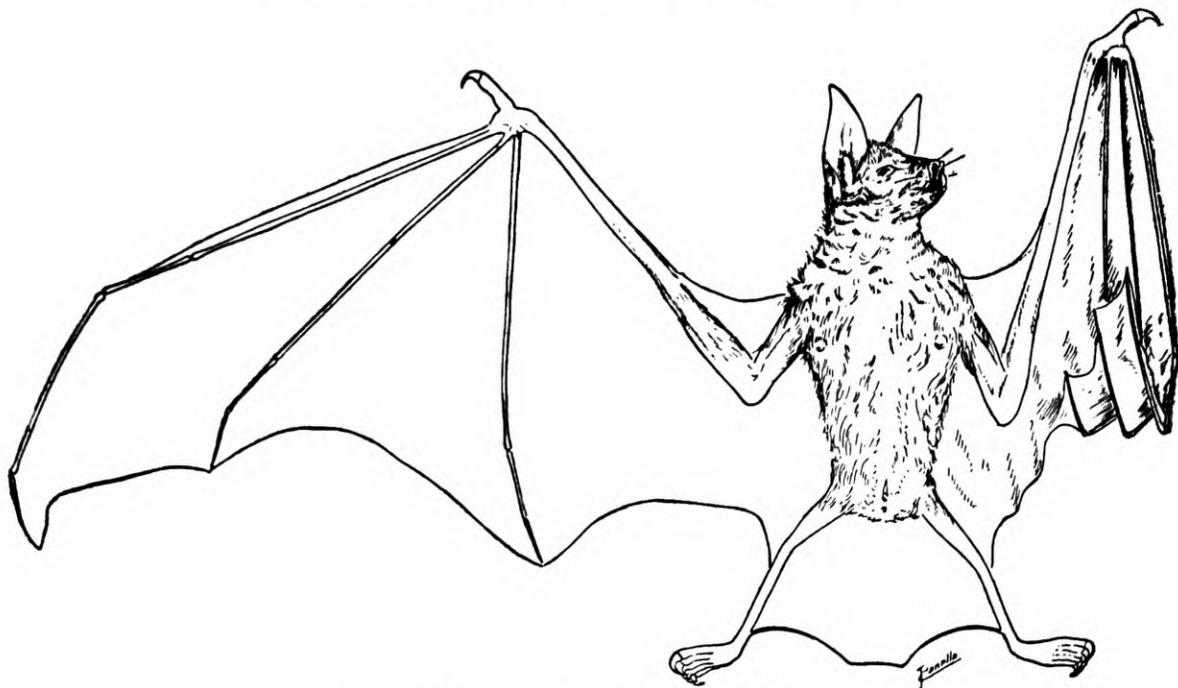


Fig. 6 — *Noctilio leporinus leporinus* (L)

Vespertilio leporinus LINNAEUS, 1754, Syst. Naturae, 10.^a ed., pg. 32 (Am. do Sul).

Noctilio americanus LINNAEUS, 1776, Syst. Naturae, 12.^a ed., pg. 88.

Noctilio rufus SPIX, 1823, Sim. et Vespert. Brasil., pl. XXXV, pg. 57. fig.1.

Noctilio unicolor WIED 1826, Beitr. Naturg. Brasil., pg. 223 (Baía).

Noctilio leporinus BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 60; PELZELN 1883, Brasilische Säugethiere, p. 37 (Mato-Grosso); LIMA 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. tomo XIV, pg. 15, (Baía).

Noctilio leporinus var. *mastivus* DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus. pg. 396 (Antilhas, Venezuela, Equador, Brasil); TROUESSART, 1904,

Cat. Mammal. Supplem., pg. 100; MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso no Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 23 (S. Luiz de Cáceres, Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: Cabeça grande e característica, tendo notável semelhança com a de um cão; focinho saliente, projetando-se além do lábio inferior, narinas ovais e levemente inclinadas para baixo. Sob o focinho, no meio do lábio superior, uma espécie de verruga saliente; sobre os lados das faces, outras verrugas disseminadas; lábio inferior marginado por várias dobras e pequenas granulações.

Orelhas mais curtas que a cabeça, muito estreitas e pontudas; trago mais alto que largo, com bordo superior serrilhado.

Polegar curto, com unha aguçada, dedo médio comprido, com a segunda falange muito mais longa que a primeira, membrana das asas ligada à parte inferior da tíbia; cauda de comprimento igual a cerca de metade da membrana interfemural e perfurando-a na parte superior.

Membrana interfemural muito grande, quæsi atingindo os pés quando completamente expandida.

Pés notavelmente grandes, munidos de dedos robustos, com fortes unhas aguçadas, verdadeiras garras.

Os machos possuem na base do penis duas glândulas que secretam uma substância grumosa, de cor escura, exalando forte odor de almíscar. As fêmeas têm o clítoris notavelmente desenvolvido.

Colorido geral pardo amarelado lustroso, mais claro nas partes inferiores, membranas parda escuro-escuras. Sobre o dorso corre uma linha amarela longitudinal desde a nuca até a base da cauda. Muitas vezes porem essa linha não existe ou aparece apenas esboçada.

O colorido varia bastante com a idade, em exemplares caçados no mesmo bando e no mesmo local¹.

(1) Baseado nessas variações de colorido constatadas por GASE (Proceed. Zool. Society London, 1847) em morcegos da Jamaica, DOBSON no seu catálogo aceitou a subespécie *mastivus* (*Vespertilio mastivus* Dahl), para os *Noctilio* das Antilhas e subregiões brasileiras. MIRANDA RIBEIRO (Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, 1914, Anexo 5, Zoologia, pg. 13), também aceitou esta raça. MILLER (The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., bull 57, pg. 97), cita *mastivus* como forma distinta, mas diz: "Two forms are now usually recognized: *leporinus* and *mastivus*, the status of which is not clearly understood." BURMEISTER (Thiere Brasiliens, pg. 60), considerou *N. mastivus* como o mesmo *L. leporinus*. Nos exemplares existentes no Departamento de Zoologia são observáveis essas variações: vários exemplares provenientes do Pará e Amazonas são pardo-alaranjados, sem estria dorsal, contrastando com outros de colorido pardo-murino, com nítida estria amarela. Exemplares do litoral da Baía e outros de Mato-Grosso, apresentam igualmente essas variações.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comprimento total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorb.</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. entre caninos</i>	<i>Larg. palat. M²</i>	<i>Compr. mandíbula</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
4357	Amazonas	♂	26,5	19	7	12	5	7	18	10
5762	Baía	♀	26,5	19	7	12	5	7	18	10
4281	Mato Grosso	♂	26	19	7	12	5	7	18	10

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Cauda</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>Trago</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
1256	Baía	♀	82	20	35	27	76	21	5	72	20	60	10
4075	Goiaz	♀	86	16	34	27	77	20	5	73	20	60	10
4076	Goiaz	♂	88	16	35	28	80	23	5	73	21	60	10
4357	Silves	♂	90	17	35	30	80	23	5	73	21	60	10
4366	Ig. Anibá	♀	90	17	35	30	80	23	6	73	21	60	10
5637	Rio Juruá	♂	90	17	35	30	80	23	6	73	21	60	10
4281	Mato Grosso	♂	85	17	33	26,5	80	20	5	73	21	60	10
4282	Mato Grosso	♀	80	15	34	25	80	19	5	72	20	59	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Regiões tropicais da América. América Central, Venezuela, Guianas; Brasil: Amazônia, Mato-Grosso, Goiaz e Baía.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4343 ♂ Silves, Amazonas, OLALLA col., 30-VI-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4357 ♂ Silves, Amazonas, OLALLA col., 30-VI-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.

- 4366 ♀ Ig. Anibá, Amazonas, OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5637 ♂ Rio Juruá, Amazonas, OLALLA col., 1935, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 1256 ♀ Baía, BICEGO col., 1892, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 4087 o? Ilha M. Deus, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5636 ♀ Ilha M. Deus, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, em alcool, Dep. de Zoologia.
 2762 ♀ Ilha M. Deus, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 5763 ♀ Ilha M. Deus, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 5764 ♀ Ilha M. Deus, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 5759 ♀ Ilha M. Deus, Baía, CAMARGO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 5760 ♀ Ilha M. Deus, Baía, CAMARGO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 5761 ♀ Ilha M. Deus, Baía, CAMARGO col., 1933, pele em alcool, Dep. de Zoologia.
 4821 ♂ Porto Jofre, Rio S. Lourenço, M.-Grosso, Dr. V. CARNEIRO col., 1938, pele em alcool, Departamento de Zoologia.
 4282 ♀ Porto Jofre, Rio S. Lourenço, M.-Grosso, Dr. V. CARNEIRO col., 1938, pele em alcool, Departamento de Zoologia.
 4075 ♀ Cana Brava, Goiaz, JOSÉ BLASER col., 1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4076 ♂ Cana Brava, Goiaz, JOSÉ BLASER col., 1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4077 ♀ Cana Brava, Goiaz, JOSÉ BLASER col., 1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4080 ♀ Cana Brava, Goiaz, JOSÉ BLASER col., 1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.

Noctilio leporinus rufipes d'Orbigny

Noctilio rufipes D'ORBIGNY, 1847, Voyage dans l'Amérique Meridionale, Atlas, pl. IX, fig. 1 a 4 (Bolívia).

Noctilio leporinus H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 24; idem, 1895, Mamíferos do Rio Grd. do Sul, pg. 21 (Porto Alegre).

Noctilio leporinus rufipes CABRERA, 1938, Notas del Museu de La Plata, tomo 3.º, Zoologia, n. 8, pg. 6 (Chaco, Corrientes e Santa Fé).

LOCALIDADE TÍPICA: Bolívia.

Esta nova raça descrita por CABRERA é baseada em exemplares de Corrientes e Chaco.

É maior que o *Noctilio leporinus* típico do Amazonas, pois chega a medir 92 mm. de comprimento, com 91 mm. de antebraço. O colorido todavia, é mais ou menos o mesmo.

Um antigo exemplar em alcool da coleção do Departamento de Zoologia, muito descorado e proveniente de São Francisco, Estado de Santa Catarina, tem 95 mm. de comprimento (cabeça e corpo), com 92 mm. de antebraço, portanto, maior que os exemplares de CABRERA.

Os exemplares de nossas coleções provenientes do Amazonas e da Baía, nunca excedem 90 mm. de comprimento e 86 mm. de antebraço.

A espécie do Brasil Meridional, corresponde pois aos característicos da raça descrita por CABRERA, que discrimina quatro raças na América.

Noctilio leporinus mexicanus Goldman, México.

Noctilio leporinus mastivus Dahl, Antilhas

Noctilio leporinus leporinus L., América Central até o sudeste do Brasil.

Noctilio leporinus rufipes D'ORBIGNY, Bolívia, Paraguai, sul do Brasil e nordeste da Argentina.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1478, ♂, comprimento total, 28; largura bizigomática, 20; largura interorbital, 10,5; altura occipital, 14; largura entre caninos, 4,5; largura palatal no M², 8; comprimento da mandíbula, 19,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior.

DIMENSÕES EXTERNAS

1478, ♂, cabeça e corpo, 95; cauda, 22; tíbia, 40; pé, 32; altura da orelha, 23; trago, 6; antebraço, 92; 3.º, metacarpo, 85; 1.ª falange, 24; 2.ª falange, 60; polegar sem unha, 12.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Bolívia, Paraguai, norte da Argentina; Brasil: Estados de São Paulo, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul¹.

EXEMPLARES EXAMINADOS

1478, ♂, São Francisco, Estado de Santa Catarina, Dr. GUALBERTO col., em alcool, Departamento de Zoologia.

Gênero DIRIAS Miller

Noctilio DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 293 (em parte); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 100 (parte).

Dirias MILLER, 1906, Proc. Biol. Soc. Washington, XIX, pg. 84; idem, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 99.

TIPO: *Noctilio albiventer* Spix.

Bastante semelhante a *Noctilio* no aspecto externo, diferindo, contudo, nas dimensões do corpo e nos dentes.

Crânio menor e muito mais curto, com crista sagital muito mais desenvolvida.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 2 & 1 & 1 & 3 \\ i & - & c & - \\ 1 & 1 & 2 & 3 \end{array} \text{ pm } - \text{ m } - = 28.$$

(1) Tivemos a ocasião de examinar, graças à gentileza do sr. LINDOLFO GUIMARÃES, digno assistente do Departamento de Zoologia, um exemplar desta raça proveniente de Porto Alegre e colacionado pelo dr. CESAR PINTO.

Os primeiros e os segundos molares superiores são unidos nas bases, de modo que as cúspides dos molares inferiores são muito menos desenvolvidas que no gênero *Noctilio*.

Pés e pernas muito menores.

Compreende duas espécies, ambas ocorrendo no Brasil.

Dirias albiventer (Spix)

Noctilio albiventer Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Bras., pg. 58, figs. 2 e 3 (Baía).

Noctilio leporinus Gervais, 1855, Exp. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pl. 12, fig. 6.

Noctilio albiventer Dobson, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 394; Bolívia; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 38 (Cuiabá, Mato-Grosso); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Suppl., pg. 100; M. RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 23 (Corumbá, Mato-Grosso); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Revista do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 17 (Rio Juruá, Amazonas e Mato-Grosso).

Dirias albiventer Toldt, 1926, Die Chiropt. Ausbeute, Zool. Exp. Brasil, Denkschrif. Akad. Wiss. Wien, pg. 53 (Paranaguá, Piauí).

LOCALIDADE TÍPICA: Rio São Francisco, Baía.

Assemelha-se na forma e no colorido à espécie precedente, porem é bem menor.

Orelhas, trago e patágio, inteiramente iguais; focinho mais curto, pernas e pés muito menores.

Colorido extremamente variavel, o que dá lugar a grande confusão. Em geral esse colorido é pardo-ferrugíneo nas partes superiores e amarelado-claro nas inferiores, com uma estria esbranquiçada, muitas vezes quasi imperceptivel no dorso. Frequentemente porem essa coloração passa a pardo-murina bastante escura¹.

(1) MIRANDA RIBEIRO (Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 23, 1914) diz que, em 19 exemplares por ele coletados em Corumbá, na barranca do rio Paraguai, somente um tinha estria branca longitudinal no dorso. Também nos numerosos exemplares existentes no Departamento de Zoologia e provenientes do Amazonas e Pará, o colorido é bem variado, podendo ser pardo-murino ou pardo-ferrugíneo, alguns com a estria branca do dorso apenas esboçada. Entre 17 exemplares coletados em Buissú (Pará) por OLALLA no dia 29 de abril de 1935, dois machos são inteiramente pardo-avermelhados; os restantes são pardo-muito-escuro e apenas quatro deles têm ligeira estria esbranquiçada sobre o dorso. Em seis exemplares de Caxiricatuba (Pará), todos de pelagem pardo-escuro, nota-se apenas um macho com estria esbranquiçada no dorso. Como se vê, as diferenças de colorido não podem ser tomadas como base para novas espécies ou raças.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comprimento total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorb.</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. entre caninos</i>	<i>Larg. palat. M²</i>	<i>Compr. mandíbula</i>	<i>Compr. da série no maxilar</i>
648	Rio Juruá	♀	21	15	6,5	8	4,5	5	15	8
4360	Buiussú	♂	21,5	16	6,5	8	5	6	15	8

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
648	R. Juruá (Amaz.)	♀	70	10	22	13	64	17	55	14	40	9
1044	R. Juruá (Amaz.)	♀	70	10	21	13	65	17	55	13	41	9
4359	Silves (Amaz.)..	♂	78	10	22	14	65	18	55	14	42	10
4380	Silves (Amaz.)..	♀	75	10	20	14	64	17	55	13	40	10
4354	Itacoat. ^a (Amaz.)	♀	75	10	20	13	63	17	55	14	40	10
5618	Buiussú (Pará).	♂	80	13	19	16	64	19	56	14	42	11
4360	Buiussú (Pará).	♀	71	—	23	12	60	17	55	13	35	9
4392	Caricat. (Pará).	♂	65	—	17	12	56	17	50	13	32	9
3544	Joazeiro (Baía).	♀	62	10	20	12	54	17	45	13	35	9
5858	Mato Grosso	o?	65	10	20	13	60	17	54	12	40	9

EXEMPLARES EXAMINADOS

648, ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 648a, ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., XII-1901, pele cheia, Dep. de Zoologia.

- 1044, ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4359, ♂, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4379, ♂, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4536, ♀, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4380, ♀, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4362, ♀, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4364, ♀, Silves, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4354, ♂, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 4342, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 4343, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 4344, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 4352, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 5621, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., VII-1937, pele cheia, Dep. de Zool.
 4378, ♂, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4402, ♂, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 5618, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4361, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4389, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4360, ♂, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4351, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4401, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4401, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4367, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4400, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4403, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4404, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4346, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4397, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4392, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4474, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3544, ♀, Joazeiro, Baía, GARBE col., 1908, pele em alcool, Departam. de Zoologia.
 5858, o?, Caceres (M.-Grosso), GARBE col., pele em alcool, Departam. de Zoologia.

Dirias irex Thomas

Dirias irex THOMAS, 1920, Ann. and Magaz. Nat. Hist., série 9, vol. VI, pg.

LOCALIDADE TÍPICA: Santa Júlia, Rio Xingú, Estado do Pará.

DESCRIÇÃO: Inteiramente semelhante a *Dirias albiventer* no aspecto externo, mas muito menor.

Colorido pardo-escuro nas partes superiores, amarelado nas inferiores.

DIMENSÕES DO CORPO

Cabeça e corpo, 62; antebraço, 54; cauda, 21; pé, 11; orelha, 12; trago, 4; metacarpo do 3.º dedo, 56; 1.ª falange, 10; tíbia, 19; polegar, 9; calcâneo, 16.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Maior comprimento, (occiput à base dos caninos), 16; largura zigomática, 11,5; largura entre as órbitas, 8; largura mastoidiana, 9; comprimento da abóbada palatina, 3,7.¹

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Esta espécie é conhecida somente no Alto Xingú, Estado do Pará.

Família *PHYLLOSTOMIDAE*

Phyllostomata PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 256.

Phyllostomidae GRAY, 1866, Proc. Zool. Soc. London, pg. 111 (em parte); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 445 (em parte); WINGF, 1892, Jordfundne og nulevende Flagermus fra Lagoa Santa, Minas Gerais, pg. 24; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supp. pg. 108; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nt. Museum, Bull. 57, pg. 116.

Os morcegos desta família foram considerados vespertilionídeos até 1838, ano em que BONAPARTE reconheceu-os como grupo à parte, denominando-os *Vampiridea*.

GRAY, em 1866, constituiu para eles a família *Phyllostomidae*, englobando também os *Desmodontes*, o que foi adotado por DOBSON e subsequentes autores. MILLER, em 1907, separou-os definitivamente em família à parte.

O principal característico é a existência de tres falanges completamente ossificadas no dedo médio da mão. Com exceção de dois gêneros, todos os outros têm um apêndice cutâneo em forma de folha sobre o nariz. Orelhas muitas vezes bem grandes e largas, com trago sempre bem desenvolvido e pouco variavel na forma. Membrana antebraquial e interfemural bem desenvolvidas; esta, nalguns gêneros, é rudimentar; cauda de tamanho muito variavel e às vezes ausente.

A dentição varia nos diversos gêneros brasileiros que podem ter de 28 a 34 dentes. A estrutura e disposição desses dentes também é muito variavel.

Em geral, são morcegos grandes, atingindo mesmo nalguns gêneros como *Vampyrus* dimensões gigantescas, porem outras formas são bem pequenas como em *Micronycteris*.

São insetívoros e frugívoros, mas nunca sanguívoros como erradamente acreditaram antigos naturalistas.

(1) Baseada na descrição do autor.

As espécies insetívoras caçam voando e as frugívoras alimentam-se penduradas nos galhos das árvores onde comem os frutos de sua predileção.

Habitam cavernas, fendas de rochedos ou ocos de árvores. Frequentemente são encontrados em repouso durante o dia pendurados por entre a folhagem das árvores.

São habitantes das mais quentes regiões tropicais da América, ocorrendo desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina.

Podem ser reconhecidas sete subfamílias, das quais seis estão representadas no Brasil.

CHAVE PARA AS SUBFAMÍLIAS

- A) Com apêndice nasal bem desenvolvido, em forma de folha triangular.
- b) Membrana interfemural bastante larga envolvendo uma cauda sempre bem desenvolvida; folha nasal sempre grande; coroa dos molares com um W muito nítido formado pelas cúspides.... *Phyllostominae*
 - bb) Membrana interfemural estreita ou rudimentar; cauda muito pequena ou ausente; folha nasal pequena; coroa dos molares com um W indistinto ou ausente.
 - c) Focinho longo e com extremidade pontuda; língua comprida e extensível; superfície do lábio inferior profundamente sulcada no centro *Glossophaginae*
 - cc) Focinho curto, largo e obtuso; língua curta; superfície do lábio inferior não sulcada no centro.
 - d) Membrana interfemural estreita, mas bem desenvolvida.
 - e) Coroas dos molares superiores e inferiores cor-tantes *Hemiderminae*
 - ee) Coroas dos molares superiores e inferiores acha-tadas *Stenoderminae*
 - dd) Membrana interfemural rudimentar, apenas percep-tível *Sturnirinae*
- B) Sem apêndice nasal *Chilonycterinae*

Subfamília *CHILONYCTERINAE*

Noctilionina GRAY, 1838, Mag. Zool. and Bot., II, pg. 498.

Mormopsina GRAY, 1866, Ann. and Mag. Nat. Hist., 3.^a série XVIII, pg. 93.

Lobostominae DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 447.

Chilonycterinae MILLER and REHN, 1907, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., XXX, pg. 275; idem, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 118.

Sem apêndice nasal; membrana interfemural grande; calcâneo muito desenvolvido; mento munido de pequeninas verrugas.

Num dos gêneros as membranas das asas ligam-se sobre as costas.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & m & - & pm & - & = & 34. \\ & 2 & 1 & 3 & 3 \end{array}$$

CHAVE PARA OS GÊNEROS BRASILEIROS

- Metade do dorso completamente nú; membrana das asas ligadas ao meio das costas *Pteronotus*
- Metade do dorso com a pelagem visível; membrana das asas ligadas ao lado do corpo *Chilonycteris*

Gênero PTERONOTUS Gray

Pteronotus GRAY, 1838, Mag. Zool. and Bot., pg. 500.

Chilonycteris DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 447 (em parte).

Dermonotus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 109 (subgênero de *Chilonycteris*).

Pteronotus MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull 57, pg. 120.

TIPO: *Pteronotus davyi* Gray.

Pteronotus davyi Gray

Pteronotus davyi GRAY, 1838, Mag. Zool. and Bot., II, pg. 500 (Trinidad); PETERS, 1872, M. B. Akad. Berlin, pg. 361.

Chilonycteris gymnonotus PELZELN, 1881, Brasilische Säugethiere, pg. 37 (Cuiabá, Mato-Grosso).

Chilonycteris davyi DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 453 (Venezuela); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 108.

Dermonotus davyi MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 24 (Caceres, M.-Grosso).

Pteronotus davyi LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 18 (República Dominicana).

LOCALIDADE TÍPICA: Ilha de Trinidad.

DESCRIÇÃO: Caracteriza-se pelo dorso aparentemente nu, pois os pelos da superfície superior do corpo são ocultos pelas asas que se ligam sobre a espinha dorsal.

Orelhas muito estreitas, com pontas aguçadas; margem anterior quasi reta, margem posterior fortemente convexa; trago bem desenvolvido, mais alto que largo.

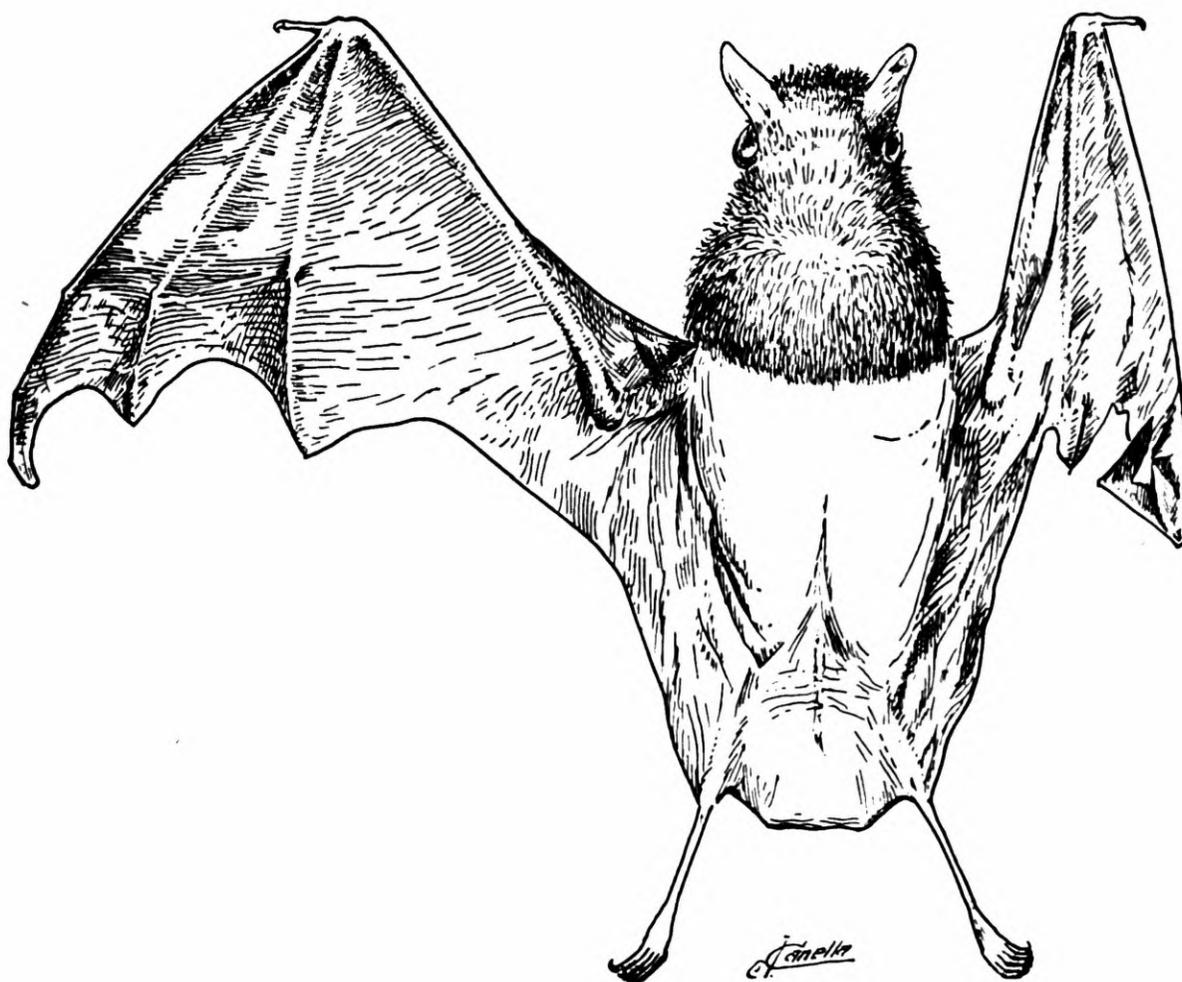


Fig. 7 — *Pteronotus davyi* Gray

Focinho recoberto de pelos; narinas rodeadas por dilatações membranosas, com duas proeminências dos lados.

Lábio inferior inteiramente nu, tendo no centro pequenas granulações.

Colorido geral pardo-acinzentado, muito mais claro nas partes inferiores; patágio pardo muito escuro.

Cauda perfurando a membrana interfemural no centro.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2026, ♂, São Domingos; comprimento total, 15; largura bizigomática, 10; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 6,5; largura entre caninos, 3; largura palatal no M², —; comprimento da mandíbula, 125; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	2.ª falange	Polegar
2026	São Domingos ..	♂	55	15	18	10	48	13	5	43	9	13	9	6
3563	Caceres	♀	55	14	20	11	50	15	5	43	9,5	15	10	7

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: México, Antilhas, Venezuela; Brasil: Estado de Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 2026, ♂, São Domingos (Antilhas), comp. de ROSENBERG, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 3563, ♀, S. Luiz de Caceres (Mato-Grosso), MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.

Gênero CHILONYCTERIS Gray

Chilonycteris GRAY, 1839, Ann. Nat. Hist., IV, pg. 4; BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 74; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 447; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 108; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 129.

TIPO: *Chilonycteris macleanyi* Gray.

DESCRIÇÃO: Tamanho médio; orelhas bem separadas e pontudas; alto da cabeça não muito elevado sobre a linha facial; focinho de tamanho moderado, largo, recoberto de pelos, sem apêndices foliáceos,

obliquamente truncado e com narinas circulares bem unidas; lábios inferiores nus e munidos de numerosas granulações.

Membranas das asas ligando-se à extremidade do calcâneo ou à tibia; membrana interfemural grande perfurada pela cauda na superfície superior; calcâneo bastante longo.

Crânio com a parte anterior do rostro larga; narinas pequenas, subcirculares, abrindo-se quasi diretamente para frente; caixa encefálica arredondada, de comprimento quasi igual à largura, sem crista sagital distinta e muito elevada sobre o rostro. Ossos frontais achatados, mas não expandidos lateralmente; nenhum processo pósterorbital; arcada zigomática curta e muito fragil.

Fórmula dentária igual à do gênero precedente.

Incisivos superiores médios muito maiores que os incisivos externos e com bordos sulcados; incisivos inferiores iguais em tamanho aos superiores, sendo os externos menos reduzidos. Caninos superiores mais fortes que os inferiores; último molar muito maior que os outros.

Compreende onze espécies, todas das mais quentes regiões da América.

No Brasil, ocorrem apenas duas.

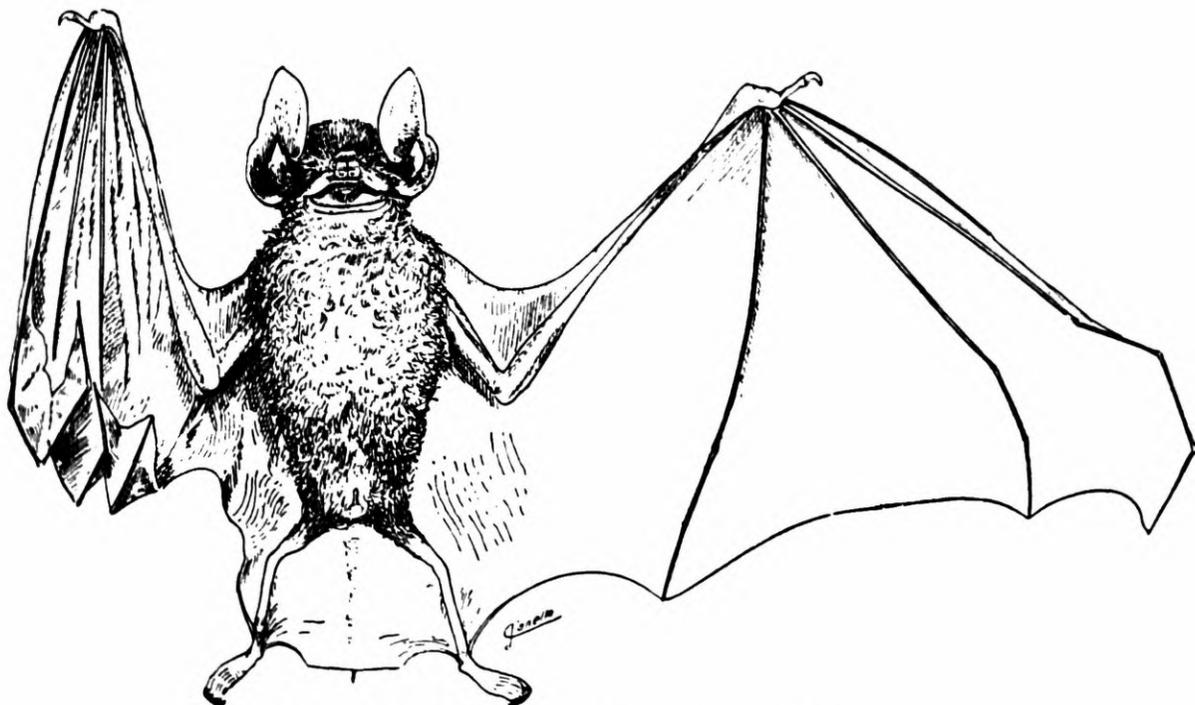


Fig. 8 — *Chilonycteris personata* Wagner

Chilonycteris personata Wagner

Chilonycteris personata WAGNER, 1843, Wieg. Archiv., pg. 367 (Mato-Grosso); idem, 1855, Supplem. Schreber Säugethiere, V, pg. 680;

BURMEISTER, 1855, *Thiere Brasiliens*, pg. 76 (Mato-Grosso); DOBSON, 1878, *Cat. Chiropt. Brit. Museum*, pg. 451; PELZELN, 1888, *Brasilische Säugethiere*, pg. 37 (S. Vicente, Mato-Grosso); TROUËSSART, 1904, *Cat. Mammal, Suppl.*, pg. 109; MIRANDA RIBEIRO 1914, *Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas anexo 5, Zoologia*, pg. 451 (Tapirapoã, Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Mato-Grosso¹.

DESCRIÇÃO: Orelhas estreitas e pontudas, de comprimento igual ao da cabeça; margens anteriores quasi convexas até a extremidade; margens posteriores côncavas; lóbulo bem desenvolvido na base; trago mais alto que largo, com pequeno lóbulo na parte mediana da margem interna.

Focinho recoberto de pelos; lábio inferior inteiramente nu, com pequenas granulações.

Asas ligadas ao meio da tibia.

Membrana interfemural bastante expandida e perfurada pela cauda em sua parte superior.

Partes superiores recobertas de pelos curtos que faltam completamente dos lados da espinha dorsal, deixando dois largos espaços nus de cada lado.

Colorido geral pardo avermelhado, mais claro nas partes inferiores: extremidades dos pelos esbranquiçadas; membrana interfemural e membrana das asas pardo-escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5631 ♂; comp. total 21,5; largura bizigomática 12; largura interorbital 5; altura occipital 7; larg. palatal no M² 2,5; largura entre caninos 3; comp. mandíbula 17; comp. da série de dentes no maxilar 9.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tibia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
5631	Cuiabá	♂	60	21	22	10	60	20	5	52	11	17	13	7
3470	Tapirapoã	♂	62	21	23	11	62	20	5	53,5	11	17	13	7

(1) Wagner não designou localidade exata.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guatemala, Venezuela; Brasil: Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

5631 ♂, Cuiabá, Mato-Grosso, Dr. Lindolfo Guimarães of., XII-1939; em alcool; Dep. Zoologia.

3470 ♂; Tapirapuã; Alto Sepotuba, M.-Grosso; Miranda Ribeiro col; em alcool; Museu Nacional.

Chilonycteris rubiginosa Wagner

Chilonycteris rubiginosa WAGNER, 1855, Wieg. Archiv., pg. 369 (Mato-Grosso); SCHREBER 1855, Säugethiere, Suppl., V, pg. 680; BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 76; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 452 (Guatemala e Colômbia); PELZELN, 1888, Brasilische Säugethiere, pg. 37 (Caiçara, Mato-Grosso); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 109.

LOCALIDADE TÍPICA: Mato-Grosso.

Maior que a precedente espécie, alto da cabeça muito menos elevado sobre a linha facial. No mais, incluindo o colorido, é inteiramente semelhante.

MIRANDA RIBEIRO¹ é de parecer que *C. personata* é apenas um jovem de *C. rubiginosa*, devendo prevalecer aquela denominação por ser mais antiga sua descrição.

Não tendo atualmente material suficiente que nos permita opinar sobre esta questão, limitamo-nos a mencionar esta pretensa espécie cuja distribuição geográfica é a mesma de *C. personata*.

SUBFAMÍLIA PHYLLOSTOMINAE

Phyllostomina GRAY, 1838, Mag. Zool. and Bot., II, pg. 846.

Phyllostominae DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 458; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal, Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 121.

Caracteriza-se pelo apêndice foliáceo do nariz sempre bem desenvolvido, com forma de ferradura na base e lanceolado na parte superior.

Focinho mais ou menos alongado, mento sempre verrucoso.

(1) M. RIBEIRO, Comissão de Linhas Telegráficas M.-Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 24.

Membrana interfemural bem desenvolvida; cauda geralmente distinta, muito raramente ausente.

A fórmula dentária varia nos diversos gêneros que podem ter de 30 a 38 dentes.

CHAVE PARA OS GÊNEROS BRASILEIROS DA SUBFAMÍLIA
PHYLLOSTOMINAE

A) Com cauda

a) Cauda curta perfurando a face dorsal da membrana interfemural

b) Focinho estreito e alongado (distância entre os olhos menor que
2 - 2

o comprimento do focinho); pm —
3 - 3

c) Lábios munidos de pequenas verrugas; antebraço com mais de 50 mm.

d) Osso metacarpiano do 5.^o dedo muito mais comprido que
2 - 2

o do terceiro dedo; i —..... *Trachops*
2 - 2

dd) Osso metacarpiano do quinto dedo igual em comprimento
2 - 2

ao do terceiro dedo; i —..... *Tonatia*
1 - 1

cc) Lábios sem verrugas; antebraço não excedendo a 32 mm.

e) Orelhas ligadas na base por estreita faixa de pele *Micronycteris*

ee) Orelhas completamente separadas, sem ligação alguma na base *Glyphonycteris*

bb) Focinho mais curto e largo (distância entre os olhos, igual ou
2 - 2

pouco maior que o comprimento do focinho); pm —
2 - 2

f) Muito grande (antebraço 82 mm.); apêndice nasal muito largo (sua largura é quasi igual ao
2 - 2

comprimento); i —..... *Phyllostomus*
2 - 2

ff) Menores (antebraço 45 mm.); apêndice nasal estreito (sua largura é muito menor que o comprimento); i —
2 - 2

primento); i —
1 - 1

- g) Apêndice foliáceo do nariz todo ou em parte crenulado; membrana das asas ligando-se à base dos dedos; membrana interfemural muito ampla, estendendo-se além dos pés *Anthorhina*
- gg) Apêndice do nariz não crenulado; membrana das asas ligando-se ao lado da tíbia; membrana interfemural mais curta.... *Mimon*
- aa) Cauda longa e toda contida na membrana interfemural
- h) Apêndice foliáceo do nariz muito longo e estreito, excedendo o comprimento da cabeça; 34 dentes;
2 - 2
pm — *Lonchorhina*
3 - 3
- hh) Apêndice foliáceo do nariz de tamanho médio, largo na base e menor que o comprimento da cabeça; 32 dentes;
2 - 2
pm — *Dolichophyllum*
2 - 2
- B) Sem cauda
- i) Com 34 dentes; 2.º premolar inferior quasi tão grande como o 1.º;
2 - 2
i — *Vampyrus*
2 - 2
- ii) Com 32 dentes; 2.º premolar inferior muito menor que o 1.º
2 - 2
i — *Chrotopterus*
1 - 1

Gênero PHYLLOSTOMUS Lacépède

Phyllostomus LACÉPÈDE, 1799, Tabl. des Div. Ordres et Génères des Mammifères, pg. 16.

Phyllostoma DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 484; TROUESART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112.

Phyllostomus MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull 57, pg. 130.

TIPO: *Vespertilio hastatus* Pallas.

Morcegos grandes, de formas robustas; focinho de regular tamanho; apêndice foliáceo bem desenvolvido e lanceolado; orelhas bem se-

paradas entre si; lábio inferior com um sulco em forma de V, sempre marginado por pequeninas verrugas.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos; membrana interfemural grande, envolvendo em sua parte superior uma curta cauda.

Crânio grande, constituído por ossos espessos; caixa craniana arredondada, elevando-se gradualmente sobre o rosto que é achatado.

Crista sagital bem desenvolvida; frontais achatados entre as órbitas; arcada zigomática forte, um tanto alargada em ambos os lados.

$$\begin{array}{ccccccc} & & 2 & 1 & & 2 & 3 \\ \text{Fórmula dentária: } & i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ & & 2 & 1 & & 2 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores médios grandes, bem unidos e largos, com bordos talhados em cinzel; incisivos externos muito pequenos, estreitamente unidos aos caninos; incisivos inferiores pequenos e de igual tamanho; primeiro premolar superior com cúspide oblíqua, unida à base do canino; segundo premolar superior muito maior e com uma única cúspide; primeiro premolar inferior triangular, quase igual em tamanho ao segundo; primeiro e segundo molares grandes e de igual tamanho.

Compreende oito espécies nas regiões tropicais da América, das quais apenas três ocorrem no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Orelhas mais curtas que a cabeça; folha nasal larga na base (sua largura é maior que o comprimento)
- a) Maior (antebraço 72 mm. a 80 mm.); calcâneo mais comprido que o pé *hastatus*
- aa) Menor (antebraço 50 mm.); calcâneo mais curto que o pé.... *discolor*
- B) Orelhas pouco mais longas que a cabeça; folha nasal comprida e estreita (seu comprimento é maior que a largura) *elongatum*

Phyllostomus hastatus hastatus (Pallas)

Vespertilio hastatus PALLAS, 1767, Spicileg. Zool., III, pg. 7 (América do Sul); GMELIN-LINNAEUS, 1788, Syst. Naturaes, 13 ed., pg. 47 (América do Sul).

Phyllostoma maximus WIED, Reise nach Brasil, II, pg. 242 (Baía).

? *Vampyrus spectrum* H. IHERING, 1893, Os mamíferos de S. Paulo, pg. 23.

Phyllostoma hastatum GEOFFROY, 1810, Ann. du Muséum, XI, pg. 177 (América do Sul); WIED, 1836, Beitrage zur Naturg. Brasil., II,

pg. 179 (Baía); BURMEISTER, 1854, *Thiere Brasiliens*, pg. 42; GERVAIS, 1855, *Expéd. du Comte de Castelnau, Zoologie*, pg. 47, pl. VI, fig. 8 (Amazonas, Goiaz e Baía); DOBSON, 1878, *Cat. Chiropt. Brit. Museum*, pg. 484 (Guianas e Brasil); TROUËSSART, 1904, *Cat. Mammal. Suppl.*, pg. 112; MIRANDA RIBEIRO, 1914, *Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia*, pg. 24 (Tapirapoã, Mato-Grosso).

Phyllostomus hastatus LIMA, 1926, *Os morcegos do Museu Paulista, Rev. do Mus. Paul.*, tomo XIV, pg. 29 (São Paulo, Espírito Santo e Goiaz).

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: É um dos maiores morcegos da América, atingindo sua envergadura 67 centímetros.

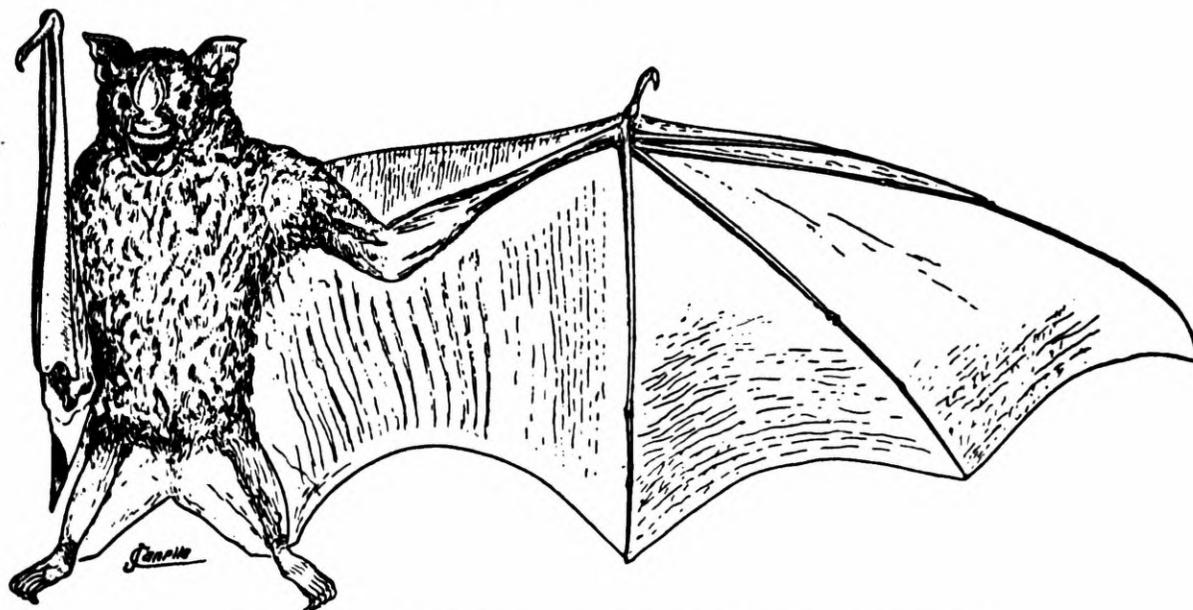


Fig. 9 — *Phyllostomus hastatus hastatus* (Pallas)

Cabeça volumosa com focinho um tanto alongado, de extremidade obtusamente cônica; apêndice do nariz largo (largura quasi igual à altura), base em forma de ferradura, extremidade lanceolada, com proeminência longitudinal no centro; lábio inferior com um sulco mediano marginado por pequenas verrugas.

Membrana d aasa estendendo-se até o tornozelo, coberta de pelos finos na superfície inferior, na região do antebraço; membrana interfemural com a parte superior também coberta de pelos; calcâneo bem desenvolvido, pouco maior que o pé.

Cauda curta, com cinco vértebras, toda envolvida pela membrana interfemural e salientando-se muito pouco na superfície superior.

Colorido muito variável com a idade, podendo ser cinza muito escuro, pardo-castanho ou mesmo pardo ferrugíneo. As partes inferiores são sempre mais claras.

Pelo fino e sedoso.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
2251	Esp. Santo ...	♂	39	22	7,5	9	6,5	5,5	25,5	14,5
5651	Amazonas	♂	38	21	7	8	6,5	5,5	25	14

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	2.ª falange	Polegar
5651	Amazonas	♂	105	16	34	19	80	24	8	72	19	36	20	12
5651a	Amazonas	♂	97	15	31	18	78	20	7	70	14	34	18	9
4044	Itapura (SP).	♀	94	15	30	14	75	19	7	74	16	35	18	9
4045	Itapura (SP).	♂	101	16	30	16	80	20	8	74	16	35	20	12
1723	Itapura (SP).	♀	110	—	32	20	80	20	8	72	20	35	22	13
2251	Esp. Santo ..	♂	109	—	32	18	79	19	8	73	19	35	21	12
2638	Goiaz	♂	109	—	31	18	80	19	8	73	20	36	21	12

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, Guianas; Brasil: Amazônia, Brasil Central e Meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

4388, ♂, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., IV-1936, pele cheia, Departamento de Zoologia.

5622, ♂, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., IV-1936, pele cheia, Departamento de Zoologia.

- 5651, ♂, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., IV-1936, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5651a, ♂, Itacoatiara (Amazonas). OLALLA col., IV-1936, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5651b, ♂, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., IV-1936, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2247, ♂, Espírito Santo, GARBE col., 1900, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 2249, ♀, Espírito Santo GARBE col., 1900, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2251, ♂, Espírito Santo GARBE col. 1900, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1720, ♂, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1722, ♂, Itapura (S. Paulo) GARBE col., IV-1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1723, ♀, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1726, ♀, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 4044, ♀, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1904, em alcool, Depart. de Zoologia.
 4045, ♂, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1936, em alcool, Depart. de Zoologia.
 4046, ♂, Itapura (S. Paulo), GARBE col., IV-1904, em alcool, Depart. de Zoologia.
 2638, ♂, Araguaia (Goiaz) BAER col., 1906, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3734, ♂, Tapirapoã (M.-Grosso), M. RIBEIRO col. 1909, em alcool Museu Nacional.
 3528, o?, Sem procedência, Museu Nacional.
 3735, o?, Sem procedência, Museu Nacional.
 3665, o?, Sem procedência, Museu Nacional.

Phyllostomus hastatus aruma Thomas

Phyllostomus hastatus aruma THOMAS, 1924, The Annals and Magazine of Natural History, vol. XIII, série 9, pg. 236.

LOCALIDADE TÍPICA: Taguatinga, Goiaz.

No aspecto externo em nada difere da raça típica; é porem menor e de colorido mais claro. Este é pardo muito claro no dorso e pardo acinzentado no pescoço e ventre.:

Crânio menor, com osos mais delgados e dentes muito menores, principalmente os caninos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

4035, ♂, comprimento total 29; largura bizigomática 14; largura enterorbital 6; altura occipital 7,5; largura palatal no M² 5; largura entre caninos 3; comprimento da mandíbula 19; comprimento da série de dentes no maxilar superior 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metaterno	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
4035	R. S. Domingos	♂	82	10	20	15	60	15	5	55	15	26	16	10
4071	R. S. Domingos	♂	80	10	20	14	59	14	5	54	14	25	15	9
4073	R. S. Domingos	♂	82	—	20	15	60	15	5	55	15	26	16	10
4072	Cana Brava ...	♀	75	—	20	14	59	13	5	53	13	23	14	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Esta raça é conhecida somente no norte de Goiás.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4035, ♂, Barra do Rio S. Domingos (Goiás), JOSÉ BLASER col. IV-1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
- 4071, ♂, Barra do Rio S. Domingos (Goiás), JOSÉ BLASER col., IV-1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
- 4073, ♂, Barra do Rio S. Domingos (Goiás), JOSÉ BLASER col. IV-1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.
- 4072, ♀, Cana Brava, Nova Roma (Goiás), JOSÉ BLASER col., IV-1933, pele cheia, Dep. de Zoologia.

Phyllostomus discolor discolor Wagner

Phyllostoma discolor WAGNER, 1843, Wieg. Archiv., pg. 366 (Mato-Grosso)

Phyllostoma angusticeps GERVAIS, 1855, Exp. du Comte de Castelnau, Zoologie, pg. 47 (Baía).

Phyllostoma discolor DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 487 (Surinan); PELZELN, 1888, Brasilische Säugethiere, pg. 31 (Cuiabá, Mato-Grosso); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112.

LOCALIDADE TÍPICA: Cuiabá, Mato-Grosso.

DESCRIÇÃO: Assemelha-se bastante a um exemplar jovem de *P. hastatus*.

Focinho mais estreito e comprido que o desta espécie; orelhas com extremidades mais arredondadas; calcâneo mais curto que pé.

Crânio menor e com o rostró mais comprido; dentes inteiramente semelhantes.

Colorido pardo avermelhado nas partes superiores, mais pálido na cabeça; pelos com bases branco amareladas; partes inferiores, todo o pescoço e a maior parte do peito e abdomen, pardo amarelados; lados do peito e do abdomen, muito mais escuros.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metaterno	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
3505	Manaus	♂	70	8	20	12	57	14	5	55	15	29	15	10
3607	S. Proced.	♀	70	8	20	12	57	14	5	55	15	27	15	10

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, Guianas; Brasil: Amazônia, Mato-Grosso e Piauí¹.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 3505, ♂, Manaus (Amazonas), LAKO col., 1927, em alcool, Museu Nacional.
 3607, ♀, Sem procedência e data, em alcool, Museu Nacional.
 3608, ♀, Sem procedência e data, em alcool, Museu Nacional.
 3609, ♂, Sem procedencia e data, em alcool, Museu Nacional.

Phyllostomus elongatum E. Geoffroy

Phyllostomus elongatum E. GEOFFROY, 1810, Annales du Museum, XV, pg. 182 (América do Sul); WAGNER, 1844, Supplem. Schreber Säugethiere, I, pg. 396; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 478; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethire, pg. 31 (Rio Branco, Mato-Grosso); TROUSSERT, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112.

(1) Cf. Sanborn, Neotropical Bats, Field Museum of Natural History, vol. 20, pág. 97, 1939.

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul².

DESCRIÇÃO: No aspecto externo é quase igual a *P. hastatus*, porem é muito menor. Apêndice foliáceo do nariz mais comprido e com extremidade muito mais aguçada. Orelhas pouco maiores que a cabeça, mais largas e com extremidades mais arredondadas, trago com extremidade mais aguda.

Membrana da asa ligando-se ao tornozelo; membrana interfemural muito grande e larga, envolvendo uma cauda bastante curta.

Machos com abertura circular do saco glandular na superfície inferior do pescoço; nas fêmeas esse saco é rudimentar.

Crânio muito menor e constituído de ossos muito mais delgados.

Disposição e forma dos dentes inteiramente semelhantes.

Colorido geral variando do pardo ferrugíneo ao cinzento murino; pontas das asas muito claras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

4418, ♂; comp. total 29,5; larg. bizigomática 17; larg. interorbital 5; altura occipital 9; larg. palatal no M² 5; larg. entre caninos 3,5; comp. da mandíbula 19; comp. da série de dentes no maxilar superior 11,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	2.ª falange	Polegar
4390	Foz do Curuá..	♀	80	15	23	14	60	15	6	53	15	28	14	9
4418	Buiussú	♂	85	16	24	15	62	18	6	55	16	29	15	10
4395	Caxiricatuba ..	♂	84	16	24	15	62	18	6	55	16	29	15	10
3658	Terezópolis ...	♂	79	14	24	14	60	15	6	55	15	28	14	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, Guianas, Amazônia e Estado do Rio de Janeiro.

(2) "Patrie inconnue; en Amerique selon toute l'apparence", E. GOFFROY SAINT-HILAIRE, *Annales du Museum*, Paris, 1810, pág. 185.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4390, ♀, Fóz do Curuá (Pará), OLALLA col., 20-XII-1936, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 4395, ♂, Caxiricatuba (Pará), OLALLA col., 27-III-1935, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 4418, ♂, Buiussú (Pará), OLALLA col., 30-IV-1936, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 3658, ♂, Terezópolis (Est. Rio de Janeiro), sem data, em alcool, Museu Nacional.

Gênero TRACHOPS Gray.

Trachops GRAY, 1847, Proc. Zool. Soc. London, pg. 14; idem, Ann. and Mag. Nat. Hist., vol. XIX, pg. 406.

Trachyops PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 512; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 481; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 122.

Trachops MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull 57, pg. 132; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 24.

TIPO: *Trachops fuliginosus* (= *Vampirus cirrhosus* Spix).

Gênero caracterizado pela presença de numerosas verrugas nos lábios e no mento.

Focinho de tamanho regular; folha nasal bem desenvolvida e lanceolada; orelhas grandes, quasi ovais e bem separadas; membrana interfemural grande, perfurada em sua parte superior por uma curta cauda.

Crânio com rostro mais alongado que o de *Phyllostomus* e caixa encefálica mais arredondada.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 4 & 1 & 2 & 3 \\ \text{i} & \text{---} & \text{c} & \text{---} & \text{pm} & \text{---} & \text{m} & \text{---} & = & 34 \\ & 4 & 1 & 3 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores médios grandes; incisivos superiores externos muito pequenos e quase invisíveis sem auxílio de lente; incisivos inferiores, iguais; molares com tubérculos agudos e um W nitidamente formado pelas cúspides.

Compreende uma única espécie no Brasil.



Fig. 10 — *Trachops cirrhosus* (Spix)

Trachops cirrhosus (Spix)

Vampyrus cirrhosus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilianum Brasiliensium, pg. 64, pl. XXXIV, fig. 3 (Pernambuco).

Trachops fuliginosus GRAY, 1847, Proc. Zool. Soc. London, pg. 14 (Pernambuco); idem, 1847, Annals and Mag. Nat. Hist., XIX, pg. 406 (Pernambuco).

Tylostoma mexicana SAUSSURE, 1860, Rev. et Mag. Zool., XII, pg. 484.

Trachyops cirrhosus PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 512; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 481 (Colômbia); TROUESART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112; PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zool. Anzeiger, vol. 28, pg. 18 (Iguape, São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Pernambuco.

DESCRIÇÃO: Muito semelhante no aspecto geral a *P. hastatus*, mas imediatamente reconhecível pela série de granulações em forma de verrugas que cobrem os lábios, mento e extremidade do focinho.

Orelhas grandes, ovais, mais largas que a cabeça e com extremidades arredondadas; trago bem desenvolvido, estreito, com margem interna côncava e extremidade em ponta aguçada.

Folha nasal como em *P. hastatus*, mas com a base coberta de pequenas granulações; mento e lábio inferior com sulco longitudinal central, marginado lateralmente por numerosas verrugas.

Membranas das asas ligando-se ao tarso; membrana interfemural grande e larga; calcâneo quasi do tamanho do pé; cauda curta, com quatro vértebras e toda envolvida pela membrana interfemural.

Colorido geral das partes superiores pardo ferrugíneo e escuro, mais claro nas partes inferiores. Pelos esbranquiçados na base, com as extremidades pardo cinzentas

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Procedência	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat Ms	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
4448	Pará	♀	29	15,5	5	8,5	4,5	3	20	12
5828	Rio Doce	♀	28,5	14	4,5	8	4,5	2,5	19	11

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
1203	Fortaleza	♀	67	9	26	15	60	22	43	20	30	14	9
4426	Buiussú	♂	77	10	26	15	62	23	44	21	30	15	10
4448	Piquiatuba	♀	78	11	25	15	62	23	44	21	30	15	10
4467	Rio Curuá	♂	78	11	25	16	61	23	45	20	30	14	10
5610	Rio Curuá	♀	78	11	25	16	61	23	45	20	31	14	10
5828	Ipatinga	♂	80	12	29	16	62	24	46	21	31	15	13

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4426, ♂, Buiussú (Pará), OLALLA col., 30-IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4370, ♂, Buiussú (Pará), OLALLA col., 30-IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4448, ♀, Piquiatuba (Pará), OLALLA col., 30-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5663, ♀, Boim, Rio Tapajoz (Pará), OLALLA col., 1935, pele cheia, D. de Zoologia.

- 4456, ♀, Rio Curuá (Pará), OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4467, ♂, Rio Curuá (Pará), OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4369, ♂, Rio Curuá, (Pará), OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5610, ♀, Rio Curuá, (Pará), OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5613, ♂, Rio Curuá, (Pará), OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1203, ♀, Fortaleza (Ceará), DIAS DA ROCHA col., em alcool, pele cheia, D. de Zoolog.
 5828, ♂, Rio Doce, Ipatinga (Minas Gerais), OLALLA col., 1940, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Gênero VAMPYRUS Leach

Vampyrus LEACH, 1821, Trans. Linn. Soc. London, XIII, pg. 79; PETERS, 1868, M. B. Akad. Berlin, pg. 504; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 504; TROUESSART, 1905, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 134.

TIPO: *Vespertilio spectrum* Linnaeus.

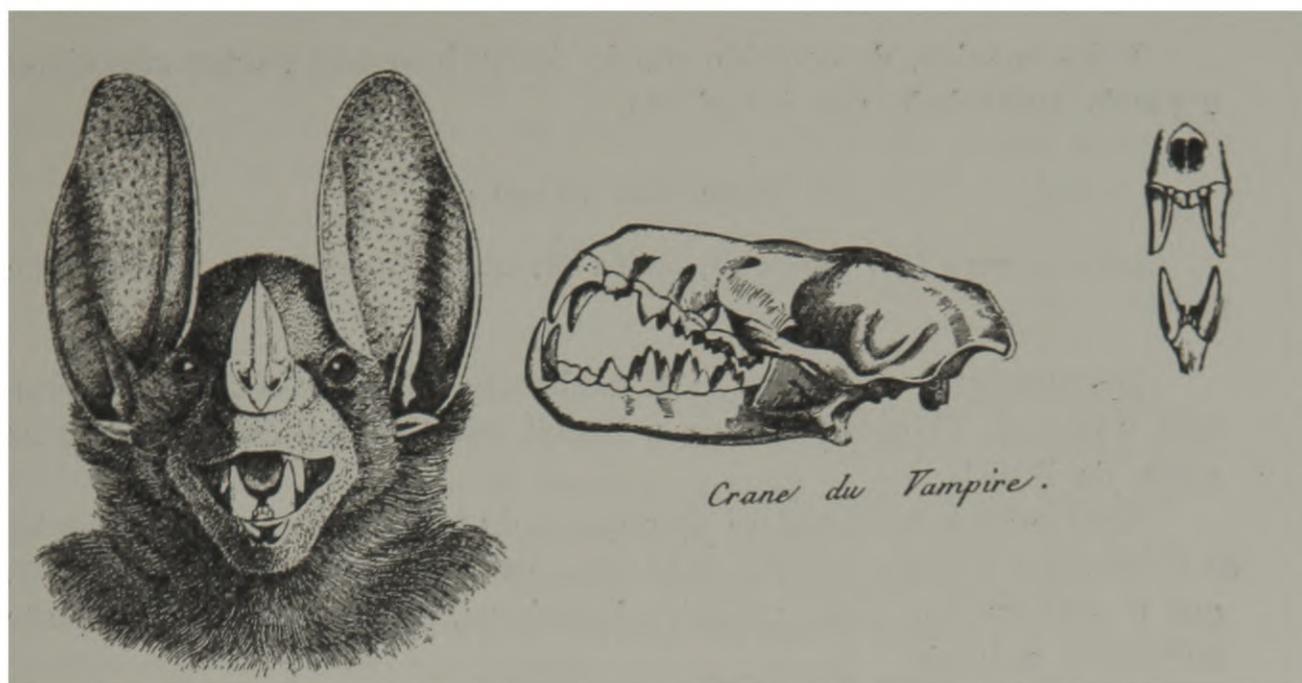
Assemelha-se bastante no aspecto geral a *P. hastatus*, diferindo no tamanho, que é muito maior, na dentição, e na absoluta ausência de cauda.

Nenhum representante deste gênero possuindo nossas coleções, damos aqui uma descrição sumária do crânio e dos dentes, baseada nas de DOBSON e MILLER: crânio muito alongado, pois a largura da caixa encefálica é menor que um terço de seu comprimento total; crista sagital bem desenvolvida e bastante elevada na região occipital; arcada zigomática dilatada anterior e posteriormente. Abóbada palatina alongando-se muito além do ultimo molar, até a metade da arcada zigomática.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - \\ 2 & & 1 & & 3 & & 3 & \end{array} = 34$$

Caninos muito grandes em ambas as mandíbulas; incisivos superiores médios curtos, em forma de cinzel e com bordos cortantes não sulcados; primeiro pre-molar superior com curta cúspide; molares superiores estreitos, com cúspides longas e agudas, formando um W; último molar superior em forma de lâmina transversal; molares inferiores muito mais estreitos e com longas e agudas cúspides.

A única forma deste gênero é a espécie tipo.



P. Vampire.

Fig. 11 — *Vampyrus spectrum* (L)

(E. Geoffroy, Annales du Muséum, t. XV, pg. 174, pl. II).

***Vampyrus spectrum* (Linnaeus)**

Vespertilio spectrum LINNAEUS, 1758, Syst. Naturae, 12 ed., pg. 46 (América do Sul); SCHREBER, 1775, Säugethiere, I, pg. 159, pl. XIV.

Phyllostoma spectrum E. GEOGROY, 1810, Annales du Museum, XV, pg. 174, pl. XI; BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 43.

Vampyrus spectrum LEACH, 1822, Trans. Linn. Soc., XIII, pg. 80; TOMES, 1861, Proceed. Zool. Soc., pg. 104; PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 504; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit Museum, pg. 470 (Jamaica, Nicarágua, Panamá e Guiana Inglesa); TROUSSERT, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110.

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: É o maior quiróptero da Região Neo-tropical, atingindo 14 cm. de comprimento total, com uma envergadura de 70 cm.

Alem dessas gigantescas proporções, caracteriza-se ainda pela cabeça muito alongada, com focinho comprido e estreito; orelhas grandes e largas, de feição oval, mais curtas que a cabeça; trago estreito e comprido; lábio inferior nu, com largo sulco mediano.

Membranas das asas estendendo-se até à base dos pés, que são pequenos; calcâneo cerca de tres quartos do comprimento da tibia; membrana interfemural grande, estendendo-se, quando expandida, alem dos pés; nenhuma cauda.

Pelos macios, de colorido pardo ferrugíneo nas partes superiores e pardo amarelado nas inferiores.

DIMENSÕES EXTERNAS

Cabeça e corpo 140; cabeça 50; orelha 45; trago 15; antebraço 104; tibia 50; pé 29.¹

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: É conhecido por toda a América Central, Jamaica, Trinidad, Guianas, Brasil setentrional, da Amazônia ao norte da Baía².

Este grande morcego foi erroneamente tido como perigoso sugador de sangue por antigos autores, tais como BUFFON, AZARA e E. GEOFFROY, que o descreveram como vampiro insaciavel, atacando indistintamente homens e animais.

Hoje está provado que é um animal inofensivo, alimentando-se quasi exclusivamente de insetos e frutos³.

Gênero CHROTOPTERUS Peters

Chrotopterus PETERS, 1865, Monatsber. K. Preuss Akad. Wissench Berlin, pg. 505; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 469, (subgênero de *Vampyrus*); ALLEN, 1900, Bull. Am. Mus. Nat. Hist., XIII, pg. 91; TROUESSART, 1905, Cat Mammal. Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 133.

TIPO: *Vampyrus auritus* Peters.

Este gênero foi considerado por DOBSON e outros, como um simples subgênero de *Vampyrus*, mas é suficientemente caracterizado para constituir um gênero distinto.

Morcegos de avantajadas proporções, bastante semelhantes no aspecto externo a *Vampyrus*, mas bem menores e munidos de cauda rudimentar, quasi imperceptivel.

Crânio semelhante ao de *Phyllostomus*, porem mais estreito e com caixa encefálica menos elevada sobre o rostro; esta, em sua maior

(1) Descrição baseada na de DOBSON, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pág. 470.

(2) FIDE BURMEISTER, Thiere Brasiliens, pág. 44.

(3) Recentemente, P. L. DITMARS que observou na ilha de Trinidad, verificou serem tambem carnívoros, pois é comum encontrar-se nos ocos das árvores que habitam, penas de aves e restos de pequenos mamíferos. Em cativo, afirma o mesmo autor, não recusa carne, principalmente de aves. (Bull. New-York Zoological Society, vol. 38, pág. 213, 1935).

largura, é maior que a metade do comprimento total daquele. O rostro é bem mais comprido do que o de *Phyllostomus* e muito menos achatado. Crista sagital bem saliente, principalmente na parte posterior.

$$\begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 3 \\ \text{Fórmula dentária: } i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ 1 & 1 & 3 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores médios muito grandes e sem sulcos; incisivos externos muito pequenos e bem unidos à base dos caninos; incisivos inferiores pequenos, em forma de cinzel e também bem unidos aos caninos; caninos superiores triangulares, com margem saliente na parte interna; primeiro pre-molar superior muito pequeno; segundo pre-molar superior grande e quase triangular; primeiro pre-molar inferior pequeno; segundo pre-molar inferior extremamente reduzido e situado na parte interna.

O tipo é a única espécie conhecida, com duas raças: *Chrotopterus auritus guianae* Thomas, da Venezuela e Guianas, e *Chrotopterus auritus australis* Thomas, do Paraguai e Brasil Meridional.

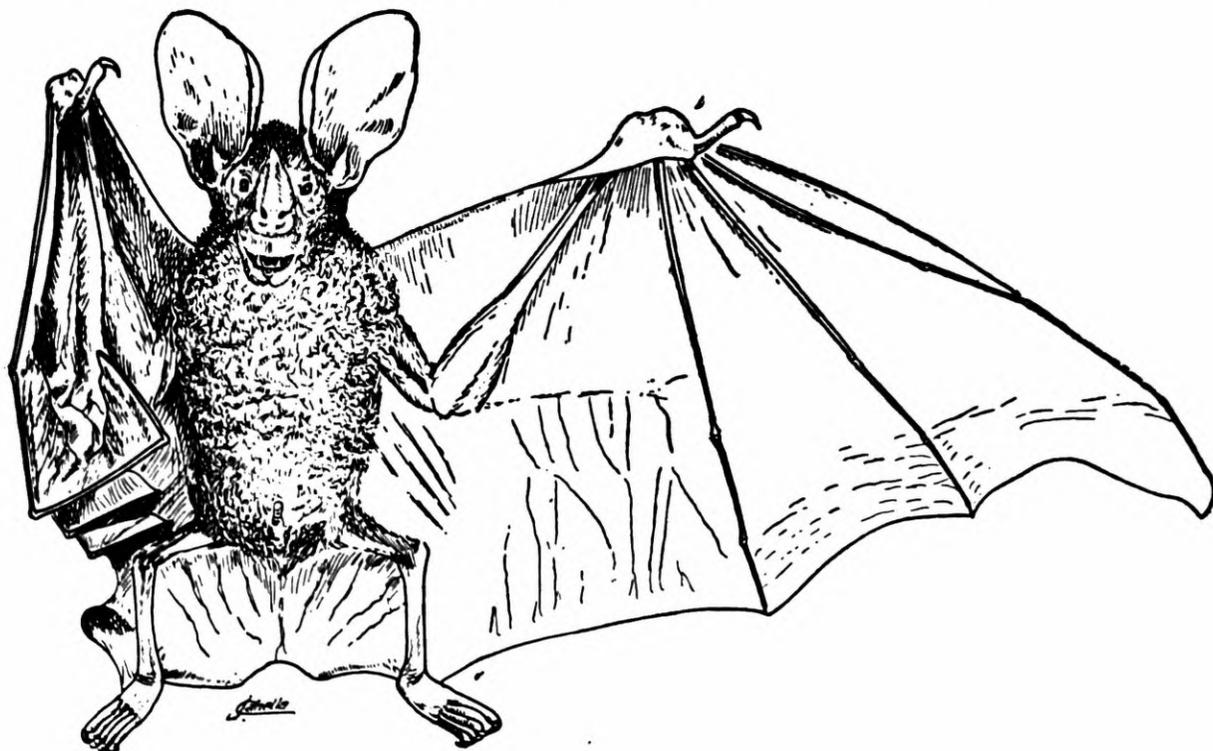


Fig. 12 — *Chrotopterus auritus australis* (Thomas)

Chrotopterus auritus australis (Thomas)

Vampyrus auritus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 471
(em parte, Rio de Janeiro).

Chrotopterus auritus PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 505 (em parte); H. IHERING, 1895, Os mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 20 (São Lourenço, R. G. Sul); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110 (em parte); LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 28 (Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraguai).

Chrotopterus auritus australis THOMAS, 1905, Ann. and Mag. of Nat. Hist., série 7, vol. XVI, pg. 308 (Concepcion, Paraguai); CABRERA, 1938, Notas del Museu de La Plata, Zoologia, n.º 8, tomo III, pg. 5 (Rio Bermejo, Argentina).

LOCALIDADE TÍPICA: Concepcion, Paraguai.

DESCRIÇÃO: De grande tamanho, alcançando sua envergadura cerca de 50 cm..

Orelhas muito grandes e largas, de feitio mais ou menos oval; trago relativamente pequeno, comprido e estreito; antítrago arredondado, com extremidade também arredondada.

Apêndice foliáceo do nariz bem desenvolvido, de feitio lanceolado, tendo na base uma membrana em forma de ferradura em volta das narinas; lábios superior e inferior quase nus; mento com profundo sulco no centro, marginado por duas proeminências nuas.

Membranas das asas ligadas à base dos dedos do pé; membrana interfemural bastante larga, com cauda rudimentar quase imperceptível; calcâneo de regular tamanho.

Colorido pardo avermelhado nas partes superiores e pardo cinza nas inferiores; patágio pardo escuro; extremidades das asas esbranquiçadas.

A raça *Chrotopterus auritus guianae*, conforme THOMAS, difere em ter as extremidades das asas largamente brancas e a base do polegar e as membranas ineticamente nuas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. entre can.	Larg. palat M ^s	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
3077	Minas Gerais ..	♀	37	21	6	8,5	3,5	5	24	13
2057	Rio G. do Sul..	♂	37	21	6	8,5	3,5	5	24	13

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
1478	Iguape	♂	100	33	21	80	30	10	60	30	38	20	13
1480	Iguape	♂	95	34	21	81	30	9	60	30	35	21	13
3077	Pirapora	♀	112	35	21	81	28	10	62	32	35	20	15
1476	Rio G. do Sul..	♂	95	35	21	81	28	9	62	32	36	20	15
1473	Paraguai	♂	105	35	21	77	25	10	60	30	34	18	14

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Paraguai, norte da Argentina e Brasil Meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 646, o?, Funil (São Paulo), O. DREHER col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1478, ♂, Iguape (São Paulo), R. KRONER col., 1904, em álcool, Dep. de Zoologia.
 1480, ♂, Iguape, (São Paulo), R. KRONER col., 1904, em álcool, Dep. de Zoologia.
 1475, ♂, Est. Rio Janeiro, GARBE col., 1904, em álcool, Departamento de Zoologia.
 3077, ♀, Pirapora (Minas Gerais), GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1434, ♂, S. Lourenço (R. G. do Sul), ENSLEN col., 1904, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1476, ♂, S. Lourenço (R. G. Sul), ENSLEN col., 1904, em álcool, Dep. Zoologia.
 1479, ♀ Juv. S. Lourenço (R. G. Sul), ENSLEN col., 1904, em álcool, Dep. Zoologia.
 2057, ♂, S. Lourenço (R. G. Sul), ENSLEN col., 1904, em álcool, Dep. Zoologia.
 2058, ♀, S. Lourenço (R. G. Sul), ENSLEN, col., 1904, em álcool, Dep. Zoologia.
 1743, ♂, Incarnacion (Paraguai), SCHROTSKY col., pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3511, o?, Rio Bravo (Minas Gerais), E. DIAS col., em álcool, Museu Nacional.

Gênero TONATIA Gray

- Tonatia* GARY, 1827, Griffith's Cuvier, Animal Kingdom, V, pg. 71.
Lophostoma D'ORBIGNY, 1836, Voyage dans l'Amérique Meridionale, pl. VI; GERVAIS, 1855, Expédition du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 48; DOOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 473.

Tonatia TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 128; LIM, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, p. 21.

TIPO: *Vampyrus bidens* Spix.

Morcegos de regular tamanho, com orelhas grandes e largas que podem ser completamente separadas ou unidas na base por uma estreita faixa de pele.

Alto da cabeça pouco elevado sobre o focinho, que é comprido e munido de larga folha nasal.

Membrana interfemural larga, perfurada na parte superior por curta cauda, membranas das asas ligadas ao tarso ou metatarso.

Crânio estreito e comprido (a largura da caixa encefálica é menor que a metade do comprimento total do crânio); rostró pouco achatado; crista sagital bem desenvolvida.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} 2 & 1 & 3 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ 1 & & 1 & & 3 & & 3 & & & \end{array}$$

Incisivos superiores externos muito pequenos; incisivos superiores internos grandes e mais ou menos agudos, com as pontas bem unidas; segundo pre-molar inferior muito reduzido, situado na parte externa da fileira dos dentes; primeiro premolar superior inclinado para dentro.

São insetívoros, sendo frequentemente encontrados sobre ninhos de térmitas.

Compreende quatro espécies, das quais três ocorrem no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Orelhas pouco menores que a cabeça e completamente separadas na base
- a) Maior (antebraço 46 mm.); pelos de coloridos uniformemente pardo escuro *bidens*
 - aa) Menos (antebraço 36 mm.); pelos de colorido branco na base e pardo escuro nas extremidades *brasiliense*
- B) Orelhas maiores que a cabeça e ligeiramente ligadas na base por estreita faixa *amblyotis*

Tonatia bidens (Spix)

Vampyrus bidens SPIX, 1823, Simiaram et Vespertilionum Brasiliensium, pg. 64, pl. XXIV, fig. 5 (Baía).

Phyllostoma childreni GRAY, 1838, Mag. Zool. & Bot., II, pg. 488.

Tylostoma childreni GRAY, 1866, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 114.

Lophostoma bidens PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 509; PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zool. Anzeiger, vol. XXVIII, pg. 18 (Iguape, São Paulo).

Tonatia bidens DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 473 (Brasil); TROUESSART, 1905, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., pg. 22 (São Sebastião, São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Rio São Francisco, Baía.

DESCRIÇÃO: Orelhas grandes, largas, arredondadas, pouco menores que a cabeça e sem faixa alguma basal estabelecendo ligação entre elas; trago comprido, estreito e com extremidade pontuda.

Apêndice nasal largo, curto e lanceolado, com base pouco proeminente em volta das narinas; lábio superior sem verrugas; lábio inferior com três verrugas no centro, marginadas por dupla fileira de outras pequeninas verrugas.

Membrana interfemural bem larga, com curta cauda perfurando-a ligeiramente na parte superior; membranas das asas ligadas ao tarso; calcâneo curto, pouco maior que o pé.

Colorido geral pardo escuro, mais claro nas partes inferiores; pelagem espessa, recobrendo densamente todo o corpo, inclusive o antebraço. Todas as membranas são nuas, assim como os pés.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2520, ♀ comprimento total 25,5; largura bizigomática 13; largura interorbital 6; altura occipital 7; largura palatal no M² 3; largura entre caninos 2,5; comprimento da mandíbula 16,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior 9,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

2520, ♀, cabeça e corpo 68; cauda 13; tíbia 22; pé 16; trago 6; altura da orelha 23; antebraço 50; 3.º metacarpo 40; 1.ª falange 18; 2.ª falange 20; 3.ª falange 15; polegar 12.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas e Brasil: Amazônia, Baía, Rio de Janeiro e S. Paulo.

EXEMPLAR EXAMINADO

2520, ♀, Ilha de São Sebastião, São Paulo, GÜNTHER col., XI-1907, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Tonatia brasiliense (Peters)

- Lophostoma brasiliense* PETERS, 1866, M. B. Akad. Berlin, pg. 674 (Baía);
 DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 474 (Baía).
Tonatia brasiliense TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111.

LOCALIDADE TÍPICA: Baía.

DESCRIÇÃO: Muito menor que *T. bidens*, mas assemelhando-se bastante no feitio das orelhas, folha nasal e dentes. O pelo difere na cor, e, no exemplar tipo (pele duma fêmea adulta), nenhum vestígio de cauda. Partes superiores de um colorido pardo muito mais claro que em *T. bidens* e a base dos pelos é amarelo pálido; partes inferiores, pardo acinzentadas, muito claras. Uma estreita linha de pelos estende-se sobre o úmero e a parte carnosa do antebraço, mas as membranas são completamente nuas.

DIMENSÕES EXTERNAS

Comprimento total (cabeça e corpo) 62; altura da orelha 17; antebraço 27; tibia 15; calcâneo 13; pé 5.1.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Conhecido apenas na Baía.

Tonatia amblyotis (Wagner)

- Phyllostoma amblyotis* WAGNER, 1843, Wieg. Archiv., pg. 365 (Baía);
 idem, 1855, Abhandl. München Akad., V, pg. 164 (Baía).
 ? *Lophostoma sylvicolum* D'ORBIGNY, 1847, Voyage dans l'Amerique Méridionale, pg. 11 (Bolívia); GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 48, pl. 10, fig. 6 (Baía).
Lophostoma amblyotis PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 509;
 DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 475.
Vampyrus (Lophostoma) amblyotis PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 32 (Rio de Janeiro e Mato-Grosso).
Tonatia amblyotis THOMAS, 1902, Annals and Magazine Nat. History, X, pg. 54 (Panamá e Colômbia); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supl., pg. 111; MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, anexo 5, Zoologia, pg. 24 (São Luiz de Cáceres, Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Mato-Grosso.

DESCRIÇÃO: Do mesmo tamanho de *T. bidens*, com o qual muito se

(1) Descrição de DOBSON, baseada na de PETERS.

assemelha no aspecto externo, porem difere em ter as orelhas bem maiores e unidas na base por uma estreita faixa de pele.¹

Membranas das asas ligadas ao metatarso; calcâneo mais comprido que o pé; cauda do mesmo comprimento dos pés, perfurando a membrana interfemural na parte superior.

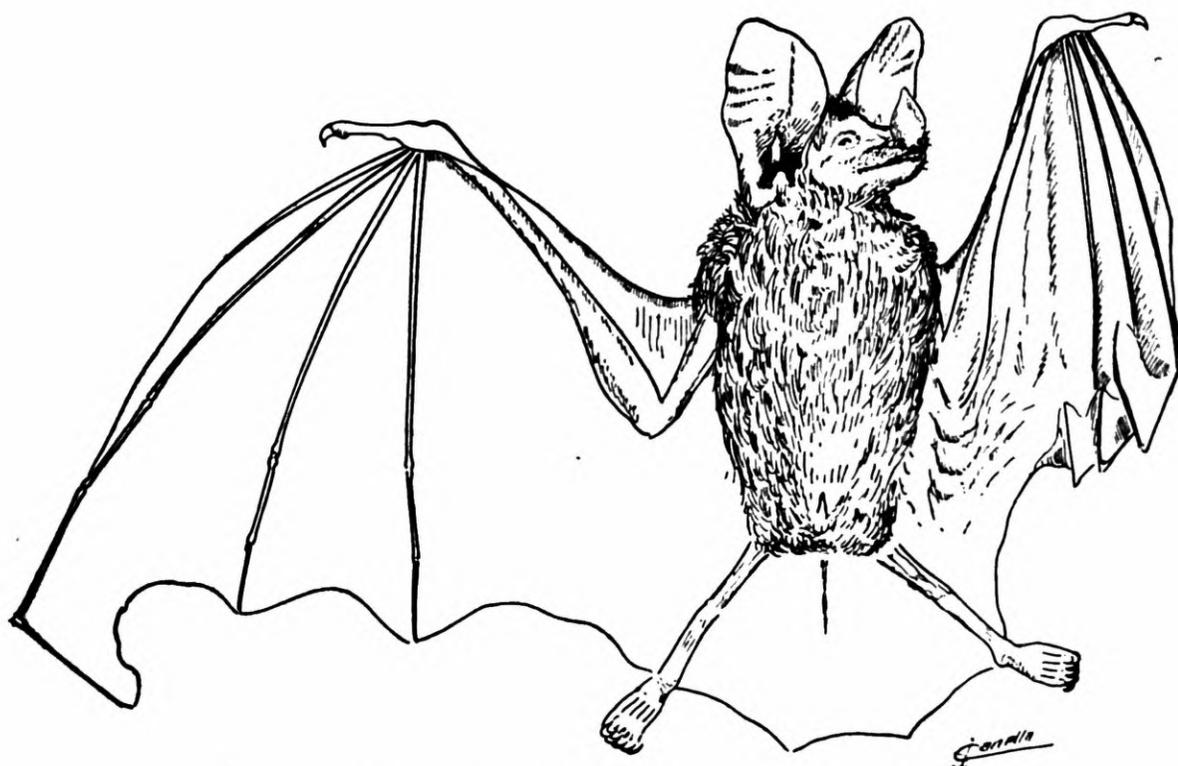


Fig. 13 — *Tonatia amblyotis* (Wagner)

Antebraço revestido de pelos na parte inferior, mas completamente nu na superior; polegar também revestido de pelos na base.

Crânio com crista sagital notavelmente desenvolvida.

Colorido inteiramente semelhante ao de *T. bidens*.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5656, ♂, comprimento total, 28,5; largura bizigomática, 14; largura interorbital, 3,5; largura palatal no M², 3,5; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 17; comprimento da série no maxilar superior, 5,5.

(1) THOMAS (Ann. and Mag. Nat. Hist., série 7, vol. X, pág. 53, 1902), acha que esse caráter não é privativo desta espécie, pois existe em todos os membros do gênero *Tonatia*, atribuído à má interpretação da descrição original de WAGNER: "It may be noticed that by a mistranslation of a sentence in Peter's description, the species is erroneously stated by Dobson to have a connecting band across the forehead between the ears. The structure described by Peters is the usual small basal band behind each ear present in all members of the group." O nosso único exemplar de *T. bidens* não apresenta, entretanto, vestígio algum de ligação na base das orelhas..

DIMENSÕES EXTERNAS

5656, ♂, cabeça e corpo, 68; cauda, 13; tíbia, 27; pé, 13; altura da orelha, 31; trago, 8; antebraço, 52; 3.º metacarpo, 43; 1.ª falange, 20; 2.ª falange, 21; 3.ª falange, 15; polegar, 15.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central e Brasil: Estados do Pará e Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

5656, ♂, Pará, OLALLA col., 7-VII-1935, em alcool, Departamento de Zoologia.

Gênero MIMON Gray

Mimon GRAY, 1847, *Proced. Zool. Soc. London*, pg. 14; DOBSON, 1878, *Cat. Chiropt. Brit. Museum*, pg. 491; TROUESSART, 1904, *Cat. Mammal. Suppl.*, pg. 113; MILLER, 1907, *The Fam. and Genera of Bats*, *Bull. 57, U. S. Nat. Museum*, pg. 129.

TIPO: *Phyllostoma bennettii* Gray.

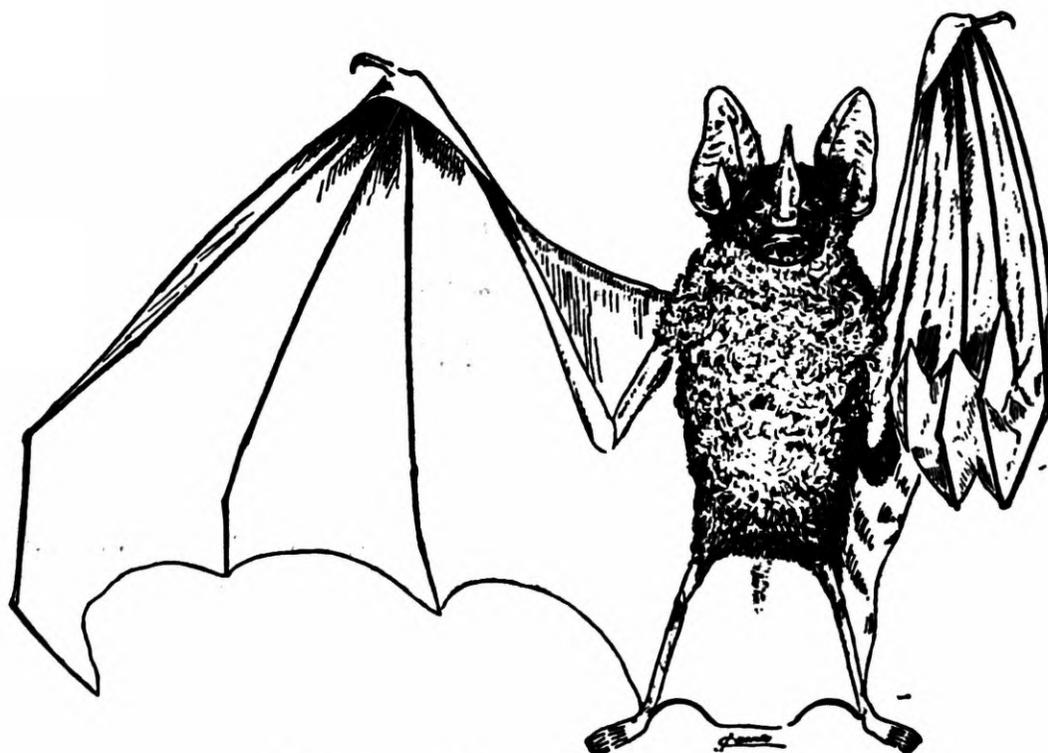
Tamanho regular, focinho alongado; apêndice nasal estreito; orelhas bem separadas; mento sulcado; membranas das asas ligadas ao tornozelo; membrana interfemural muito larga, com cauda bem desenvolvida na parte superior.

Crânio semelhante ao de *Tonatia* porem mais curto e constituído de ossos mais delgados; arcada zigomática muito estreita, sem dilatações em quaisquer das extremidades; crista sagital muito pouco desenvolvida.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 30 \\ 1 & & 1 & & 2 & & 3 & & & \end{array}$$

Dentes também semelhantes ao de *Tonatia*: incisivos superiores internos relativamente grandes, unicúspidos e dirigidos para o lado de dentro; incisivos externos muito pequenos; incisivos inferiores pequenos; primeiro pre-molar superior com cúspide oblíqua dirigida para dentro e tocando na base do canino; segundo pre-molar superior muito maior e unicúspido; molares superiores normais, quase iguais em tamanho e com cúspides formando um perfeito W.

Uma única espécie.

Fig. 14 — *Mimon bennettii* (Gray)***Mimon bennettii* (Gray)**

Phyllostoma bennettii GRAY, 1838, Mag. Zool. & Bot., II, pg. 488 (Brasil).

Mimon bennettii GRAY, 1847, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 14; idem, 1847, Ann. and Mag. Nat. Hist., XIX, pg. 406; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 491 (América do Sul); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 113; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 25 (Colônia Hansa, Santa Catarina).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Do tamanho de *T. bidens* e muito semelhante no aspecto externo.

Orelhas grandes pouco maiores que a cabeça, de feitio ou menos triangular, com extremidades quase pontudas; trago não muito comprido e com extremidades aguçadas.

Folha nasal comprida e estreita (seu comprimento é igual a duas vezes a largura), lanceolada, com saliência longitudinal no centro; mento nu, sulcado no centro.

Membranas das asas ligadas ao tornozelo; cauda curta, toda envolvida pela membrana interfemural que é muito grande, estendendo-

se, quando bem expandida, além dos pés; calcâneo pouco mais longo que a tíbia.

Colorido geral pardo cinamomo nas partes superiores, mais claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1096, ♀, comprimento total, 29; largura bizigomática, 3,5; largura interorbital, 5; altura occipital, 6; largura palatal no M², 3; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 16; comprimento da série dos dentes no maxilar superior, 9.

DIMENSÕES EXTERNAS

1096, ♀, cabeça e corpo, 65; cauda, 10; tíbia, 20; pé, 12; orelha, 26; trago, 8; antebraço, 53; 3.º metacarpo, 45; 1.ª falange, 17; 2.ª falange, 23; 3.a falange, 11; polegar, 10.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: México e Brasil: Estados de São Paulo e Santa Catarina.

EXEMPLAR EXAMINADO

1906, ♀, Colônia Hansa (Santa Catarina), EHRHARDT col., IX-1903, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Gênero ANTHORHINA Lydekker

Tylostoma GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 49; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 488.

Anthorhina LYDEKKER AND FLOWER, 1891, Mammals living and extincts, pg. 674 (novo nome para *Tylostoma* preocupado por SHARPE, 1849); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 129.

TIPO: *Phyllostoma crenulatum* Geoffroy.

Tamanho regular, focinho curto; folha nasal muito comprida, estreita e lanceolada; orelhas grandes, largas e bem separadas; lábio inferior nu com um sulco mediano marginado por granulações em forma de verrugas; membrana interfemural muito grande, estreita e, quando expandida, excede os pés; cauda longa, alcançando a metade da membrana interfemural.

Crânio muito semelhante ao de *Mimon*, mas com rostro mais curto.

$$\text{Fórmula dentária: } i \begin{array}{c} 2 \\ 1 \end{array} - c \begin{array}{c} 1 \\ 1 \end{array} - pm \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} - m \begin{array}{c} 3 \\ 3 \end{array} = 30$$

Incisivos superiores médios grandes, unicúspidos e cônicos; exter-
termos muito reduzidos e também cônicos; primeiro pre-molar superior
muito pequeno, com cúspide vertical; segundo premolar grande, com
cerca de metade do comprimento do canino; molares normais, com um
W nitidamente formado pelas cúspides; incisivos inferiores pequenos,
com bordos cortantes.

Compreende três espécies, todas do Brasil.

CHAVES PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Folha nasal com a parte livre toda crenulada *crenulatum*
 B) Folha nasal com a parte livre não crenulada
 b) Calcâneo mais longo que a tibia *longifolium*
 bb) Calcâneo mais curto que a tibia *picata*

Anthorhina crenulatum (E Geoffroy)

Phyllostoma crenulatum E. GEOFFROY, 1810, Ann. du Museum, XV, pg.
183, pl. 10 (América do Sul).

Tylostoma crenulatum GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU,
Zoologie, pg. 49, pl. VIII, fig. 9 (Brasil); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt.
Brit. Museum, pg. 489 (SURINAN).

Anthorhina crenulatum TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112.

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul¹.

DESCRIÇÃO: Distingue-se logo pelo apêndice foliáceo do nariz todo
crenulado em ambas as margens.

Alto da cabeça não muito elevado sobre o focinho que é curto e
obtusos; lábio inferior e mento com um espaço nu em forma de V mar-
ginado por duas pequenas verrugas.

Orelhas grandes, mais compridas que a cabeça, largas e ovais;
trago curto, com a margem externa profundamente rendilhada e apre-
sentando na parte mediana, uma proeminência bem saliente.

Apêndice nasal comprido, com cerca de três quarto do compri-
mento da orelha, largo na base e afinando-se gradualmente até a ex-

(1) "Patrie inconnue, en Amérique, vraisemblément", E. GEOFFROY SAINT-HILAIRE,
Annales du Muséum, 1810, pág. 183.

tremidade que é aguçada; ambas as margens são crenuladas e recobertas de pelos exparsos; no centro, uma saliência longitudinal.

Membranas das asas estendendo-se até a base dos dedos dos pés e toda nua; polegar, muito curto, menor que o pé.

Membrana interfemural grande, excedendo os pés, quando expandida.

Colorido geral pardo escuro nas partes superiores, mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5789, o?, comprimento total, 20; largura bizigomática, 11; largura interorbital, 6,5; altura occipital, 6; largura palatal no M², 7; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 11,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 8.

DIMENSÕES EXTERNAS

5784, o?, cabeça e corpo, 60; cauda, 24; tibia, 17,5; pé, 10,5; altura da orelha, 20; antebraço, 45; 3.º metacarpo, 45; 1.a falange, 14,5; 2.a falange, 24; 3.a falange, 12; polegar, 8.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas e Baía.

EXEMPLAR EXAMINADO

5784, o?, Machado Portela (Baía), 1904, em alcool (muito estragado), Departamento de Zoologia.

Anthorhina longifolium (Wagner)

Phyllostoma longifolium WAGNER, 1843, Wieg. Archiv., pg. 365 (Mato-Grosso); idem, 1843, Abhand. München Akad., V, pl. II, pg. 163 (Mato-Grosso).

Tylostoma longifolium PETERS, 1866, M. B. Akad, Berlin, pg. 398; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 490.

Phyllostoma (Tylostoma) longifolium PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 112.

LOCALIDADE TÍPICA: Vila Maria, Mato-Grosso.

DESCRIÇÃO: Pouco maior que a espécie precedente e muito semelhante, mas diferenciando-se no colorido e na folha nasal, que não é crenulada.

Focinho do mesmo feitio; orelhas mais arredondadas; trago com margem externa rendilhada e extremidade aguçada.

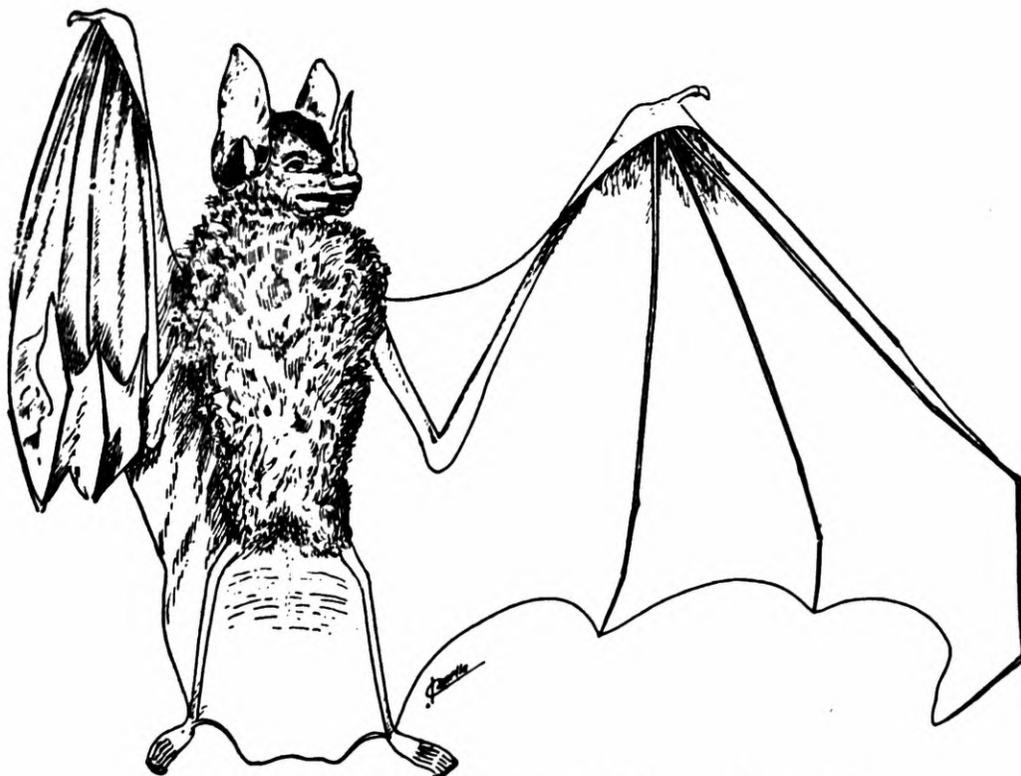


Fig. 15 — *Anthorhina longifolium* (Wagner)

Folha nasal muito comprida, estreita, com saliência longitudinal no centro e recoberta de pelos; a membrana da base desse apêndice que envolve as narinas, dilata-se inferiormente formando uma saliência que se projeta ligeiramente sobre o lábio superior; lábio inferior inteiramente igual ao de *A. crenulatum*.

Membranas das asas ligadas ao metatarso; membrana interfemural muito larga, excedendo os pés, quando expandida; cauda comprida, estendendo-se até quase além da metade da membrana interfemural. Essas membranas são quase inteiramente nuas, só existindo alguns pelos na região do úmero.

Colorido das partes superiores pardo muito escuro com uma listra branca amarelada ao longo da espinha dorsal; partes inferiores cinzentas e amareladas; garganta e mento amarelo pardacentos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5612, ♀, comprimento total, 21,5; largura bizigomática, 12,5; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 5,5; largura entre caninos, 3,5; comprimento da mandíbula, 15; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 4.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar	Trago
5612	Piquiatuba ...	♀	66	22	24	9	48	15	46	14	25	15	7	8
5629	Piquiatuba ...	♀	65	19	22	8	46	12	43	13	22	12	6	8
5619	Rio Tapajoz ...	♀	55	13	20	8	45	11	42	13	23	13	6	8
5664	Rio Tapajoz ...	♀	65	16	21	9	45	12	42	13	23	13	7	8

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas e Brasil: Estados do Amazonas, Pará e Mato-Grosso.

EXEMPLAR EXAMINADO

- 5612, ♀, Piquiatuba (Pará), OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5619, ♀, Piquiatuba (Pará), OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5629, ♀, Piquiatuba (Pará), OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5664, ♀, Rio Tapajoz (Pará), OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5666, ♀, Rio Tapajoz, (Pará), OLALLA col., 10-V-1936, pele cheia, Dep. de Zoologia.

Anthorhina picata Thomas

Anthorhina picata THOMAS, 1903, Ann. Mag. Nat. Hist., série 7, vol. XVI, pg. 457 (Baía); TOLDT, 1910, Die Chiropt. Ausbeute, Zool. Exp. Brasil, Denkschr. Aaad. Wiss. Wien, pg. 49 (Paranaguá, Piauí).

Anthorhina picatum TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 112.

LOCALIDADE TÍPICA: Lamarão, Baía.

DESCRIÇÃO: Difere da espécie precedente principalmente no colorido.

Folha nasal comprida e revestida de pelos, assim como as margens anteriores das orelhas.

Asas ligadas à base do metatarso; calcâneo mais curto que na espécie precedente.

Colorido geral pardo escuro, extremidades dos pelos esbranquiçadas; uma lista dorsal branca corre do focinho à raiz da cauda; pelos das bases das orelhas bem brancos, formando duas grandes manchas brancas de cada lado; lados do focinho, pardos. As partes inferiores, assim como uma listra que corre de cada lado dos ângulos da mandíbula até a borda interna das orelhas são esbranquiçadas e misturadas de amarelo pardacento.

DIMENSÕES EXTERNAS

Cabeça e corpo 65; antebraço 48; cauda 22; orelha 27; folha nasal 15; trago 8; 3.º dedo: metacarpo 47; 1.ª falange 14; 2.ª falange 25,5; tibia 22,5; calcâneo 22¹.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Esta espécie é conhecida somente na Baía.

Gênero LONCHORHINA Tomes

Lonchorhina TOMES, 1863, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 81; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 461; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 127.

TIPO: *Lonchorhina aurita* Tomes.

Caracterizado pelo enorme desenvolvimento do apêndice nasal, que é estreito, comprido e lanceolado; focinho cilíndrico; orelhas grandes, largas e bem separadas; membrana interfemural bem desenvolvida, envolvendo uma longa cauda em toda sua extensão, como na família *Vespertilionidae*.

Crânio muito semelhante ao de *Chilonycteris*, mas diferindo em ter uma concavidade no centro da base do rostró, entre as órbitas e os ossos nasais fortemente convexos. Crista sagital quasi imperceptível.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 34 \\ 2 & & 1 & & 3 & & 3 & & & \end{array}$$

Segundo pre-molar inferior muito reduzido, situado do lado interno da fileira dos dentes e pouco perceptível sem auxílio de lente.

Incisivos superiores médios talhados obliquamente em cinzel; incisivos externos pequenos, com cúspides agudas e unidas à base dos ca-

(1) Descrição baseada no original.

ninos; primeiro pre-molar superior muito pequeno; último molar superior pequeno; incisivos inferiores pequenos e iguais.

Compreende unicamente a espécie tipo.

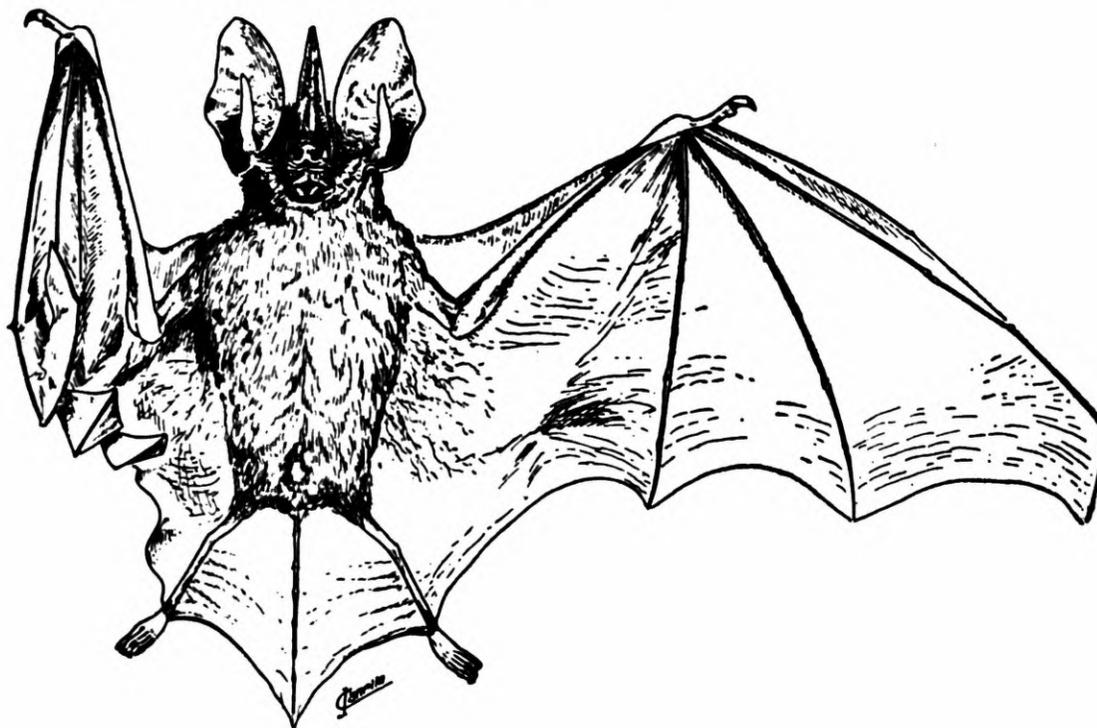


Fig. 16 — *Lonchorhina aurita* Tomes

Lonchorhina aurita Tomes

Lonchorhina aurita TOMES, 1863, Proc. Zool. Soc. London, pg. 83 (Trinidad); PETERS, 1866, M. B. Akad. Berlin, pg. 663; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 462; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110.

LOCALIDADE TÍPICA: Ilha de Trinidad.

DESCRIÇÃO: Espécie bem caracterizada pela enorme folha nasal, maior que a cabeça e do tamanho da orelha.

Cabeça com crânio muito pouco elevado sobre o focinho que é cilíndrico, com extremidade obtusa; o comprido apêndice nasal tem na base, em torno das narinas, originais apêndices, todos de igual tamanho e formados por pregas membranosas; no centro do apêndice nasal uma linha proeminente longitudinal.

Orelhas maiores que a cabeça, largas e com margem externa recortada numa concavidade, quase na extremidade, que é arredondada e ligeiramente inclinada para trás; margem interna fortemente con-

vexa. Trago comprido, com larga base na qual existe um lóbulo quadrado; extremidade aguda.

Membranas das asas ligadas à extremidade da tíbia; polegar curto e fraco; pés compridos, com unhas em forma de garras.

Membrana interfemural bastante comprida e larga, envolvendo toda a cauda que é muito grande, bem maior que a tíbia.

Pelos sedosos e de colorido pardo avermelhado.

Membranas todas nuas e pardo escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
5616	Pará	♂	21	11	6	7	3,5	3	8,5	7,5
5829	Minas Gerais .	♂	21	11	6	7	3,5	3	8,5	7,5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar	Trago
5616	Buiussú	♂	60	35	21	13	50	18	44	15	27	11	6	16
5829	Ipatinga	♂	62	36	21	13	50	16	45	16	27	11	5	16
5837	Ipatinga	♂	62	36	21	13	50	16	45	16	27	11	5	16

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Antilhas, Venezuela e Brasil: Pará e região sudeste de Minas Gerais.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 5616, ♀, Buiussú, Rio Amazonas (Pará), OLALLA col., 30-IV-1935, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 5829, ♂, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., 8-IX-1940, pele cheia, Departamento de Zoologia.
- 5837, ♀, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., 8-IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
- 5837a ♂, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., 8-IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
- 5837b ♂, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., 8-IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.

Gênero MICRONYCTERIS Gray

Schizostoma GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zool., pg. 49; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 476.

Micronycteris GRAY, 1866, Proc. Zool. Soc. London, pg. 113; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, pg. 123.

TIPO: *Micronycteris megalotis* Gray.

Pequenos morcegos de largas orelhas, pés muito fracos, focinho comprido com folha nasal relativamente grande; membrana interfemural bem desenvolvida, perfurada na parte superior por curta cauda; membranas das asas ligadas ao tarso.

Crânio constituído de ossos delgados; caixa encefálica arredondada; rostró estreito, afinando-se gradativamente até a extremidade, mais comprido que a metade do comprimento total da caixa encefálica; crista sagital imperceptível.

$$\text{Fórmula dentária: } i \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} \begin{array}{c} 1 \\ 1 \end{array} c \begin{array}{c} 2 \\ 3 \end{array} pm \begin{array}{c} 2 \\ 3 \end{array} m \begin{array}{c} 3 \\ 3 \end{array} = 34$$

Incisivos superiores médios grandes, com margens sulcadas nos lados externos; incisivos externos muito reduzidos e bem ligados à base dos caninos; primeiro pre-molar superior grande e agudo; molares superiores normais, de igual tamanho, com cúspides formando um W; incisivos inferiores pequenos, todos de igual tamanho e com margens cortantes; pre-molares inferiores quase normais, sendo o primeiro pouco maior que o terceiro.

Compreende quatro formas peculiares às regiões tropicais da América, ocorrendo três em território brasileiro.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

Maior antebraço 35); calcâneo mais comprido que o pé *megalotis*
 Menor (antebraço 32); calcâneo mais curto que o pé *minuta*

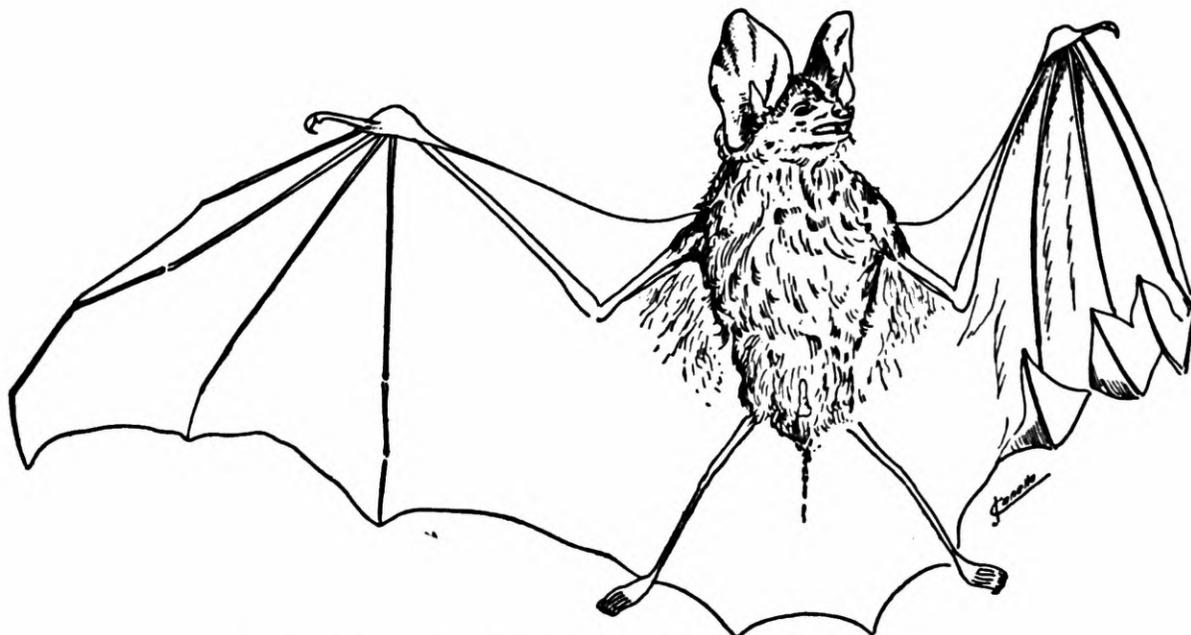


Fig. 17 — *Micronycteris megalotis* (Gray)

Micronycteris megalotis (Gray)

Phylophora megalotis GRAY, 1842, Ann. and Mag. Nat. Hist., pg. 257
 Brasil.

Phyllostoma elongata GRAY, (não de GEOFFROY), 1842, Ann. and Mag.
 Nat. Hist., pg. 257 (Brasil).

Schizostoma megalotis DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg.
 478 (México, América Central e Brasil); TROUESSART, 1904, Cat.
 Mammal. Suppl., pg. 111.

Micronycteris megalotis LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista,
 Mus. Paul., tomo XLV, pg. 26 (Baía e Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Alto da cabeça levemente elevada sobre o focinho que é comprido e cilíndrico; orelhas grandes, do tamanho da cabeça, largas e arredondadas, ligadas nas bases sobre a fronte, por uma faixa de pele muito estreita, oculta sob a pelagem.

Membranas das asas ligadas aos tarsos; polegar grande, com metacarpo mais comprido que a falange; a primeira falange do dedo médio pouco mais curta que a segunda.

Membrana interfemural grande e larga, perfurada por curta cauda na sua parte superior.

Pés pequenos e com unhas fracas.

Patágio quase inteiramente nu, apenas alguns raros pelos revestem a região do antebraço.

Colorido geral pardo avermelhado; pelos curtos, sedosos e com base cinza claro.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Larg. occipital</i>	<i>Larg. palat M²</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Comp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
1052	Amazonas	♂	17	8	4	4	3	2	12	7
1228	São Paulo	♂	18	9	4,5	4	3	2	12,5	8

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>Trago</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>3.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
1052	Rio Juruá	♂	45	7	15	7	32	15	6	27	12	15	9	5
1057	Rio Juruá	♂	40	7	15	7	31	14	6	25	11	13	8	5
2668	Vila Nova	♂	43	—	15	7	31	14	6	25	11	13	8	5
1210	Sorocaba	♂	45	8	15	7	32	15	6	28	13	13	9	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: México, América Central, Bolívia e Brasil: Estados do Amazonas, Pará, Baía e São Paulo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1052, ♂, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1054, ♂, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1057, ♀, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1058, o?, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5626, ♀, Caxiricatuba (Pará), OLALLA col., 25-III-1935, pele cheia, D. de Zoologia
 2668, ♂, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1902, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1210, ♀, Sorocaba (São Paulo), ZECH col., 1897, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1211, ♀, Sorocaba (São Paulo), ZECH col., 1897, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1238, o?, Sorocaba (São Paulo), ZECH col., 1897, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1228, ♀, Piquete (São Paulo), ZECH col., 1897, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1237, o?, Piquete (São Paulo), ZECH col., 1897, em alcool, Depart. de Zoologia.
 5860, o?, Piquete (São Paulo), ZECH col., 1897, em alcool, Depart. de Zoologia.

Micronycteris minuta (Gervais)

Schizostoma minutum GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 50, pl. VII, fig. 1 (Baía); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 479 (Santa Catarina, Brasil).

Micronycteris minuta THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., vol. VII, pg. 191 (Pará); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111.

LOCALIDADE TÍPICA: Capela Nova, Baía.

DESCRIÇÃO: Bem menor que a espécie precedente e muito semelhante.

Difere principalmente no pre-molar inferior médio, que é muito pequeno, e na faixa que liga a base das orelhas, a qual é muito mais alta e tem um profundo sulco no centro que a divide em dois lóbulos proeminentes e de feitio triangular.

Pés menores que o calcâneo; membranas das asas estendendo-se até à extremidade das tíbias.

Segunda falange do dedo médio exatamente igual à primeira em comprimento; o comprimento do metacarpo do polegar é igual ao comprimento de sua falange.

Pelos mais compridos que os da espécie precedente, revestindo também o antebraço de ambos os lados.

Colorido pardo nas partes superiores e cinzento nas inferiores.

DIMENSÕES EXTERNAS

3564, ♀, cabeça e corpo, 35; cauda 11; tibia, 15; pé, 1; antebraço, 32; orelha, 15; trago, 5; 3.º metacarpo, 24; 1.ª falange, 11; 2.ª falange, 11; 3.ª falange, 8; polegar, 4.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Pará, Baía e Santa Catarina. (1)

EXEMPLAR EXAMINADO

3564, ♀, Santarem (Pará), GARBE col., 1921, em alcool (sem crânio), Departamento de Zoologia.

Gênero GLYPHONYCTERIS Thomas

Glyphonycteris THOMAS, 1896, Ann. and Mag. Nat. Hist., série 6, vol. XVIII, pg. 301; ANDERSEN, xxxx, Ann. and Mag. Nat. Hist., série 7, vol. XVIII, g. 58; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 125.

Schizostoma DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 479.

Micronycteris TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111.

TIPO: *Glyphonycteris sylvetsris* Thomas.

Pequenos morcegos muito semelhantes ao do gênero *Micronycteris* do qual faziam parte. A conformação das orelhas, crânio e dentes porem é bem diferente.

Externamente, a principal diferença está nas orelhas que são completamente separadas, sem ligação alguma na base.

Crânio com região interorbital larga e distinta dilatação sobre o canto anterior de cada órbita.

Fórmula dentária igual à de *Micronycteris*, mas os dentes diferem bastante na conformação: incisivos inferiores distintamente tricúspidos e iguais. talhados em cinzel; caninos muito curtos, pouco excedendo aos outros dentes em altura.

Compreende três espécies, das quais somente uma ocorre no Brasil.

Glyphonycteris behni (Peters)

Schizostoma behni PETERS, 1865, M. B. Akad, Berlin, pg. 505 (Mato-Grosso); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 479 (Cuiabá, Mato-Grosso).

(1) Cf. DOBSON, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 479.

Micronycteris behni TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 111.

LOCALIDADE TÍPICA: Cuiabá, Mato-Grosso.

DESCRIÇÃO: Semelhante, porem maior que as espécies do gênero *Micronycteris* e com focinho mais largo.

Orelhas mais curtas que a cabeça; folha nasal, cuja base é em forma de ferradura, muito larga, lanceolada e terminando em ponta aguçada.

Mento com duas grandes proeminências nuas, como em *M. Megalotis*, e, no fundo sulco que a separa, verrugas arredondadas.

Segunda falange do dedo médio mais comprida que a primeira; calcâneo muito mais curto que o pé; cauda curta, com quatro vértebras, a última das quais perfura a membrana interfemural; membranas das asas ligadas ao tarso.

Pelagem estendendo-se espessamente até a metade do úmero, mas muito rala na membrana das asas; parte carnosa do antebraço, extremidade do fêmur e tíbia, nus ou simplesmente revestidos de escassos pelos.

Colorido pardo nas partes superiores e cinza pardacento nas inferiores. (1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado de Mato-Grosso.

Gênero DOLICHOPHYLLUM Lydeker

Mesophyllum GRAY, 1838, Mag. Zool. Bot., II, pg. 489; PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 504; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 468.

Dolichophyllum LYDDEKER, 1891, FLOWER AND LYDDEKER, Mammals living and extinct, pg. 673; TROESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 127.

TIPO: *Phyllostoma macrophyllum* Wied.

De pequeno tamanho; focinho cilíndrico e alongado; orelhas bem separadas, com trago longo e acuminado.

Membrana interfemural muito larga, com cauda mais comprida que o fêmur, e toda contida nela.

Primeira falange do dedo médio consideravelmente menor que a metade do comprimento do osso metacarpiano.

(1) Baseada na descrição de DOBSON.

Membranas das asas ligadas à extremidade das tíbias.

Fórmula dentária igual à de *Microncycteris* e com dentes muito semelhantes, exceto o pre-molar médio inferior que é diminuto. Também o primeiro premolar superior é pouco maior que o incisivo externo, os incisivos superiores médios são pouco mais compridos e os incisivos inferiores têm coroas mais largas.

Uma única espécie.

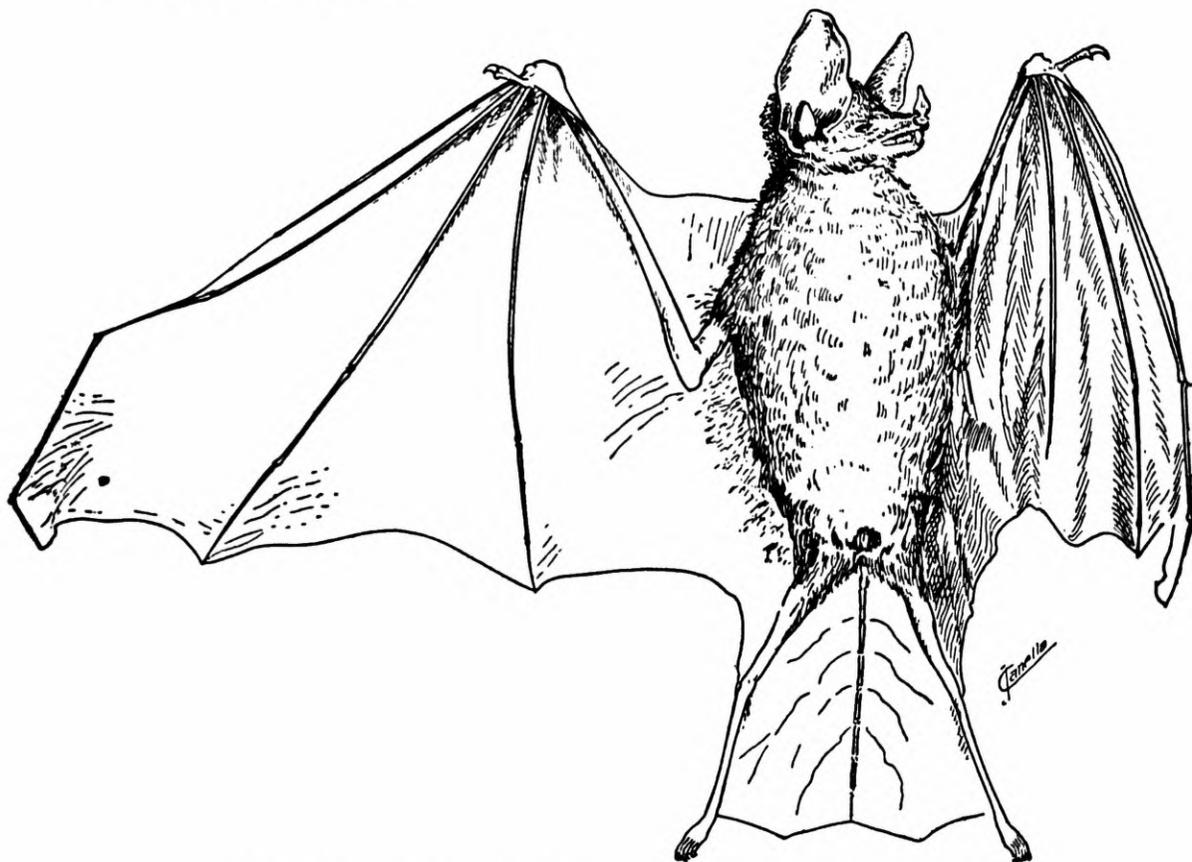


Fig. 18 — *Dolichophyllum macrophyllum* (Wied)

***Dolichophyllum macrophyllum* (Wied)**

Phyllostoma macrophyllum WIED, 1825, Beitr. zur Naturgesch. Brasil., II, pg. 118 (Baía); WAGNER, 1844, Suppl. Schreb. Säugethiere, I, pg. 434.

Macrophyllum newwiedii GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 50, pl. VIII, fig. 2 (Baía); GRAY, 1866, Proceed. Zool. London, pg. 113 (Baía); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 468 (Baía).

Dolichophyllum macrophyllum TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 110.

LOCALIDADE TÍPICA: Rio Mucurí, Baía.

DESCRIÇÃO: Morcego de regular tamanho, com orelhas bem desenvolvidas, pouco maiores que a cabeça; margem interna convexa e externa fortemente côncava na parte mediana; extremidade arredon-

dada; trago curto, estreito e aguçado, com duas pequenas proeminências na base.

Folha nasal com base em forma de ferradura, estendendo-se até quase à margem do lado superior e tendo o comprimento quase o dobro da largura na base.

Lábio inferior com forte verruga no centro circundada por verrugas menores.

Polegar curto, cauda muito comprida, todo contida na membrana interfemural que é bastante larga e comprida, quase excedendo os pés, quando bem estendida.

Calcâneo muito longo, mais longo que a tibia; pés relativamente grandes.

Pelos curtos e ralos; membranas completamente nuas.

Colorido geral pardo fuliginoso, mais claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5832, ♀, comprimento total, 17; largura bizigomática, 10; largura interorbital, 4,5; largura palatal no M², 5; largura entre caninos, 2,5; comprimento da mandíbula, 11; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Tibia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>2.^a falange</i>	<i>3.^o metacarpo</i>	<i>1.^a falange</i>	<i>2.^a falange</i>	<i>2.^a falange</i>	<i>Polegar</i>
5833	Rio Doce	♀	40	27,5	15	11	35,5	10	5	34	13	7	6,5	4
5832	Rio Doce	♀	41	27,5	15	11	34	10	5	34	13	7	7	4

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Colômbia e Brasil: Sul da Baía e Minas Gerais.

EXEMPLARES EXAMINADOS

5832, ♂, Itatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., IX-1940, em álcool, Departamento de Zoologia.

5833, ♀, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., IX-1940, em álcool, Departamento de Zoologia.

- b) Com 34 dentes; $i \begin{array}{c} 2-2 \\ \hline 2-2 \end{array}$ *Lonchophylla*
- bb) Com 30 dentes; $i \begin{array}{c} 2-2 \\ \hline 0-0 \end{array}$ *Choeronycteris*

B) Membrana interfemural muito estreita; cauda rudimentar ou ausente;

3-3
Com três pares de premolares superiores (pm —)
3-3

- c) Sem vestígio de cauda; lábio inferior com sulco superficial; arcada zigomática incompleta *Anoura*
- cc) Cauda rudimentar ou ausente; lábio inferior profundamente sulcado; arcada zigomática completa... *Lonchoglossa*

Gênero GLOSSOPHAGA Geoffroy

Glossophaga GEOFFROY, 1818, Mem. du Museum d'Hist. Nat. Paris, IV, pg. 418; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 499; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal, Suppl., pg. 113; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 137; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 31.

TIPO: *Vespertilio soricinus* Pallas.

Membrana interfemural bem desenvolvida; cauda curta; orelhas de regular tamanho e bem separadas.

Folha nasal curta; focinho alongado; língua muito comprida, extensível e munida de papilas filiformes.

Crânio com caixa encefálica larga e arredondada; rostró estreito, pouco mais curto; arcada zigomática bem desenvolvida.

2 1 2 3
Fórmula dentária: $i \begin{array}{c} 2 \\ \hline 2 \end{array} c \begin{array}{c} 1 \\ \hline 1 \end{array} pm \begin{array}{c} 2 \\ \hline 3 \end{array} m \begin{array}{c} 3 \\ \hline 3 \end{array} = 34$

Incisivos superiores dispostos em fileira semicircular, sendo os dois centrais maiores e talhados em cinzel; incisivos inferiores iguais, cilíndricos e dispostos numa fileira convexa; pre-molares superiores triangulares, quase iguais em tamanho, sendo o primeiro separado do canino

por um pequeno espaço; primeiros e segundos molares superiores quase iguais, com coroa estreita cujas cúspides formam um perfeito W; premolares inferiores iguais em tamanho aos superiores; molares inferiores com coroa muito estreita e de cúspides rombas.

Compreende uma única forma.

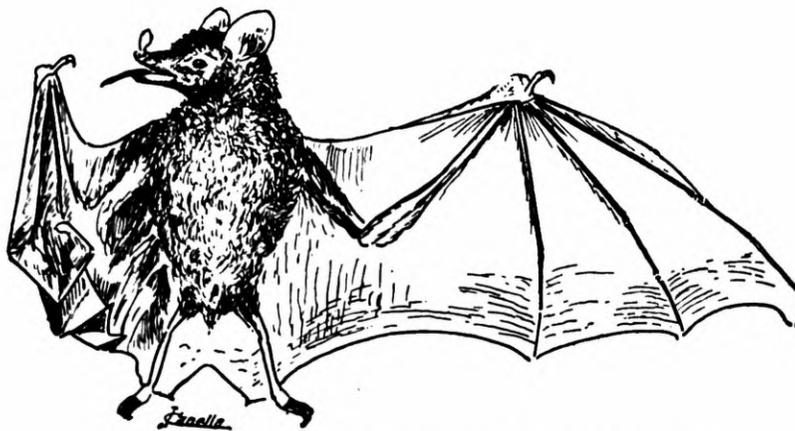


Fig. 19 — *Glossophaga soricina* (Pallas)

***Glossophaga soricina* (Pallas)**

Vespertilio soricinus PALLAS, 1766, Misc. Zool., pg. 48, pl. V, fig. 16 (Surinam).

Phyllostomus soricinus GEOFFROY, 1810, Ann. du Museum, XV, pg. 179, pl. X.

Glossophaga amplexicaudata SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, pg. 66, pl. XXXVI, fig. 4 (Rio de Janeiro); BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 54.

Phyllophora amplexicaudata GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 40, pl. IX, fig. 9 (Baía).

Glossophaga soricina PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 352; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 499 (México, América Central, Bolívia e Perú); PELZELN, 1888, Brasilische Säugethiere, pg. 33 (Pará, Mato-Grosso e Rio de Janeiro); H. IHERING, 1895, Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 20 (Porto Alegre e São Lourenço); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 157; TOLDT, 1910, Die Chiroptera Ausbeut, Zool. Exp. Brasil. Denksch.

Akad. Wiss. Wien, pg. 46 (Barrinha, Baía); LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 31 (Amazonas, Baía, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato-Grosso e São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Surinam.

DESCRIÇÃO: Focinho comprido e fino, pouco mais curto que o crânio, com folha nasal pequena e situada bem na extremidade.

Orelhas relativamente curtas, largas e arredondadas, bem menores que a cabeça; trago triangular, com ponta aguda.

Lábio inferior profundamente sulcado no centro e circundado por por minúsculas verrugas.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos; polegares bem desenvolvidos, com unhas relativamente grandes e fortes.

Primeira falange do dedo médio menor que a metade do metacarpo.

Membrana interfemural larga, com margem côncava; cauda curta, com a extremidade perfurando-a na parte superior.

Colorido geral pardo escuro, mais claro nas partes inferiores.

Pelos finos e sedosos que se estendem sobre o úmero e até a extremidade do focinho, que é revestido de longas cerdas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. palat M^s</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Comp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
1239	Amazonas	♂	21	9	4,5	3	2,5	2,5	14,5	8
2370	Goiáz	♂	21	9,5	4,5	3	3	2,5	14	8
3160	Ipiranga	♂	20	9	4	3	2,5	2,5	14	8

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
5611	Silves	♂	55	4	12	9	34	8,5	5	32	13	15	7,5	6
4424	Silves	♂	55	4	12	9	34	8,5	5	32	13	15	7,5	6
4451	Buiussú	♂	54	4	11	9	33	9	5	31	13	13	7,5	6
3444	Ceará	o?	50	4	12	8	33	9	5	31	11	13	7	6
2664	Barra	♂	55	—	13	8	34	10	5	32	13	15	7,5	6
5694	Minas Gerais .	♂	51	4	12	8	32	10	3	31	11	13	7	6
5695	Minas Gerais .	♂	52	4	12	7	32	9	4	31	11	12	7	6
5639	Ipiranga	♂	50	3	12	7	31	8	4	31	11	12	7	6
5639a	Ipiranga	♂	50	3	12	7	31	8	4	31	11	12	7	6
5640	Goiaz	♂	52	4	13	8	32	9	5	31	12	13	7	6

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 366, o?, Manaus (Amazonas), BICEG col., 1889, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1239, ♂, Manaus (Amazonas), BICEG col., 1889, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1239a, ♀, Manaus (Amazonas), BICEG col., 1889, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1463a, ♀, Manaus (Amazonas), BICEG col., 1889, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1643a ♀, Manaus (Amazonas), BICEG col., 1889, pela cheia, Departam. de Zoologia.
 1060, ♀, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 1902, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 4424, ♀, Silves (Amazonas), OLALLA col., 1935, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5611, ♂, Silves (Amazonas), OLALLA col., 1935, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5627, ♀, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., 1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4451, ♂, Buiussú (Pará), OLALLA col., 1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2663, ♂, Cid. Barra (Baía), GARBE col., IV-1908, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 2664, ♀, Cid. Barra (Baía), GARBE col., IV-1908, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 2655, ♀, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2666, ♂, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 5812, ♀, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1908, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5812a ♀, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1908, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5811, o?, Ilheus (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5782, ♂, Ilha Madre Deus (Baía), CAMARGO col., em alcool, Depart. de Zoologia.

- 5782a ♀, Ilha Madre Deus (Baía), CAMARGO col., em alcool, Depart. de Zoologia.
 2434, ♂, Rio Doce (Espírito Santo), GARBE col., 1906, em alcool, Dep. de Zoologia.
 2434a ♀, Rio Doce (Espírito Santo), GARBE col., 1906, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5810, ♂, Teófilo Otoni (Minas Gerais), GARBE col., 1906, em alcool, D. de Zoologia.
 5815, ♀, Pirapora (Minas Gerais), GARBE col., 1906, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5964, ♂, B. Constant (Minas Gerais), E. DIAS col., IV-1940, em alcool, D. Zool.
 5695, ♀, B. Constant (Minas Gerais), E. DIAS col., IV-1940, em alcool, D. Zool.
 5696, ♂, B. Constant (Minas Gerais), E. DIAS col., IV-1940, em alcool, D. Zool.
 5697, ♀, B. Constant (Minas Gerais), E. DIAS col., IV-1940, em alcool, D. Zool.
 5640, o?, Rio das Mortes (Goiaz), W. GARBE col., 1937, em alcool, Dep. Zoologia.
 5640a o?, Rio das Mortes (Goiaz), W. GARBE col., 1937, em alcool, Dep. Zoologia.
 5813, ♂, Rondonópolis (Mato-Grosso), OLIV. PINTO col., 1937, em alcool, D. Zool.
 5814, ♀, Sant'Ana do Parnaíba (M.-Grosso), OLIV. PINTO col., 1937, em alcool, D. Z.
 3160, ♀, Ipiranga (São Paulo), LIMA col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5639, ♂, Ipiranga (São Paulo), J. LIMA col., III-1937, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5639a ♀, Ipiranga (São Paulo), J. LIMA col., III-1937, em alcool, Dep. de Zoologia.
 974, ♀, Franca (São Paulo), DREHER col., III-1903, em alcool, Dep. de Zoologia.
 148, o?, Piquete (São Paulo) ZECH col., III-1903 pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1209, ♂, Piracicaba (São Paulo), BICEGO col., 1897, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1460, ♂, Piracicaba (São Paulo), BICEGO col., 1897, pel echeia, Dep. de Zoologia.
 484, ♀, Rincão (São Paulo), BICEGO col., 1896, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5809, ♂, Ituverava (São Paulo), GARBE col., 1910, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1457, ♂, Sorocaba (São Paulo), BICEGC col., em alcool, Departamento de Zoologia.
 5958, ♀, Lins (São Paulo), OLALLA col., XII-1940, em alcool, Depart. de Zoologia.
 5959, ♂, Lins (São Paulo), OLALLA col., XII-1940, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5973, ♂, Noroeste (São Paulo), SAWAIA of. 1941, em alcool, Depart. de Zoologia.
 5974, ♀, Noroeste (São Paulo), SAWAIA of. 1941, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1456, ♂, Iguape (São Paulo), R. KRONE col. 1902, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1456a ♂, Iguape (São Paulo), R. KRONE col., 1902, em alcool, Depart. de Zoologia.
 3493, ♂, Abaeté (Pará), 1936, em alcool, Museu Nacional.
 3492, ♀, Abaeté (Pará), 1936, em alcool, Museu Nacional.
 3444, o?, Russo (Ceará), E. CHAGAS col., em alcool, Museu Nacional.
 3591, ♂, Pilão Arcado (Baía), 1935, em alcool, Museu Nacional.
 3404, ♂, Barra (Baía) E. CHAGAS col., em alcool, Museu Nacional.
 3575, o?, Paraopeba (M. Gerais), P. M. RIBEIRO col., 1920, em alcool, Museu Nacional.
 3576, o?, Paraopeba (M. Gerais), P. M. RIBEIRO col., 1920, em alcool, Museu Nacional.
 3670, ♂, Rio de Janeiro, P. M. RIBEIRO col., 1912, em alcool, Museu Nacional.
 3671, ♀, Rio de Janeiro P. M. RIBEIRO col., 1912, em alcool, Museu Nacional.
 3614, ♂, Urucúm (Mato-Grosso), F. HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.
 3615, ♂, Urucúm (Mato-Grosso), F. HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.
 3616, ♂, Urucúm (Mato-Grosso), F. HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.
 3652, ♀, Urucúm (Mato-Grosso), F. HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.
 3546, ♀, S. Luiz de Cáceres (Mato-Grosso), F. HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.

Gênero LONCHOPHYLLA Thomas

Lonchophylla THOMAS, 1903, Ann. and Mag. Nat. Hist., 7ª série, vol. XII, pg. 458; TROUSSERT, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 114,

MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 139; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 35.

TIPO: *Lonchophylla mordax* Thomas.

Semelhante ao gênero precedente, porem diferindo principalmente em ter o focinho muito mais alongado e arcada zigomática incompleta.

$$\begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 3 \\ \text{Fórmula dentária: } & i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 34 \\ & 2 & & 1 & & 3 & & 3 & & & \end{array}$$

Incisivos superiores internos maiores e mais largos que os outros, em forma de espátula, bem unidos e projetando-se para a frente; incisivos externos pequeninos e cônicos; pre-molares e molares superiores como em *Glossophaga*, porem pouco mais compridos; incisivos inferiores largos, com bordos trífidos e cortantes; pre-molares e molares inferiores muito estreitos e compridos.

Compreende unicamente a espécie tipo.

Lonchophylla mordax Thomas

Lonchophylla mordax THOMAS, 1903, Ann. and Mag. Nat. Hist., 7.^a série, vol. XII, pg. 459 (Baía); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 114; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 35 (Cidade da Barra, Baía).

LOCALIDADE TÍPICA: Lamarão, Baía.

DESCRIÇÃO: Externamente muito semelhante a *G. soricina*. porem com focinho muito mais fino e comprido; folha nasal muito menor e mais aguçada.

O colorido tambem difere, sendo pardo cinamomo nas partes superiores e pardo muito claro nas inferiores. Varia porem, pois muitos exemplares se apresentam inteiramente pardo escuros.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2659, ♂, comprimento total 22,5; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 4; largura palatal no M², 3,5; largura entre caninos, 2; comprimento da mandíbula, 14; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 10.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Antebraço	Altura da orelha	Trago	1. ^a falange	2. ^a falange	3. ^a falange	Polegar
5774	Baía	♂	45	13	31	9	4	12	15	8	6
5774a	Baía	♀	45	13	32	9	4	11	14	7	6

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 2659, ♂, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2660, ♀, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2662, ♂, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2675, ♂, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 5774, ♂, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5774a, ♀, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5774b, ♀, Cid. Barra (Baía), GARBE col., 1908, em álcool, Departam. de Zoologia.

Gênero CHOERONYCTERIS Tschudi

Choeronycteris TSCHUDI, 1844, Wieg. Archiv. für Naturgesch., pg. 247 (nomen nudum); idem, 1846, Fauna Peruana, Mamíferos, pg. 70 (subgênero de *Glossophaga*); PETERS, XXX, M. B. Preuss. Akad. Wissench. Berlin, pg. 366; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 509; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull, 57, pg. 141.

TIPO: *Choeronycteris mexicana* Tschudi.

Focinho muito fino e comprido; orelhas pequenas e arredondadas; membrana interfemural bem desenvolvida, com curta cauda perfurando sua parte superior; calcâneo curto e muito delgado.

Crânio com rostro muito alongado; arcada zigomática incompleta; bula timpânica bem desenvolvida.

2 1 2 3

Fórmula dentária: i — c — pm — m — = 30

0 1 3 3

Incisivos superiores externos maiores que os internos e separados dos caninos por um pequeno espaço; incisivos inferiores caducos, mui-

tas vezes faltando; primeiro pre-molar também caduco; molares superiores muito estreitos, com cúspides formando um W quase imperceptível, molares inferiores quase exatamente iguais em forma e tamanho.

Compreende quatro espécies distribuídas do México ao Brasil, onde ocorre somente uma.

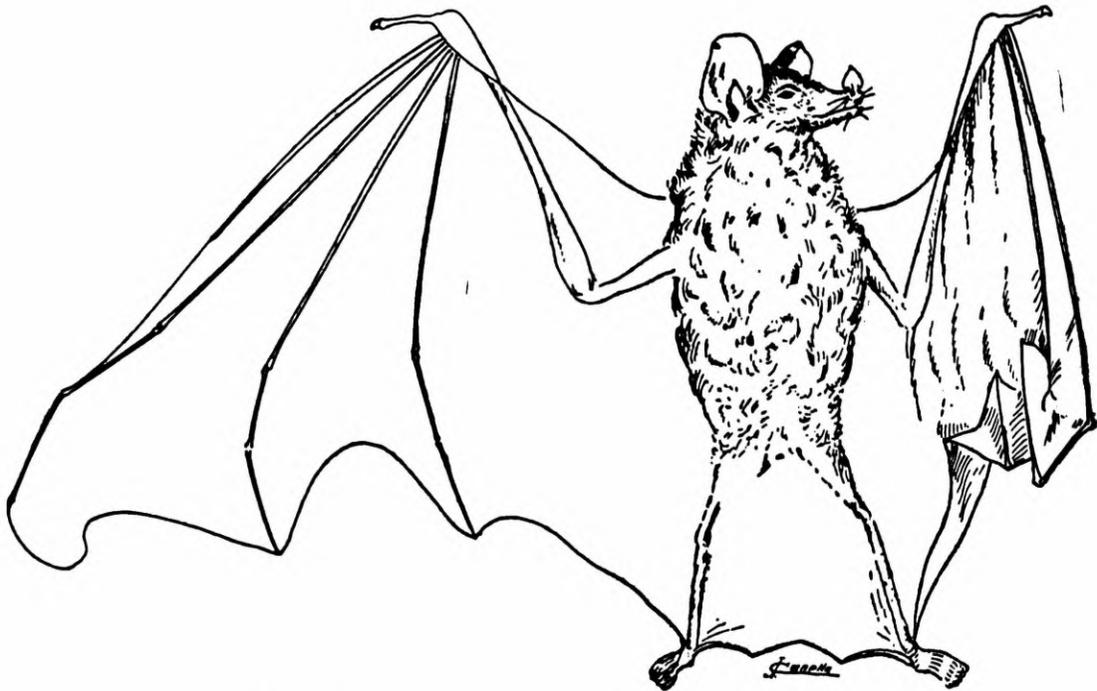


Fig. 20 — *Choeronycteris minor* Peters

Choeronycteris minor Peters

Choeronycteris minor PETERS, 1868, M. B. Akad. Berlin, pg. 366 (Surinam); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 51 (Rio Cuparí, Surinam); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 36 (Rio Juruá, Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Surinam.

DESCRIÇÃO: Menor que *L. mordax*, focinho mais fino, folha nasal menor e orelhas mais curtas.

Lábio inferior profundamente sulcado.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos; membrana interfemural bem desenvolvida, semelhante à de *G. soricina* e com curta cauda perfurando-a na parte superior.

Compridos pelos revestem o mento e a extremidade do focinho, em volta da folha nasal.

Membranas inteiramente nuas.

Colorido pardo muito escuro nas partes superiores, mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1206, ♀, comprimento total, 26; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 4,5; largura da abóbada palatina no M², 3; largura entre caninos, 2,5; comprimento da mandíbula, 16; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 8.

DIMENSÕES EXTERNAS

1206, ♀, cabeça e corpo, 45; cauda, 5; tíbia, 13; pé, 7; antebraço, 34; altura da orelha, 8; trago, —; 3.º metacarpo, 29; 1.ª falange, 10; 2.ª falange, 15; 3.ª falange, 6; polegar, 4.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guiana Holandesa e Amazonas.

EXEMPLAR EXAMINADO

1206, ♀, Rio Juruá (Amazonas), GARBE col., 11-XII-1901, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Gênero ANOURA Gray

Anoura GRAY, 1838, Mag. Zool. Bot., II, pg. 490.

Glossonycteris PETERS, 1868, M. B. Akad. Berlin, pg. 366; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 508; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115.

Anoura MILLER 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull, 57, pg. 139.

TIPO: *Anoura geoffroyi* Gray.

Membrana interfemural rudimentar, muito estreita; nenhuma cauda; calcâneo muito curto e delgado; pés compridos; focinho e orelhas como os de *Glossophaga*.

Crânio e dentes semelhantes ao do gênero precedente; arcada zigomática incompleta.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{2}{0} c \frac{1}{1} pm \frac{3}{3} m \frac{3}{3} = 32$$

Incisivos inferiores também caducos como nos gêneros *Choeronycteris*; molares superiores com cúspides das coroas formando um distinto W; primeiro pre-molar separado do canino correspondente por um espaço igual ao comprimento de sua base.

Compreende uma única forma.

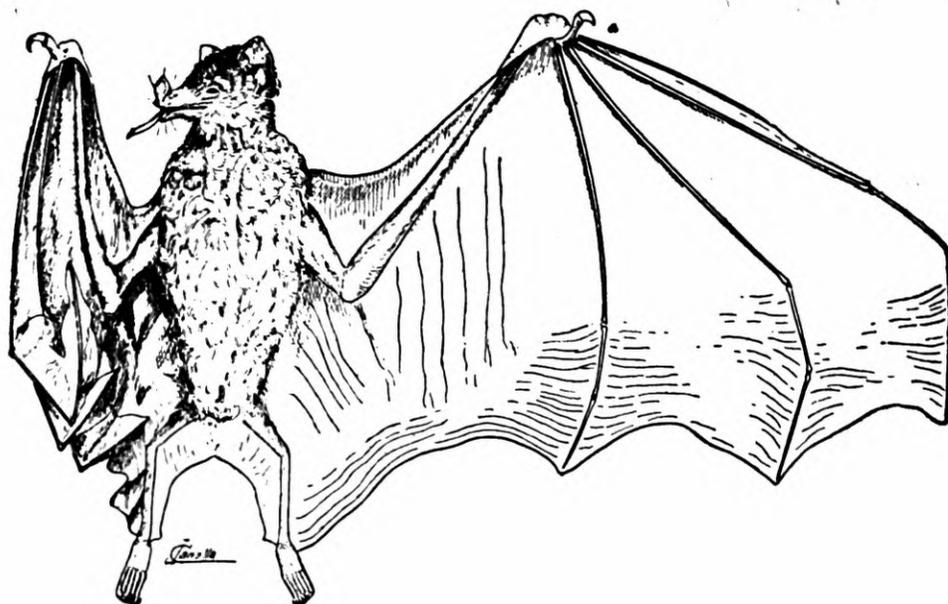


Fig. 21 — *Anoura geoffroyi* Gray

***Anoura geoffroyi* Gray**

Anoura geoffroyi GRAY, 1838, Mag. Bot., II, pg. 490 (Rio de Janeiro).

Glossonycteris geoffroyi DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 508; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115; PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zool. Anzeiger, vol. 28, pg. 19 (Iguape).

Anoura geoffroyi LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 33 (Ipiranga e Ituverava).

LOCALIDADE TÍPICA: Rio de Janeiro.

DESCRIÇÃO: Do mesmo tamanho de *G. soricina* com a qual muito se assemelha, mas distingue-se imediatamente pela membrana interfemural que é pouco desenvolvida, isto é, muito estreita.

Não possui vestígio de cauda e as membranas das asas ligam-se à extremidade das tíbias.

Focinho alongado, mais comprido que a metade da extensão do crânio, com apêndice nasal muito curto, largo na base e de extremidade aguda.

Orelhas pouco maiores que a cabeça, arredondadas e as margens externas profundamente côncavas na parte superior; trago bem desenvolvido.

Língua comprida, extensível e revestida de papilas filiformes.

Calcâneo muito curto; pés grandes, maiores que os polegares e quase tão longos como as tíbias.

A pelagem reveste a membrana das asas na região do antebraço e a parte posterior da estreita membrana interfemural.

Colorido pardo escuro nas partes superiores, mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1294, ♂, comprimento total, 24,5; largura bizigomática, 5; largura interorbital, 3; altura occipital, 2,5; largura palatal no M², 2,5; comprimento da mandíbula, 12; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 10,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
2797	N. Friburgo ...	♀	52	15	10	34	9	5	34	12,5	18	9	6
1215	São Paulo	♀	52	15	10	34	9	5	34	12	19	9	6
1468	Ipanema	♀	55	16	10	38	10	5	38	13	22	10	6
1469	Ipanema	♂	55	15	10	38	10	5	38	12	23	10	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: México, América Central, Perú, Bolívia, e Brasil: Estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 2797, ♀, Novo Friburgo (Rio de Janeiro), GARBE col., 1909, pele cheia, D. de Zool.
 1215, ♀, Capital (São Paulo), sem col., 1901, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1468, ♀, Ipanema (São Paulo), sem col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1469, ♂, Ipanema (São Paulo), sem col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1924, ♂, Ilha de S. Sebastião (S. Paulo), PINDER col., 1897, pele cheia, Dep. Zoolog.
 3394, ♀, Viçosa (Minas Gerais), MOOJEN col., 1935, em álcool, Museu Nacional.
 3543, ♀, Viçosa (Minas Gerais), MOOJEN col., 1935, em álcool, Museu Nacional.
 3539, ♀, Santa Catarina, EHRHADT col., em álcool, Museu Nacional.

Gênero LONCHOGLOSSA Peters

- Glossophaga* GEOFFROY, 1818, Mem. du Museum, IV, pg. 411 (em parte).
Lonchoglossa PETERS, 1868, M. B. Akad. Berlin, pg. 364; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 506; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., p. 115; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bast, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 140.

TIPO: *Glossophaga caudifera* Geoffroy.

Assemelha-se bastante ao gênero *Anoura*, mas são morcegos menores e com focinho um pouco mais curto; uma espécie possui cauda rudimentar, de vértebras incompletamente ossificadas, e quase imperceptível.

Crânio semelhante aos dos outros gêneros desta subfamília, mas com arcada zigomática muito delgada.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{2}{0} \quad c \frac{1}{1} \quad pm \frac{3}{3} \quad m \frac{3}{3} = 32$$

Incisivos superiores muito reduzidos, cilíndricos e agudos, separados uns dos outros por pequenos espaços; internos maiores que os externos. Primeiro pre-molar superior muito menor que os outros, quase em contacto com os caninos, mas separados do segundo pre-molar por um pequeno espaço; outros dentes como *Glossophaga*, porém os premolares superiores diferem em ter a margem interna convexa.

Compreende três espécies, ambas do Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- Menor (antebraço 32 mm.); membrana interfemural inteiramente nua; cauda rudimentar *caudifera*
- Maior (antebraço 35 a 40 mm.); membrana interfemural revestida de pelos; nenhum vestígio de cauda *ecaadata*

Lonchoglossa caudifera (Geoffroy)

Glossophaga caudifera et eucadata GEOFFROY, 1818, Mem. du Museum, IV, pg. 418 (Rio de Janeiro); PETERS, 1868, M. B. Akad. Berlin, pg. 364.

Lonchoglossa caudifera DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 56 (Minas Gerais, Baía e Santa Catarina); PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 33 (Rio de Janeiro e São Paulo); H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 23; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115.

Lonchoglossa ecaadata LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 35 em parte, Minas Gerais).

LOCALIDADE TÍPICA: Rio de Janeiro.

DESCRIÇÃO: Bem semelhante nos aspectos a *Anoura geoffroyi*, mas diferindo no tamanho, que é menor, e na presença d'uma cauda rudimentar, mas perfeitamente visível.

A estreita membrana interfemural também difere, pois é inteiramente nua, com exceção da margem externa que é munida duma estreita franja de pelos ralos.

Calcâneo muito curto, com cerca de metade do comprimento dos pés.

Colorido pardo escuro nas partes superiores e pardo claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5833, ♀, comprimento total, 23; largura interorbital, 5; altura occipital, 5; largura palatal no M², 5; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 18; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 10.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
3404	Pirapora	♂	51	12	10	32	9	4	30	10	16	8	5
5883	Ipatinga	♀	51	12,5	10	33	9	4	31	12	17	8	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guiana Holandesa e Brasil: Baía, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. (1)

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1467, ♂, Santo Antônio da Vargem (Minas Gerais), J. B. GODOY col., 1900, em álcool, Departamento de Zoologia.
 1467a. ♀, Santo Antônio da Vargem (Minas Gerais), J. B. GODOY col., 1900, em álcool, Departamento de Zoologia.
 3404, ♂, Pirapora (Minas Gerais), GARBE col., 1912, em álcool, Dep. de Zoologia.
 5833, ♀, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col. 1940, em álcool, Departamento de Zoologia.
 5833a. ♀, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., 1940, em álcool, Departamento de Zoologia.
 3534, ♂, Rio de Janeiro, LAURO TRAVASSOS col., em álcool, Museu Nacional.
 3536, ♀, Rio de Janeiro, LAURO TRAVASSOS col., em álcool, Museu Nacional.
 3537, ♀, Rio de Janeiro, LAURO TRAVASSOS col., em álcool, Museu Nacional.
 3541, ♂, Rio de Janeiro, LAURO TRAVASSOS col., em álcool, Museu Nacional.

(1) PELZELN, Brasilische Säugethiere, pág. 33 (Ipanema).

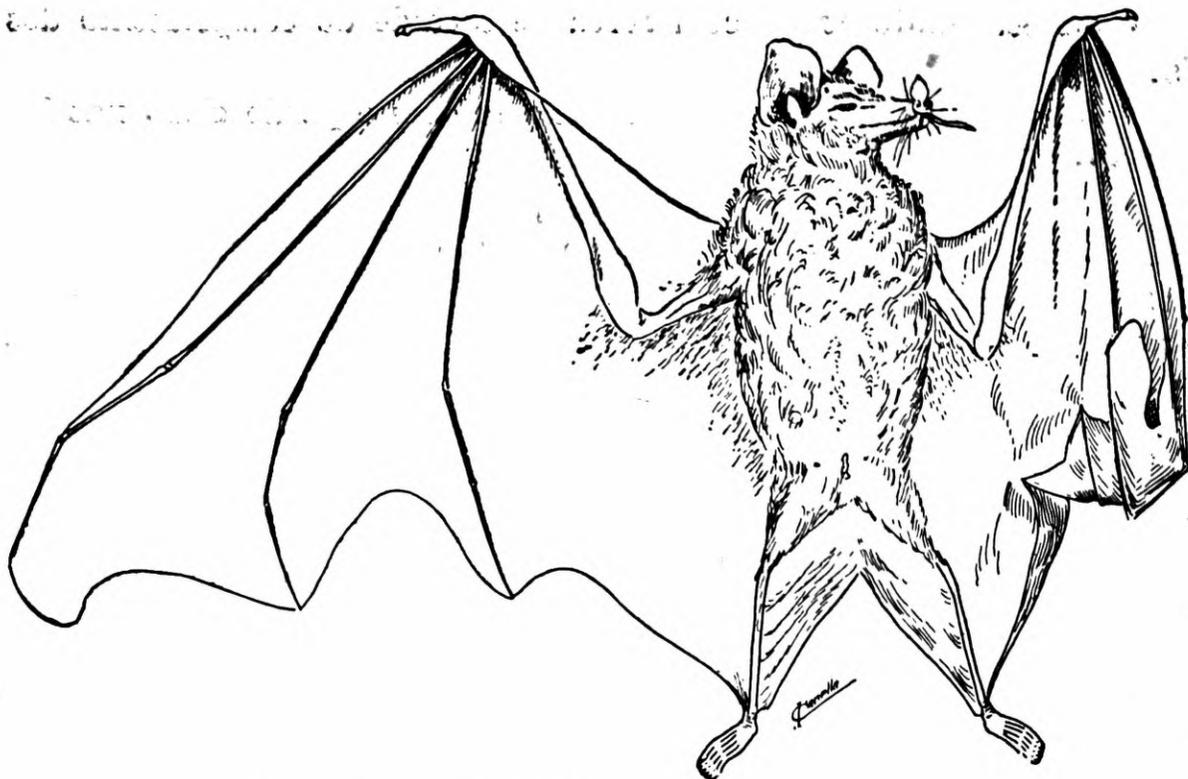


Fig. 22 — *Lonchoglossa ecaudata* (Wied)

***Lonchoglossa ecaudata* (Wied)**

Glossophaga ecaudata WIED (não de Geoffroy), 1826, Beitr. Naturg. Brasil., II, pg. 212 (Baía).

Anura wiedii PETERS, 1869, M. B. Akad. Berlin, pg. 398.

Lonchoglossa wiedii DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 507; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 115; H. V. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 23.

Lonchoglossa ecaudata LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 35, em parte (São Paulo e Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Porto Seguro, Baía.

DESCRIÇÃO: Muito semelhante à espécie precedente, com a qual tem sido muitas vezes confundida; difere principalmente em ter o focinho um pouco mais curto, orelhas menos côncavas na margem posterior e crânio com arcada zigomática completa. Além disso é maior e não apresenta vestígio algum de cauda.

A estreita membrana interfemural e as pernas são bem recobertas de pelos.

Colorido inteiramente semelhante.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
2285	Espírito Santo .	♂	22,5	4,5	3,5	3	2	16,5	9
1217	Sorocaba	♂	22	4,5	3,5	3	2	17	9
1737	Mato-Grosso ..	♀	22	4,5	3,5	3	2	17	9

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
841	Franca	♂	55	14	9	35	6	34	12	19		
3547	Piquete	♀	50	13	8	34	6	33	11	18	10	6
2519	Sorocaba	♂	50	13	8	35	6	34	10	17	9	5
5773	Itapura	♂	52	13	9	34	6	33	10	17	9	5
2252	Espírito Santo .	♂	56	14	10	37	7	34	11	19	10	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Baía, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

2252, ♂, Espírito Santo, GARBE col., XI-1906, pele cheia, Departam. de Zoologia.
2285, ♂, Espírito Santo, GARBE col., XI-1906, pele cheia, Departam. de Zoologia.

- 841, ♂, Franca (São Paulo), GARBE col., 1910, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 973, ♂, Franca (São Paulo), GARBE col., 1910, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2912, ♀, Franca (São Paulo), GARBE col., 1910, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2935, ♂, Franca (São Paulo), GARBE col., 1910, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2936, ♂, Franca (São Paulo), GARBE col., 1910, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1217, ♂, Sorocaba (S. Paulo), GÜNTHER col., 1904, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1236, ♂, Sorocaba, (S. Paulo), GÜNTHER col., 1904, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3547, ♀, Piquete (S. Paulo), ZECH col., 1902, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 5773, ♂, Itapura (S. Paulo), GARBE col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5773a. ♀, Itapura (S. Paulo) GARBE col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5842, o?, Juquiá (S. Paulo), TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Dep. Zoologia
 2158, o?, São Sebastião (S. Paulo, GÜNTHER col., 1904, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1737, ♀, Porto Faia (Mato-Grosso), GARBE col., 1904, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1738, ♀, Porto Faia (Mato-Grosso), GARBE col., 1904, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3389, ♂, Viçosa (Minas Gerais), MOOJEN col., 1938, em alcool, Museu Nacional.

Subfamília *HEMIDERMINAE*

Vampyri DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 458 (em parte).

Phyllostominae TROUESSART, Cat. Mammal. Suppl., pg. 113.

Hemiderminae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, Bull. 57, U. S. Nat. Museum. pg. 113.

Morcegos de regular tamanho, focinho curto, apêndice nasal bem desenvolvido; orelhas de tamanho regular, com trago pequeno; membrana interfemural bem desenvolvida, envolvendo uma cauda muito curta que nalguns gêneros está ausente.

Eram considerados membros da subfamília *Phyllostominae*, porem são bastante caracterizados para constituirem uma subfamília distinta, pois constituem formas de transição entre os *Phyllostominae* e os *Glossophaginae*, asemelhando-se bastante a estes últimos pela estreiteza dos molares e imperfeição das arcadas zigomáticas.

Como os membros da precedente subfamília, são também insetívoros e frugívoros e bastante encontrados nas mais quentes regiões da América, do México ao Brasil Meridional.

Compreende dois gêneros, ocorrendo ambos no Brasil.

CHAVE PARA OS GÊNEROS

- Sem cauda; membranas das asas, nas extremidades posteriores, ligando-se ao metatarso; alto da cabeça muito elevado sobre a linha facial... *Rhynophylla*
 Com cauda curta; membranas das asas, nas extremidades posteriores, ligando-se ao tarso; alto da cabeça muito pouco elevado sobre a linha facial *Hemiderma*

Gênero **HEMIDERMA** Gervais

Hemiderma GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, Mamif., pg. 43.

Carollia GRAY, 1838, Mag. Zool. Bot., II, pg. 488, (preocupado por *Carollia* de Contrainé, Mollusca, 1837); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 492; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 156

Hemiderma LYDDEKER & FLOWER, 1891, Mammals living and extinct, pg. 674; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 145.

TIPO: *Phyllostoma brevicauda* Wied (= *Vespertilio perspicillatus* Linnaeus).

Focinho curto e estreito, apêndice nasal lanceolado, membrana interfemural bem desenvolvida, envolvendo uma cauda muito curta.

Crânio com rostró relativamente curto (cerca de dois terços da caixa craniana); região lacrimal ligeiramente dilatada; arcada zigomática incompleta; crista sagital pouco desenvolvida.

$$\text{Fórmula dentária: } 1 \frac{2}{2} c \frac{1}{1} pm \frac{2}{2} m \frac{3}{3} = 32$$

Dentição bastante anormal: incisivos superiores desiguais; os internos, grandes, com coroas oblíquas e projetantes, contrastando com o tamanho reduzido dos externos que são arredondados, de coroa chata e intimamente ligados aos caninos.

Incisivos inferiores pequenos; internos também maiores que os externos, com coroas distintamente côncavas na superfície interna; bordos cortantes, levemente recortados. Caninos relativamente curtos e fortes; pre-molares estreitos, com margens cortantes e superfície interna levemente côncava; molares superiores pequenos e estreitos, mal se distinguindo o W formado pelas cúspides; molares inferiores estreitos, quase iguais em tamanho e altura.

Compreende quatro formas, das quais uma única no Brasil.

Hemiderma perspicillatum Linnaeus

Vespertilio perspicillatus LINNAEUS, 1758. Syst. Nat., 12 ed., (baseado em *Vespertilio americanus vulgaris* DE SEBA, Locupl. Rerum Tesauro Nat., 1734, pg. 90, América do Sul).

Phyllostoma brevicaudum WIED, 1825, Beitr. zur Naturg. Brasil., II pg. 192 (Espírito Santo); BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, p. 41.

Hemiderma brevicaudum GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 43, pl. VII, fig. 4 (Baía).

Vampyrus (Carollia) brevicaudus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 32 (Pará, Mato-Grosso e São Paulo); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 23.

Carollia brevicauda DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 493 (Amazonas, Pará, Pernambuco, Baía, Mins Gerais e Rio de Janeiro).

Hemiderma perspicillatum TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 113; TOLDT, 1910, Die Chiroptera Ausbeut, Zool. Exp. Brasil, Denksch Akad. Wiss. Wien, pg. 49 (Paranaguá, Piauí); LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 37 (Pará, Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: De regular tamanho, assemelhando-se no aspecto geral a um jovem *P. hastatus*.

Alto da cabeça quase ao nível do focinho que é curto e cônico, com um largo apêndice lanceolado bem na extremidade.

Orelhas bem separadas entre si, um tanto largas e mais curtas que a cabeça, com extremidades arredondadas, margem externa côncava e margem interna convexa; trago curto e com extremidade mais ou menos aguçada.

Lábio superior liso; lábio inferior com um sulco no meio, marginado por uma fileira, de verrugas oblongas.

Membranas das asas ligadas ao tornozelo; membrana interfemural bem desenvolvida, com leve sulco no meio da margem externa; cauda curta, toda contida na base da membrana interfemural; calcâneo curto, de tamanho igual ao do pé.

Antebraço revestido de pelos nos dois lados, assim como os dedos dos pés, mas as pernas são nuas; membrana interfemural inteiramente nua em ambos os lados.

Colorido pardo escuro nas partes superiores e bem mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bisig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ^a	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
4440	Pará	♂	22	11	5,5	5	4	3	15,5	8
2426	E. Santo	♂	21,5	11	5,5	5	4	3	15	8
1226	São Sebastião.	♀	21	11	5	5	4	2,5	15,5	8
1229	Cantareira ...	♂	21,5	11	5,5	5	4	3	15	8

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
4429	Silves	♀	55	8	14	10	39	10	7	37	14	19	10	7
5768	Santarem	♂	52	8	15	10	40	11	7	36	15	19	10	8
4440	Buiussú	♂	55	8	15	11	40	12	7	37	14	19	10	8
1204	Fortaleza	♂	55	—	15	11	40	11	7	37	15	20	10	7
5771	Vila Nova	♀	52	—	15	11	40	11	7	37	15	20	10	7
2426	E. Santo	♂	55	—	14	10	39	12	7	37	15	20	11	8
3581	Macaé	♀	52	—	15	11	38	12	7	36	15	20	11	8
5834	Ipatinga	♀	51	8	14	10	39	12	7	37	15	20	10	8
5835	Ipatinga	♂	52	8	15	10	37	12	7	37	15	20	10	7
1730	M. Grosso	♂	55	—	15	11	39	11	7	37	15	20	11	8
4082	Goiaz	♂	55	8	15	10	40	12	7	38	15	20	11	8
1212	Sorocaba	♂	48	—	14	9	36	10	7	36	13	18	10	7
5684	Rio Preto	♂	52	8	14	10	39	12	7	37	15	20	10	8

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Muito comum em toda a região Neotrópica, do México, Antilhas e América Central até ao Brasil, onde tem sido encontrado nos Estados do Pará, Amazonas, Ceará, Pernambuco, Baía, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 366, ♂, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 367, ♀, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3409, o?, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3409a.o?, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3411, o?, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3502, o?, Manaus (Amazonas), BICEGO col., 1899, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 4429, ♀, Silves (Amazonas), OLALLA col., VI-1937, em alcool, Depart. de Zoologia.
 3678, ♂, Pará (Amazonas), F. Q. LIMA col., V-1922, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4393, ♀, Buiussú (Pará), OLALLA col., 1933, pele cheia, Departam. de Zoologia.

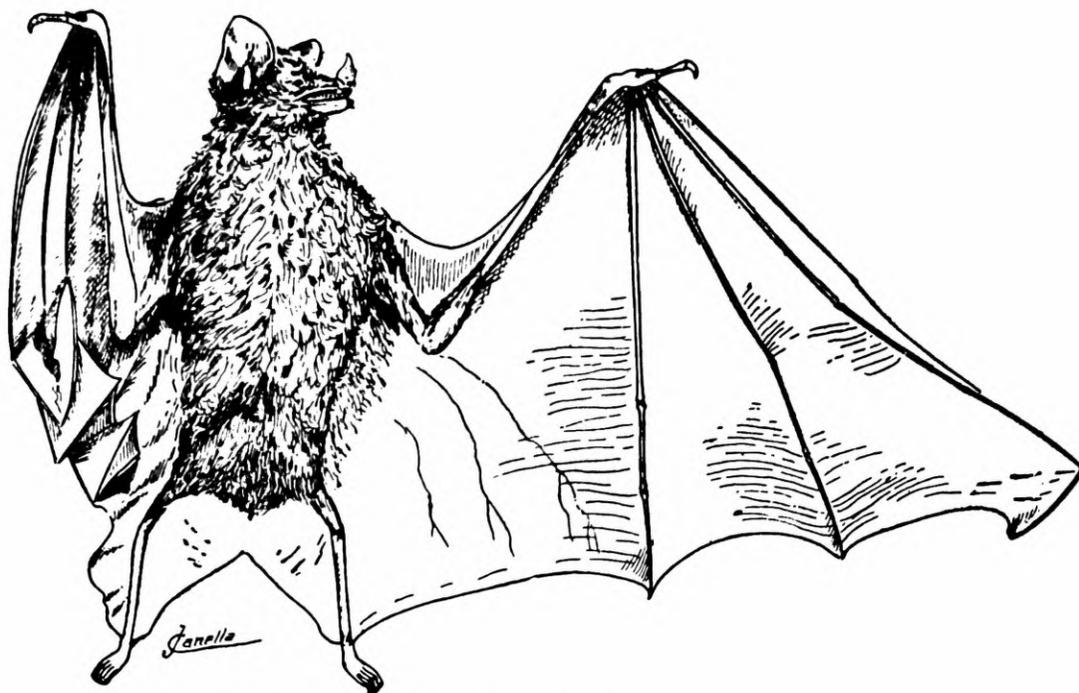


Fig. 23 — *Hemiderma perspicillatum* (L)

- 4440, ♂, Buissú (Pará), OLALLA col., 1933, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5768, ♂, Santarem (Pará), GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5768a. ♂, Santarem (Pará), GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 4460, ♀, Foz do Curuá (Pará), OLALLA col., 1936, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1204, o?, Fortaleza (Ceará), F. ROCHA col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5771, ♀, Vila Nova (Baía), GARBE col., 1908, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5769, ♀, Baía, OLIV. PINTO col., 1933, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2426, ♂, Rio Doce (Espírito Santo), GARBE col., 1908, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 2433, ♂, Rio Doce (Espírito Santo), GARBE col., 1906, em alcool, Dep. de Zoologia.
 2433a. ♂, Rio Doce (Espírito Santo), GARBE col., 1906, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1980, ♀, Ilha Grande (Rio de Janeiro), GARBE col., 1905, em alcool, D. de Zoologia.

- 1981, ♀, Ilha Grande (Rio de Janeiro, GARBE col., 1905, em alcool, D. de Zoologia.
 3581, ♀, Serra de Macaé (Rio de Janeiro), GARBE col., 1905, em alcool, D. Zool.
 2798, ♂, Serra de Macaé Rio de Janeiro), GARBE col., 1905, pele cheia, D. Zoologia.
 1212, ♂, Sorocaba (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1213, ♀, Sorocaba (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1369, o?, Ipanema (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1229, ♂, Cantareira (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3412, o?, Cantareira (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1226, ♀, São Sebastião (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5703, ♂, Poço Grande Juquiá (S. Paulo), TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5709, ♀, Poço Grande, Juquiá (S. Paulo), TRAVASSOS FILHO col., 1940, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 2722, o?, Poço Grande, Juquiá (S. Paulo), OLALLA col., 1940, pele cheia, D. Zool.
 5723, o?, Poço Grande, Juquiá (S. Paulo), OLALLA col., 1940, pele cheia, D. Zool.
 5841, ♂, Poço Grande, Juquiá (S. Paulo), OLALLA col., 1940, pele cheia, D. Zool.
 4051, o?, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 4052, o?, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5861, ♀, Rio Preto (São Paulo), J. LIMA col., 1940, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5684, ♂, Rio Preto (São Paulo), J. LIMA col., 1940, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5834, ♂, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5835, ♂, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5836, ♀, Ipatinga, Rio Doce (Minas Gerais), OLALLA col., IX-1940, em alcool, Departamento de Zoologia.
 4082, ♂, Cana Brava (Goiaz), BLASER col., 1932, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5633, ♂, Cuiabá (Mato-Grosso), OLIV. PINTO col., 1937, em alcool, D. de Zoologia.
 3533, o?, Manguinhos (Rio de Janeiro), LAURO TRAVASSOS col., em alcool. M. Nac.
 3477, o?, B. Constant (Minas Gerais), E. DIAS col., em alcool, Museu Nacional.
 3656, ♀, Rio Paraná (Goiaz), BLASER col., 1931, em alcool, Museu Nacional.
 3606, o?, Corumbá (Mato-Grosso), HOENE col., 1913, em alcool, Museu Nacional.
 3637, o?, Joinvile Santa Catarina) EHRHARDT col., em alcool, Museu Nacional.
 3640, o?, Joinvile (Santa Catarina), EHRHARDT col., em alcool, Museu Nacional.

Gênero RHINOPHYLLA Peters

Rhinophylla PETERS, 1865, Monatsb. K. Preuss. Akad. Wissensch. Berlin, pg. 355; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 145; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 113; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 146.

TIPO: *Rhinophylla pumilio* Peters.

Do tamanho diminuto, mas muito semelhante no aspecto externo a *Hemiderma*.

Nenhum vestígio de cauda; focinho mais largo e dentes diferentes.

Crânio com rostro muito curto e largo; caixa encefálica bastante elevada sobre a linha facial.

Fórmula dentária: igual à de *Hemiderma*; incisivos superiores semelhantes, mas os externos mais largos e com margens sulcadas; incisivos internos bilobados; incisivos inferiores desiguais, internos muito maiores e mais largos que os externos; primeiro pre-molar superior muito reduzido, cilíndrico, e mal aparecendo na gengiva; segundo pre-molar superior menor; pre-molares inferiores quase iguais em tamanho; molares inferiores muito estreitos.

Compreende este gênero unicamente a espécie tipo.

Rhinophylla pumilio Peters

Rhinophylla pumilio PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 521 (Baía);
DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 495 (Baía);
MÉNEGAUX, 1901, Bull. du Museum, pg. 395; TROUESSART, 1904,
Cat. Mammal. Suppl., pg. 113.

LOCALIDADE TÍPICA: Baía.

DESCRIÇÃO: É uma das menores espécies da família *Phyllostomidae*; focinho obtusamente cônico, com apêndice bem desenvolvido e lanceolado; orelhas separadas, muito mais curtas que a cabeça; mento como em *Hemiderma*.

Membranas das asas ligadas ao metatarso; membrana interfemural sulcada no centro da margem externa, estendendo-se até o meio da tíbia.

Calcâneo muito curto, não excedendo a metade do pé em comprimento; nenhum vestígio de cauda.

O colorido e a desposição dos pelos sobre o corpo e as membranas, são os mesmos de *H. perspicillatum*. (1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas e Baía.

Subfamília STURNIRINAE

Stenodermata DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 511 (em parte).

Stenodermatae TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 119.

Sturnirinae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 147.

O gênero *Sturnira* por ter a estrutura dos dentes inteiramente aberrante, foi separado da subfamília *Stenodermatinae* para ser colocado numa subfamília à parte.

São morcegos frugívoros e bastante comuns nas zonas quentes da América do Sul.

Compreende unicamente o gênero *Sturnira*.

(1) Descrição baseada na de DOBSON.

Gênero STURNIRA Gray

Sturnira GRAY, 1842, Ann. and Mag. Nat. Hist., X, pg. 257; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 538; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 119; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 148.

TIPO: *Sturnira spectrum* Gray (= *Phyllostoma lilium* E. Geoffroy).

Tamanho regular; focinho cônico, mento com três grandes verrugas, marginadas por verrugas menores; folha nasal curta.

Membranas das asas ligadas ao tornozelo; membrana interfemural muito estreita, quase imperceptível; ausência absoluta de qualquer vestígio de cauda; calcâneo muito curto.

Crânio com rostro largo e curto; caixa encefálica muito arredondada, com crista sagital bem desenvolvida.

$$\text{Fórmula dentária: } i \frac{2}{2} c \frac{1}{1} pm \frac{2}{2} m \frac{3}{3} = 32$$

Incisivos superiores grandes, internos maiores, unicúspidos e oblíquos; externos pequenos, com larga coroa de margens cortantes, incisivos inferiores quase iguais em tamanho, com margens cortantes trilobadas; primeiro pre-molar superior pouco menor que o segundo; primeiro molar superior maior que os outros dois, sendo o último muito reduzido; todos eles estreitos, com coroas sulcadas longitudinalmente; primeiro pre-molar inferior também maior que os outros dois, sendo o último muito pequeno. Coroas dos molares inferiores longitudinalmente côncavas internamente; externamente, com margens cortantes. Caninos fortes e curtos; os superiores maiores que os inferiores.

Compreende uma única espécie.

Sturnira lilium lilium (Geoffroy)

Phyllostoma lilium GEOFFROY, 1810, Ann. du Museum, XV, pg. 181 (Paraguai).

Stenoderma (*Sturnira*) *excisum* PELZELN, 1883, Brasilische Säugthiere, pg. 35 (Rio de Janeiro e São Paulo).

Sturnira excisa H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Cat., pg. 22.

Sturnira lilium DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 538 (Jamaica, América Central e Brasil); H. IHERING, 1894, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 20 (Taquara e São Lourenço);

TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 119; LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 39 (Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

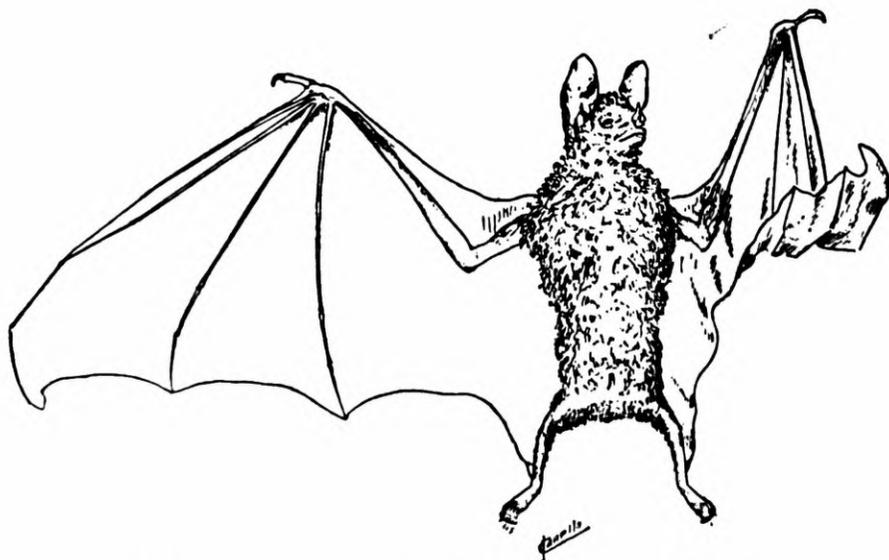


Fig. 24 — *Sturnira lilium* (E. Geoffroy)

DESCRIÇÃO: Orelhas muito mais curtas que a cabeça, estreitas, bem separadas entre si, com extremidades mais ou menos arredondadas, margem externa côncava; margem interna inteiramente convexa; trago curto e largo na base, com extremidade aguçada.

Lábio inferior com três verrugas no centro, marginadas inferiormente por uma fileira de outras pequeninas verrugas.

Focinho curto, obtusamente cônico, com folha nasal curta, muito larga na base e lanceolada.

Membrana interfemural rudimentar, constituída apenas duma estreita faixa ao longo das pernas; nenhum vestígio de cauda; calcâneo quase imperceptível, mas presente.

Pelagem revestindo espessamente o corpo. A região do úmero, antebraço e pernas, também cobertas de pelos densos, assim como toda a estreita membrana interfemural e os pés; membrana antebraquial inteiramente nua.

O colorido varia com o sexo: o macho adulto é de colorido geral pardo escuro, tendo os pelos, bases branco amareladas e extremidades ferrugíneas. Cabeça, pescoço e espáduas, pardo amareladas. Partes inferiores, pardo acinzentadas, lavadas de ferrugíneo; garganta muito mais clara.

A fêmea adulta tem a região dorsal pardo escura e as outras partes superiores pardo cinza; partes inferiores mais claras; ventre esbranquiçado e lavado de vermelho.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Att. occipital	Larg. palat M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
149	Piquete	♂	22	14	6	6	5	3,5	14	7
2446	Ipiranga	♂	22	14	6	6	5	4	14	7
2795	Rio de Janeiro.	♂	23	15	6,5	6	5	4	14	7
2435	Rio G. do Sul ..	♂	23	15	6	6	5	4	15	7

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	5.º metacarpc	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Pougar
1223	Baía	♀	56	15	12	40	11	7	38	15	18	13	8
1356	Baía	♂	55	15	11	39	11	7	38	14	19	15	8
1375	Minas Gerais .	♂	55	15	10	38	11	7	38	14	19	12	8
1375a	Minas Gerais .	♂	55	15	10	38	11	7	38	14	18	12	8
2446	São Paulo	♀	55	15	10	38	11	7	38	14	19	12	8
3387	São Paulo	♀	54	14	11	39	11	7	39	14	18	14	8
1098	Sta. Catarina.	♂	55	15	11	39	10	7	38	15	18	14	8
1377	Rio G. do Sul.	♂	56	15	11	40	11	7	39	15	18	15	8

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Perú, Chile, Paraguai e Brasil: Estados da Baía, Minas Gerais, Rio de Janeiro, S. Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1359, o?, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1222, o?, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1223, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1251, o?, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1356, ♂, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1356a, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1375, ♂, Vargem Alegre (Minas Gerais), J. B. GODOI col., 1900, em alcool, D. de Z.
 1375a, ♂, Vargem Alegre (Minas Gerais), J. B. GODOI col., 1900, em alcool, D. de Z.
 2795, ♂, Serra de Macaé (Rio de Janeiro), GARBE col., II-1909, pele cheia, D. Zool.
 509, o?, Capital (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 839, o?, Capital (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 840, o?, Capital (São Paulo), col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1225, ♂, Cantareira (São Paulo), col. antiga, 1902, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1368, ♂, Cantareira (São Paulo), LIMA col., 1907, em alcool, Depart. de Zoologia.
 2446, ♂, Ipiranga (São Paulo), LIMA col., 1907, em alcool, Depart. de Zoologia.
 3460, ♂, Ipiranga (São Paulo), LIMA col., 1907, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1367, ♂, Iguape (São Paulo), R. KRONE col., 1901, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1367a, ♂, Iguape (São Paulo), R. KRONE col., 1901, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1377, ♂, São Lourenço (Rio Grande do Sul), ENSLEN col., 1902, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1377a, ♀, São Lourenço (Rio Grande do Sul), ENSLEN col., 1902, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2436, ♂, São Lourenço (Rio Grande do Sul), ENSLEN col., 1902, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5772, ♂, São Lourenço (Rio Grande do Sul), ENSLEN col., 1902, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5772a, ♂, São Lourenço (Rio Grande do Sul), ENSLEN col., 1902, em alcool, Departamento de Zoologia.

Subfamília *STENODERMINAE*

- Phyllostomina* GRAY, 1836, Mag. Zool. Bot., II, pg. 486 (em parte).
Stenodermina GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zool., pg. 32.
Stenodermata DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 511.
Centurioninae REHN, 1901, Proced. Akad. Scienc. Nat. Philadelphia, pg. 196.
Stenoderminae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats. U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 149.

Grupo bastante homogêneo, compreendendo dezenove gêneros de morcegos americanos, dos quais, cinco são representados em território brasileiro.

Caracterizam-se pelo focinho muito curto e achatado; apêndice nasal curto e largo; membrana interfemural com margem externa profundamente côncava; cauda ausente; lábios sempre munidos de papilas cônicas.

A dentição varia nos diversos gêneros que podem ter de 28 a 32 dentes.

Pre-molares e molares sempre de coroa muito larga e chata, marginada externamente por margens cortantes com cúspides agudas que não formam W como nas outras famílias.

São frugívoros e insetívoros e encontrados com frequência nos galhos das árvores ou nos telhados das habitações.

São todos habitantes das regiões mais quentes da América.

CHAVE PARA OS GÊNEROS BRASILEIROS

- A) Abóbada palatina óssea prolongando-se para trás, muito além dos últimos molares
- a) Incisivos superiores médios pouco maiores que os incisivos superiores externos (menos de duas vezes seu tamanho) e não muito diferentes em forma
- b) Sem listra branca sobre o dorso; comprimento do rostro pouco mais de metade da caixa encefálica *Artibeus*
- bb) Com listra branca ao longo da espinha dorsal; comprimento do rostro cerca de $\frac{3}{4}$ do comprimento da caixa encefálica.. *Uroderma*
- aa) Incisivos superiores médios muito maiores que os incisivos superiores externos (duas vezes seu tamanho) e de forma inteiramente diferente
- c) Com 32 dentes; m $\frac{3}{3}$ *Vampyrops*
- cc) Com 28 a 30 dentes; m $\frac{2}{2}$ ou $\frac{2}{3}$
- d) Com 2 incisivos inferiores apenas (i $\frac{2}{1}$); listra branca ao longo da espinha *Vampyriscus*

- 2
- dd) Com 4 incisivos inferiores (i —); sem listra branca ao longo da espinha 2
- 2
- e) Com 28 dentes; m — 2
- 2
- f) Membrana da asa ligada às bases dos dedos dos pés; membrana interfemural inteiramente nua *Vampyressa*
- ff) Membrana da asa ligada ao metatarso; membrana interfemural densamente revestida de pelos *Chiroderma*
- 2
- ee) Com 30 dentes; m — *Mesophylla*
2
- B) Abóbada palatina óssea muito mais curta, não excedendo os últimos molares
- 2
- g) Apêndice nasal largo (sua largura quase iguala seu comprimento); forte entumescência sobre a órbita; 28 dentes; m — *Pygoderma*
2
- 3
- gg) Apêndice nasal estreito (seu comprimento maior que sua largura); sem entumescência sobre a órbita; 32 dentes; m —... *Ametrida*
3

Gênero ARTIBEUS Leach

Artibeus LEACH, 1821, Trans. Linn. Soc. London, XIII, pg. 75.

Pteroderma GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zool., pg. 34.

Uroderma DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 515 (subgênero, em parte).

Artibeus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 514 (gênero); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Suppl., pg. 115; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57 pg. 160.

TIPO: *Artibeus jamaicensis* Leach.

Morcegos de tamanho regular ou bem grandes, com focinho muito-curto e largo; folha nasal curta e largā; orelhas menores que a cabeça; polegares compridos e com unhas fortes; membrana interfemural profundamente sulcada; calcâneo comprido; pés grandes, com unhas em forma de garras.

Crânio com caixa encefálica de regular largura, pouco elevada sobre o rosto que é curto e achatado; arcada zigomática larga e bem expandida, com extremidades dilatadas; abóbada palatina estendendo-se muito além dos últimos molares.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccccc} 2 & 1 & 2 & 2 & 2 & 3 \\ i & c & pm & m & ou & ou \\ 2 & 1 & 2 & 2 & 3 & 3 \end{array} = 28, 30 \text{ ou } 32$$

Incisivos superiores pequenos, bem unidos entre si e à base dos caninos; internos largos e bilobados; externos pequenos, com cerca de metade da altura dos internos e com margens não recortadas e oblíquas. Incisivos inferiores menores que os superiores, bem unidos e iguais em tamanho, com margens cortantes ligeiramente bilobadas. Caninos grandes e fortes com cingulum distinto. Pre-molares superiores grandes, de forma triangular, o primeiro com a metade do tamanho do segundo; primeiro molar superior muito largo, com margem cortante externa munida de dois lóbulos; segundo molar superior cerca de metade do primeiro, com cúspide muito reduzidas e fundo sulco no centro da coroa; pre-molares inferiores semelhantes aos superiores, porém mais largos e sem concavidade na superfície interna; primeiro molar inferior maior e mais largo que o segundo, com margem externa munida de dois lóbulos cortantes; segundo molar inferior semelhante na conformação das cúspides ao primeiro; terceiro molar inferior muito reduzido, menor que qualquer dos incisivos inferiores.

Compreende quinze formas, das quais cinco estão representada no Brasil.

CHAVE PARA AS FORMAS BRASILEIRAS

A) Maiores (antebraço com 55 mm. a 70 mm.)

a) Com 2 pares de molares superiores, $\begin{array}{l} 2 - 2 \\ \text{-----} \\ 3 - 3 \end{array}$ *jamaicensis*

aa) Com 3 pares de molares superiores, $\begin{array}{l} 3 - 3 \\ \text{-----} \\ 3 - 3 \end{array}$ *planirostris*

B) Menores (antebraço com 39 mm. a 50 mm.)

b) Com 12 molares, $\begin{array}{l} 3 - 3 \\ \text{-----} \\ 3 - 3 \end{array}$ *concolor*

- 2 - 2
- bb) Com 8 molares, m ———
- 2 - 2
- c) Inteiramente cinza-escuro, sem listras brancas.... *cinereus*
- cc) Pardo-escuro, com 4 listras brancas na cabeça *quadrivittatus*

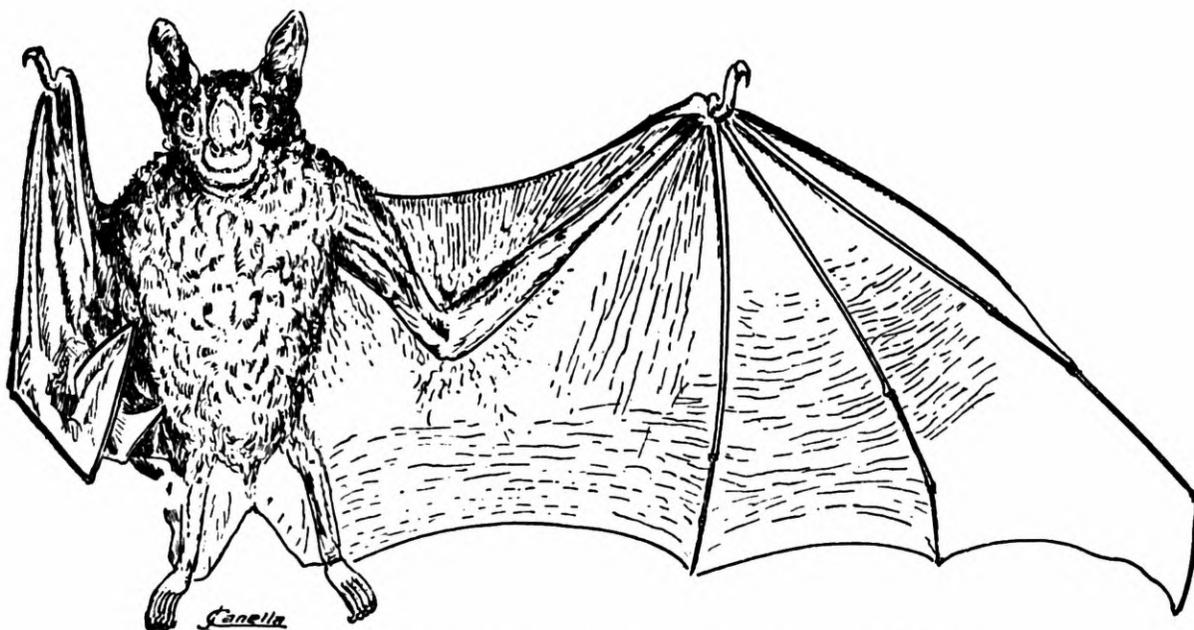


Fig. 25 — *Artibeus jamaicensis lituratus* (Licht.)

Artibeus jamaicensis lituratus (Lichtenstein)

Phyllostomus lituratus LICHENSTEIN, 1823, Verz. Doubl. Berlin Mus., pg. 3 (Brasil, baseado no "Chauve-souris obscure et rayée" de AZARA, Essais sur l'histoire naturelle des Quadrupedes de la Province du Paraguay, II, pg. 269-270).

Artibeus perspicillatus (não de LINNAEUS) ¹ DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 519 (em parte Venezuela Colômbia e Brasil); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Cat., pg. 23; idem,

(1) LINNAEUS, Syst. Naturae, 10a. ed., pg. 31, 1758, deu a denominação *Vespertilio perspicillatus* ao *Vespertilio americanus vulgaris* do catálogo de ALBERT SEBA *Locupletissimum Rerum Naturalium Thesaurus*, vol. I, pl. LV, fig. 2, Amsterdam, 1734. Autores antigos julgaram tratar-se dum morcego do gênero *Artibeus* e deram a denominação de *Artibeus perspicillatus* ao grande representante deste gênero. THOMAS, em 1892, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 315, esclareceu o assunto, ficando definitivamente assentado que a gravura de SEBA representa o comuníssimo *Hemiderma brevicaudum* da América do Sul e não um *Artibeus*. Conforme THOMAS, Ann. and Mag. Nat. Hist., série VII, vol. 8, pg. 92, 1901, a denominação *perspicillatus* cabe a *Hemiderma* e, à espécie do gênero *Artibeus*, deve ser dada a denominação de *jamaicensis* de LEACH, Trans. Linn. Soc. London, vol. XIII, pg. 75, 1820; localidade típica: Jamaica. Sendo esta espécie de vasta distribuição na América, do México ao Brasil, várias raças são hoje reconhecidas, das quais somente *lituratus* parece ocorrer no Brasil.

1894, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 20 (Porto Alegre);
LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., pg.
42 (Venezuela, Baía, Minas Gerais Rio de Janeiro e São Paulo).

? *Stenoderma (Artibeus) perspicillatus* PELZELN 1883, Brasilische Säu-
gethiere, pg. 33 (Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso).

Artibeus jamaicensis THOMAS, 1901, Ann. and. Mag. Nat. Hist., série
VII, vol. 7, pg. 192 (Pará); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal.
Suppl., pg. 116.

Artibeus jamaicensis lituratus KNUD ANDERSEN, 1908, A Monograph of
the Chiropterean Genera *Artibeus*, Proceed. Zool. Soc. London,
pg. 272 (Colômbia, Equador, Paraguai e Brasil: Baía, Minas
Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

DESCRIÇÃO: De grande tamanho, cabeça achatada, muito pouco ele-
vada sobre o focinho que é curto e largo; folha nasal relativamente curta
e larga, com proeminência longitudinal no centro bem saliente.

Orelhas mais curtas que a cabeça, sem nenhuma ligação nas bases,
mais compridas que largas, margens internas inteiramente convexas e
externas côncavas na parte mediana; trago curto e estreito, margem ex-
terna recortada e extremidade aguçada.

Lábio superior munido de pequenas verrugas; inferior com grande
verruga no centro, circundada por seis verrugas menores.

Membranas das asas ligadas ao metatarso; membrana interfemural
profundamente recortada até a altura de mais de metade da tíbia.

Calcâneo bem desenvolvido, com cerca de metade do comprimento
do pé; nenhum vestígio de cauda; pés grandes, em forma de garras.

Membrana antebraquial, na face inferior, e antebraço, dos dois la-
dos, revestidos de pelos curtos; membrana interfemural com escassos
pelos na parte superior, assim como os pés.

Colorido geral pardo escuro; pelos com a parte basal parda e as ex-
tremidades cinzentas. Sobre a fronte duas listras brancas longitudinais
e paralelas que se estendem da base da folha nasal à base posterior das
orelhas; partes inferiores com colorido pardo muito mais claro.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. palat M^s</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Comp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
4430	Pará	♂	32	19	7	7	8	6	21	12
3528	Minas Gerais ..	♂	33	20	8	8	7,5	6	23	12
3394	São Paulo	♂	33	20	8	8	7,5	6	23	12
3390	São Paulo									

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>3.ª falange</i>	<i>Polegar</i>	<i>Tragaço</i>
4445	Itacoatiara ...	♀	95	24	15	70	16	65	24	38	20	15	9
5624	Igarapé Annibá	♀	90	23	15	63	15	62	24	32	19	15	8
4430	Pará	♂	95	24	15	70	16	65	24	38	20	15	9
3528	M. Gerais	♀	94	23	15	65	15	65	23	37	19	15	9
3390	Ipiranga	♀	92	23	15	62	15	62	23	35	18	15	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Colômbia, Equador, Paraguai, e Brasil: Estados do Amazonas, Pará, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4445, ♀, Itacoatiara (Amazonas), OLALLA col., sem data, pele cheia, Dp. de Zool.
 5624, ♀, Igarapé Anibá (Amazonas), OLALLA col., sem data, pele cheia, D. de Z.
 4430, ♂, Piquiatuba (Pará), OLALLA col., BE-V-VTCE, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3319, o?, Baía GARBE col., 1900, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 2695, ♀, T. Otoni (M. Gerais), GARBE col., sem data, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 299, ♂, S. Antônio (M. Gerais) J. B. GODOI 1898, em alcool, Dep. de Zoologia.
 304, ♂, S. Antônio (M. Gerais) J. B. GODOI, 1898, em alcool, Dep. de Zoologia.
 3528, ♀, Rio Matipós (M. Gerais), P. FONSECA col. 1919, pele cheia, D. Zoologia.
 1941, ♀, Estado do Rio de Janeiro, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1299, ♀, Avanhadava (São Paulo), GARBE col., 1903, pele cheia, D. de Zoologia.
 1727, ♀, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3755, ♂, Baurú, (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5967, ♂, Lins (São Paulo), OLALLA col., 1940, em alcool, Depart. de Zoologia.
 5787, ♂, Cerqueira Cesar (São Paulo), em alcool, Departamento de Zoologia.
 1427, ♂, Bebedouro (São Paulo), GARBE col., VI-1911, pele cheia, D. de Zoologia.
 1050, ♀, Iguape (São Paulo), R. KRONE col., 1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 2954, o?, Ilha Vitória (São Paulo), GARBE col., 1903, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4140, o?, Mogí das Cruzes (São Paulo) J. LIMA col., 1933, pele cheia, D. de Zool.
 4141, o?, Mogí das Cruzes (São Paulo), J. LIMA col., 1933, pele cheia, D. de Zool.
 3475, ♂, Cantareira (São Paulo), LIMA col., pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3389, ♂, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3390, ♂, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3391, ♀, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3392, ♀, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3393, ♀, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3394, ♀, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3395, ♀, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5767, ♂, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5862, ♂, Ipiranga (São Paulo), 1937, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3733, ♂, Itatiaia (Minas Gerais), em alcool, Museu Nacional).
 3388, o?, Abaeté (Minas Gerais), Museu Nacional.
 3722, o?, Rio de Janeiro, MIRANDA RIBEIRO col., 1902, em alcool, Museu Nacional.
 3723, c?, Rio de Janeiro, MIRANDA RIBEIRO col., 1902, em alcool, Museu Nacional.
 3725, o?, Rio de Janeiro, MIRANDA RIBEIRO col., 1902, em alcool, Museu Nacional.
 3727, o?, Rio de Janeiro, MIRANDA RIBEIRO col., 1902, em alcool, Museu Nacional.
 3618, ♀, Santa Catarina, EHRHARDT col., em alcool, Museu Nacional.
 3620, ♂, Santa Catarina, EHRHARDT col., em alcool, Museu Nacional.
 3625, ♂, Santa Catarina, EHRHARDT col., em alcool, Museu Nacional.

Artibeus planirostris planirostris (Spix) (1)

Phyllostoma planirostre SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, pg. 66, pl. XXXVI, fig. 1 (Baía).

? *Phyllostoma obscurum* WIED, 1826, Beitr. Naturg. Brasil, Bd. II, pg. 203 (Rio de Janeiro).

(1) Quatro raças de *Artibeus planirostris* são hoje reconhecidas, ocorrendo no Brasil somente *A. planirostris planirostris*. As outras três: *trinitatis*, *granadensis* e *falix* ocorrem na Colômbia, Venezuela e Guianas.

Phyllostoma perspicillatum BURMEISTER, 1854, *Thiere Brasiliens*, pg. 45.

Artibeus planirostris DOBSON, 1878, *Cat. Chiropt. Brit. Museum*, pg. 315 (em parte, Guianas e Pernambuco); TROUËSSART, 1904, *Cat. Mammal, Suppl.*, pg. 116.

Artibeus planirostris planirostris ANDERSEN, 1908, *A Monograph of the Chiropterean Genera Artibeus and Uroderma*, *Proceed. Zool. Soc. London*, pg. 237 (México, Venezuela e Brasil: Pará, Pernambuco, Baía e Mato-Grosso).

LOCALIDADE TÍPICA: Baía.

DESCRIÇÃO: Menor que *A. jamaicensis*, mas assemelhando-se bastante no aspecto externo.

Orelhas mais curtas que a cabeça; lábio inferior com três verrugas grandes no centro, dispostas em triângulo e marginadas por oito ou dez verrugas menores.

Base da folha nasal com margem anterior livre, separada da extremidade do focinho e não serrilhada como na espécie precedente.

A dentição difere da de *A. jamaicensis*, pois possui dois molares superiores a mais, muito pequenos e colocados numa concavidade no lado posterior interno do segundo molar; incisivos inferiores muito pequenos.

Membranas das asas ligadas ao metatarso, quase nua, com poucos pelos sobre o antebraço; membrana interfemural fendida até a metade da tíbia e também quase despida de pelos.

Colorido geral cinza muito escuro; pelos com bases esbranquiçadas; duas estrias brancas longitudinais de cada lado da fronte, dos olhos à base posterior do crânio.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1262, ♂, comprimento total, 28; largura bizigomática, 18; largura interorbital, 7,5; altura occipital, 8; largura palatal do M², 5,5; largura entre caninos, 4,5; comprimento da mandíbula, 19,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 10,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

1262, ♂, cabeça e corpo, 63; tíbia, 15; pé, 12; antebraço, 55; altura da orelha, 12; 3.º metacarpo, 53; 1.ª falange, 26,5; 2.ª falange, 26,5; 3.ª falange, 15; polegar,

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Sul do México até ao Brasil, onde tem sido encontrado nos Estados da Baía e Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

1262, ♂, Baía, BICEGO col., 1898, pele cheia, Departamento de Zoologia.

1374, ♂, Baía, BICEGO col., 1898, em álcool, Departamento de Zoologia.

Artibeus concolor Peters

Artibeus concolor PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 357 (Surinam).

Artibeus planirostris (não de SPIX), DOBSON, 1878, Cat. Chiropt, Museum, pg. 518 (variedade de *A. planirostris*, Amazonas superior).

Artibeus concolor THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., série VII, vol. 7, pg. 191 (Pará).

Artibeus (Uroderma) concolor ANDERSEN, 1908, A Monograph of the Chiropterean Genera *Artibeus* and *Uroderma*, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 232 (Pará).

LOCALIDADE TÍPICA: Paramaribo, Guiana Holandesa.

DESCRIÇÃO: Difere da espécie precedente no tamanho menor e no colorido, que é pardo; a cabeça não tem listras brancas na fronte e o patágio é pardo escuro, exceto no espaço entre o segundo e o terceiro dedo, que é esbranquiçado.

Dentes como os de *A. planirostris*, porem muito menores proporcionalmente aos dentes das outras espécies de 3 molares superiores (m—).

3

3

Dimensões externas: comprimento total, 62; antebraço, 50; 3.º metacarpo, 46; 1.ª falange, 16; 2.ª falange, 13; polegar, 13; pés com unhas, 11; calcâneo, 6.¹

Artibeus cinereus cinereus (Gervais)

Dermanura cinereum GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, pg. 36, pl. VII, fig. 4 (Brasil); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 116.

Artibeus cinereus THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., série VII, vol. 8, pg. 143 (Guiana Inglesa).

Artibeus cinereus cinereus ANDERSEN, 1908, A Monograph of the Chiropterean Genera *Uroderma* and *Artibeus*, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 292 (Venezuela e Pará).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO:² É a menor espécie deste gênero e possui dois pares de molares em cada maxila (m —).

2 - 2

2 - 2

(1 e 2) Descrições e medidas baseadas nas de ANDERSEN.

Colorido geral cinza escuro, sem listras brancas na face ou no dorso.

Dimensões eônicas: comprimento total, 54; antebraço, 39; 3.º metacarpo, 35; 1.ª falange, 13; 2.ª falange, 18,3; 3.ª falange, 10; tibia, 13; polegar, 10; pés com unhas, 11; calcâneo, 6.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Venezuela, Guiana Inglesa e Pará.

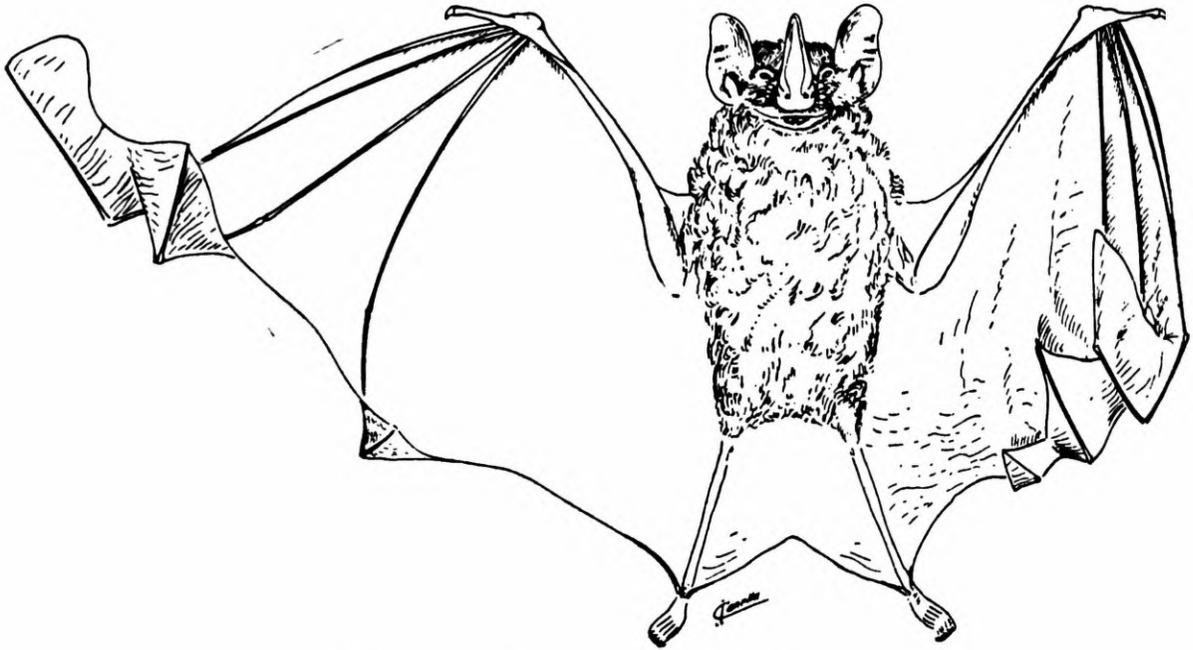


Fig. 26 — *Artibeus quadrivittatus* Peters

Artibeus quadrivittatus Peters

Artibeus quadrivittatus PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 358 (Surinam); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 521 (Surinam e Pernambuco); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista., tomo XIV, pg. 44 (Venezuela, Equador São Paulo?); ANDERSON, 1908, A Monograph of the Chiropterean Genera *Artibeus* and *Uroderma*, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 302 (Surinam e Pernambuco).

LOCALIDADE TÍPICA: Surinam.

DESCRIÇÃO: Inteiramente semelhante às espécies precedentes no aspecto externo, porem diferenciando-se em ter a membrana interfurral muito mais profundamente recortada no centro, atingindo sua margem externa quase o nível dos joelhos.

Parte superior revestida de escassos pelos.

Membranas das asas ligadas ao tornozelo; calcâneo curto; pés pequenos, com unhas fracas.

Como *A. cinereus*, tem apenas 28 dentes, dois pares de molares em cada maxilar; incisivos externos tão grandes como os internos, ao contrário de *A. jamaicensis*.

Colorido geral pardo escuro nas partes superiores, muito mais claras nas inferiores. Na cabeça existem quatro listras esbranquiçadas, que às vezes não são muito distintas: duas paralelas na frente, da base da folha nasal à parte posterior das orelhas, e duas de cada lado da face, do ângulo da boca à base das orelhas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2022, ♂, comprimento total, 20; largura bizigomática, 12; largura interorbital, 5; altura occipital, 6; largura palatal no M², 3,5; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 3,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 7.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
2021	Mérida	♀	51	12	7	38	11	5	35	13	19	9	6
2540	Mérida	♀	52	12	7	38	11	5	35	13	19	9	6
2022	Equador	♂	55	13	8	39	12	5	36	14	20	11	8

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Equador, Venezuela, Guiana e Brasil: Pernambuco.

EXEMPLARES EXAMINADOS

2021, ♀, Mérida (Venezuela), comprado de ROSENBERG, XI-1905, pele cheia, D. Zool.
 2540, ♀, Mérida (Venezuela), comprado de ROSENBERG, XI-1905, pele cheia, D. Zool.
 2022, ♂, Pampilon (Equador), comprado de ROSENBERG, XI-1905, pele cheia, D. Zool.

Gênero VAMPYROPS Peters

Vampyrops PETERS, 1865, Monatsber. K. preuss. Akad. Wissench. Berlin, pg. 356; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 521; TROUËSSART, 1905, Cat. Mammal. Suppl., pg. 117; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 155.

TIPO: *Phyllostoma lineatum* Geoffroy.

Gênero muito semelhante a *Artibeus* no aspecto externo, mas com focinho mais alongado e estreito; membrana interfemural mais estreita e denteção diferente.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 32 \\ & 2 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

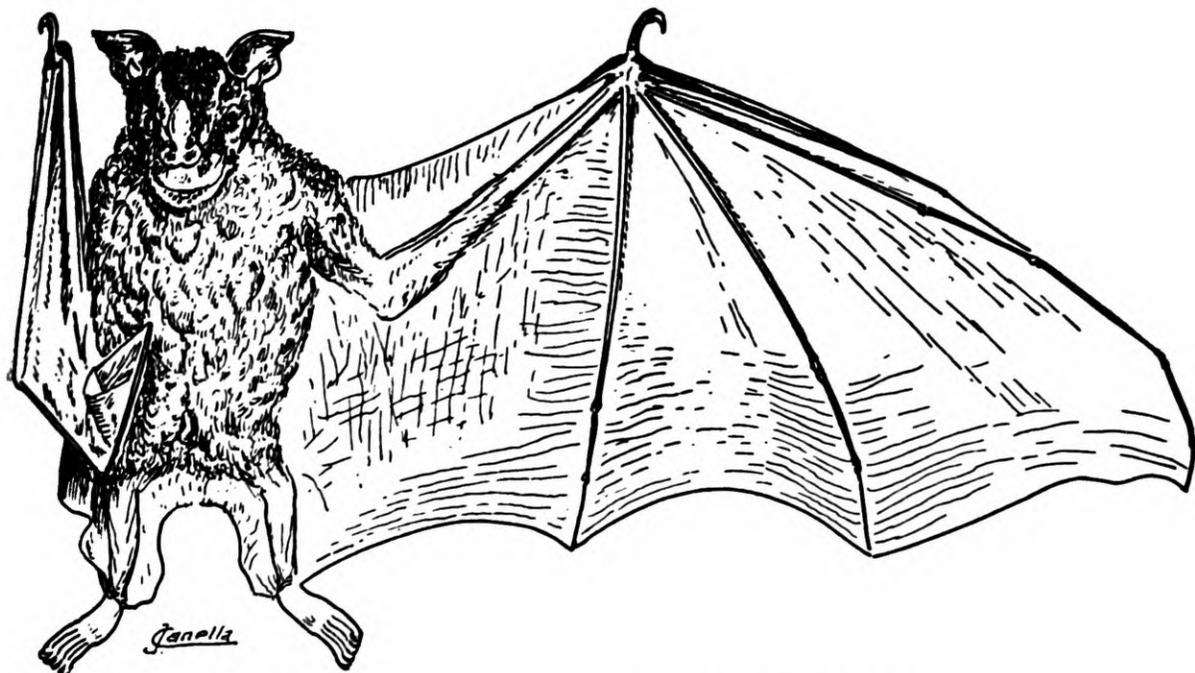
Incisivos superiores internos muito grandes, bem unidos entre si e oblíquos; incisivos externos pequenos, cônicos, diretos, com cerca de metade do tamanho dos internos; incisivos inferiores pequenos, iguais em tamanho e bífidos; caninos, pre-molares mais ou menos iguais aos do gênero *Artibeus*; molares inferiores com a superfície da coroa quase lisa; o terceiro molar inferior é de tamanho muito reduzido.

Crânio semelhante ao de *Artibeus* porem com o rostro pouco mais comprido e estreito.

Compreende nove formas conhecidas, das quais três no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES RBASILEIRAS

- A) Incisivos superiores internos grandes e bem unidos entre si..... . *lineatus*
- B) Incisivos superiores internos pequenos e separados por pequeno intervalo
- b) Grandes (antebraço com 41 a 56 mm.)
- c) Listras brancas na cabeça e no dorso largas e muito nítidas (antebraço 41 mm.) *recifinus*
- cc) Listras brancas na cabeça e no dorso muito pouco nítidas (antebraço 56 mm.) *fumosus*
- bb) Pequenos (antebraço 38 mm.); listras brancas pouco nítidas *zarhinus*

Fig. 27 — *Vampyrops lineatus* E. Geoffroy***Vampyrops lineatus* (Geoffroy)**

Phyllostoma lineatum GEOFFROY, 1810, Ann. du Museum, XV, pg. 180 (Paraguai); BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 48.

Artibeus lineatus GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, pg. 53, pl. X, fig. 2 (Paraguai e Brasil).

Stenoderma (Vampyrops) lineatus PELZELN, 1883, Brasilische Säuge-thiere, pg 34, (São Paulo. Minas Gerais, Goiaz e Mato Grosso).

Vampyrops lineatus DODSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 522 (Colômbia, Baía e Santa Catarina); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Suppl., pg. 117; TOLDT, 1910, Die Chiropt. Ausbeut, Zool. Exp. Brasil, Denksch Akad. Wissench Wien, (Paranaguá, Piauí); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 47 (Minas Gerais; São Paulo: Rio Feio, Itapura, Piracicaba, Jundiá, Ipiranga e Ilha Vitória; Santa Catarina).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

DESCRIÇÃO: De tamanho regular, assemelhando-se no aspecto a um pequeno *Artibeus*.

Focinho curto, largo e achatado; folha nasal bem desenvolvida, lanceolada, com extremidade aguçada; parte mediana com forte saliência longitudinal; base em forma de ferradura, inteiramente livre e com margem finamente crenulada.

Orelha do tamanho da cabeça; margens internas convexas e ex-

ternas côncavas; extremidades arredondadas. Trago bem desenvolvido, aguçado e com margem externa crenulada.

Membranas das asas ligadas ao metatarso, quase na base dos dedos; calcâneo muito curto; membrana interfemural profundamente recortada, com a margem da concavidade atingindo o nível dos joelhos.

Polegar comprido, com forte garra.

Pelos espessos e compridos recobrem a parte superior da membrana interfemural, assim como as pernas e os dedos dos pés; estes são relativamente pequenos e com unhas fracas.

Colorido pardo escuro nas partes superiores; partes inferiores pardo cinza; na cabeça, quatro listras brancas: duas paralelas na frente, da base da folha nasal à parte posterior das orelhas, e duas nas faces, sob os olhos; no dorso, uma listra branca bem nítida corre do occiput à base da membrana interfemural.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ^s	Larg. entre csn.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
1259	Baía	♂	25	14	6,5	6	5	2,5	17	9
2451	São Paulo	♂	25	14	6	5,5	6	3	17	9
4412	São Paulo	♂	25,5	14	6	5,5	6	3	17	9
1348	Sta. Catarina ..	♀	25	14	6	5,5	6	3	17	9

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3. ^a falange	1. ^a falange	2. ^a falange	3. ^a falange	Polegar
1258	Baía	o?	55	15	10	40	11	6	39	14	21	11	9
1259	Baía	♂	56	15	10	40	11,5	6	40	15	22	11	9
1345	M. Gerais	♂	59	15	10	41	11	6	40	15	24	13	10
1734	Itapura	♂	65	17	10	45	11	6,5	43	15	25	14	10
5712	Juquiá	♀	65	17	10	45	11	6,5	42	15	25	12	10
3473	Piracicaba ...	♀	60	15	10	43	12	6	40	15	24	11	10
1348	Sta. Catarina ..	♀	54	13	10	40	10	6	39	14	21	11	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Colômbia, Paraguai, e Brasil: Estados do Amazonas, Baía, São Paulo e Santa Catarina.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1258, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1259, ♂, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1344, ♂, Vargem Alegre (Minas Gerais), J. B. GODOY col., pele cheia, D. Zoolog.a.
 1345, ♂, Vargem Alegre (Minas Gerais), J. B. GODOY col., pele cheia, D. Zoologia.
 3785, ♀, Goiaz, OLIV. PINTO col., 1934, em alcool. Departamento de Zoologia.
 1732, ♀, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1733, ♂, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1734, ♂, Itapura (São Paulo), GARBE col., 1904, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1219, ♀, Piracicaba (São Paulo), em alcool, Departamento de Zoologia.
 3473, ♀, Piracicaba (São Paulo), em alcool, Departamento de Zoologia.
 369, o?, Jundiaí (São Paulo), SCHROTKY col., pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4412, ♂, Ipiranga (São Paulo), L. GUIMARÃES col., em alcool, Dep. de Zoologia.
 5749, ♀, Ipiranga (São Paulo), L. GUIMARÃES col., em alcool, Dep. de Zoologia.
 5750, ♀, Ipiranga (São Paulo), L. GUIMARÃES col., em alcool, Dep. de Zoologia.
 5712, ♀, Juquiá (São Paulo), L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, D. Zoolog.
 2451, o?, Ilha Vitória (São Paulo) GÜNTHER col., 1907, em alcool, Dep. de Zoologia.
 2505, o?, Ilha Vitória (São Paulo), GÜNTHER col., 1907, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1348, ♀, Colônia Hansa (Sta. Catarina), EHRHARDT col., em alcool, D. Zoologia.
 3387, o?, Pitangui (Minas Gerais), MOOJEN col., 1939, em alcool, Museu Nacional.
 3753, ♀, Rio de Janeiro, MIRANDA RIBEIRO col., 1928, em alcool, Museu Nacional.

Vampyrops zarhinus Allen

Vampyrops zarhinus ALLEEN, 1891, Proceed. Acad. Nat. Soc. Philadelphia, pg. 400 (Pará); THOMAS, 1901, Ann. and Magaz. Nat. Hist. VIII, pg. 192 (Pará); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 117.

LOCALIDADE TÍPICA: Pará.

DESCRIÇÃO: Menor que *V. lineatus*. Orelhas menores que a cabeça, com trago pouco serrilhado e de extremidade aguçada; folha nasal lanceolada com a base inteiramente livre. Lábio superior marginado por uma fileira de pequenas verrugas. Membrana interfemural fendida até cerca de dois terços da tíbia e revestida de pelos escassos. Coxas e pernas também com pelos. Primeira falange do terceiro dedo com cerca de metade do comprimento da segunda falange; terceira falange, com duas vezes o comprimento da segunda.

Incisivos superiores muito menores que os de *V. lineatus*, sem margem cortante, convergentes, mas separados, não se tocando. Pri-

meio pre-molar não tocando no segundo e comprimido lateralmente; primeiro molar menor que o segundo porem igual na forma e disposição, terceiro molar muito reduzido, cerca de um quarto de tamanho do segundo.

Incisivos inferiores com intervalos entre os dentes; molares mais rudimentares que os de *V. lineatus*.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

3942, ♂, comprimento total, 22; largura bizigomática, 12,5; largura interorbital, 6; altura occipital, 6; largura no M², 3; comprimento da mandíbula, 14,5; comprimento da série de dentes no maxilar, 8.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Trago	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
3942	Amorim, Pará .	♂	60	5	15	11	39	15	37	13	21,5	11,5	9
3943	Amorim, Pará .	♀	58	5	15	10	37	13	36	12,5	21	10	9

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado do Pará.

EXEMPLARES EXAMINADOS

3942, ♂, Amorim, rio Tapajós, Pará, OLALLA col., 1934, em alcool, D. de Zoologia.
3943, ♀, Amorim, rio Tapajós, Pará, OLALLA col., 1934, em alcool, D. de Zoologia.

Vampyrops recifinus Thomas

Vampyrops recifinus THOMAS, 1902, Ann. and Mag. Nat. Hist., série VII, vol. 7, pg. 192 (Pernambuco): TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 117.

LOCALIDADE TÍPICA: Recife, Pernambuco.

DESCRIÇÃO: Muito parecido externamente com *V. zarhinus*. Distingue-se principalmente no tamanho, que é maior, e nos incisivos su-

periores médios, que são muito menores. Listras brancas da cabeça e do dorso mais largas, vivas e contínuas.

Colorido geral pardo, muito claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Trago	Antebraço	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
3401	Pesqueira	♂	58	—	17	11	5	42	41	15	22	10,5	9
3402	Pesqueira	♀	57	—	17	11	5	42	41	15	22	10,5	9

EXEMPLARES EXAMINADOS

3401, o?, Pesqueira, Pernambuco, 1936, A. CARVALHO, col., Museu Nacional.

3402, o?, Pesqueira, Pernambuco, 1936, A. CARVALHO col., Museu Nacional.

Vampyrops fumosus Miller

Vampyrops fumosus MILLER, 1902, The Acad. Nat. Sciences Philadelphia, pg. 405 (Amazonas); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, pg. 117.

LOCALIDADE TÍPICA: Rio Purús, Amazonas.

DESCRIÇÃO: Maior que *V. recifinus*. Colorido geral pardo claro, um pouco mais escuro na cabeça e na nuca e pouco mais pálido nas espáduas e lados do pescoço; partes inferiores lavadas de pardo amarelado. Da folha nasal às orelhas correm duas listas brancas muito claras que quase não se destacam do colorido das partes vizinhas. Uma linha dorsal branca muito fraca estende-se do pescoço à base da membrana interfemural porem só é perceptível quando os pelos estão em perfeita forma, desaparecendo ao menor desarranjo. Orelhas e membranas pardas.

Crânio com a região interorbital mais estreita e mais distintamente côncava. Dentes como os de *V. lineatus*, mas muito mais uniformemente menores, exceto os incisivos superiores externos.

Medidas externas: cabeça e corpo, 70; tíbia, 24; pé, 13; antebraço, 56; polegar, 17; segundo dedo, 46; terceiro dedo, 130; quarto dedo, 93; quinto dedo, 88; comp. da orelha, 19; largura, 11,4.¹

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: rio Purús, Amazonas.

Gênero VAMPYRESSA Thomas

Vampyressa THOMAS, 1900, Ann. and Mag. Nat. Hist., série VII, pg. 270 (subgênero de *Vampyrops*); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 118 (subgênero de *Vampyrops*); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats. U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 156 (gênero).

Chiroderma DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 535 (em parte).

TIPO: *Phyllostoma pusillum* Wagner.

Foi separado do gênero *Vampyrops* por ter unicamente dois pares de molares em cada maxilar.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 2 \\ \text{i} & \text{---} & \text{c} & \text{---} & \text{por} & \text{---} & \text{m} & \text{---} & = & 28 \\ & 2 & 1 & 2 & 2 \end{array}$$

Incisivos superiores médios separados nas bases, dirigidos obliquamente para o lado de dentro e levemente bífidos; incisivos superiores externos unicúspidos, cônicos, pouco excedendo o cingulum ou rebordo saliente da base do canino e separado dele por um pequeno espaço; primeiros pre-molares superiores e inferiores com largas bases, cada um com aguda cúspide, oblíqua; primeiro molar inferior sem cúspides do lado interno e não muito diferente do último pre-molar. Compreende uma única espécie.

Vampyressa pusilla (Wagner)

Phyllostoma pusillum, WAGNER, 1843, Abhand. Münch. Akad., V, pg. 173 (Rio de Janeiro); SCHREBER, 1855, Säugethiere, V, p. 634.

Chiroderma pusillum PETERS, 1866, M. B. Akad. Berl. pg. 395; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 535.

Stenoderma (*Chiroderma*) *pusillum* PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 34 (Ipanema).

Vampyrops (*Vampyressa*) *pusillus* TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 118.

(1) Descrição e medidas do tipo (MILLER, Proceed. Acad. Sc. Philadelphia, pg. 405, 1902).

Vampyressa pusilla MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Mus. Bull 57, pg. 156.

LOCALIDADE TÍPICA: Sapitiba, Estado do Rio de Janeiro.

DESCRIÇÃO: Aspecto externo semelhante ao das precedentes espécies, porém muito menor.

Membranas das asas ligadas às bases dos dedos dos pés; membrana interfemural profundamente fendida.

Colorido geral igual ao da precedente espécie, mas com quatro listras brancas muito nítidas na cabeça.

DIMENSÕES: comprimento total (cabeça e corpo) 50; antebraço 35; tíbia 10; pé, 8.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil Meridional: Estado de São Paulo e Rio de Janeiro (1)

Gênero CHIRODERMA

Chiroderma PETERS, 1860, Monatsb. K. preuss Akad. Wissench. Berlin, pg. 747; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 531 (em parte); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Suplem., pg. 118; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Mus. Bull. 57, pg. 157.

TIPO: *Chiroderma villosum* Peters.

Bem semelhante a *Vampyrops* nos caracteres externos mas com focinho mais curto; membrana interfemural mais larga.

Fórmula dentária diversa:
$$i \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} - c \begin{array}{c} 1 \\ 1 \end{array} - \text{por} \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} - m \begin{array}{c} 2 \\ 2 \end{array} = 28$$

Crânio também semelhante mas com os ossos nasais aparentemente ausentes devido a uma profunda chanfradura que se estende da abertura das narinas até atrás das órbitas.

Incisivos superiores internos delgados, estiliformes, com cúspides oblíquas dirigidas para o lado interno; primeiro pre-molar superior pequeno, com cúspide muito oblíqua dirigida para o lado externo e tocando nos caninos, mas separado do segundo pre-molar por um pequeno espaço; incisivos inferiores iguais e com margens não sulcadas.

Compreende quatro espécies, das quais uma única no Brasil.

(1) Cf. PELZELN, Brasilische Säugethiere, pg. 35.

Chiroderma doriae Thomas

Chiroderma villosum (não de PETERS) DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 534 (Minas Gerais).

Chiroderma doriae THOMAS, 1891, Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova, série 2ª, vol. X. pg. 88 (Minas Gerais); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 118.

DESCRIÇÃO: Focinho mais curto que o de *Artibeus*; orelhas menores que a cabeça, mais compridas que largas e com extremidades arredondadas; margem interna convexa, margem externa com forte concavidade na parte mediana; trago e folha nasal como em *Artibeus jamaicensis*, esta porem menor e com base circular. Membrana interfemural semelhante, porem mais densamente revestida de pelos. Estes são espessos, de colorido pardo amarelado e com extremidades cinzentas. Nas partes superiores predomina o pardo claro e nas inferiores o pardo escuro. Sobre os olhos, da base posterior das orelhas à base da folha nasal, correm duas listras brancas não muito nítidas. Nenhuma listra branca corre sobre o dorso como em *Vampyrops*. Membrana da asa ligada ao metatarso. Parte do antebraço, pernas, membrana interfemural e pés, recobertos de pelos. (1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado de Minas Gerais.

Gênero VAMPYRISCUS Thomas

Vampyriscus THOMAS, 1900, Ann. and Mag. Nat. Hist., 7.ª série, vol. V, pg. 270 (subgener. de *Vampyrops*); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 117 (subgênero); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus. Bull. 57, pg. 156 (gênero).

Chiroderma DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 535 (em parte).

TIPO: *Chiroderma bidens* Dobson.

Internamente semelhante a *Vampyressa*, diferenciando-se porem em ter unicamente dois incisivos inferiores e molares com a conformação das cúspides muito diversa.

(1) Segundo THOMAS (Annali del Museo Civico di Genova, vol. X, pg. 880) a espécie descrita por PETERS como *Chiroderma villosum* deve ser a forma da Venezuela, ao passo que a forma de Minas Gerais citada por DOBSON no seu Catálogo e também denominada *Chiroderma villosum*, além de ser maior, apresenta grandes diferenças na forma e disposição dos dentes. É pois outra espécie que recebeu dele a denominação de *Chiroderma doriae*.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 2 \\ i & - & c & - & \text{por} & - & m & - & = & 28 \\ & 1 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

Uma única espécie.

Vampyriscus bidens (Dobson)

Chiroderma bidens DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit-Museum, pg. 535 (Perú).

Vampyrops (Vampyriscus) bidens TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 117.

LOCALIDADE TÍPICA: rio Huallaga, Perú.

Semelhante a *Vampyressa* porem com uma listra branca não muito nítida sobre as costas, ao longo da espinha dorsal.

Folha nasal comprida e estreita com forte preeminência longitudinal na parte mediana e ponta aguçada, base da folha quase circular, com margem inferior inteiramente livre.

Orelhas maiores que a cabeça com as margens internas convexas e margens externas com profunda concavidade, na parte mediana; trago pequeno, ligeiramente serrilhado e com extremidade aguçada.

Membrana da asa ligada ao metatarso; membrana interfemural não muito fendida na sua margem externa, não alcançando os joelhos.

Primeira falange do dedo médio cerca de um terço do comprimento do metacarpo e pouco maior que a metade da segunda falange; ossos metacarpianos dos dois últimos dedos iguais em comprimento.

Pelo curto e espesso, pardo escuro nas partes superiores e pardo acinzentado nas inferiores. Essa pelagem estende-se sobre o antebraço, dos dois lados, e sobre as regiões adjacentes da membrana, da asa.

Membrana interfemural, pernas e pés, quase nus.

Sobre a cabeça quatro listras brancas largas e nítidas: duas correm da base da folha nasal à base posterior das orelhas e duas sob os olhos, da extremidade do lábio superior à base do trago.

Nas costas corre uma listra branca longitudinal ao longo da espinha do occiput à base da membrana interfemural.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1292, ♂, comprimento total, 13; largura bizigomática, 8; largura interorbital, 3; altura occipital, 5; largura palatal no M², 2; largura entre caninos, 2,5; comprimento da mandíbula, 9; série de dentes do maxilar, 5,5.
10,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Trago	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3. ^o metacarpo	1. ^a falange	2. ^a falange	3. ^a falange	Polegar
4373	Igarapé, Anibá.	♂	56	5	11	8	35	12,5	34	13	21	10	8
4419	Igarapé, Anibá.	♀	55	5	11	8	34	11	33	12	19	9	7

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, região do Alto Amazonas; Brasil: Estado do Amazonas.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4373, ♂, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4375, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLLALA col., 193, pele, Depart. de Zoologia.
 4399, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4406, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4414, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4416, ♀, Igarapé, Anibá, Amazonas, OLALLA, col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4419, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.
 4436, ♀, Igarapé Anibá, Amazonas, OLALLA col., 1936, pele, Depart. de Zoologia.

Gênero URODERMA Peters

Uroderma PETERS, 1865, Monatsb. K. preuss Akad. Wissench. Berlin (gênero); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 515 (subgênero de *Artibeus*, em parte); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 116 (subgênero de *Artibeus*); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 154 (gênero).

TIPO: *Uroderma bilobatum* Peters.

Difere de *Artibeus* principalmente na forma do crânio e na dentição.

Crânio mais estreito e alongado, com rostro mais comprido e com cerca de três quartos do comprimento da caixa encefálica que é pouco

elevada. Abóbada palatina um pouco côncava, com duas saliências entre os caninos.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & \text{para} & - & m & - & = & 32 \\ & 2 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

Pre-molares e molares como em *Artibeus*; incisivos superiores internos bilobados.

Compreende duas espécies bastante semelhantes entre si: *Uroderma convexum* e *Uroderma bilobatum*. Somente esta tem sido encontrada no Brasil.

Uroderma bilobatum Peters

Uroderma personatum (não de WAGNER) PETERS, 1865, M. B. Akad. Berlin, pg. 587 (Ipanema, São Paulo).

Uroderma bilobatum PETERS, 1866, M. B. Akad. Berlin, pg. 392.

Artibeus bilobatus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 518.

Stenoderma (Uroderma) personatum PELZELN, 1883, Brasilische Säuge-thier, pg. 34 (Ipanema).

Artibeus (Uroderma) bilobatus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Sup-plem., pg. 116.

Uroderma bilobatum LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Museu Paulista, tomo XV, pg. 451.

LOCALIDADE TÍPICA: *Ipanema*, São Paulo.

DESCRIÇÃO: Pouco menor que *Vampyrops lineatus* com o qual muito se assemelha. Orelhas e trago iguais, mas a folha nasal é bem diferente: mais estreita e comprida, com a base em forma de ferradura, margens inteiramente livre e um lóbulo arredondado de cada lado. Membrana interfemural quase nua ou com curtos pelos espalhados na parte superior; margem externa com profundo sulco de forma triangular; calcâneo muito curto. Antebraço revestido de pelos, mas a tibia e os pés são quase completamente nus.

Colorido geral pardo escuro com quatro listras brancas na cabeça e uma longitudinal nas costas, como em *Vampyrops*.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2371 ♂, comprimento total, 23,5; largura bizigomática, 13,5; largura interorbital, 6; altura occipital, 5; largura palatal, no M, 4,5; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 14; comprimento da série de dentes no maxilar, 8,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

2371 ♂, cabeça e corpo, 65; orelha 16; trago 5; antebraço, 46; polegar sem unha, 18; metacarpo do terceiro dedo, 41; primeira falange, 17; segunda falange, 22; terceira falange, 13; tibia, 19; calcâneo, 7; pé, 9.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, Guianas; Brasil: E. de S. Paulo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

2371, ♂, Perú, comprado de ROSENBERG, 1905, Departamento de Zoologia.

Gênero PYGODERMA Peters

Pygoderma PETERS, 1863, Monatsb. K. preuss Akad., Wissench., Berlin, pg. 83 (subgênero); idem, 1865, pg. 357 (gênero); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 357; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 119; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 166.

TIPO: *Stenoderma microdon* Peters.

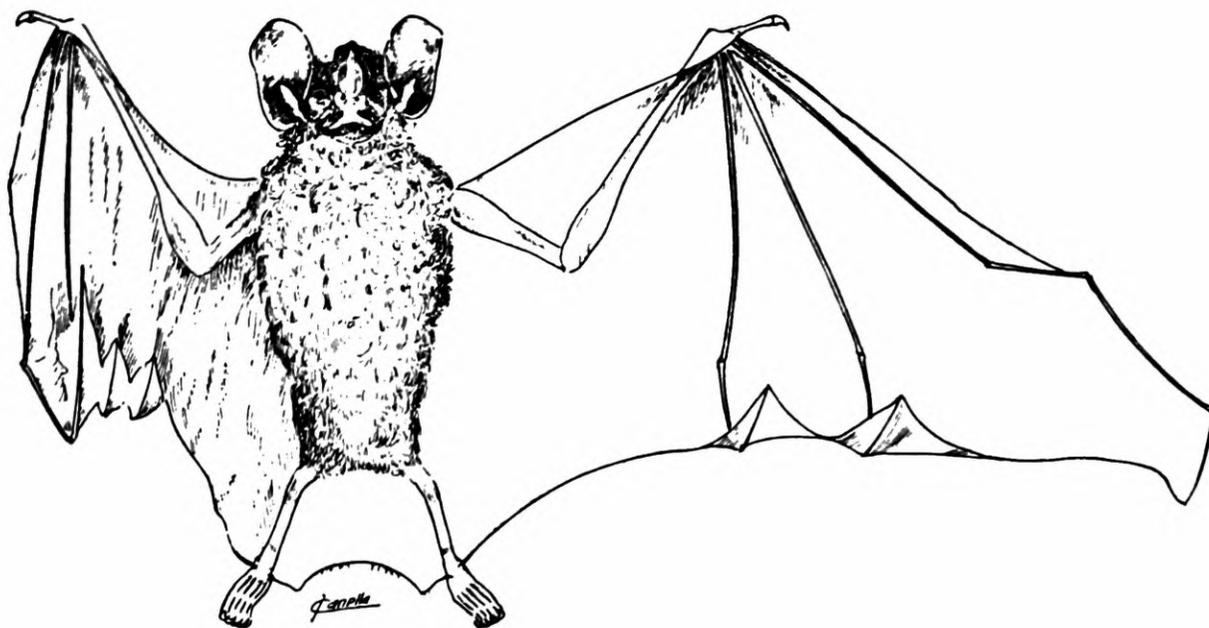
DESCRIÇÃO: Focinho muito curto, largo e obtuso; folha nasal e orelhas iguais às de *Artibeus*; segundo dedo fortemente encurvado para o lado externo e cerca de dois terços tão longo quanto o osso metacarpiano do terceiro dedo; membrana interfemural estreita; calcâneo curto.

Crânio notável pelo rostro muito curto e largo, quase ao nível da caixa encefálica; abóbada palatina arredondada, formando a fileira dos dentes quase um círculo perfeito; ossos faciais muito dilatados formando duas proeminências sobre as órbitas.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 4 & 1 & 2 & 2 \\ i & - & c & - & pm & - & m & - & = & 28 \\ 4 & 1 & 2 & 2 \end{array}$$

Incisivos superiores direitos e cônicos; médios unicúpidos e triangulares com projeção basal externa ou cingulum; incisivos externos muito pequenos ao nível das gengivas, com coroas chatas, ocupando o espaço entre os incisivos médios e os caninos; incisivos inferiores sulcados situados na mesma linha dos caninos; pre-molares superiores e inferiores grandes e aguçados, quase iguais aos caninos em forma e tamanho; primeiro molar superior grande muito maior que o segundo; pre-molares inferiores iguais aos superiores, com cingulum bem desenvolvido; primeiro molar inferior quase três vezes maior que o segundo e com agudas proeminências na sua margem interna.

São conhecidas duas formas na América, ocorrendo uma delas no Brasil.

Fig. 28 — *Pygoderma bilabiatum* (Wagner)***Pygoderma bilabiatum* Wagner**

Plylostoma bilabiatum, WAGNER, 1843, Wieg. Archiv. pg. 366 (Ipanema);
BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliensis, Säugeth, pg. 47.

Stenoderma (Pygoderma) bilabiatum PELZELN, 1883, Brasilische
Säugethiere, pg. 34 (Ipanema, S. Paulo).

Pygoderma bilabiatum DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg.
536, (Brasil); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg.
119; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus.
Paulista, tomo XV, pg. 49 (Piquete, Rio Feio, Ipiranga, Nova
Friburgo).

Stenoderma bilabiatum H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo,
pg. 23.

LOCALIDADE TÍPICA: Ipanema, São Paulo.

DESCRIÇÃO: Focinho curto e obtuso; folha nasal lanceolada; a margem inferior de sua base ligada ao lábio superior; orelhas mais curtas que a cabeça e arredondadas, trago curto e serrilhado irregularmente na margem externa; lábio inferior com uma verruga central marginada por cinco outras verrugas menores em semicírculo.

Asas ligadas ao metatarso, junto à base dos dedos dos pés; membrana interfemural recortada circularmente; calcâneo curto.

Pelagem recobrendo densamento quase toda a parte superior do antebraço e cerca de metade da parte inferior. As regiões adjacentes ao úmero e a parte superior da membrana interfemural também são recobertas de pelos. Tíbias e pés também densamente peludos.

Colorido pardo escuro nas partes superiores, pardo acinzentado nas inferiores; de cada lado das espáduas, no começo da membrana antebraquial, um pequeno tufo de pelos brancos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2796 ♀, comprimento total, 22; largura interorbital, 7,5; largura bizigomática, 14,5; altura occipital, 5; largura palatal no M², 4; largura entre caninos, 3; comprimento da mandíbula, 12; comprimento da série do maxilar, 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>3.ª falange</i>	<i>Polegar</i>	
2796	Macaé, Rio	♀	59	7	18	11	38	14	38	18	27	10	8
1943	Rio Feio, S. P..	o?	59	7	18	11	38	14	38	18	27	10	8
3553	Ipiranga, S. P..	♀	59	7	18	11	38	14	38	18	27	10	8
5863	Paraná	o?	58	7	18	10	38	14	37	17	26	10	8

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Do México ao Brasil Meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 3553, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1910, em álcool, Depart. de Zoologia.
 5808, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1910, em álcool, Depart. de Zoologia.
 5808a, ♂, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1910, em álcool, Depart. de Zoologia.
 1366, ♀, Piquete, São Paulo, LIMA col., 1910, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5863, o?, Castro, Paraná, sem data.
 1943, o?, Rio Feio, São Paulo, GUNTHER, col., VII, 1905, pele cheia, D. de Zoologia.
 2796, ♀, Macaé, Rio de Janeiro, GARBE, col., 1907, pele cheia, Dep. de Zoologia.

Gênero MESOPHYLLA Thomas

Mesophylla THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., 7.^a série, vol. 8, pg. 143 (Guiana Inglesa); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, pg. 118; MILLER, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bul. 57, pg. 158.

TIPO: *Mesophylla macconelli* Thomas.

Gênero intermediário entre *Vampyrops* e *Ectophylla*, este genuinamente da América Central.

De pequeno tamanho, folha nasal, orelha e trago semelhantes aos de *Vampyrops*; membrana interfemural estreita e calcâneo curto.

Crânio como em *Vampyrops* porem com rostro menor e mais estreito na extremidade; região nasal deprimida; abóbada palatina com inúmeros sulcos transversais.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 2 \\ i & - & e & - \text{ para } - & m & - \\ 2 & 1 & 2 & 3 \end{array} = 30$$

Incisivos superiores muito pequenos, não se tocando; canino e pre-molares superiores também pequenos e agudos; primeiro molar superior pequeno, muito menor que o segundo e de forma triangular semelhante aos premolares; segundo molar superior arredondado, com a coroa bastante côncava com aguda cúspide na margem externa.

Incisivos inferiores menores que os superiores, todos iguais em forma e tamanho; premolares inferiores pequenos, não se tocando primeiro molar pequeno e com coroa larga e côncava, de aguda cúspide externa; segundo molar maior que o primeiro; oval com concavidade mediana e margem externa munida de aguda cúspide; terceiro molar inferior muito reduzido, quase do tamanho de um dos incisivos.

Unicamente a espécie tipo é conhecida.

Mesophylla macconelli Thomas

Mesophylla macconelli THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. History, série VII, vol. 8, pg. 145. (Guiana Inglesa); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal, Supplem., pg. 118; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paulista, tomo XV, pg. 48 (Rio Juruá).

LOCALIDADE TÍPICA: Guiana Inglesa.

DESCRIÇÃO: Esta espécie é uma das menores da família *Phyllosmidæ*. Focinho curto e estreito munido de folha nasal bem desenvolvida, lanceolada com forte saliência longitudinal e mais alta que larga;

a base em forma de ferradura tem a margem livre, não aderente ao lábio superior. Orelhas menores que a cabeça, com margens externas ligeiramente côncavas na parte mediana e internas convexas; extremidades arredondadas; trago aguçado com margem interna reta e margem externa irregular e com dois lóbulos.



Fig. 29 — *Mesophylla macconelli* Thomas

Asas ligadas ao metatarso; membrana interfemural de largura regular; calcâneo muito curto.

Colorido geral pardo muito claro, mais escuro no dorso.

Antebraço recoberto de pelos assim como a parte superior da membrana interfemural.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

704, ♀, comprimento total, 17,5; largura bizigomática, 10; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 2; largura paltal, M², 4;; largura entre os caninos, 2,5; comprimento palatal, 7; comprimento da mandíbula, 11; comprimento da série do maxilar, 6.

DIMENSÕES EXTERNAS

704, ♀, cabeça e corpo, 40; orelhas, 12; trago, 4,5; antebraço, 30; terceiro dedo: metacarpo, 29; 1.^a falange, 11; 2.^a falange, 15; 3.^a falange, 9; tíbia, 12; pé com unha, 8; calcâneo, 3.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guiana Inglesa; Brasil: Estado do Amazonas.

EXEMPLARES EXAMINADOS

704, ♀, rio Juruá, Amazonas, GARBE col., 1-II-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.

Gênero AMETRIDA Gray

Ametrida GRAY 1847, *Proced. Zool. Soc. London*, pg. 145; DOBSON 1878; *Cat. Chiropt. Brit. Mus.*, pg. 530; TROUESSART, 1904, *Cat. Mammal, Supplementum*, pg. 119; MILLER, 1907, *The Fam. and Genera of Bats. U. S. Nat. Museum, Bull.*, 57, pg. 171.

TIPO: *Ametrida centurio* Gray.

Alto da cabeça muito elevada sobre o focinho que é notavelmente curto e achatado; orelhas e folha nasal como em *Artibeus*; membrana interfemural estreita.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} 2 & 1 & 2 & 3 \\ 1 - c - pm - m - & = & 32 \\ 2 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores fracos, dispostos em semicírculo e bem unidos entre si; os internos maiores, dirigidos para o lado de dentro, cônicos e aguçados; incisivos externos muito curtos e rombos; incisivos inferiores muito pequenos, de igual tamanho e forma; primeiro pre-molar superior curto, igual à metade do canino e mais largo na base; primeiro pre-molar inferior menor que o segundo, ambos quase iguais em forma e tamanho aos caninos; molares semelhantes aos de *Artibeus*, porem mais estreitos.

Duas espécies conhecidas na América do Sul, uma no Brasil.

***Ametrida centurio* Gray**

Ametrida centurio GRAY, 1847, *Ann. and Mag.* vol. XIX, pg. 407 (Pará); DOBSON, 1878, *Cat. Chiropt. Brit. Museum*, pg. 530 (Pará); TROUESSART, 1904, *Cat. Mammal., Supplementum*, pg. 119.

LOCALIDADE TÍPICA: Pará.

DESCRIÇÃO: Cabeça muito curta e longa, com o crânio muito elevado sobre o focinho; olhos grandes e salientes; orelhas mais curtas, que a cabeça e arredondadas; trago denteado com extremidade aguçada.

da; folha nasal bem desenvolvida, larga, mais curta que comprida e lanceolada; mento com uma pequena verruga central longitudinal marginada lateralmente e inferiormente por sete outras pequenas verrugas; margem interna dos lábios munidas de papilas. Polegar longo e forte com a primeira falange quase três vezes maior que o metacarpo; a primeira falange do dedo médio tem o comprimento de dois terços da segunda falange. Asas ligadas às bases dos dedos dos pés; calcâneo mais curto que o pé; membrana interfemural profundamente recortada.

Colorido geral pardo fuliginoso; u'a mancha branca sobre cada espádua, no começo da membrana antebraquial. (1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado do Pará.

Família *DESMODONTIDAE*

Desmodontes (grupo da fam. *Phyllostomidae*) DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 545.

Desmodae (secção da subfamília *Phyllostomidae*) TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, pg. 120.

Desmodontidae GILL, 1886, Standard Nat. History, V, pg. 175; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, pg. 176.

Este grupo foi considerado como uma simples divisão da família *Phyllostomidae* com a qual é intimamente ligado pela estrutura do esqueleto. As profundas modificações de seus dentes e do aparelho digestivo adaptados ao regime exclusivamente hematófago, são porem suficientes para caracterizá-los numa família distinta.

São morcegos de robusto corpo, com orelhas curtas e largas munidas de trago bem desenvolvido e membrana interfemural muito reduzida, sem qualquer vest'gio de cauda. Polegares compridos, munidos de calosidades e com fortes unhas recurvas; terceiro dedo da mão, com três falanges completamente ossificadas. Focinho muito curto, com apêndice nasal reduzido a uma simples carúncula membranosa em torno das narinas.

Crânio arredondado, sem processo post-orbital e crista sagital muito pouco desenvolvida.

O que porem mais caracteriza este grupo, são os dentes: os molares são estreitos, com margens cortantes e os incisivos superiores muito grandes, falciformes, maiores que os próprios caninos e extremamente aguçados.

(1) Descrição baseada na de GRAY.

O aparelho digestivo é profundamente modificado, sendo único entre os quirópteros: o estômago transformou-se num longo e estreito tubo terminado em cecum, com o cárdia e o piloro muito próximos um do outro. Essa disposição indica que só o sangue pode constituir a alimentação desses animais.

Habitam grutas e ocos de árvores, saindo ao crepúsculo em busca de alimentação, atacando de preferência o gado e mesmo aves domésticas (1). Encontrando oportunidade não hesitam em atacar o próprio homem, fato esse bem conhecido no interior do país. (2).

Até meados do século passado, quase todos os morcegos da América do Sul, principalmente os *Phyllostomidae* e *Glossophaginae* foram tidos como sugadores do sangue de homens e animais domésticos.

A primeira constatação feita sobre os hábitos sanguívoros de *Demodus rotundus* foi a de Darwin que, em 1838, na Patagônia apanhou um desses morcegos quando se alimentava do sangue de um cavalo. (3).

Hoje é fora de dúvida que os únicos morcegos realmente perigosos como hematófagos, e portanto verdadeiros vampiros, são os desta pequena família.

São indigitados no Brasil como disseminadores da raiva e da febre aftosa no gado (4) e, no Panamá, conforme os trabalhos de CLARK e DUNN (5) são os transmissores dum tripanosoma que vive no sangue do gado vacum e equino, causador da peste tropical conhecida nesse país por "murrina".

Conforme as observações feitas por SILVIO TORRES, do Instituto de Biologia Animal do Rio de Janeiro (6) e R. L. DITMARS da *New York Zoological Society* (7) os morcegos desta família não sugam com

-
- (1) MOOJEN DE OLIVEIRA, Sanguivorismo de *Diphylla ecaudata* SPIX em *Gallus gallus domesticus* (L), "O Campo", Rio de Janeiro, n. 114, pg. 70, 1939.
 - (2) Já GABRIEL SOARES, em 1857, ao descrever os hábitos das "andurazs" no seu *Tratado Descritivo do Brasil*, diz: "quando estes morcegos mordem alguém que está dormindo, à noite, fazem-no tão sutilmente que se não sente, mas a sua mordedura é mui peçonhenta".
 - (3) DARWIN, *Naturalist Voyage Round the World*, 1838, pg. 22.
 - (4) E. QUEIROZ LIMA, *A transmissão da raiva, pelos morcegos hematófagos*, Rev. Dep. Nac. Prod. Animal, n. 2, 3 e 4, 1934; SILVIO TORRES, a febre aflora e o papel dos morcegos hematófagos na sua disseminação, Rev. Dep. Nac. Prod. Animal, n. 2, 4, 5 e 6, 1935.
 - (5) DUNN, *Journal Preventive Medicine*, vol. 6, n.º 5, pg. 415, 1932; CLARK e DUNN, *American Journal Tropical Medicine*, vol. 13, n.º 3, pg. 277, 1933.
 - (6) SILVIO TORRES, Os Morcegos Hematófagos, Boletim do Ministério de Agricultura, Rio de Janeiro, 1935, nos. 1-3, pg. 139.
 - (7) R. L. DITMARS, *Vampire Research*, Bulletin New York Zoological Society, 1935, vol. XXXVIII, pg. 29 e DITMARS e GREENHAAL, *The Vampire Bat*, a presentation of undercribed habits and review of its history Scientific contributions of the New York Zoological Society, Zoológica vol. XIX, pg. 53, 1935.

os lábios como é crença geral entre o povo, mas sim colhem vorazmente com a comprida e aguda língua o sangue que escorre do ferimento produzido pelos seus afiados dentes. Possuem glândulas especiais na comissura dos lábios que secretam uma substância anticoagulante que retarda a coagulação do sangue durante um curto espaço de tempo.

Quando n ochão, são notavelmente ageis, no que diferem de todos os outros quirópteros, caminhando como quadrúpedes, e podendo até dar pequenos saltos.

Alimentam-se exclusivamente de sangue, morrendo de fome no fim de dois ou três dias, quando não podem obtê-lo, mesmo havendo insetos e frutos a seu alcance.

Têm vasta distribuição por toda a América, do México e Antilhas através de toda a América Central e Sul, até o Chile e Argentina.

Compreende três gêneros e três espécies.

CHAVE PARA OS GÊNEROS

- A) Membrana interfemural apenas perceptível na parte mediana, tíbia e dorso dos pés revestidos de densos pelos; calcâneo curto; 26 dentes

2 - 2
(m —) *Diphylla*
2 - 2

- B) Membrana interfemural bem desenvolvida na parte mediana; tíbia e dorso dos pés com escassos pelos; calcâneo ausente; 20 dentes

1 - 1
(m —)
1 - 1

- b) Polegar comprido com três calosidades; segunda falange do terceiro dedo curta (seu comprimento é igual a um terço do comprimento do metacarpo) *Desmodus*
bb) Polegar curto, sem calosidade (segunda falange do terceiro dedo comprida; (seu comprimento é igual a dois terços do comprimento do metacarpo) *Diaemus*

Gênero DESMODUS Wied

Demodus WIED, 1826, Beitrage zur Naturgesch. Brasil, II, pg. 231;
GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte CASTELNAU, Zoologie, pg. 31;

DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 546; TROUËSSART, 1905, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 165; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 177.

TIPO: *Desmodus rufus* Wied (= *Phyllostoma rotundum* Geoffroy).

É o gênero mais característico desta família. Compreende morcegos de corpo robusto, focinho curto e mais ou menos cônico, com apêndice nasal reduzido a uma membrana em volta das narinas; polegar muito longo; orelhas curtas e bem separadas; membrana interfemural muito reduzida; nenhum vestígio de cauda ou calcâneo.

Crânio com caixa encefálica grande, sem crista sagital, muito larga posteriormente, estreitando-se na parte anterior; rostró muito curto reduzido a um simples suporte dos enormes caninos e incisivos.

Abóbada palatina profundamente côncava. Arcada zigomática muito larga e forte.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 1 & 1 & 2 & 0 \\ \text{i} & \text{---} & \text{c} & \text{---} & \text{por} & \text{---} & \text{m} & \text{---} & = & 20 \\ & 2 & 1 & 3 & 0 \end{array}$$

Incisivos superiores de tamanho desmesurado, bem unidos aos caninos, de forma triangular e ponta muito aguçada; margens internas levemente côncavas e externamente cortantes; incisivos inferiores muito pequenos, retos, profundamente bilobados, separados em dois pares que deixam um espaço livre no meio do qual se encaixam os dois enormes incisivos superiores, quando a boca se fecha; caninos grandes, semelhantes aos incisivos superiores na forma e com margens afiadas e pontas aguçadas; pre-molares superiores pequenos, pouco maiores que os incisivos superiores, com a coroa no mesmo nível da base cortante do canino; pre-molares inferiores semelhantes aos superiores, muito estreitos, com margens afiadas e dispostas numa fileira ligeiramente côncava e separadas dos caninos por um pequenino espaço.

Compreende uma única espécie, com várias subespécies.

Desmodus rotundus rotundus (E. Geoffroy)

Phyllostoma rotundum E. GEOFFROY, 1810, Annales du Museum, tomo XV, pg. 481 (Paraguai).

Desmodus rufus WIED, 1826, Beitr. zur Naturg. Brasil, pg. 223 (Paraguai); GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 31, vol. VIII, fig. 6 (Bolívia, Guiana e Brasil); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 547 (em parte, Chile, Bolívia e Brasil); PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 36 (Cuiabá,

(Mato-Grosso); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 20, (Porto Alegre); A. PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zoologisches Anzeiger, vol. 28, pg. 19 (Iguape, São Paulo); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 51 (São Paulo, Minas Gerais e Baía) ¹.

Desmodus rotundus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem. pg. 120 (em parte).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai. ..

DESCRIÇÃO: Cabeça arredondada, focinho curto e cônico com apêndice nasal reduzido a uma simples carúncula membranosa no meio da qual abrem-se obliquamente as narinas; lábio inferior profundamente

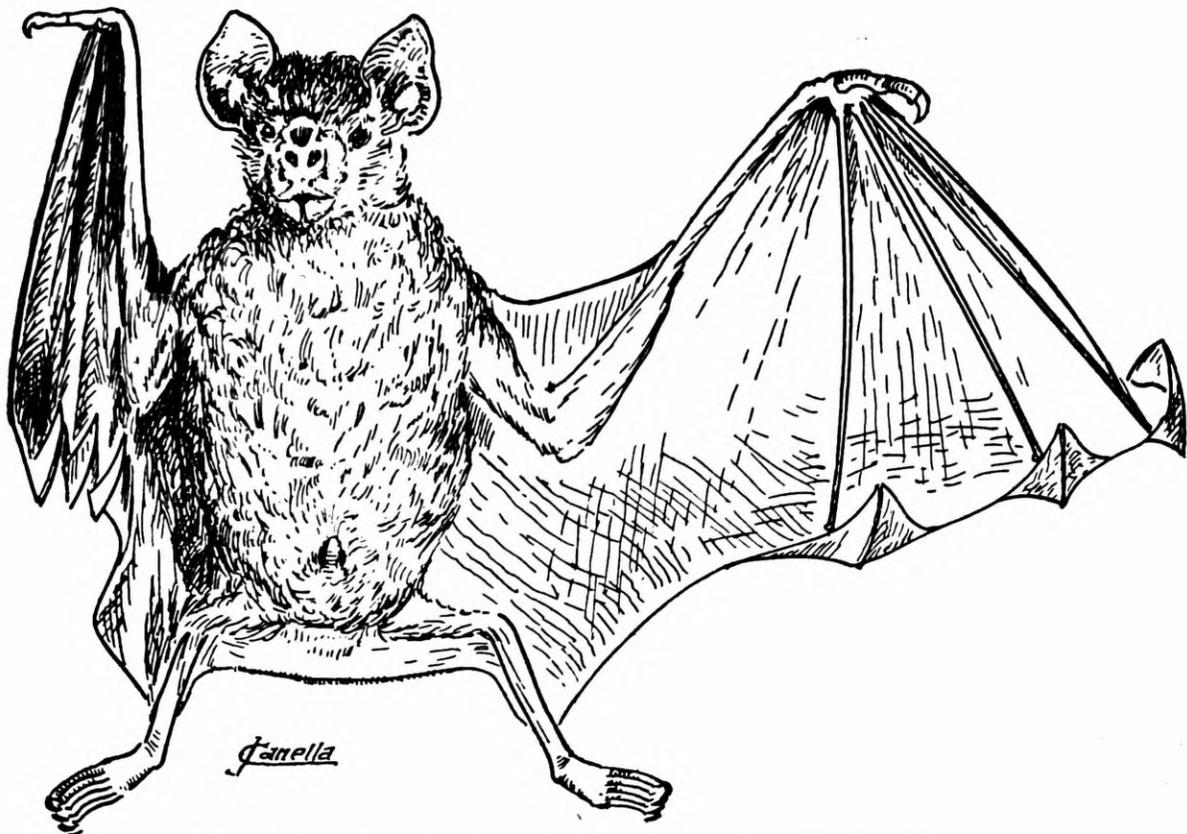


Fig. 30 — *Desmodus rotundus rotundus* (E. Geoffroy)

fendido no meio por um sulco de forma triangular com margens salientes e nuas.

(1) WIED, em 1826 (Beitrag zur Naturg Brasilien vol. 2 pg. 233), separou esta espécie do gênero *Phyllostoma* de GEOFFROY e colocou-a no gênero separado *Desmodus*, com o nome específico *rufus*, mas a prioridade cabe a GEOFFROY que a tinha descrito em 1810 com o nome de *rotundum*.

W. H. OSGOOD (Field Museum of Nat. Hist. Zool. série, pub. 155, vol. X, pg. 63, 1912) encontrou notável diferença de tamanho entre exemplares do

Orelhas curtas e largas, inteiramente separadas entre si; trago pequeno, mais comprido que largo, com ponta arredondada e revestido de pelos.

Polegar comprido, inteiramente livre da membrana da asa, com seu metacarpo munido de curta calosidade arredondada na base e outra mais comprida perto da extremidade; unha curta, recurva e forte.

Asas ligadas aos tarsos. Membrana interfemural muito estreita, marginando toda a extensão duma tibia à outra; calcâneo reduzido a uma excrescência em forma de verruga; pés de tamanho relativamente pequeno, com dedos compridos, munidos de unhas fracas; nenhum vestígio de cauda.

Colorido geral pardo ferruginoso nas partes superiores, tendo os pelos, que são curtos, as bases esbranquiçadas; partes inferiores cinza muito claro. Esse colorido porem é bastante variavel e muitos exemplares apresentam-se de cor pardo murina nas partes superiores e cinza clara nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat Ms	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
5775	Minas	♂	25,5	13	5	8	4,5	5	16,5	4,5
1351	São Paulo	♀	25	13	6	8	4,5	5	16	4,5
5679	São Paulo	♂	25	13	6	8	4,5	5	16	4,5
4383	Pará	♂	24	12	5	7	4	5	15	4,5

típico *D. rotundus* de Paraguai e exemplares do México e América Central. Estes, têm o antebranco com 55 no máximo, ao passo que naquele, essa extensão é de 60 a 64 mm. Existem também diferenças na cor e no crânio.

A forma do México e da América Central, segundo ele, deve pois ser separada numa subspecie ou raça *Desmodus rotundus murinus*, usando-se a denominação de WAGNER (Schreber's Säugethiere, Supplem. vol I, pg. 377, 1840).

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Trago	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	3.ª falange	Polegar
4383	Caxiricatuba ..	♂	80	5	21	15	57	14	55	10	17	12	16
5620	Boiussú, Pará .	♀	75	5	20	14	55	13	53	10	16	11,5	15
2679	V. Nova, Baía..	♂	80	5	21	15	57	14	55	10	17	12	16
2678	V. Nova, Baía..	♀	80	5	21	15	57	14	55	10	17	12	16
5776	V. Nova, Baía..	♂	75	5	20	14	55	13	53	10	16	11,5	15
5775	Mariana, Minas.	♂	75	5	20	14	55	13	53	10	16	11,5	15
1351	Iguape, S. P. . .	♀	75	5	20	14	55	13	53	10	16	11,5	15
1451	S. Sebast. S. P.	♀	75	5	20	14	55	13		10	16	11,5	15

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Perú, Equador, Bolívia, Paraguai; Brasil: Estados do Amazonas, Pará, Baía, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Norte da Argentina, e Uruguai (1)

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 2544, ♀, Merida, Venezuela, comprado de ROSENBERG, 1907, pele cheia, D. de Zool.
 961, ♀, Bolívia, permuta do Mus. Britan. 1903, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 962, ♂, Bolívia, permuta do Mus. Britan. 1903, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4383, ♂, Caxiricatuba, Pará OLALLA col., III-1935, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5620, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., IV-1935, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1252, ♂, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1253, ♀, Baía, BICEGO col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1260, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1261, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5776, ♂, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5776a,o?, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2678, ♀, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2679, ♂, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1362, ♂, Vargem Alegre, Minas Gerais, J. B. GODOI col., 1901, em alcool. D. Zool.

(1) Cf. DEVICENZI, Mammif. de Uruguai, Anales del Museu de Hist. Nat. de Montevideu, tomo IV, n. 10, pg. 37, 1935.

- 5775, ♂, Mariana, Minas Gerais, J. B. GODOI col., 1901, em alcool, Dep. de Zoologia.
 451, ♀, São Sebastião, São Paulo, BICEGO col., 1895, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1351, ♂, Iguape, São Paulo, KRONE col., 1902, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5678, ♂, Rio Preto, São Paulo, JOSÉ LIMA col., II-1940, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5679, ♀, Rio Preto, São Paulo, JOSÉ LIMA col., II-1940, em alcool, Dep. de Zoologia.

Gênero DIPHYLLA Spix

Diphylla SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, pg. 68;
 DOBSON, 1878, Cat. Chirop. Brit. Museum, pg. 550; TROUËSSART,
 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 120; MILLER, 1907, The Fam.
 Genera of Bats U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 179.

TIPO: *Diphylla ecaudata* Spix.

Assemelha-se ao precedente no aspecto geral, mas diferencia-se logo, observando-se as orelhas que são mais curtas e arredondadas, com trago inteiramente nu, e o polegar que é muito mais curto e sem calosidades. A tíbia é muito menos comprida e o pé é munido d'um pequeno calcâneo. Segunda falange do terceiro dedo muito maior que em *Desmodus*.

Crânio muito mais alto e curto, com a região interorbital mais larga. Mandíbulas pouco mais alongadas devido a presença de mais um molar; abóbada palatina muito menos côncava.

	2	1	1	2	
Fórmula dentária:	i	—	c	—	por
	2	1	2	2	= 26

Incisivos superiores médios e caninos como em *Desmodus*; incisivos superiores externos rudimentares, pouco visíveis e situados do lado interno da base dos caninos; pre-molares superiores iguais em tamanho, estreitos, com margens cortantes e coroas pouco sulcadas; molares superiores menores que os pre-molares e com margens muito cortantes; incisivos inferiores maiores que os de *Desmodus*, dispostos em fileira semicircular tendo os internos quatro lóbulos e os externos, que são maiores, sete lóbulos, o que constitui uma exceção entre os quiópteros; primeiro pre-molar inferior muito estreito e maior que o segundo; molares inferiores muito estreitos e com margens cortantes, sendo a coroa do primeiro muito mais alta que a do segundo.

São conhecidas duas espécies, das quais só uma ocorre no Brasil.

Diphylla ecaudata Spix

Diphylla ecaudata Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensum, pg. 68; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 550; H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 23; THOMAS, 1899, Ann. Mus. Civ. Storia Naturale, Genova, 20, pg. 548, (Palmeira, Paraná); TROUESSART, 1904, Catal. Manual Supplementum, pg. 120; PIRA, 1905, Über Fledermause von S. Paulo, Zoologischer Anzeiger vol. 28, pg. 19, (Iguape, São Paulo).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Assemelha-se muito a *D. rotundus* com o qual facilmente se confunde, porem é um pouco menor.

Polegar mais curto com o metacarpo quase todo envolvido pela membrana da asa e sem calosidades.

Membranas das asas ligadas aos metatarsos; membrana interfurcular rudimentar, quase imperceptível e toda revestida de pelos; calcâneo curto.

Pelos muito finos e sedosos, revestindo espessamente todo o corpo, inclusive o antebraço, pernas e pés. Face quase nua, tendo apenas um tufo de pelos entre os olhos e o apêndice nasal.

Colorido geral pardo avermelhado, mais escuros nas partes superiores e mais claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1227, ♂, comprimento total, 23; largura bizigomática, 13; largura interorbital, 7,5; altura occipital, 6; largura palatal no M², 4,5; largura entre o scaninos, 4; comprimento da mandíbula, 14,5; comprimento da série de dentes no maxilar, 4,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

1227 ♂; São Sebastião, São Paulo; cabeça e corpo, 67; tíbia, 20; pé, 14; antebraço, 49; orelha, 11; trago, 6; terceiro metacarpo, 47; primeira falange, 9; segunda falange, 25; terceira falange, 12; polegar, 11.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Colúmbia, Equador, Brasil, Estado do Pará, Amazonas, Baía, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina; Paraná.

EXEMPLARES EXAMINADOS

1227, ♂, São Sebastião, Est. São Paulo; BICEGO col., 1896, pele cheia, D. de Zool. 3578, , Sem procedência e data, em álcool; Museu Nacional.

Gênero DIAEMUS, Miller

Diaemus, MILLER, 1904, Proc. Biol. Society, Washington, vol. XIX, pg. 84; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal, Supplementum, pg. 120; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 178.

TIPO: *Desmodus youngi* Jentink.

Semelhante a *Desmodus* mas com o polegar muito menos alongado, cerca de um oitavo de comprimento do terceiro dedo e com as calosidades unidas; a segunda falange do dedo médio é quase duas vezes maior. Pernas e antebraços, mais curtos.

Crânio com a parte posterior das mandíbulas lateralmente mais alta; caixa encefálica muito mais larga e mais expandida lateralmente; arcada zigomática mais forte e espessa; abóbada palatina mais curta, mais larga e menos côncava.

Dentição igual a de *Desmodus*, porem os incisivos internos são trilobados e recurvos, com um grande lóbulo medindo, um diminuto lóbulo interno perto da extremidade e outro perto da base.

Uma única espécie.

Diaemus youngi (Jentink)

Desmodus youngi JENTINK. 1893, Notes Leyden Museum, XV, pg. 282, (Guiana Holandesa); THOMAS, 1899, Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova, série 2.^a, vol. XX, pg. 546 (Palmeira, Paraná); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 120.

LOCALIDADE TÍPICA: Guiana Holandesa.

DESCRIÇÃO: Do mesmo tamanho de *Desmodus rotundus* com o qual facilmente se confunde. Além das diferenças já apontadas entre os dois gêneros, diferem ainda no colorido. Este é mais escuro nas partes inferiores; a membrana antebraquial é marginada de branco; a membrana das asas é inteiramente branca em larga faixa na extremidade, entre a segunda e a terceira falange do terceiro dedo; uma ampla mancha branca entre o quarto e quinto dedo.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat M ²	Larg. entre can.	Comp. da mand.	dent. máx. sup. Comp. da sér. de
4038	E. S. Paulo ...	♀	25	14,5	6	8	4,5	5	16	4
4040	E. S. Paulo ...	♂	25	15	6	8	4,5	5	16	4

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Orelha</i>	<i>Trago</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>3.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
4038	E. S. Paulo ...	♀	78	23,5	17,5	51	14	7	50	11	29	16	13,5
4040	E. S. Paulo ...	♂	78	23,5	18	51	14	7	51	11,5	29	16	13,5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guiana Holandesa, Colômbia, Venezuela; Brasil: Estados de Mato Grosso, São Paulo e Paraná. (1)

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4036, ♂, Butantan, São Paulo, Dr. OLIVERIO PINTO col., 1934, em alcool. D. Zool.
 4037, ♀, Butantan, São Paulo, Dr. OLIVERIO PINTO col., 1934, em alcool, D. Zool.
 4038, ♀, Butantan, São Paulo; Dr. OLIVERIO PINTO col., 1934, em alcool, D. Zool.
 4039, ♀, Butantan, São Paulo, Dr. OLIVERIO PINTO, col. 1934, em alcool, D. Zool.
 4040, ♂, Butantan, São Paulo, Dr. OLIVERIO PINTO col., 1934, em alcool, D. Zool.
 4041, ♀, Butantan, São Paulo, Dr. OLIVERIO PINTO col., 1934, em alcool, D. Zool.

Família NATALIDAE

Vespertilionidae (em parte) DOBSON, 1878, Cat. Chiropt, Brit. Museum, pg. 170.

Natalidae MILLER, 1899, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. vol. XII, pg. 245;
 MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus. Bull. 57, pg. 180.

Morcegos de pequeno tamanho, formas delgadas, orelhas em forma de funil, focinho comprido e sem apêndice nasal. Polegares rudimentares com unhas fracas; terceiro dedo da mão com duas falanges, das quais a segunda é maior que a primeira. Membrana interfemural comprida e larga, envolvendo a cauda, que é comprida em toda sua exten-

(1) MILLER, *Proced. Biol. Society Washington*, vol. XIX, pg. 84, 1906, cita um exemplar do U. S. Nat. Museum, procedente de Roca Nova, Estado do Pará.

são como na família *Vespertilionidae*. Pernas compridas com pés pequenos munidos de dedos com unhas muito fracas.

Este grupo fez parte sucessivamente das famílias *Phyllostomidae*, *Noctilionidae* e *Vespertilionidae*, até que, em 1899, MILLER separou-a numa família distinta.

Compreende quatro gêneros, todos das mais quentes zonas da América. Unicamente *Natalus* tem sido constatado no Brasil.

Gênero NATALUS Gray

Natalus GRAY, 1838, Mag. Zool. & Bot., II, pg. 496.

Nyctiellus GERVAIS, 1855, Exp. du Comte CASTELNAU, Zoologie, pg. 84.

Spectrellum GERVAIS, 1856, Comptes Rendus de l'Academie de Sciences, pg. 507.

Natalus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum pg. 341; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 107; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 183.

TIPO: *Natalus stramineus* Gray.

Alto da cabeça muito elevado sobre o focinho que é comprido; orelhas em forma de funil, com a superfície interna da concha revestida de papilas e a margem externa terminando abruptamente entre o trago e o ângulo da boca; trago curto e triangular; polegar muito curto, quase todo envolvido pela membrana antebraquial, asa ligada à extremidade inferior da tibia, que é muito comprida; cauda muito longa, toda contida na membrana interfemural calcâneo curto e recurvado.

Crânio com caixa encefálica abruptamente elevada sobre o rostro que é alongado, com três quartos de seu comprimento. Bordo anterior da órbita ao nível do segundo molar.

	2	1		3	3	
Fórmula dentária:	i—	c —	para	— m	—	= 38
	3	1		3	3	

Incisivos superiores divididos em dois pares que são largamente separados um do outro e dos caninos; incisivos inferiores pequenos: primeiros pre-molares superiores e inferiores grandes, comprimidos lateralmente e com margens cortantes bem desenvolvidas; molares inferiores iguais em tamanho e com lado interno da coroa muito estreito.

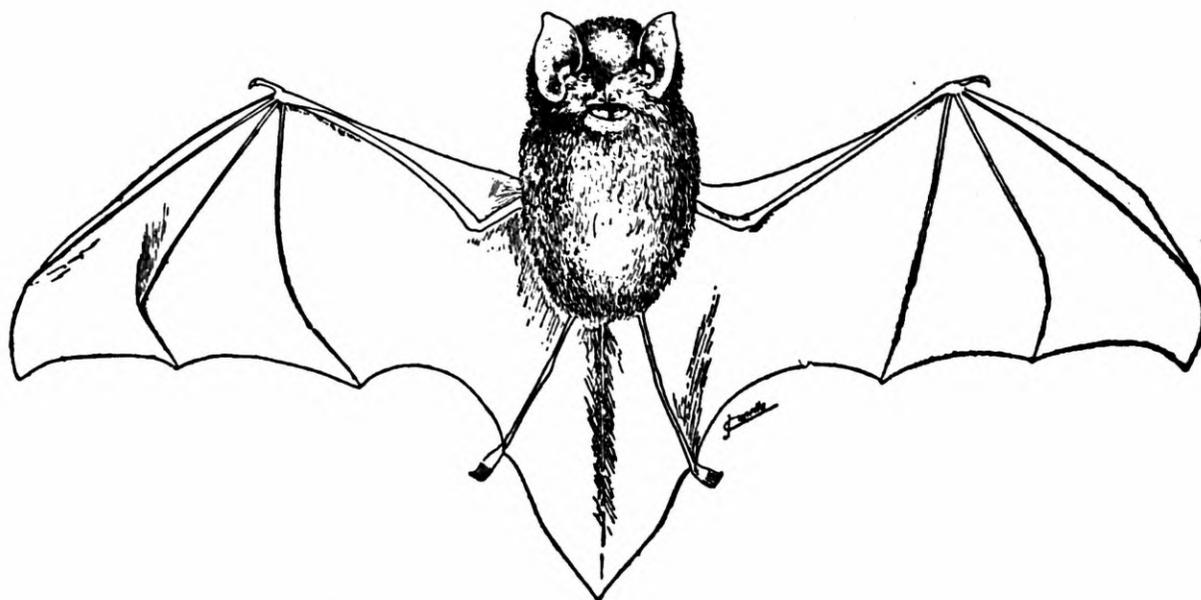


Fig 31 — *Natalus stramineus* Gray

***Natalus stramineus* Gray**

Natalus stramineus GRAY, 1838, Mag. Zool. & Bot., II, pg. 496.

Natalus stramineus WINGE, 1893, Jordfundne og nulevende Flagermus fra Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasilien, pg. 13 (Lagoa Santa, Minas Gerais).

Natalus stramineus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 341, (Brasil); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, pg. 107.

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: Morcego pequeno com a fronte, que é côncava, muito elevada sobre o focinho; este é alongado, sem apêndice nasal, com ventas ovais, bem juntas e abrindo-se para baixo; orelhas mais curtas que a cabeça, em forma de funil, com a margem interna muito convexa; margem externa com concavidade no centro; extremidades pontudas. Trago de base larga e extremidade aguçada; lábio inferior largo com sulco no centro, marginado por papilas nuas de cada lado.

Membranas das asas ligadas à base do calcâneo; polegar curto, quase todo envolvido pela membrana antebraquial e munido de unha fraca; calcâneo curto; membrana interfemural muito larga, comprida e muito delgada, riscada por inúmeras linhas transversais; cauda longa, mais comprida que a cabeça e toda envolvida pela membrana interfemural, tibia comprida e fina; pés pequenos, com dedos munidos de unhas fracas.

Os pelos são compridos e espessos, cobrindo também a face e formando sobre o lábio superior um tufo semelhante a um bigode. Antebraço, tibia e pés inteiramente nus; parte superior da membrana interfemural com raros pelos.

Colorido pardo avermelhado nas partes superiores, muito claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

2025, ♂, comprimento total, 16; largura bizigomática, 4; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 4; largura palatal no M², 2,5; largura entre caninos, 2; comprimento da mandíbula, 7; comprimento da série de dentes no maxilar, 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

2025, ♂, cabeça e corpo, 53; orelha, 13; trago, 5; antebraço, 40; polegar com unha, 6; metacarpo do 3.º dedo, 36; primeira falange, 15; segunda falange, 20; tibia, 22; calcâneo, 10; pé, 9; cauda, 35.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Antilhas, América Central; Brasil: Minas Gerais (1).

EXEMPLAR EXAMINADO 1

2025, ♂, São Domingos, Antilhas, comprado de ROSENBERG em 1905, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Família *FURIPTERIDAE*

Emballonuridae (em parte) DOBSON, 1875, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 354.

Natalidae (em parte) MILLER, 1899, Bull. Am. Mus. Nat. History, XII, pg. 245; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, pg. 107.

Furipteridae MILLER, 1907, The Fam. and genera of Bats. U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 107.

Pequenos morcegos, assemelhando-se bastante aos *Natalidae* no aspecto geral, mas apresentando profundas diferenças na conformação do crânio e dos dentes. Também diferem pela notável redução dos polegares e da primeira falange do dedo médio.

Foram sucessivamente colocados nas famílias *Vespertilionidae*, *Noctilionidae*, *Emballonuridae* e *Natalidae*, mas são suficientemente caracterizados para constituírem uma família distinta.

(1) Cf. WINGE, Museo Lundi, Jordfundne og nulevende Flaermusfra Lagoa Santa, pg. 13, 1893.

Compreende somente dois gêneros: *Euripterus* e *Amorphochilus*. ambos exclusivos da América do Sul.

Gênero *Furipterus* Bonaparte (1)

Furia (não de LINNAEUS) CUVIER, 1828, Mémoires du Museum d'Hist. Nat. Paris, XVI, pg. 150.

Furipterus BONAPARTE, 1832, Iconog. Fauna Italiana, I, fasc. XXI; GRAY, 1856, *Proceed. Zool. Society London*, XXIV, pg. 173; TROUËSSART, Cat. Mammal. Supplem., pg. 107; MILLER, 1907, The Fam. and Gen. of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 188.

TIPO: *Furia horrens* Cuvier.

Morcegos pequenos, bastante semelhantes externamente aos do gênero *Natalus*. Alto da cabeça muito elevado sobre o focinho que é bastante côncavo, da base até à extremidade, onde não existe qualquer apêndice nasal. Polegar muito curto; membrana interfemural muito larga e comprida, envolvendo em quase toda sua extensão sua longa cauda; tíbias muito longas; pés pequenos; calcâneo muito longo.

Crânio com rostro largo e chato; caixa encefálica relativamente muito grande, duas vezes maior que o rostro em comprimento e outro tanto em largura; abóbada palatina estendendo-se além do nível dos últimos molares.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & 2 & 3 \\ 1 & - & c & - & \text{por} & - & m & - & = & 36 \\ & 3 & 1 & 3 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores divididos em dois pares separados entre si por um pequeno espaço e, dos caninos, por espaços maiores; incisivos internos inferiores muito diminutos, trífidos, dispostos numa fileira convexa, sendo os externos pouco maiores que os internos; caninos superiores pequenos, iguais aos primeiros pre-molares superiores em altura e com cingulum bem desenvolvidos; primeiro pre-molar superior no centro do espaço existente entre o canino e o segundo pre-molar unicúspido e ligeiramente inclinado para a frente; segundo pre-molar superior com cingulum bem desenvolvido; último molar superior menor que os outros; caninos inferiores muito pequenos e delgados, quase do tamanho do segundo pre-molar inferior; primeiro

(1) Estando *Furia* preocupado por LINNEUS (1766), Bonaparte, em 1838, propoz *Furipterus* em substituição.

pre-molar inferior igual ao correspondente superior na forma, mas menor tamanho; molares inferiores com cinco cúspides; o último é o menor. Uma única espécie no Brasil.

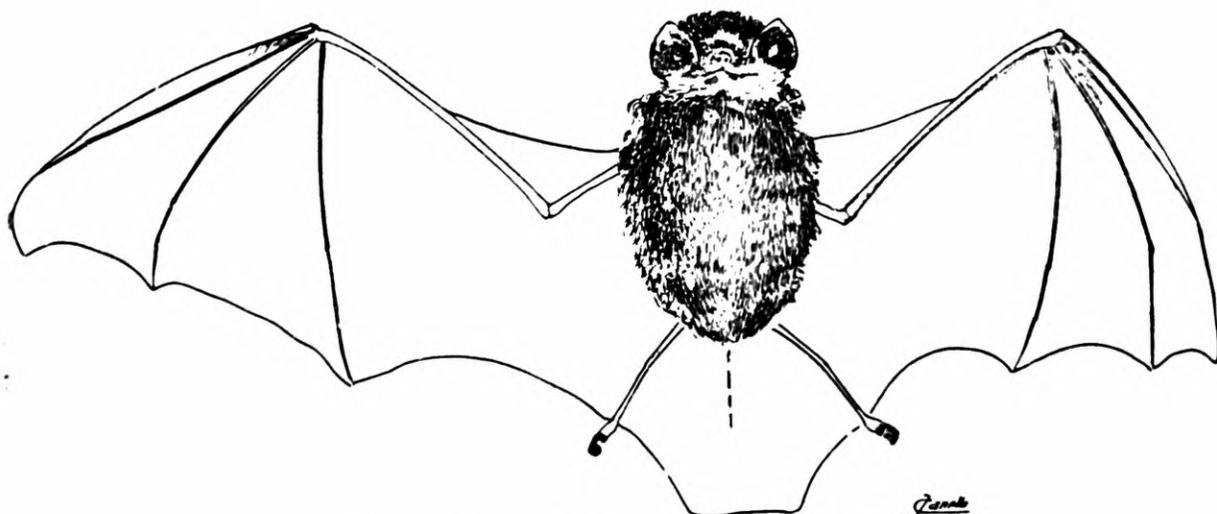


Fig. 32 — *Furipterus horrens* (Cuvier)

Furipterus horrens (Cuvier)

Furia horrens CUVIER, 1828, Mem. du Museum, XVI, pg. 150 (Guiana Francesa); GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 70, pl. XI (Baía); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 536 (Surinam).

Furipterus horrens et caeruleus GRAY, 1856, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 175, vol. XXIV. (América do Sul).

Furipterus horrens GRAY, 1856, Proceed. Zool. Soc. London, pg. 175, XXIV (América do Sul); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 55 (Santa Catarina).

LOCALIDADE TÍPICA: Mona, Guiana Francesa.

DESCRIÇÃO: Focinho truncado, com a extremidade em forma de disco no qual abrem-se as narinas ovais e bem unidas; orelhas arredondadas e muito largas, em feição de funil, com as bases anteriores caídas sobre os olhos; trago curto, de base estreita e feição mais ou menos triangular; lábios não sulcados, tendo o inferior oito protuberância semelhantes a pequenas verrugas.

Asas ligadas ao tarso; polegar rudimentar, todo contido na membrana antebraquial ficando livre só uma pequena e fraca unha; primeira falange do dedo médio muito curta; membrana interfemural comprida e larga, excedendo os pés e quase envolvendo toda a cauda

que é comprida; calcâneo longo e cartilaginoso, tão comprido quanto a tíbia; pés pequenos, com longas unhas recurvas; terceiro e quarto dedos ligados entre si.

Pelos compridos e espessos recobrimdo toda a cabeça até à ponta do focinho, quase ocultando toda a boca.

Membranas das asas, dos lados do corpo, cobertas de pelos; membranas interfemural coberta de pelo no lado superior e com pelos finos e espessos em quase toda sua extensão no lado inferior.

Colorido geral ardózia escuro; mais claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1360, ♀, comprimento total, 12; largura bizigomática, 6,5; largura interorbital, 3,5; altura occipital, 5; largura palatal, no M², 3; largura entre caninos, 2; comprimento da mandíbula, 195; comprimento da série do maxilar, 5.

DIMENSÕES EXTERNAS

1360, ♀, cabeça e corpo, 35; orelha, 10; trago 3; antebraço, 36; metacarpo, 37; 1.^a falange, 7; 2.^a falange, 22; tíbia, 15; calcâneo, 18; pé, 5; cauda, 20.

EXEMPLARES EXAMINADOS

1360, ♀, Colônia Hansa, Santa Catarina; EHRHARDT col., III-1902, pele cheia, Departamento de Zoologia.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas; Brasil: Baía e Santa Cata-

Família *THYROPTERIDAE*

Vespertilionidae (em parte) DOBSON, 1878, Cat. Chiropt Brit. Mus., pg. 170; WINGE, 1892. Jardfundne og nulevende Flagermus fra Lagoa Santa, Minas Gerais, pg. 24.

Natalidae (em parte) MILLER, 1899, Bul. Am. Mus. Nat. Hist. XIII, pg. 245; TROUËSSART 1904; Cat. Mammal. Supplem., pg. 108.

Thyropteridae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats. U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 190.¹

Morcegos pequenos caracterizados pelos discos adesivos, verdadeiras ventosas que possuem nos polegares e nas solas dos pés, o que lhes permite subir ou manter-se sobre superfícies verticais lisas.

(1) O gênero *Thyroptera* era associado à família *Vespertilionidae* constituindo a subfamília *Thyropteridae*; WINGE colocou-o com os precedentes gêneros *Natalus* e *Furipterus* na subfamília *Natalinae* e mais tarde separada para constituir a família *Thyropteridae*.

São os únicos quirópteros americanos que possuem essa particularidade e só têm equivalentes nos membros da família *Myzopodidae* de Madagascar.

São insetívoros; habitam exclusivamente as prefoliações de plantas musáceas, principalmente bananeiras e têm a singular particularidade de repousarem sempre de cabeça para cima, ao contrário dos outros quirópteros. (1)

Compreende esta família unicamente o gênero *Thyroptera* peculiar à região Neotrópica.

Gênero THYROPTERA Spix

Thyroptera SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasil., pg. 61.

Hyonycteris LICHT. & PETERS, 1854, Monastsb. K. preuss, Akad. Wissench., Berlin, pg. 335.

Thyroptera DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 345; TROUESART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 108; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 192.

TIPO: *Thyroptera tricolor* Spix.

Cabeça muito elevada sobre o focinho que é alongado, fino e côncavo, assim como a fronte: sem apêndices nasais; orelhas em forma de funil inclinadas sobre os olhos; polegares curtos com unhas fortes e munidas nas bases de discos adesivos; cauda comprida, toda envolvida na membrana interfemural e com extremidade livre; pés muito pequenos e fracos, também com discos adesivos nas solas.

Dedo médio com três falanges, calcâneo comprido.

Crânio com caixa encefálica grande e bem arredondada, com uma vez e meia o comprimento do rostró e abruptamente elevado sobre ele. Rostro estreito, delgado e bastante achatado em sua parte mediana, abóbada palatina levemente côncava lateralmente, estreitando-se abruptamente depois dos últimos molares.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} 2 & 1 & 3 & 3 \\ i & - & c & - \\ 3 & 1 & 3 & 3 \end{array} \text{ por } \frac{3}{3} \frac{3}{3} = 38$$

Incisivos superiores internos maiores que os externos e ligeiramente inclinados para trás, divididos em dois pares separados por um

(1) Sobre a biologia destes curiosos morcegos veja-se o excelente trabalho do sr. ANTENOR LEITÃO DE CARVALHO "Contribuição ao conhecimento da biologia de um pequeno morcego da Amazônia", na revista "O Campo", n. 103, julho de 1938, pg. 69.

pequeno espaço entre si, assim como dos caninos. Caninos superiores e inferiores fracos, pouco maiores que os segundos pre-molares; primeiro pre-molar superior menor que o segundo, mas bem desenvolvido; terceiro pre-molar superior muito grande, com largo processo basal interno; incisivos inferiores muito pequenos e bem unidos; pre-molares inferiores bem desenvolvidos, quase iguais em tamanho, sendo o primeiro pouco menor que os outros.

São conhecidas três espécies; das quais, duas ocorrem no Brasil.

CHAVE PARA AS FORMAS BRASILEIRAS

- A) Colorido das partes superiores pardo murino escuro
 a) Menos (comprimento total 37); ventre branco *albiventer*
 aa) Maior (comprimento total 40); ventre pardacento *albiventer juquiaensis*
 B) Colorido das partes superiores pardo avermelhado..... *tricolor*

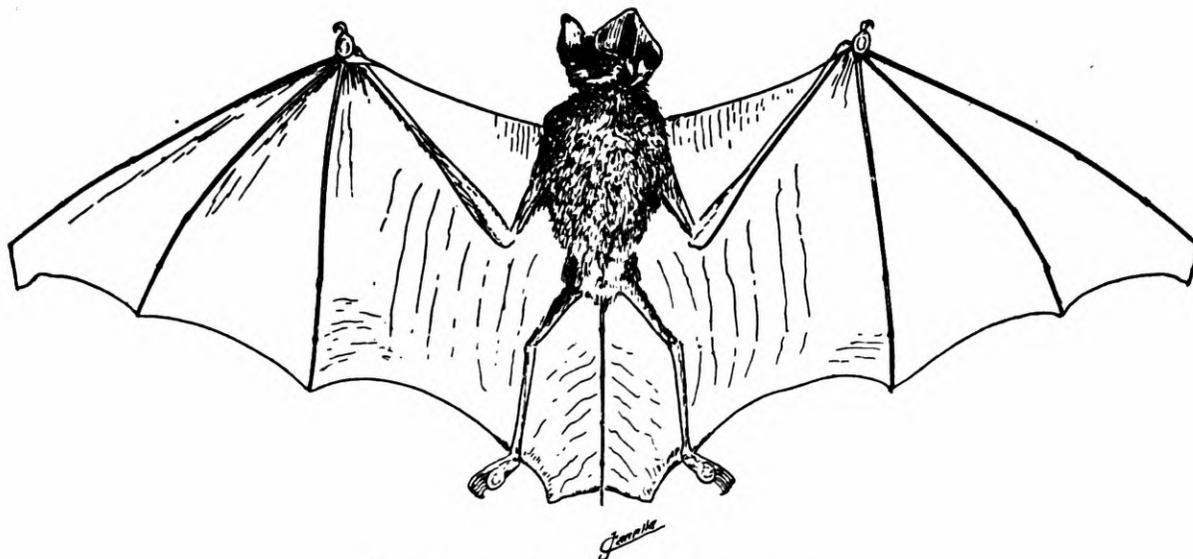


Fig. 33 — *Thyroptera tricolor* Spix

Thyroptera tricolor Spix

Thyroptera tricolor SPIX 1823, Simiarum et Vespert. Brasiliensum, pg. 61, pl. XXXVI, fig. IX (Amazonas); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 345 (Guiana e Perú); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, pg. 108; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paulista, tomo XIV, pg. 57 (Baía).

? *Thyroptera bicolor* CANTRAINE, 1845, Bull. de l'Acad. de Bruxelles, tomo XII, pg. 489.

LOCALIDADE TÍPICA: rio Amazonas (Brasil).

DESCRIÇÃO: De pequeno tamanho; alto da cabeça muito elevado sobre o focinho; orelhas curtas, maiores que a cabeça, de forma afunilada e pontas agudas, dobradas sobre os olhos; margem interna bastante cônvexa; margem externa profundamente recortada logo abaixo de sua extremidade, com forte concavidade e largo lóbulo na base, que é munida dum pequenino lóbulo; sua extremidade aguçada curvada para fora.

Focinho com extremidade pontuda e saliente na qual abrem-se, rente ao lábio superior, as narinas oblíquas; no centro, um profundo sulco; lábio inferior com proeminência central nua no centro.

Polegar com unha recurva, tendo na base da primeira falange um disco adesivo.

Segundo dedo da mão reduzido unicamente ao metacarpo, o qual tem apenas um terço do comprimento do metacarpo do dedo médio; primeira falange do dedo médio excedendo em comprimento a segunda e a terceira falange reunidas; femur comprido, mas bem mais curto que a tibia; pés pequenos, com dedos munidos de unhas fracas e inteiramente viradas para o lado de fora; calcâneo comprido e com dois lóbulos; cauda quase toda contida na membrana interfemural, deixando livre somente a extremidade.

Na sola dos pés, dois pequenos discos adesivos semelhantes aos dos polegares, porem muito menores.

Corpo todo bem revestido de pelos espessos inclusive toda a cabeça, até quase a extremidade do focinho, membranas porem quase despidas de pelos.

Colorido pardo avermelhado bastante vivo nas partes superiores e amarelado nas inferiores. Membranas todas pardo escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Larg. palat. M^s</i>	<i>Comp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>	<i>Comp. da sér. de den. máx. sup.</i>
5628	Pará	♂	15	3	5	2	3,5	11	6,5	6,5
1475	Baía	♂	15	3	5	2	3	11	7	7

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1475	Baía	♂	37	25	16	3	31	9	3	31,5	14	10	2
1476	Baía	♀	37	24	16	3	32	9	3	32	15	11	2
1477	Baía	♀	35	22	15	3	31	6	3	31	15	10	2
5628	Tapajós	♂	37	22	16	3	32	9	3	32	15	11	2

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Guianas; Brasil: Amazonas, Baía.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1475, ♂, Baía, BICEGO col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1467, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1477, —, Baía, BICEGO col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5628, ♂, Caxiricatuba, rio Tapajós, Pará, OLALLA col., 27-III-1936, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Thyroptera albiventer (Tomes)

Hyonycteris albiventer TOMES, 1856, *Proced. Zool. Soc. London*, part. XXIV, pg. 179 (Equador).

Thyroptera albiventer TROUESSART, 1904, *Cat. Mammal, Supplem.*, pg. 108, (subespécie de *T. tricolor*).

LOCALIDADE TÍPICA: rio Napo, perto de Quito; Ecuador.

DESCRIÇÃO: Assemelha-se bastante no aspecto externo à precedente espécie, mas é bem maior e de colorido inteiramente diferente.

Cabeça, focinho, orelhas, trago e discos adesivos, inteiramente semelhantes.

Antebraço e tíbias muito mais longos.

Membrana interfemural e cauda também mais longas, excedendo bastante os pés, quando bem expandidas.

A extremidade da cauda excede em cerca de 5mm. à membrana interfemural.

Calcâneo mais longo e munido de dois lóbulos. Colorido pardo murino nas partes superiores; bordos da garganta e do mento, pardo ferrugíneos. Partes inferiores brancas, principalmente no ventre, que é branco puro. Membranas pardo escuro, quase negras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

3780, ♀, comprimento total, 15; largura bizigomática, 7; largura interorbital, 4; altura occipital, 5; largura entre caninos, 3; largura palatal no M², 3; comprimento da mandíbula, 11,5; comprimento da série de dentes no maxilar superior, 7,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

3775, ♂, cabeça e corpo, 37; cauda, 25; tibia, 17; pé, 4; antebraço, 37; orelha, 11; trago, 3; 3.º dedo: metacarpo, 35; 1.ª falange, 15; 2.ª falange, 10; 3.ª falange, 5; polegar, 3.

EXEMPLARES EXAMINADOS

3775, ♂, Aruá, Pará, A. LEITÃO DE CARVALHO col., 1940, em alcool, M. Nacional.
 3776, ♀, Aruá, Pará, A. LEITÃO DE CARVALHO col., 1940, em alcool, M. Nacional.
 3780, ♂, Aruá, Pará, A. LEITÃO DE CARVALHO col., 1940, em alcool, M. Nacional.

Thyroptera albiventer juquiaensis subesp. n.

TIPO: N.º 5702, ♂, adulto, Fazenda Poço Grande, rio Juquiá, município de Iguape, Estado de São Paulo; coletado pelo Dr. LAURO TRAVASSOS FILHO, em 8 de abril de 1940, dentro de casa.

DIAGNOSE: Com os caracteres genéricos e específicos de *Thyroptera albiventer*, mas dela diferindo no colorido e no tamanho.

DESCRIÇÃO DO TIPO: Alto da cabeça consideravelmente elevado sobre o focinho que é fino e alongado, com sua extremidade saliente tendo um profundo sulco entre as narinas, marginado por duas saliências carnosas em cima e em baixo; lábio inferior com saliência carnosa triangular no centro, inteiramente nua.

Orelhas mais curtas que a cabeça, bem separadas entre si, largas, inclinadas para a frente, sobre os olhos; sua magem anterior fortemente convexa desde a base até à extremidade, que é aguda; sua margem posterior com forte concavidade logo abaixo da ponta, tornando-se então bem convexa até o lóbulo basal, que é bastante largo e expandido até o nível da comisura dos lábios.

Trago curto, de base larga, com lóbulo proeminente na sua margem interna, e extremidade aguda, ligeiramente inclinada para a frente.

Membranas das asas, delgadas e semitransparentes, ligadas nos dedos dos pés, justamente na base das unhas, e recoberta de escassos pelos na região do antebraço; membrana antebraquial estreita, recoberta de pelos perto da base, ao longo do úmero e na região carnosa do antebraço. Membrana interfemural recoberta de pelos na parte superior, e pelos ralos ao longo da cauda, até sua margem externa.

Segundo dedo da mão rudimentar reduzido somente ao metacarpo; dedo médio com três falanges das quais, a primeira é quase igual ao comprimento das outras duas reunidas. Polegar com unha bem desenvolvida e discos adesivos relativamente bem grandes na base da primeira falange; tíbias bem mais longas que o feitur. Pés muito pequenos e fracos, com dedos de duas falanges, das quais a segunda é rudimentar; todos eles ligados entre si, na base, por uma membrana, sendo o terceiro e o quarto unidos entre si em toda a extensão.

Unhas fracas e bastante recurvadas. Na base do calcâneo, discos adesivos bem desenvolvidos embora menores que os polegares. Pés bem retorcidos para o lado externo. Calcâneo forte, bem desenvolvido, tão comprido quanto a margem livre da membrana interfemural e com dois lóbulos na sua parte mediana.

Cauda comprida, quase toda contida na membrana interfemural. Pelos compridos e finos, recobrendo densamente todo o corpo (menos as membranas) até à extremidade do focinho; onde formam um tufo mais comprido debaixo dos olhos e sobre os lábios superiores. Base do antebraço recoberta de pelos na parte superior.

Colorido geral pardo murino escuro nas partes superiores, sendo os pelos das faces mais escuros; partes inferiores pardo cinza claro, no que diferencia-se logo à primeira vista de *T. albiventer*, em que essas partes são de cor branca quase pura. Lados do corpo, sob as asas, pardo cinza mais escuro. Orelhas e membranas de colorido pardo muito escuro, quase preto. Mento, cinza escuro, não pardo ferrugíneo como em *T. albiventer*.

Crânio pouco maior e de ossos mais espessos que nas outras formas do gênero; arcada zigomática e mandíbula, pouco mais reforçadas.

Dentes, sobretudo os caninos, pouco maiores que os de *T. albiventer*.

Dimensões do crânio: comprimento total, 15; largura bizigomática, 9; largura da caixa craniana, 7; comprimento do rostro, 6; largura bizigomática, 9; comprimento da série dos molares superiores, 5; comprimento da série dos molares inferiores, 5; comprimento palatal, 6; comprimento da mandíbula, 10.

Comparação entre as dimensões externas das três formas:

	<i>T. tricolor</i>	<i>T. albiventer</i>	<i>T. albiv. juquiaensis</i>
Cabeça e corpo	38	37	40
Cabeça	17	17	18
Altura da orelha	12	11	12
Trago	4	3	4
Antebraço	33	36	36
Polegar com unha	4	3	5
Diâmetro de disco adesivo do polegar	3	3	4
Metacarpo do 3.º dedo	33	35	33
Primeira falange do 3.º dedo	15	15	18
Segunda falange do 3.º dedo	10	9	12
Terceira falange do 3.º dedo.....	5	5	7
Femur	14	13	15
Tíbia	15	17	18
Calcâneo	9	9	10
Pé com unha	4	4	5
Diâmetro do disco do pé	2	2	2,5
Cauda	25	26	26,
Extremidade livre da cauda	2	7	5

Família *VESPERTILIONIDAE*

Vespertilionidae DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 167 (em parte); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, pg. 195.

Dentre as várias famílias de microquirópteros é esta a maior e a mais conhecida, pois é cosmopolita, habitando ambos os hemisférios, só estando ausente nas regiões polares.

Morcegos de porte não muito avantajado, sem apêndices nasais; cauda comprida quase toda envolvida pela membrana interfemural; orelhas bem separadas na frente, munidas de lóbulo basal interno; trago bem desenvolvido, olhos pequenos.

Terceiro dedo da mão com duas falanges ossificadas e uma terceira cartilaginosa.

São todos essencialmente insetívoros e subdividem-se em seis subfamílias, das quais somente uma é representada no Brasil.

Crânio com ossos muito delgados, rostró tão longo quanto a caixa encefálica, crista sagital pouco desenvolvida, mas distinta; abóbada palatina profundamente recortada na frente e terminando abruptamente além do nível dos últimos molares; bulas auditivas bem desenvolvidas.

Na América do Sul ocorrem cerca de treze formas das quais somente cinco no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES RBASILEIRAS

- A) Orelhas do mesmo comprimento ou mais curtas que a cabeça
- b) Largura do rostró ao nível dos caninos igual à da constrição interorbital, asa ligada ao tornozelo *simus*
 - hb) Largura do rostró ao nível dos caninos menor que a da constrição interorbital; asa ligada à base dos dedos dos pés
 - c) Pelos compridos, densos e lanosos; cor quas e branca nas partes inferiores *nigricans*
 - cc) Pelos curtos; cor escura *albescens*
- B) Orelhas mais compridas que a cabeça
- b) Crista sagital bem desenvolvida sempre presente nos adultos; crânio pequeno (seu maior comprimento 13 mm) *ruber*
 - bb) Sem crista sagital, crânio grande (seu maior comprimento 15 mm). *chiloensis alter*

Myotis nigricans nigricans (Wied) (1)

Vespertilio brasiliensis SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionium Brasil., pg. 63, pl. 36, fig. 8 (não de DESMAREST, 1822).

Vespertilio nigricans, WIED, 1826, Beitrag. zur Naturgesch. Brasil, II, pg. 266, 1826 (Espírito Santo); BURMEISTER, 1834, Thiere Brasiliens, pg. 78; DOBSON, 878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 319 (Pernambuco, Rio de Janeiro); WINGE, Jord fudne og Nulevende Flagermus fra Lagoa Santa, Minas Gerais, pg. 13 (Lagoa Santa); PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zoologisches Anzeiger, vol. 28, pg. 18 (Iguape, S. Paulo).

Vesperugo nigricans PELZELN, 18881, Brasilische Säugethiere, pg. 45. (Ipanema).

(1) As outras três raças: *M. nigricans extremus*, *M. nigricans dominicensis* e *M. nigricans mesolopus* são peculiares à América Central e Antilhas.

Myotis nigricans LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., vol. XIV, pg. 61 (Venezuela, Espírito Santo, São Paulo e Santa Catarina).

? *Vespertilio parvulus* H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 24.

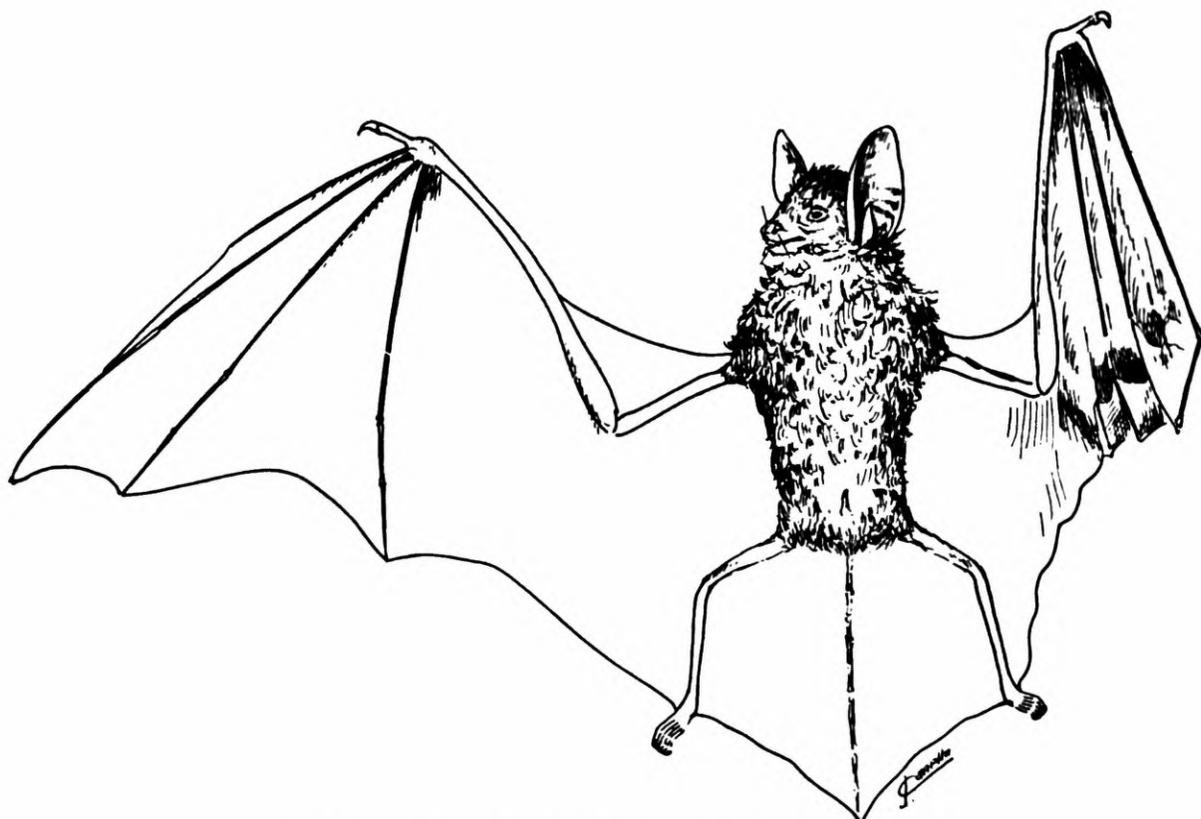


Fig. 34 — *Myotis nigricans nigricans* (Wied)

Myotis nigricans nigricans MILLER, 1924, List. of North Amer. Recent Mammif., U. S. Nat. Mus., Bull. 128, pg. 72 (em parte); MILLER, 1928, American Bats of the Genera *Myotis* and *Pisonyx*, U. S. Nat. Mus. Bull. 144, pg. 177 (América Central, Venezuela, Equador, Perú, Guianas, Paraguai; Brasil: Estados de Pernambuco, Baía, Minas Gerais, São Paulo e R. G. do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: rio Iritiba, Estado do Espírito Santo.

DESCRIÇÃO: Alto da cabeça quase ao nível do focinho que é curto e fino; orelhas curtas, estreitas e delicadas, com bordo anterior convexo até à extremidade que é obtusa; bordo posterior levemente côncavo logo abaixo da ponta, tornando-se depois convexo até à base; quando dobradas sobre os olhos, mal alcançam a ponta do focinho; trago com cerca de metade da altura da orelha, com pequeno lóbulo basal estreito e de extremidade atenuada; polegar bem desenvolvido com unha rela-

tivamente forte; membranas da asa ligadas ao lado do pé, na base do dedo externo; quando dobrada, a ponta do metacarpo do terceiro dedo cai cerca de 2 mms. antes do cotovelo.

Membrana antebraquial larga; membrana interfemural muito larga e comprida, excedendo os pés e envolvendo toda a cauda, menos uma pequenina parte de sua extremidade. Pés pequenos e delicados em proporção ao corpo; calcâneo pouco mais curto que a margem livre da membrana interfemural e terminado num minúsculo lóbulo saliente.

Pelagem macia, tendo os pelos das costas cerca de 5 mms. de comprimento e recobrando a membrana interfemural em cima e em baixo até o nível dos joelhos.

Colorido pardo murino muito escuro, com leve tendência ao dicromatismo, pois existem indivíduos um tanto pardo avermelhados.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
2517	Ilha Vitória ...	♂	14	9	4	4	3	2	10	5,5
2286	Espírito Santo .	♂	14	9	4	4	3	2	10	6

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
702	Rio Juruá	♀	45	23	14	7	35	10	7	30	11	9	5
2286	Espírito Santo .	♂	41	20	12	6	33	9	7	29	10	9	5
1974	Rio de Janeiro.	♂	44	20	14	7	34	10	7	29	10	9	5
5794	Baía	♀	40	20	13	6	33	10	7	29	10	9	5
505	São Paulo	♀	43	20	13	6	33	9	7	29	10	9	5
5726	Juquiá	♀	40	20	13	6	33	9	7	29	10	9	5
1296	Sta. Catarina ..	♂	41	20	13	6	33	9	7	29	10	9	5
5796	R. G. do Sul ...	♂	40	20	13	6	33	9	7	29	10	9	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central, Colômbia, Equador, Venezuela; Brasil: Estados do Amazonas, Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 702, ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., I-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 702a, o?, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., I-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5792, ♀, Manacapuru, Amazonas, WORONTZOW col., 1936, em alcool, Dep. Zoologia.
 5794, ♀, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5795, o?, Barra, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5795a, o? Barra, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2286, ♂, Colatina, Espírito Santo, GARBE col., 1905, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 2254, ♀, Colatina, Espírito Santo, GARBE col., 1905, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3654 ♂, Espírito Santo, GARBE col., 1905, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 3655, ♀, Espírito Santo, GARBE col., 1905, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1882, ♀, Ilha Grande, Rio de Janeiro, GARBE col., 1906, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1883, ♂, Ilha Grande Rio de Janeiro, GARBE col., 1906, pele cheia; Dep. Zoologia.
 1884, ♂, Ilha Grande, Rio de Janeiro, GARBE col., 1906, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1974, ♂, Ilha Grande, Rio de Janeiro, GARBE col., 1906, pele cheia, Dep. Zoologia.
 3754, ♀, Ilha Grande, Rio de Janeiro, GARBE col., 1906. em alcool, Dep. Zoologia.
 505, ♀, Estado de S. Paulo, sem data, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 2517, ♂, Ilha Vitória, São Paulo, GUNTHER col., 1907, pele cheia, Dep. Zoologia.
 1328, ♀, São Sebastião, São Paulo, sem data, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3540, o?, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1905, em alcool, Departam. de Zoologia.
 1327, ♂, Iguape, São Paulo, KRONE col., 1902, em alcool, Departam. de Zoologia.
 3901, o?, Cananéia, São Paulo, CAMARGO col., 1934, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5713, ♂, Juquiá, S. Paulo, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Dep. Zool.
 5714, ♀, Juquiá, S. Paulo, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Dep. Zool.
 5715, ♀, Juquiá, S. Paulo, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Dep. Zool.
 5726, ♀, Juquiá, S. Paulo, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, Dep. Zool.
 1380, ♀, Ipiranga, S. Paulo, LIMA col., se mdata, em alcool, Depart. de Zoologia.
 1830, ♀, Ipiranga, S. Paulo, LIMA col., sem data, em alcool, Depart. de Zoologia.
 5963, o?, Cuca, Cantareira, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, D. Zool.
 5964, o?, Cuca, Cantareira, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1940, em alcool, D. Zool.
 1329, ♂, Colônia Hansa, Santa Catarina, EHRHARDT col., 1901, em alcool, D. Zool.
 1329a, ♀, Colônia Hansa, Santa Catarina, EHRHARDT col., 1901, em alcool, D. Zool.
 1384, ♀, São Lourenço, R. G. do Sul, ENSLEN col., 1897, em alcool, Dep. Zoologia.
 5796, ♂, São Lourenço, R. G. do Sul, ENSLEN col., 1897, em alcool Dep. Zoologia.

Myotis chiloensis alter Miller

Myotis chiloensis alter MILLER, 1928, Am. Bats. of the Genera *Myotis* and *Pizonyx*, U. S. Nat. Museum, Bull. 144, pg. 194 (Paraná); DEVICENZI, 1935, Mamíferos del Uruguay, Anales del Museu de Historia Natural de Montevideo, pg. 28 (Departamento de Minas, Maldonado e Rocha, Uruguay).

LOCALIDADE TÍPICA: Palmeiras, Estado do Paraná.

DESCRIÇÃO: (1) Semelhante a *V. nigricans* em todos os caracteres externos de modo a confundir-se facilmente com ele, porém, maior (antebraço com mais de 37 mm.) e mais robusto; pés maiores e mais fortes; orelhas mais compridas.

Pelos mais compridos e lanosos (18 mms.) que os de *V. nigricans* (5 mm.) de colorido pardo escuro nas partes superiores e cinza esbranquiçado nas inferiores.

Dimensões do crânio: comprimento total, 15; largura bizigomática, 10; largura interorbital, 4; largura da caixa encefálica, 7; comprimento da mandíbula, 12; comprimento da série de dentes do maxilar, 6,2; comprimento da série de dentes da mandíbula, 6,4.

Dimensões externas: cabeça e corpo, 50; cauda, 46; tibia, 18; pé, 8; antebraço, 40; polegar, 7; metacarpo, 39; orelha, 15.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Leste da Argentina, Uruguai; Brasil: Rio Grande do Sul e Paraná.

Myotis ruber (E. Geoffroy)

Vespertilio ruber E. GEOFFROY DE SAINT HILAIRE, 1806, Annales du Museum d'Hist. Naturelle de Paris, vol. 8, pg. 204 (baseado no "chauvesouris canellé de Azara, 1801); GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zool., Mammiferes, pg. 80 (em parte).

Vespertilio polythrix I. GEOFFROY DE SAINT HILAIRE, 1824, (Annales de Sciences Naturelles, série 1, vol. 3, pg. 443, (Paraguai); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 321 (Pernambuco).

Myotis polythrix TROU ESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 94; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paulista, tomo XIV, pg. 65 (R. G. do Sul).

Vespertilio levis I. GEOFFROY, 1824; Annales des Sciences Naturelles de Paris, tomo 3, pg. 444; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 323 (Uruguai).

Myotis levis LIMA, 1926, Os morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 63 (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro).

(1) Conforme a descrição original.

Myotis ruber THOMAS, 1902, Ann. and Magaz. Nat. Hist., série 7, vol. 10, pg. 493 (Argentina); MILLER JUNIOR, 1928, Ann. Bats. Genera *Myotis* and *Pisonys*, U. S. Nat. Museum Bull. 144, pg. 197 (Paraguai e Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai (Assunção?).

DESCRIÇÃO: Assemelha-se bastante às precedentes formas de *Myotis* no aspecto externo, porem é maior.

Orelhas mais compridas, estendendo-se, quando dobradas sobre o focinho, cerca de 2 mm. alem de sua extremidade; pés maiores e mais fortes, com calcâneo de comprimento quase igual, o que não acontece em *M. nigricans* e *M. chiloensis*.

Pelos mais compridos, especialmente nas costas onde atingem cerca de 6 mm.

Colorido das partes superiores pardo castanho escuro; partes inferiores cinzentas. Como em *M. nigricans*, esse colorido varia, havendo uma fase em que é mais avermelhado.

Crânio maior que os das precedentes espécies e constituido de ossos mais espessos; crista sagital nos exemplares adultos muito mais saliente.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. Ms	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
1363	Iguape	♂	15	9	3	5	2,5	2,5	10,5	3
1988	R. G. do Sul ..	♂	15	9	3	5	2,5	2,5	11	3

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.ª falange	1.ª falange	2.ª falange	Tragaço	Polegar
1748	Mariana, Minas		45	35	15	8	39	12	35	12	10	6	5
2799	N. Friburg. Rio	♀	50	35	16	9	40	13	36	12	10	6	5
5797	A. Serra, S. P.	♀	50	35	16	9	40	13	36	12	10	6	5
1363	Iguape, S. P. . .	♂	45	35	15	8	39	12	35	12	10	6	5
1988	S. Lour. R.G.S.		43,5	31	15	8	37	12	32	10	9	5	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Paraguai, Nordeste da Argentina; Brasil: Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, e R. G. do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

2799, ♀, Nova Friburgo, Rio, GARBE col., pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5797, —, Alto da Serra, S. Paulo, LIMA col., 1913, em alcool, Depart. de Zoologia.
 3478, —, Ipiranga, S. Paulo, LIMA, sem data, em alcool, Departam. de Zoologia.
 1383, ♂, Piquete, S. Paulo, ZECH col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1383a, ♀, Piquete, S. Paulo, ZECH col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1363, ♂, Iguape, S. Paulo, KRONE col., 1901, em alcool, Departam. de Zoologia.
 1748, —, Mariana, Minas, GODOI col., 1898, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1988, ♂, São Lourenço, R. G. do Sul, ENSLEN col., 1905, pele cheia, Dep. de Zool.

Myotis albescens (E. Geoffroy)

Vespertilio albescens E. GEOFFROY, 1906, Ann. de Museum d'Hist. Naturelle, Paris, vol. 8, pg. 204 (Paraguai); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 327 (Guatemala e Equador).

Vespertilio leucogaster WIED, 1826, Beitr. zur Naturg. Brasil., vol. II, pg. 271. (Rio Mucurí, Espírito Santo); GERVAIS 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU., Zool., Mamíferos, pg. 80.

Vespertilio arsinöe DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 328; TROUËSSART, Cat. Mammal. Supplem., pg. 24, 1904.

Myotis albescens TROUSSERT, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 94; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paulista, tomo XIV, pg. 64 (São Paulo, Baía e Paraguai); MILLER JUNIOR, American Bats of the genera *Myotis* and *Pyzonyx*, U. S. Nat. Mus., Bull. 144, pg. 200 (Costa Rica, Equador, Colômbia, Guianas, Venezuela, Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina).

? *Vespertilio nubilus* H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 24.

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai (Assunção ?).

DESCRIÇÃO: Espécie bem caracterizada não só pelo colorido original como pelos pés grandes; cauda e tibia relativamente mais curtas, que as das espécies precedentes, crânio muito arredondado, focinho curto e dentes fracos.

Orelhas pequenas, estreitas e delgadas, com pontas rombas e mais curtas que a cabeça; trago estreito, não muito comprido, com extremidade aguda.

Asas ligadas aos lados dos pés, na base dos dedos, sendo o metacarpo do terceiro dedo o maior.

Pés grandes em relação à tibia, sendo seu comprimento pouco mais de metade daquela.

Crânio bem semelhante ao de *M. chiloensis* em tamanho, mas diferindo profundamente de todas as outras espécies do gênero em ter a caixa encefálica completamente arredondada, lisa, sem crista sagital apreciável. Além disso, o rosto é muito mais curto e delgado. Os dentes diferem principalmente nos molares superiores que têm coroas muito mais estreitas que as de qualquer outra espécie sulamericana e são munidas de cingulum fracos, mas perceptíveis.

Os pelos são finos e curtos, alcançando, nas costas, somente 4 a 5 mms. de comprimento e não revestem as membranas, exceto sob as asas.

Colorido característico: pelos com pontas amareladas e bases pardacentas, dando a toda pelagem um tom esbranquiçado.

Partes superiores de colorido castanho claro; inferiores bem cinza esbranquiçado, principalmente no ventre e na base da margem inferior da membrana interfemural, que são quase inteiramente brancas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1292, ♂, comprimento otal, 13; largura bizigomática, 8; largura interorbital, 3; altura occipital, 5; largura palatal no M 2; largura entre os caninos, 2,5; comprimento da mandíbula, 9; série de dentes do maxilar, 5,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
2674	V. Nova, Baía.	♂	45	22	14	3	34	8	3	29	10,5	9	5
1292	Avanhand. S. P.	♂	45	23	13	3	34	8	3	29	11	9	5
2024	Assuncion, Par.	♂	45	24	14	3	35	9	3	30	10	10	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA : América Central e Sul, até a Patagônia ;
Brasil: Baía e São Paulo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 2674, ♂, Vila Nova, Baía, GARBE col., III-1908, pele cheia, Depart. de Zoologia.
1292, ♂, Avanhandava, S. Paulo, GARBE col., XI-1903, pele cheia, Dep. de Zool.
2024, ♂, Paraguai, 1905, pele cheia.
3380, ♀, Limites com a Venezuela, LAKO col., em alcool, Museu Nacional.
3384, ♀, Limites com a Venezuela, LAKO col., em alcool, Museu Nacional.
3406, ♂, Barra, Baía, Dr. E. CHAGAS col., sem data, Museu Nacional.
3410, ♂, Barra, Baía, Dr. E. CHAGAS col., sem data, Museu Nacional.
3411, ♂, Barra, Baía, Dr. E. CHAGAS col., sem data, Museu Nacional.

Myotis simus (Thomas)

Myotis simus THOMAS, Ann. and Mag. Nat. Hist., série 7, vol. 7, pg. 541 (Perú); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 95; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Museu Paulista, tomo XIV, pg. 64 (rio Juruá, Amazonas); MILLER JUNIOR, 1928, U. S. Nat. Museum, Bull. 144, pg. 205 (Equador; rio Juruá, Amazonas).

LOCALIDADE TÍPICA: Saraiacú (Rio Ucaiali, Leste do Perú).

DESCRIÇÃO: Difere essencialmente das outras espécies do gênero no seguinte: membranas das asas ligadas ao tornozelo; orelhas muito pequenas, não alcançando sequer a extremidade do focinho, quando

dobrada sobre os olhos; pelos muito curtos e de constituição lanosa; crânio com crista sagital sempre bem desenvolvida e rostro largo.

Pés semelhante aos de *M. nigricans*, calcâneo curto. Crânio do mesmo tamanho do de *M. albescens* e com conformação semelhante, diferindo em ser munido de forte crista sagital que é única entre todas as espécies sulamericanas do gênero; também a largura do crânio ao nível dos caninos iguala ou excede a constituição interorbital e a mandíbula é mais robusta.

Os dentes são maiores que os de *M. albescens*, os caninos particularmente são os maiores existentes em espécies sulamericanas.

Pelos curtos e lanosos, com cerca de 3,5 mm. de comprimento no dorso e mais curtos ainda no ventre. Membranas, mesmo a interfemural, inteiramente nuas.

Colorido variando do pardo castanho ao pardo ocráceo vivo; partes inferiores mais claras. Orelhas e membranas sempre pardo enegrecidas.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorb.	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
1064	Rio Juruá.....	♂	14	9	3	5	2,5	3	10	5
4372	Itacoatiara.....	♂	14	9	3,5	5	2,5	3	10	5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metatarso	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1064	Rio Juruá, Am.	♂	47,5	27	14	6	36	7	4	35	10	10	5
1062	Rio Juruá, Am.	♀	50	—	15	7	38	7	4	35	10	10	6
1066	Rio Juruá, Am.	♂	50	—	15	7	38	7	4	35	10	10	6
5791	Santarem, Pará	♂	40	23	10	5	34	6	4	30	8	8	4

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Equador, Perú; Brasil: Estados do Amazonas e Pará.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 638, , Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1062, ♀, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1062a, , Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1064, ♂, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1066, ♂, Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1067, , Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1070, , Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1074, , Rio Juruá, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4372, ♂, Itacoatiaia, Amazonas, GARBE col., X-1902, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5791, ♂ j Santarem, Pará, GARBE col., X-1902, pele cheia, Depart. de Zoologia.

Gênero *EPTESICUS* Rafinesque

Eptesicus RAFINESQUE, 1820, Annals of Nature, pg. 2.

Vesperus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus. pg. 184 (subgen. de *Vesperugo*).

Vespertilio TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supl. pg. 79.

Eptesicus MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bul. 57, pg. 207.

TIPO: *Eptesicus melanops* (= *Vespertilio fuscus* Beauvais).

Morcegos semelhantes aos do gênero *Myotis*, porem maiores.

Focinho alongado; orelhas largas, com comprido e estreito trago; pés pequenos; asas ligadas à base dos dedos; membrana interfemural inteiramente nua, envolvendo a comprida cauda, da qual só fica livre a última vértebra.

2 1 1 3

Fórmula dentária: i — c — por — m — = 32

3 1 2 3

Incisivos superiores e inferiores bem desenvolvidos; internos maiores que os externos e usualmente com distinta cúspides secundária; externos separados dos caninos por um espaço igual ao seu maior diâmetro; caninos com cingulum distinto, mas sem cúspides secundárias; pre-molares e molares como no gênero precedente.

Crânio com caixa encefálica muito pouco elevada sobre o rostro que é largo e achatado, com bordos arredondados.

Gênero de larga distribuição, compreende mais de 45 formas espalhadas pela África, Ásia, América e Austrália.

Quatro espécies são conhecidas no Brasil.

CHAVE PARA OS GÊNEROS BRASILPIROS

- A) Maiores (antebraço 40 a 42); orelhas largas e de forma triangular *brasiliensis*
- B) Menores (antebraço 33 a 35); orelhas estreitas e de forma arredondada
- b) Trago curto com extremidade arredondada *diminutas*
- bb) Trago comprido com extremidade aguçada *hilarii*

Eptesicus hilarii (I. Geoffroy)

Vespertilio hilarii I. GEOFFROY DE SAINT HILAIRE, 1824, Annales des Sciences Naturelles, pg. 441 (Goiaz).

Vespertilio derasus BURMEISTER, 1855. Thiere Brasiliens, pg. 77.

Vesperugo hilarii DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 196 (Rio de Janeiro); PIRA, 1903, Über Fledermause von São Paulo, Zool. Anzeiger, vol. 28, pg. 12.

Vesperus hilarii H. IHERING, 1895, Os Mamíferos do R. G. do Sul, dg. 22 (São Lourenço).

Vespertilio hilarii TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 79.

Eptesicus hilarii MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 209; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 67 (São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Goiaz.

DESCRIÇÃO: Cabeça achatada, com sua parte mais elevada quase ao nível do focinho que é espesso e cônico; orelhas curtas e largas, com pontas arredondadas, quase alcançando a extremidade do focinho, quando dobradas sobre os olhos, trago comprido, estreito e aguçado; glândulas labiais bem desenvolvidas.

Membranas das asas ligadas às bases dos dedos dos pés; membrana interfemural inteiramente nua, envolvendo toda a cauda, que é bem comprida, menos a última e antepenúltima vértebras; pés pequenos com unhas finas; calcâneo comprido.

Pelos curtos e sedosos revestindo todo o corpo, deixando nua somente a face, em torno dos olhos.

Colorido pardo marron escuro nas partes superiores, passando a pardo amarelado nas inferiores, principalmente no ventre.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. palat. Ms</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Camp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
1890	Ubatuba	♀	14,5	9	5	2,5	2	5	5	6
1361	Col. Hansea ...	♂	14,5	9	5	2,5	2	5	5	6

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>Trago</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
1361	C. Hansa	♀	45	—	13	7	34	10	5	33	12	10	5
1386	Rio G. do Sul .	♂	42	25	13	7	34	8	5	31	11	9	5
1890	Ubatuba, S. P..	♂	43	25	13	7	34	10	5	33	11	9	5
5802	P.Epitário, S.P.	♀	45	25	13	7	35	10	5	33	11	10	5
1482	S. Paulo 	♂	43	25	13	7	34	10	5	33	11	10	5
303	R. G. do Sul..	♀	45	25	13	8	35	10	5	33	12	10	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil Meridional: Estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina e R. G. do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 5831, , Rio Doce Baixo Piracicaba, Minas Gerais, OLALLA col., pele cheia, D. Zool.
 5832, ♂, Rio Doce Baixo Piracicaba, Minas Gerais, OLALLA col., pele cheia, D. Zool.
 1890, ♀, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., V-1905, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1299, ♂, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., V-1905, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1890, , Ubatuba, São Paulo, GARBE col., V-1905, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1300, , Iguape, São Paulo, KRONE col., 1897, pele cheia, Departam. de Zoologia
 1361, ♀, Col. Hansa, Santa Catarina, EBHARDT col., 1901, em alcool, D. de Zool.
 1360, ♀, Col. Hansa, Santa Catarina, EBHARDT col., 1901, em alcool, D. de Zool.
 5960, ♂, Marília, São Paulo, Dr. C. PEREIRA, of. 1940, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1842, , Estado de São Paulo, col. antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5724, , Juquiá, São Paulo, OLALLA col., V-1940, em alcool Depart. de Zoologia.
 5802, ♂, Porto Epitácio, LIMA col., VI-1926, em alcool, Departam. de Zoologia.
 303, ♀, Rio Grande do Sul, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Eptesicus diminutus Osgod

Eptesicus diminutus OSGOD, 1915, Mammals from Brasil and Perú, Field Museum Nat. History, Zoology, vol. X, pg. 197 (Baía); THOMAS, 1920, Ann. and Mag. of Nat. History, ser. 9, vol. 5, pg. 367.

LOCALIDADE TÍPICA: São Marcelo (Rio Preto, Baía).

DESCRIÇÃO:¹ Semelhante a *Eptesicus hilarii*, mas menor, com crânio muito mais delicado e trago relativamente mais delgado.

Colorido mais claro; pelos do dorso, cabeça e lados do pescoço com pontas pardas e bases escuras, o que dá um tom geral pardo claro a todo o corpo; partes inferiores com pelos de extremidades amarelo sujas. Orelhas mais delgadas que nas outras espécies de *Eptesicus*; trago relativamente mais curto e delgado, com extremidades menos rombas.

Crânio pequeno e delgado, bem menor que o de *E. hilarii*; caixa encefálica muito menos elevada posteriormente; rostró relativamente longo; dentes como em *S. hilarii*, porem menor.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Comprimento total 14; comprimento basal 13; constituição interorbital 3,3; comprimento palatal 5,7; largura entre as pontas dos caninos 3,1; fileira dos dentes inferiores inclusive caninos 5,1; largura do terceiro molar superior 1,8; fileira dos dentes inferiores, inclusive caninos 5,6

(1) Descrição baseada na original.

MEDIDAS DO CORPO

Comprimento total, inclusive cauda 88; cauda 37; pé 10; antebraço 35,7; polegar com unha 4,7; metacarpo do terceiro dedo 33; metacarpo do quarto dedo 33; metacarpo do quinto dedo 31,9; tibia 14; calcâneo 13; trago 4,5.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Baía.

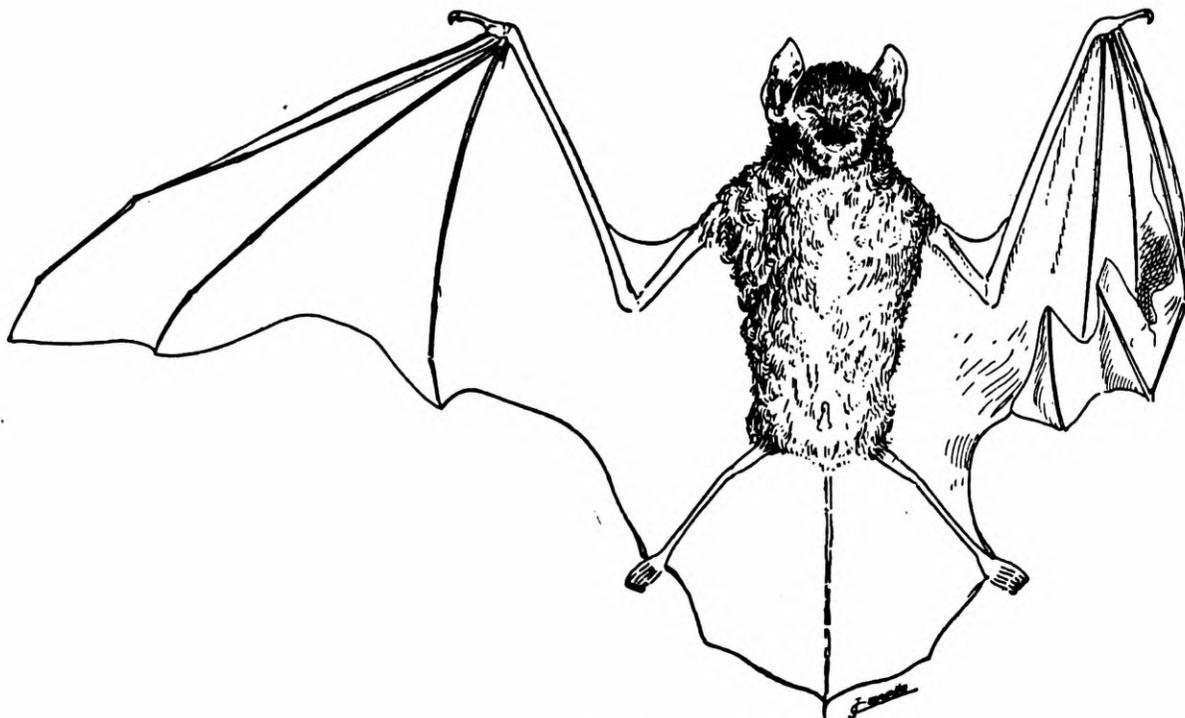


Fig. 35 — *Eptesicus brasiliensis* (Desm.)

Eptesicus brasiliensis (Desmarest)

Vespertilio brasiliensis DESMAREST, 1819, M. Dict. d'Hist. Nat., 2a. ed., XXXV, pg. 478.

Eptesicus brasiliensis THOMAS, 1920, Ann. & Mag. Nat. Hist. série 9, vol. 5 pg. 367; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Mus. Paulista, tomo XIV, pg. 59 (Ituverava, Mariana, Serra de Macaé).

LOCALIDADE TÍPICA: não especificada.

DESCRIÇÃO: Maior que *E. hilarii*; orelhas maiores e de feitio triangular; trago semelhante, mais comprido, ligeiramente côncavo do lado externo e com extremidade um tanto inclinada para fora; membrana da asa ligada à base dos dedos; cauda comprida, toda envolvida na membrana interfemural, deixando somente a última vértebra livre; pés e calcâneo como em *Eptesicus hilarii*.

Crânio mais curto que o de *Eptesicus hilarii*, com crista sagital bem desenvolvida e rosto mais curto e achatado.

Dentes diferindo em serem mais compridos, principalmente os caninos e o primeiro pre-molar superior; molares com coroas mais largas.

Pelos mais compridos, principalmente no dorso. Colorido pardo avermelhado nas partes superiores e pardo amarelado nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
1134	Ituverava	♂	16	10	4,5	5	3	7	12,5
1835	Baía	♀	16	10	4,5	5	3	7	12,5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1746	Mariana, Minas	♂	51,5	31	15	7	40	8	6	37	13	11	5
2801	Macaé, Rio ...	♂	52	31	15	7,5	40	8	6	37	13,5	11	5
1134	Ituverava, S.P.	♂	50	30	14	6	37	8	6	35	13	10	5
1835	Baía	♀	50	30	14	6	37	8	6	35	13	10	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Baía, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1835, ♀, Baía, BICEGO col., 1897, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1746, ♂, Mariana, Minas GODOI col., 1905, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1747, , Mariana, Minas, GODOI, col., 1905, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 2801, ♂, Serra de Macaé, Rio de Janeiro, GARBE col., 1909, pele cheia, D. Zool.
 1134, ♂, Ituverava, São Paulo, GARBE col., 1909, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3458, ♂, Rio São Miguel, Goiás, em alcool, Museu Nacional.

.Gênero HISTIOTUS Gervais

Histiotus GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zool., Mammif., pg. 77.

Vesperus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 184, (subgênero de *Vesperugo*, em parte).

Histiotus TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 77 (subgênero de *Vespertilio* MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Museum Bull. 57 pg. 214.

TIPO: *Plecotus velatus* I. Geoffroy.

Caracterizado pelas orelhas muito compridas e largas, maiores que a cabeça, unidas por uma estreita faixa de pele sobre a fronte. Nos outros caracteres externos, porem é inteiramente semelhante ao gênero precedente.

Crânio como em *Eptesicus*, porem mais comprido e com bulas auditivos maiores, seu diâmetro mais do dobro da largura do espaço entre elas.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 2 & 1 & & 1 & 3 \\ i & - & c & - & \text{para} & - & m & - & = & 32. \\ & 3 & 1 & & 2 & 3 \end{array}$$

Dentes de estrutura semelhante a de *Eptesicus* mas com incisivos superiores externos muito reduzidos e com extremidades pouco se estendendo alem do cingulum dos internos.

Compreende cinco espécies, das quais somente uma no Brasil. (1)

(1) TROUËSSART Cat. Mammal., Supplem. pg. 77, 1904; cita *Vespertilio montanus* (= *Histiotus montanus*) de Philipe, 1861, como ocorrendo no Pará, o que é pouco provavel, em se tratando de uma forma peculiar às grandes altitudes andinas.

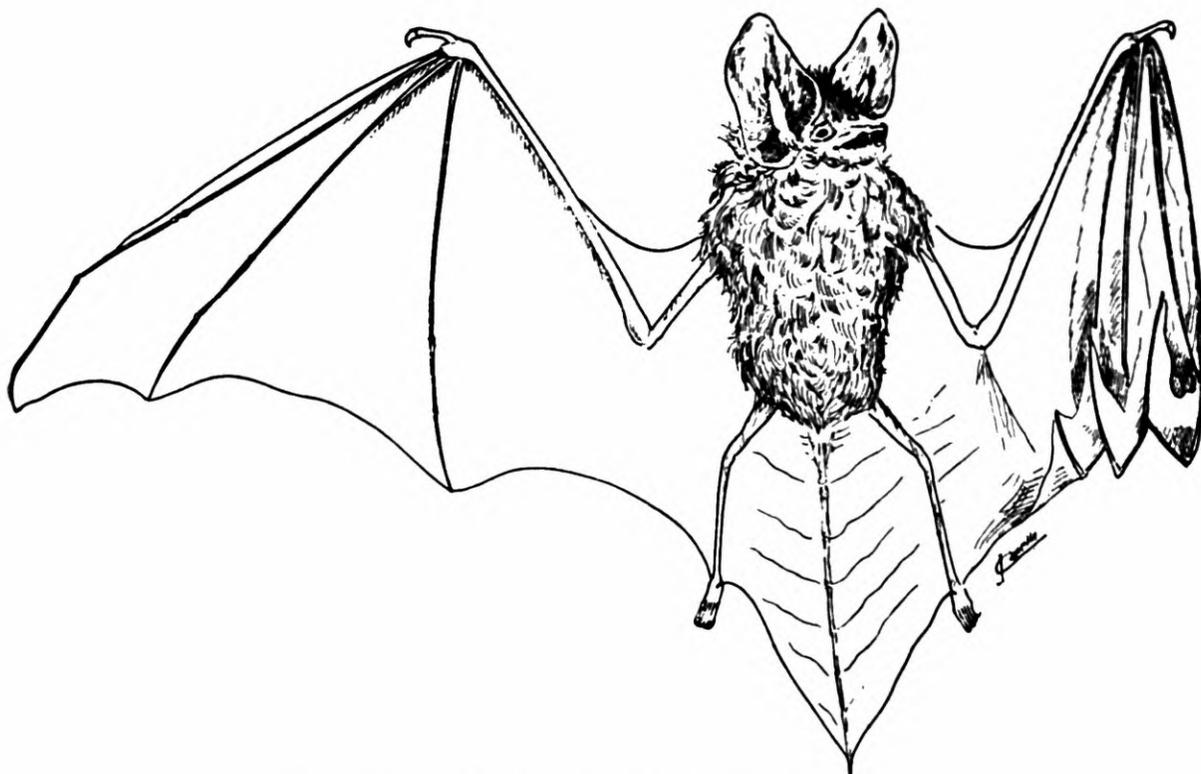


Fig. 36 — *Histiopus velatus* (I. Geoffroy)

Histiopus velatus (I. Geoffroy)

Plecotus velatus I. GEOFFROY, 1824, Ann. Sciences Naturelles, pg. 446 (Brasil).

Histiopus velatus GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 77.

Plecotus velatus, PELZELN, 1883, Thiere Brasilien, pg 44 (Ipanema); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 24.

Vesperugo velatus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 189.

Vespertilio (Histiopus) velatus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 77.

Histiopus velatus THOMAS, 1900, Annali del Museu Civico di Storia Naturale di Genova, vol. XX, pg. 546. (Palmeira, Paraná); LIMA, 926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 24 (São Paulo, Bolívia, Chile e Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Distingue-se logo dentre os vespertilionídeos brasileiros pelas suas enormes orelhas de forma quase triangular, unidas na frente por estreita faixa de pele; sua margem externa convexa prolonga-se até à comissura da boca e sua margem interna é munida de lóbulos grandes que se tocam no meio da frente; trago comprido,

de margem externa côncava, com lóbulo na base e margem interna ligeiramente convexa em toda sua extensão. Alto da cabeça quase ao nível do focinho, que é largo e obtuso.

Asas ligadas às bases dos dedos dos pés; polegar curto com unha fortemente recurvada; membrana interfemural muito larga e comprida, envolvendo quase completamente a longa cauda, deixando livre somente as duas últimas vértebras; calcâneo bem desenvolvido.

Pelos compridos e espessos, de colorido pardo castanho escuro nas partes superiores e cinza claro nas inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizigom.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
3668	Ipiranga	♂	18	11,5	4	4	3,5	3,5	14	7
1390	Minas	♂	14,5	11	4	4	3	3	13	6,5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metaterno	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
5789	Mariana, Minas	♀	60	42	20	8	45	22	15	42	15	15	6
3668	Ipiranga, S. P..	♂	65	45	20	9	48	23	15	40	16	15	7
5638	Ipiranga, S. P..	♀	62	42	20	8	45	23	15	40	15	15	6
1481	Ipiranga, S. P..	♂	60	40	20	8	45	22	14	40	15	15	6
3556	Cascata, S. Plo.	♀	60	40	20	8	45	22	14	41	15	15	6

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1295, ♂, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3668, ♂, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3668a, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3668b, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 5804, , Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5805, ♂, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5806, ♂, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5806a, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departam. de Zoologia.
 5807, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departam. de Zoologia.
 1390, , Santo Antônio, Minas Gerais, GODOI col., VII-1899, Dep. de Zoologia.
 1390a, , Santo Antônio, Minas Gerais, GODOI col., VII- 1899, Dep. de Zoologia.
 5789, ♂, Mariana, Minas Gerais, GODOI col., VII-1899, Departamento de Zoologia.
 3807, , Rio Negro, Paraná, Frei M. WHITE col., IV-1932, Depart. de Zoologia.
 246, ♂, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., IV-1932, Dep. Zoologia,
 246a, ♀, São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., IV-1932, Dep. Zoologia.
 3391, ♂, Viçosa, Minas Gerais, col., 1938, em álcool, Museu Nacional.
 3395, ♀, Viçosa, Minas Gerais, col., 1938 em álcool, Museu Nacional.
 3530, ♂, Rio de Janeiro, GUILHERME col., 1901, em álcool, Museu Nacional.
 3547, ♂, Rio de Janeiro, CATALÃO col., V-1899, em álcool, Museu Nacional.
 3459, ♂, Rio de Janeiro, LACERDA col., 1921, em álcool, Museu Nacional.

Gênero LASIURUS Gray

Lasiurus GRAY, 1831, Zoological Miscellany, n. 1, pg. 38; TROUESSART. 1904, Cat. Mammal, Supplem., pg. 86; MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 221.

Atalapha DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 267 (em parte).

TIPO: *Vespertilio borealis* Miller.

Cabeça curta com focinho largo, achatado e obtuso, projetando-se ligeiramente além do lábio inferior; orelhas curtas e arredondadas com lóbulo externo bem desenvolvido; trago curto, em forma dum L reverso, o que é característico no gênero; membrana interfemural muito comprida e larga, revestida de pelos espessos em toda sua extensão.

$$\text{Fórmula dentária: } \begin{array}{cccc} & 1 & 1 & 2 & 3 \\ i & - & c & - & \text{por} & - & m & - & = & 32 \\ & 3 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores curtos, fortes e aguçados, bem unidos às bases dos caninos; incisivos inferiores trífidos, primeiros pre-molares superiores rudimentares, situados na parte interna da fileira dos den-

tes, junto à base dos caninos; segundo pre-molar grande e aguçado; primeiros e segundos molares superiores grandes, com cúspides formando um W; terceiros molares rudimentares; molares inferiores bem desenvolvidos, estreitos e com cúspides agudas.

Crânio curto e largo, caixa encefálica quase ao nível do rostró, que é largo e achatado, profundamente recortado nos ossos nasais e no palatino.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES RBASILEIRAS

- A) Grande (antebraço 56 mm); colorido geral cinza esbranquiçado.. *cinereus*
- B) Pequenos (antebraço 38 a 42 mm)
- b) Colorido geral pardo muito escuro *enslenii*
- bb) Colorido geral avermelhado *borealis*

Lasiurus cinereus grayi Tomas

Lasiurus grayi TOMES, 1857, Proceed. Zoolog. Society London, pg. 40, (Chile).

Atalapha cinerea var. *grayi* DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 273 (Cuba, Bolívia e Chile).

Atalapha cinerea H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 24; idem, 1895, Os Mamíferos do R. G. do Sul, pg. 21 (Mundo Novo).

Atalapha cinerea brasiliensis, A. PIRA, 1905, Über Fledermause von São Paulo, Zoologischer Anzeiger, vol. 28, pg. 12 (Iguape, São Paulo).

Lasiurus cinereus LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 71 (Ipiranga, São Paulo).

Lasiurus cinereus grayi TROUESSART, 1904, Cat. Mammal, Supplem., pg. 87.

LOCALIDADE TÍPICA: Chile.

DESCRIÇÃO: Um dos maiores morcegos desta família, com orelhas curtas e arredondadas munidas de lóbulo basilar interno bem grande; trago curto e recurvado na base, formando um ângulo reto, com pequeno lóbulo na margem externa e revestido de pelos.

Cabeça curta, com focinho largo e obtuso, glândulas do lábio superior muito desenvolvidas, de modo que este projeta-se além do lábio inferior.

Membranas das asas ligadas às bases dos dedos dos pés; polegar comprido com unha forte; membrana interfemoral muito comprida e larga, excedendo de muito os pés e envolvendo completamente a com-

prida cauda; pés relativamente pequenos, com unhas finas e fracas; calcâneo comprido.

Pelos finos e sedosos revestindo espessamente todo o corpo desde a extremidade do focinho, até à ponta da cauda, inclusive toda a membrana interfemural do lado superior, pernas e pés; orelhas, dos dois lados e trago também recobertos de pelos curtos.

Colorido geral muito original, constituído por uma mistura de amarelo, pardo, pardo cinza e branco, o que dá a impressão de ser todo o corpo pulverizado com farinha. Pelos da cabeça, orelhas e garganta curtos e de cor pardo amarelada com extremidades denegridas; dorso até à base da membrana interfemural grisalho; peito e ventre da mesma cor; quase toda a membrana interfemural do lado externo é parda até à extremidade da cauda; pelos da região do antebraço pardo amarelado.

MEDIDAS DO CRÂNIO

5968, ♂, comprimento total, 16; largura bizigomática, 12; largura interorbital, 5; altura occipital, 6; largura palatal no M², 4,5; largura entre caninos, 4,5; comprimento da mandíbula, 12; comprimento da série de dentes no maxilar, 6.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
1326	Ipiranga, S. P.	♀	62	42	23	10	52	10	6	56	20	22	10
1326	Ipiranga, S. P.	♂	60	40	20	8	50	10	6	55	19	20	10
2546	Venezuela	♀	60	39	18	10	—	9	6	55	19	20	10

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Chile, Bolívia, Uruguai, Brasil: São Paulo e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1324, ♂, Ipiranga, São Paulo, IX-1899, em álcool, Departamento de Zoologia.
 1325, ♀, juv. São Paulo, XI-1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1326, ♀, São Paulo, XI-1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5968, ♂, Butantan, São Paulo, Dr. F. FONSECA col., 1940, em álcool; Dep. Zoologia.
 3466, ♀, Rio Grande do Sul, sem data, em álcool; Museu Nacional.
 2546, , Venezuela, compr. de ROSEMBERG, 1904, pele cheia; Depart. de Zoologia.

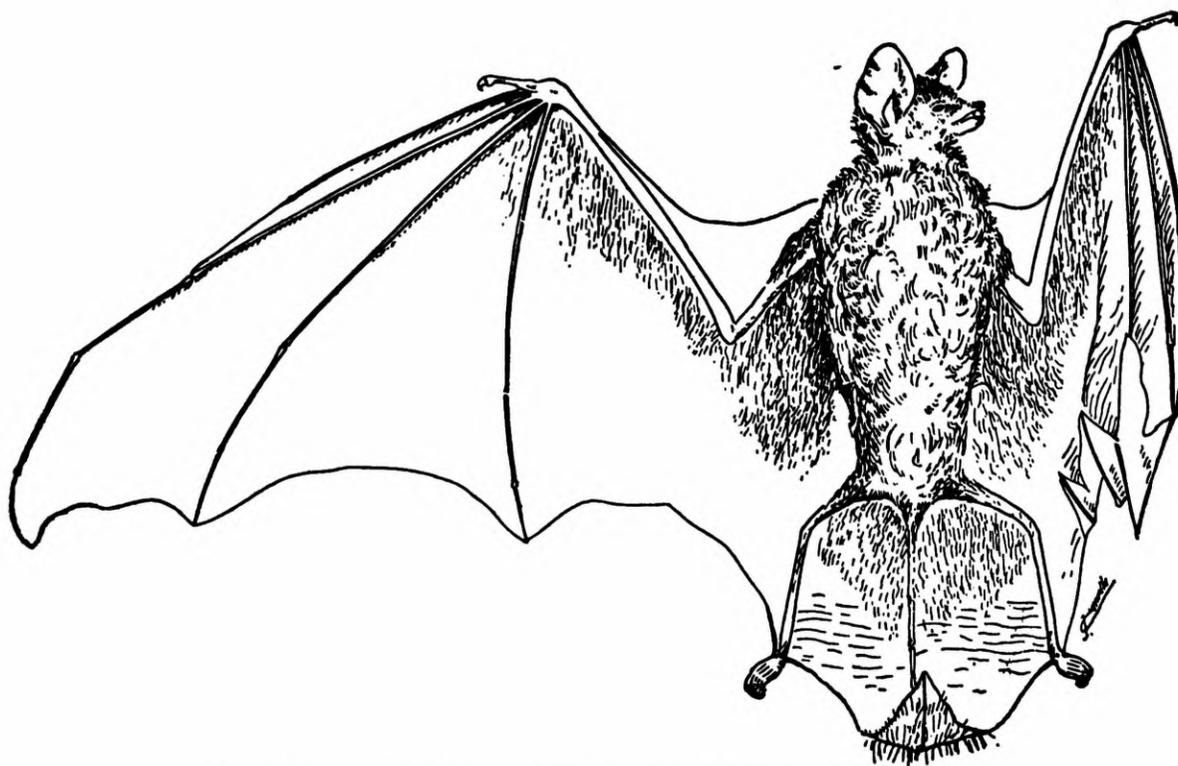


Fig. 37 — *Lasiurus borealis mexicanus* (Saussure)

Lasiurus borealis mexicanus (Saussure)

Atalapha mexicana SAUSSURE, 1861, Rev. Zool., 2.^a série, pg. 67 (México).

Atalapha noveboracensis var. *frantzii* DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Mus. Brit., pg. 271, (Chile e Pernambuco); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 21; idem, 1895, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 21 (Porto Alegre).

Lasiurus borealis mexicanus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 87; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. pg. 68 (Ipiranga, Minas Gerais e Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: Sul do México.

DESCRIÇÃO: Bem menor que a espécie precedente, mas assemelhando-se bastante no aspecto externo. Cabeça inteiramente semelhante, mas com orelhas menores e menos arredondadas; trago mais curto.

Membranas das asas, membrana interfemural, pés, cauda e calcâneo como em *Lasiurus cinereus*. Corpo igualmente revestido de pelos espessos desde o focinho até a extremidade da cauda, mas de colorido muito diverso.

Partes superiores pardo avermelhadas, da cabeça à ponta da cauda; partes inferiores, cinza amareladas, menos na garganta e no mento

que são avermelhados. O colorido avermelhado das partes superiores porem varia de intensidade, havendo exemplares muito claros.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
287	Piracicaba	♂	13	9	4,5	5	3,5	9	5
1317	Rio Gde. do Sul.	♀	12,5	9	4,5	5	3,5	9	5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
2023	Merida, Venezl.	♂	49	32	19	6	—	6	4,5	41	15	15	6
1319	S. Antônio, Min.	—	49	33	19	6	37	6	4,5	41	16	16	7
587	Piracicaba, S. P.	—	50	35	19	6	39	6	5	41,5	16	16	7
2448	Ipiranga, S. P..	♀	50	35	19	6	39	6	5	41,5	16	16	7
1485	Rio de Janeiro..	♂	48	32	18	6	37	6	4	38	15	15	7
3753	Joinvile, Sta. C.	♀	52	35	20	7	40	8	5	42	15	16	8
1657	S. Lourenço, RGS	—	51	—	19	6	32	8	4	41	15	16	7

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Sul do México, América Central; Brasil: Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 287, , Piracicaba, São Paulo, ZECH col., 1897 (pele cheia), Departam. de Zool.
 1319, , Santo Antônio da Vargem, Minas Gerais, J. B. GODOI, col. X-1900 D. Zool.
 1657, , São Lourenço, Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1904, Depart. de Zoologia.
 2448, ♀, Ipiranga, São Paulo, II-1907, Departamento de Zoologia.
 5960, , Butantan, São Paulo, Dr. F. FONSECA col., 1940, em alcool, Dep. de Zool.
 1485, , Estado do Rio de Janeiro, sem data, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1708, , Col. Hansa, Santa Catarina, em alcool, Dep. de Zoologia.
 3753, , Joinville, Santa Catarina, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1317, , São Lourenço, Rio Grande do Sul, em alcool, Departamento de Zoologia.

Lasiurus enslenii Lima

Lasiurus enslenii JOÃO LEONARDO DE LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Museu Paulista, tomo XIV, pg. 73 (Rio Grande do Sul).

LOCALIDADE TÍPICA: São Lourenço, Rio Grande do Sul.

DESCRIÇÃO: Do tamanho e aspecto de *Lasiurus borealis mexicanus*, porem de colorido bem diferente. Orelhas mais curtas, arredondadas com margem exterior fortemente convexa e lóbulo basal externo saliente; trago menor.

Pelos pouco mais compridos principalmente no dorso, porem distribuidos da mesma forma por todo o corpo.

Colorido geral pardo muito escuro, ligeiramente salpicado de branco. Pelos pretos na base, cor de canela na parte mediana e branco nas extremidades; os da membrana interfemural são quase uniformemente escuros.

Crânio e dentes ineiramente semelhantes aos de *Lasiurus cinereus*.

DIMENSÕES EXTERNAS

1991, ♀, (tipo); cabeça, 12; orelha, 9; trago, 4; antebraço, 39; polegar, com unha, 6,5; terceiro dedo: metacarpo, 41; 1.^a falange, 18; 2.^a falange, 18; tibia, 20; calcâneo, 8; pé, 7; cauda, 36; comprimento total, cabeça e corpo, 48.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1991, ♀, (tipo); comprimento total, 12; largura bizigomática, 9; largura interorbital, 5; altura occipital, 4,5; largura palatal no M², 3,5; comprimento da mandíbula, 9; comprimento da série de dentes no maxilar, 5.

EXEMPLAR EXAMINADO

1991, ♀, (tipo), São Lourenço, Rio Grande do Sul, C. ENSLEN col., 1905, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Gênero *DASYPTERUS* Peters

Desypterus PETERS 1870, Monastberg K. preus Akad. Wissensch. Berlin, pg. 912 (subgênero de *Atalapha*); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 274 (subgênero de *Atalapha*); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammual, Supplementum, pg. 86, (subgênero de *Lasiurus*); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats U. S. Nat. Mus., Bull. 57, pg. 222.

TIPO: *Lasiurus intermedius* Allen.

Difere de *Lasiurus* principalmente em ter apenas 30 dentes; orelhas mais ou menos pontudas e membrana interfemural revestida de pelos somente na terça parte ou na metade de sua extensão.

Cabeça e focinho semelhantes aos de *Lasiurus*; orelhas, elípticas, trago menos recurvado de extremidade romba ou aguda; falanges do terceiro dedo iguais em comprimento.

Crânio curto e muito largo como em *Lasiurus*.

$$\begin{array}{cccc} 1 & 1 & 1 & 3 \\ \text{Fórmula dentária: } i & - & c & - \text{ por } - & m & - & = & 30 \\ 3 & & 1 & & 2 & & & 3 \end{array}$$

A dentição difere principalmente da de *Lasiurus* pela ausência dos pequenos pre-molares superiores.

Incisivos superiores estreitamente unidos à base dos caninos. Compreende três espécies no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Membrana interfemural com dois terços recobertos de pelos
- a) Maior (antebraço 48); colorido pardo-oliva *intermedius*
 - aa) Menor (antebraço 35); colorido avermelhado *egregius*
- B) Membrana interfemural com sua metade recoberta de pelos de colorido pardo amarelado *ega*

Dasypterus intermedius (Allen)

Lasiurus intermedius ALLEN, 1862, Proc. Acad. Sc. Philadelphia, pg. 146, (México).

Atalapha intermedia DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 274 (Texas); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 87; ALLEN, 1893, A Monograph of the Bats. of North America U. S. Nat. Museum, Bull. 43, pg. 137 (México); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 74 (Ipiranga).

? *Atalapha ega* H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 26.

LOCALIDADE TÍPICA: Matamoros (México).

DESCRIÇÃO: Cabeça bem semelhante a de *Lasiurus cinereus* mas com focinho mais estreito e narinae menos separadas; as proeminências glandulares do lábio superior menos desenvolvidas, de modo que a extremidade do focinho é muito menos saliente sobre o lábio inferior. Orelhas mais compridas que largas, bastante convexas na margem interna; extremidades mais ou menos agudas, lóbulo basal bastante desenvolvido e arredondado, trago muito mais largo que em *Lasiurus*, mais oblíquo na extremidade e muito menos encurvado.

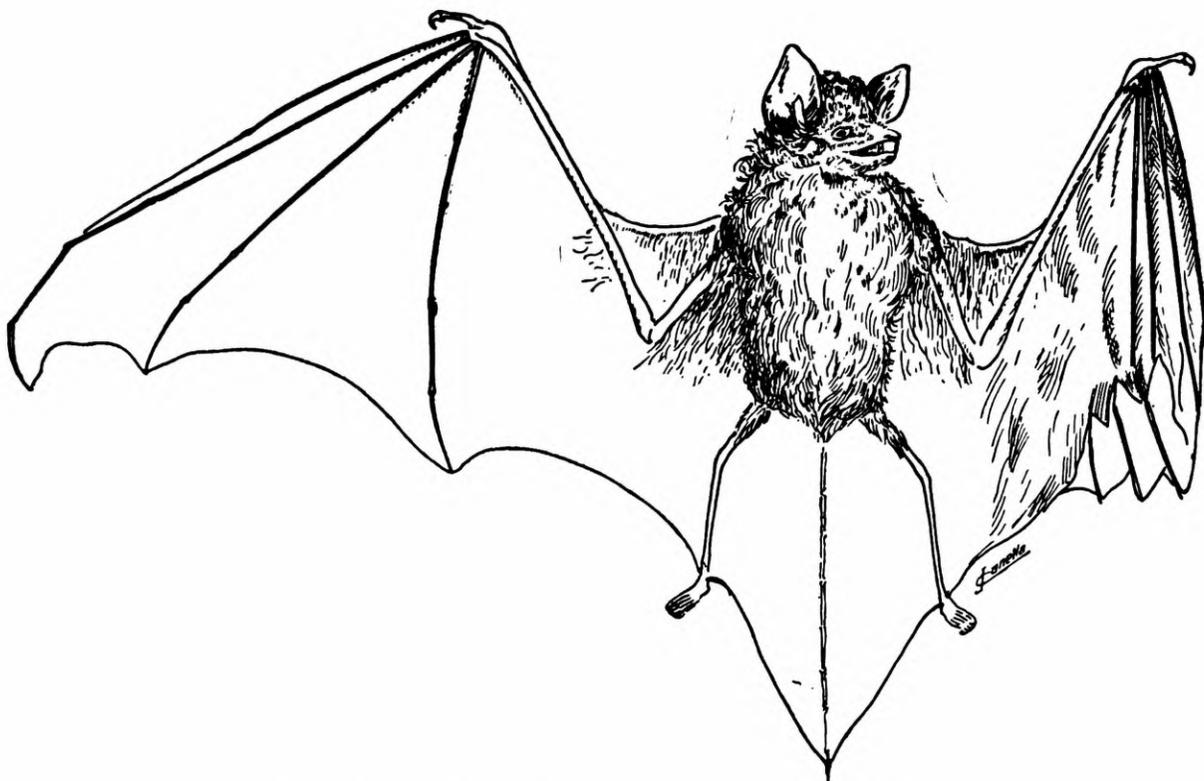


Fig. 38 — *Dasypterus intermedius* (Allen)

Membranas das asas ligadas às bases dos dedos dos pés; polegar bem desenvolvido com unha forte; membrana interfemural excessiva-

sente comprida e larga, envolvendo a cauda, que é composta de oito vértebras, em toda sua extensão; calcâneo muito comprido; tibia comprida, pés de regular tamanho.

Pelos compridos, espessos e lanosos, revestindo completamente o corpo, da extremidade do focinho até o terço superior da membrana interfemural; uma estreita faixa da membrana das asas, na região do antebraço, revestida de pelos, assim como as pernas e os pés; orelhas quase inteiramente nuas.

Colorido geral pardo amarelado, lavado de oliváceo mais escuro nas partes superiores; membranas pardo muito escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizigom.	Larg. interorbi	Larg. palat. Ms	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
1322	Ipiranga.....	♀	16,5	12	5	4,5	4	13	6,5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tibia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
5615	Caxiricatuba, P.	♀	65	43	23	8	50	12	7	54	19	19	7
1322	Ipiranga, S. P..	♀	65	43	28	8	50	12	7	54	19	19	7
1321	Capital, S. Paul.	—	66	45	23	8	—	12	7	54	19	19	7,5
5798	Ituverava, S. P.	♀	60	35	20	7	47	11	6	52	18	18	6
1320	Ipiranga, S. P..	—	58	35	20	7	45	11	6	50	18	18	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Sul dos Estados Unidos, México, Brasil: Estados do Amazonas, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1320, , Ipiranga, São Paulo, LIMA col., sem data, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1322, ♀, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., sem data, em alcool, Dep. de Zoologia.
 5728, , Ipiranga, São Paulo, LIMA col., sem data, em alcool, Dep. de Zoologia.
 1323, , São Paulo, LIMA col., 1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5798, , Ituverava, São Paulo, GARBE col., 1911, Departamento de Zoologia.
 5625, , Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-935, Departamento de Zoologia.
 3350, ♀, Rio de Janeiro, M. RIBEIRO col., 1912, em alcool, Museu Nacional.
 3476, ♀, Terezópolis, Rio de Janeiro, M. RIBEIRO col., 1912, Museu Nacional.
 3613, ♀, Rio de Janeiro, M. RIBEIRO col., 1912, Museu Nacional.
 3659, ♂, Rio de Janeiro, M. RIBEIRO col., 1912, Museu Nacional.

Dasypterus ega (Gervais)

Nycticejus ega GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte CASTELNAU, Zoologie, pg. 73, pl. XIV, fig. 1 (Ega, Amazonas).

Lasiurus caudatus et *aga* TOMES, 1857, Proceed. Zool. Society, pg. 42 e 43.

Atalapha ega DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 276 (Amazonas e Pernambuco); H. IHERING, 1895, Os Mamíferos do R. G. do Sul, pg. 22 (Pelotas e S. Lourenço); MIRANDA RIBEIRO, 1914, Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, pg. 22 (rio Taquari, Mato-Grosso).

Lasiurus (Dasypterus) ega TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem., pg. 86.

Dasypterus ega MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats., U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 223.

LOCALIDADE TÍPICA: *Ega* (Estado do Amazonas).

DESCRIÇÃO: Bem menor que *C. intermedius* com o qual muito se assemelha no aspecto externo. Difere, além do tamanho, nas orelhas e na membrana interfemural.

Orelhas de forma elíptica com lóbulo basilar externo, muito desenvolvido; trago falciforme, bastante estreito na base e com ponta obtusa.

Focinho ligeiramente côncavo na parte anterior.

Asas ligadas à base dos dedos; um pequeno, mas distinto lóbulo post-calcâneo; cauda toda incluída na membrana interfemural.

Membrana interfemural grande, em ângulo agudo, bastante peluda na parte superior, junto ao corpo; membrana das asas revestidas de pelos por baixo do antebraço.

Colorido das partes superiores pardac castanho escuro na base dos pelos; castanho claro na parte mediana e bem escura na extremidade.

Medidas do corpo: cabeça e corpo, 60; cauda, 45; orelhas, 6,5; trago, 6,5; antebraço, 45; tibia, 18.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Chile, Perú, Amazonas e Pernambuco.

EXEMPLAR EXAMINADO

3378, ♂, Sem indicações, em alcool, Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Dasypterus egregius Peters

Atalapha egregia PETERS, 1870, M. B. Akad. Berlin, pg. 912 (Santa Catarina); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 275.

Lasiurus (Dasypterus) egregius TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 86.

LOCALIDADE TÍPICA: Santa Catarina (Brasil).

DESCRIÇÃO: Com focinho cônico e mais estreito que o da espécie precedente; sua extremidade saliente. Orelhas romboidais, mas compridas que largas; terço superior da margem externa de sua concha, direita; parte mediana ligeiramente convexa, profundamente recortada do lado oposto à base do trago, terminando num bem desenvolvido lóbulo; trago com margem interna reta; excede logo abaixo da ponta quase aguda, a qual inclina-se para dentro; margem externa formando um ângulo bem acentuado.

Asas ligadas ao metatarso, perto da base dos dedos; calcâneo com lóbulo distinto; cauda completamente envolvida pela membrana interfemural, sem deixar extremidade livre.

Membranas das asas inteiramente nuas na face superior, exceto na base dos polegares e perto do cotovelo; na face inferior uma estreita faixa de pelos estende-se além do antebraço e poucos pelos cobrem os espaços entre os terceiros e os quintos dedos; membrana antebraquial coberta de raros pelos.

Nas costas, o pelo estende-se espessamente sobre a membrana das asas na região do úmero e do femur; membrana interfemural também revestida de pelos em toda sua parte superior. Também as pernas e os pés são cobertos de pelos curtos. Os pelos do lado inferior são do mesmo modo distribuídos; mas a membrana interfemural é coberta somente até à segunda vértebra caudal.

Pelos das partes superiores escuros nas bases, amarelados na parte mediana e vermelhos nas extremidades; pelos das partes inferiores par-

do escuro nas bases, vermelho brilhante na parte terminal; membrana interfemural e extremidades posteriores, vermelho brilhante.

Membranas das asas pretas, um pouco mais pálidas ao longo do polegar, indicador e dedo médio. (1)

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado de Santa Catarina.

Família *MOLOSSIDAE*

Molossinae DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 402 (subfamília de *Emballanurinae*); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal., Supplem. pg. 101, (subfamília de *Noctilionidae*).

Molossidae MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, Un. St. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 241.

Morcegos de tamanho regular, caracterizados pela comprida cauda que excede a margem inferior da membrana interfemural, de modo a ficar em grande parte livre.

Focinho obliquamente truncado ou obtuso, com narinas circulares; lábio superior proeminente e coberto de pelos.

Pernas curtas e fortes, com perônio bem desenvolvido e pés largos, munidos de longos pelos.

Orelhas largas e arredondadas ou estreitas e quase pontudas, algumas vezes ligadas na base, sobre a fronte; trago curto e antitrigo sempre bem desenvolvido.

Segundo dedo com metacarpo bem desenvolvido e uma falange rudimentar; terceiro dedo com duas falanges ósseas e uma cartilaginosa que se dobram perfeitamente sobre o antebraço, quando em repouso. Quinto dedo muito reduzido; membranas das asas pontudas e muito fortes, apropriadas aos vôos rápidos e de longa duração.

A membrana interfemural é retrátil de modo que o animal tem a faculdade de variar à vontade sua superfície e mudar assim a direção do vôo quando em perseguição de insetos de vôo muito rápido e tortuoso.

Dentes grandes e fortes, com agudas cúspides, indicando animais adequados à alimentação insetívora, especialmente de coleópteros.

Possuem um único par de incisivos superiores que ocupam o largo espaço entre os caninos, o que é característico, e são quase todos dotados de glândulas secretoras de forte almiscar.

É família cosmopolita, ocorrendo até mesmo na Austrália.

(1) Baseada na descrição de DOBSON.

ninos, com margem cortante profundamente bífida; incisivos externos menores que os internos, muito intimamente ligados aos caninos; caninos fortes, simples, com cingulum pequenos, mas distintos; caninos superiores com distinto sulco longitudinal; caninos inferiores separados entre si por espaço muito diminuto; pre-molares superiores grandes, munidos de agudas cúspides externas; pre-molares inferiores também com cúspides muito agudas, sendo o primeiro muito menor que o segundo; primeiros molares superiores e inferiores muito maiores que os segundos.

Crânio largo e mais ou menos achatado, com rostro curto, munidos de fortes proeminências lacrimais; abóbada palatina muito recurvada; crista sagital ausente.

Compreende três espécies no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Maior (antebraço 35) *planirostris paranus*
 B) Menores (antebraço 28 a 30)
 b) Com granulações sobre a pele do antebraço.....*matogrossensis*
 bb) Com a pele do antebraço inteiramente lisa *temminckii*

Molossops temminckii (Burmeister)

Disopes Temminckii BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 72 (Minas Gerais).

Molossus temminckii DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 408.

Molossops temmickii MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull. 57, pg. 248; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., vol. XIV, pg. 84 (República Argentina).

LOCALIDADE TÍPICA: Lagoa Santa (Minas Gerais).

DESCRIÇÃO: De pequeno tamanho, focinho achatado e liso, com extremidade obtusa não obliquamente truncada; margens das aberturas nasais levemente proeminentes; lábios lisos, sem rugas, e munidos de raros pelos.

Orelhas pequenas, menores que a cabeça, estreitas e com pontas mais ou menos arredondadas; antitrigo circular; trago curto e obtuso, com larga base.

Cauda bastante comprida, calcâneo muito alongado. Colorido das partes superiores pardo avermelhado nas extremidades dos pelos, branco amarelado na base; partes inferiores mais claras. Todas as membranas são pardo escuras.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

4056, ♂, comprimento total, 14,5; largura bizigomática, 9,5; largura interorbital, 4,5; altura occipital, 5; largura no M², 4; largura entre caninos, 1,5; comprimento da mandíbula, 10,5; comprimento da série de dentes do maxilar, 6; comprimento da série de dentes da mandíbula, 7; comprimento palatal, 7.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
387	Argentina	♀	45	24	10	6	30	9	2,5	30	11	11	5
4056	Paraguai	♂	46	24	10	6	30	9	2,5	30	10	10	5

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 387, ♀, República Argentina, Permuta do Museu Britânico, pele cheia, D. Zoolog.
 4056, ♂, Paraguai, Sapucaí, Perm. U. S. Nat. Museum, 1936, Dep. de Zoologia.
 4144, , Porto Epitácio, S. Paulo, JOÃO LIMA col., 1926, Departamento de Zoologia.
 3746, ♀, Sem indicação, Museu Nacional.
 3747, , Sem indicação, Museu Nacional.
 3748, , Sem indicação, Museu Nacional.
 7749, , Sem indicação, Museu Nacional.
 3753, ♀, Sem indicação, Museu Nacional.
 3756, , Sem indicação, Museu Nacional.
 3455, ♂, Rio S. Miguel, Goiás, sem data e coletor, Museu Nacional.
 3456, ♀, Rio S. Miguel, Goiás, sem data e coletor, Museu Nacional.

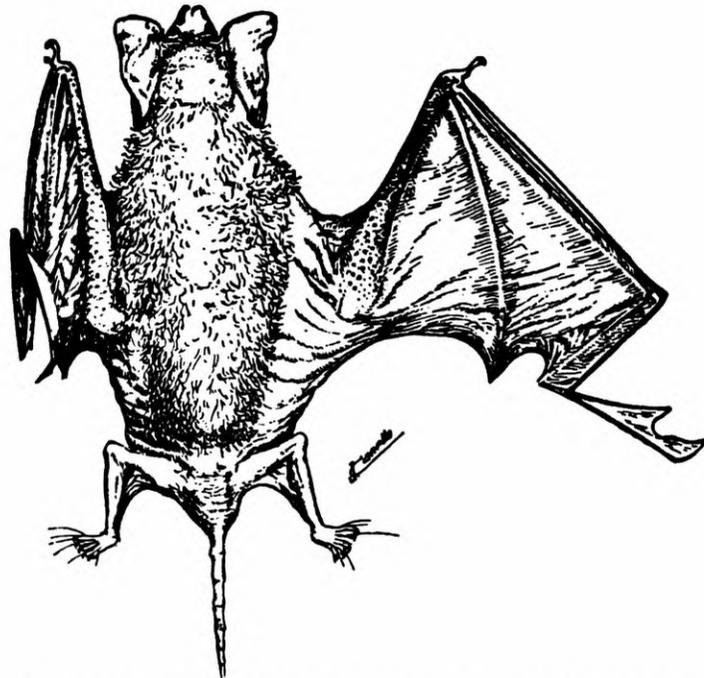


Fig. 39 — *Molossops mattogrossensis* sp. n.

***Molossops mattogrossensis* sp. n.**

Holotipo: n. 3597, do Museu Nacional, do Rio de Janeiro, macho adulto coletado em 10 de fevereiro de 1918, pelo sr. F. HOEHNE, Comissão Rondon, em S. Simão, rio Juruena, norte de Mato-Grosso.

Alotipo: 3596, do Museu Nacional, fêmea, adulta, coletada na mesma localidade e na mesma data pelo mesmo colecionador.

Dignose: com todos os característicos do gênero *Molossops*, mas diferindo de todas as espécies conhecidas, no tamanho e na presença de granulações sobre a pele do antebraço.

DESCRIÇÃO DO TIPO: Assemelha-se bastante a *Molossops temminckii* no aspecto exterior. Orelhas relativamente curtas e estreitas, não ligadas na base, com lóbulo arredondado na base da margem externa, e forte dobra na parte interna da concha; quando dobradas sobre o focinho, não alcançam sua extremidade. Margem interna da concha quase direita com leve depressão pouco antes da extremidade; margem externa bastante convexa; extremidade quase arredondada. Antitrigo grande, arredondado, com margem anterior semicircular e posterior ligeiramente reentrante; trago pequeno e de feitio mais ou menos triangular e base larga.

Focinho largo, com extremidade obliquamente truncada na qual sobresaem as narinas que avançam muito além do lábio inferior. Lábios inferiores lisos; lábios superiores munidos duma série de pre-

gas longitudinais dos cantos da boca às narinas; ventas grandes arredondadas e separadas entre si por largo espaço. Polegar relativamente grande, com forte calosidade na base. Membrana antebraquial como *M. temminckii*; membrana interfemural pouco menos expandida. Membrana da asa ligada quase ao meio da tíbia. Calcâneo bastante alongado, margeando toda a membrana interfemural, da base do pé ao meio da cauda. Esta é pouco menor que a de *M. temminckii*. Pelos curtos; orelhas, focinho, mento e membranas, quase inteiramente nuas. Sobre o focinho e lábios raros pelos esparsos; pés com pelos muito longos. Antebraço inteiramente nu com a pele revestida em toda sua extensão de minúsculas granulações verrucosas, o que é característico da espécie. Colorido das partes superiores pardo murino, tendo os pelos as bases esbranquiçadas; colorido das partes inferiores, branco pardacento, muito claro na região ventral. Mento, focinho e orelhas, pardo muito escuro; membranas muito escuras.

Crânio com rostro menor e mais estreito que o de *Molossops temminckii*; caixa encefálica menos elevada, situada quase ao nível do rostro; abóbada palatina mais curta e estreita, nenhum vestígio de crista sagital. Incisivos superiores pouco maiores e mais recurvos que os de *Molossops temminckii*; o espaço que medeia entre eles é também maior. Caninos superiores mais compridos e recurvos; caninos inferiores com cingulum pouco mais proeminente. Pre-molares e molares superiores e inferiores, pouco mais largos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

	<i>M. matogrossensis</i>	<i>M. temminckii</i>	<i>M. planirostris</i>
Comprimento total	15	14,5	17,3
Largura vizigomática	10	9,5	11,8
Largura interorbital	4	4,5	4,5
Altura occipital	3,5	5	4,5
Largura do M ²	3,5	4	—
Largura entre caninos	2,5	1,5	—
Comprimento da mandíbula	11	10,5	—
Comprimento da série de dentes do maxilar superior	6	6	6,5
Comprimento da série de dentes na mandíbula	7	7	—
Comprimento palatal		7	—

DIMENSÕES EXTERNAS

	<i>M. matogrossensi</i>	<i>M. temminckii</i>	<i>M. planirostris</i>
Cabeça e corpo	40	46	58
Cauda	22	24	28
Tíbia	10	10	9
Pé	5	6	—
Antebraço	28	30	—
Altura da orelha	9	9	—
Trago	2	2,5	—
Metacarpo do 3. ^o dedo	29	30	37
Primeira falange do 3. ^o dedo	11,5	12,5	16
Segunda falange do 3. ^o dedo	10	12	14
Polegar com unha	4	5	

Paratipos: n. 3595, ♀, São Simão, rio Juruena, Mato-Grosso, F. HOEHNE col. 10-II-1918; ns. 3644, 3645, 3646 e 3647, Estado de Mato-Grosso, sem data e colecionador; todos pertencentes à coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Molossops planirostris paranus (Thomas)

Molossus planirostris paranus THOMAS, 1901, Ann. and Mag. of Natural History, série 7, vol. 8, pg. 190 (Pará).

Molossus planirostris DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 408 (em parte) Amazonas.

Molossus (Myopterus) planirostris paranus TROUESSART, Cat. Mammal. Supplem., pg. 10.

LOCALIDADE TÍPICA: Pará.

DESCRIÇÃO: Maior que a espécie precedente e diferindo da forma típica *Molossops planirostris planirostris* da Guiana em ter o colorido muito mais escuro e o crânio mais estreito e alongado.

Orelhas mais curtas que a cabeça, bastante separadas na base e quase pontudas; trago curto, triangular, com larga base e ponta aguçada; antitrigo grande e arredondado. Focinho chato, liso e inteiramente nu na parte superior; extremidade obtusa, não obliquamente truncada; lábios lisos, sem dobras.

Asas ligadas às extremidades das tíbias; parte basal do antebraço assim como a membrana antebraquial, revestidas de pelos espessos.

Macho com distinto saco gular que não existe nas fêmeas ou existe apenas em estado rudimentar.

Colorido geral pardo escuro; pelos com extremidades pretas; mento, peito e ventre, pardo mais claro.

Dimensões do crânio: comprimento total, 17,3; comprimento basal, 15; largura bizigomática, 11,8; largura anterorbital, 7,2; largura interorbital, 4,5; série de dentes no maxilar, 6,6.

Dimensões externas:¹ cabeça e corpo, 58; cauda, 28; tíbia, 12; terceiro dedo: metacarpo, 37; primeira falange, 16; segunda falange, 14; comprimento do quinto dedo, 31.

Gênero MOLOSSUS Geoffroy

Moloseus GEOFFROY, 1805, Ann. de Museum d'Hist. Nat. Paris, tomo VI, pg. 153; DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 407 (em parte); TROUËSSART, 1905, Cat. Mammal, Supplem., pg. 101 (em parte); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Museum, Bull., 57, pg. 260.

TIPO: *Molossus rufus* Geoffroy.

Morcegos de tamanho regular; orelhas curtas, arredondadas, quase unidas na base, sobre a fronte, onde existe uma pequena dobra da pele que se liga ao focinho; este é largo, obtuso ou obliquamente truncado; lábios espessos sem dobras, ligeiramente salientes; trago curto; primeiro e quinto dedos dos pés, muito maiores que os outros e recobertos de longos pelos.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{cccc} 1 & 1 & 1 & 3 \\ i & - & o & - & por & - & m & - & = & 26 \\ 1 & 1 & 2 & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores fortes e bastante aguçados, convergentes e bem ligados entre si, assim como à base dos caninos que são bem grandes e agudos, com margem interna bastante cortante; os dois únicos pre-molares superiores grandes, com cúspides agudas; incisivos inferiores fracos e bífidos, bem unidos aos caninos; primeiro pre-molar inferior cerca de metade do tamanho do segundo que é grande e também munido de agudas cúspides; molares inferiores estreitos, sendo o último muito pequeno, cerca de metade do segundo.

Crânio curto com caixa encefálica arredondada munida de crista sagital muito alto e cortante; abóbada palatina profundamente recurvada.

(1) Descrição e dimensões baseadas nas de THOMAS.

Compreende apenas duas espécies que habitam as mais quentes regiões da América, do México ao Brasil Meridional.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES

Maior (cabeça e corpo 75 a 80); colorido geral pardo fuliginoso *rufus*

Menor (cabeça e corpo 60) colorido geral pardo fulvo *obscurus*

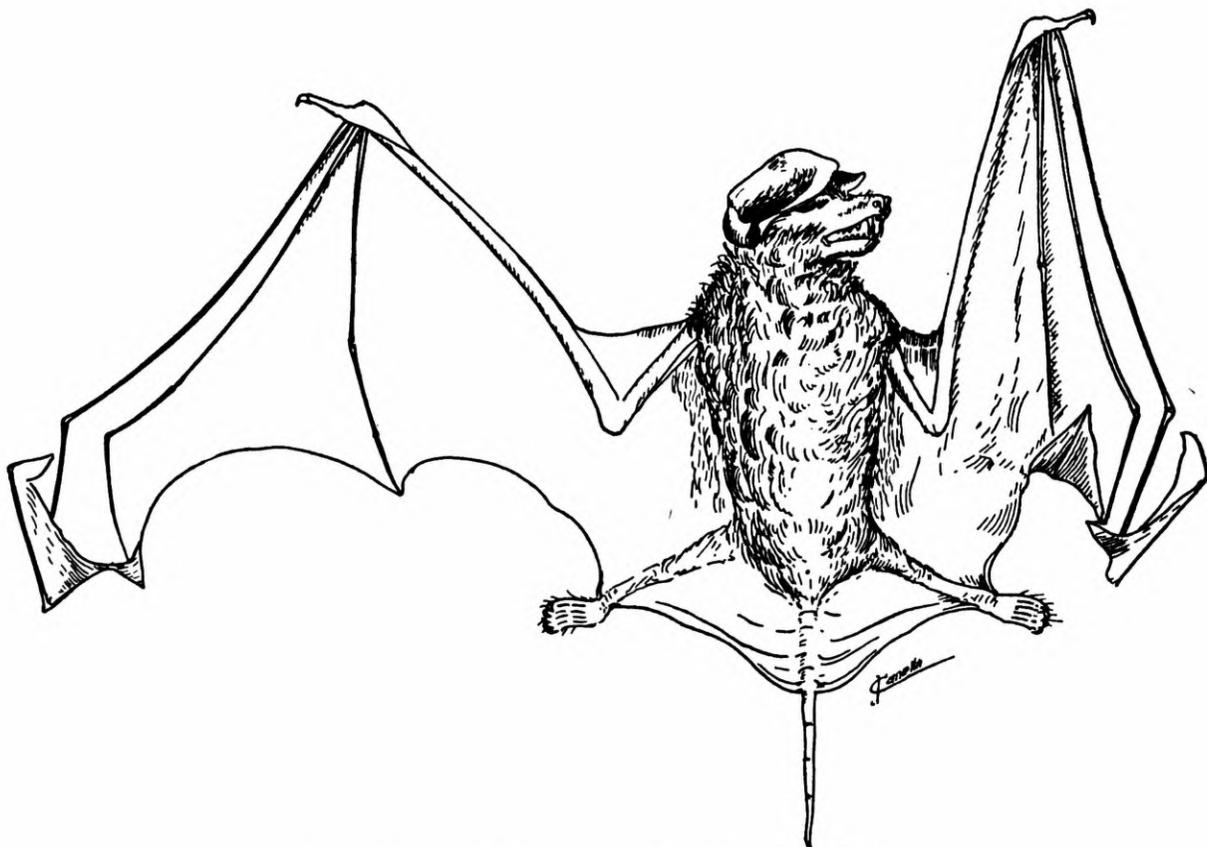


Fig. 40 — *Molossus rufus* E. Geoffroy

Molossus rufus E. Geoffroy

Molossus rufus E. GEOFFROY, 1805, Ann. du Museum, vol. aVI, pg. 154 (América do Sul).

Molossus ursinus SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, Sp. Novae, pg. 58, pl. XXV, fig. 4 (Pará).

Molossus fluminensis LATASTE, 1890, Ann. del Museu Civ. di Storia Naturale di Genova, vol. XVIII, pg. 658 (Rio de Janeiro)¹; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal, Supplment. pg. 102.

(1) *Molossus fluminensis* de Lataste (Description d'une espèce nouvelle ou mal connue de Chauve-souris, Ann. Mus. Civ. Storia Nat. Genova, vol. XVIII, pg. 658, 1890), é baseado em caracteres insignificantes que dificilmente o diferenciam de *Molossus rufus*.

Molossus rufus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 410, (México e Pernambuco); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, pg. 24; PIRA, 1903, Uber Fledermause von São Paulo, Zool. Anzeiger, vol. 28 (Iguape); TOLDT, 1926, Die Chiropt. ausbeute, Zool. Exp. Brasil, 1903, Denkschrif. Akad. Wiss. Wien, pg. 50 (Santa Quitéria, rio Parnaíba; Ilha das Onças, Belém, Pará); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. do Museu Paulista, vol. XIV, pg. 86 (Rio de Janeiro e Paraguai).

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul.

DESCRIÇÃO: Morcego de regular tamanho com orelhas curtas e arredondadas, muito mais curtas que a cabeça, com margens internas muito juntas, quase unidas na base, sobre a fronte, no meio da qual existe uma dobra longitudinal da pele, em forma de crista que se prolonga até a extremidade do focinho; antebraço bem grande, e circular; trago pequeno, retilíneo e de extremidade aguçada; extremidade do focinho obtusa e saliente, projetando-se além da mandíbula inferior; narinas separadas dos lábios por largo espaço recoberto de pelos erectos, lábios grossos lisos, sem rugas.

Membranas das asas ligadas ao tornozelo; calcâneo muito desenvolvido, quase atingindo a cauda.

Machos com grande saco glandular situado no centro do pescoço, na extremidade do externo e abrindo-se na parte superior; nas fêmeas essa glândula é rudimentar.

Pelo muito curto e revestindo densamente quase todo o corpo, menos a face e as orelhas que são quase nuas.

Membranas das asas revestidas de pelos na face superior desde a região do úmero até o fêmur; membrana antebraquial também revestida de pelos em sua metade; membrana interfemural com pelos somente na parte basal.

Colorido geral pardo fuliginoso nas partes superiores e inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
5630	Pará	♂	22	13,5	5	5,5	5,5	3,5	16	9
1489	Rio de Janeiro.	♂	21,5	13,5	5	5,5	5	3	15,5	8,5

EXEMPLARES EXAMINADOS

N ú m e r o	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	T í b i a	P é	Antebraço	Altura da orelha	T r a g o	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	P o l e g a r
4391	Itacoatiara, Am.	♀	75	35	15	10	45	12	2	46	20	20	6
4443	João Pessoa ...	♂	75	35	15	10	45	12	2	46	20	20	6
5630	Caxiricat. Pará.	♂	75	35	15	10	45	12	2	46	20	20	5
4450	Caxiricat. Pará.	♀	75	35	14	10	45	12	2	45	20	20	5
1489	Rio de Janeiro.	♂	70	—	14	10	45	11	2	44	19	19	5
5848	I. M. Deus, Baía	♀	65	33	13	9	43	11	2	43	18	18	5
3496	Mato-Grosso ...	♀	68	33	13	9	43	10	2	43	18	18	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Do Sul do México e América Central ao Paraguai e Brasil meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4443, ♂, João Pessoa, Amazonas, OLALLA col., XII-1936, pele cheia, Dep. Zoologia.
 4459, ♀, João Pessoa, Amazonas, OLALLA col., XII-1936, pele cheia, Dep. Zoologia.
 4465, ♂, João Pessoa, Amazonas, OLALLA col. XII-1936, pele cheia, Dep. Zoologia.
 4439, ♂, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., V-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4391, ♀, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., II-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4437, ♂, Itacoatiara, Amazonas, OLALLA col., II-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4438, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4442, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4381, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4463, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 5630, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1937, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4409, ♀, Buiussú, Pará, OLALLA col., III-1937, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3679, , Estado do Pará, F. Q. LIMA col., V-1922, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5821, ♂, Óbidos, Pará, GARBE col., 1920, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1489, ♂, Rio de Janeiro, permuta do Museu Nacional, 1904, pele cheia, Dep. Zool.
 4084, ♂, Panamá, permuta do Museu de Washington, 1935, em alcool, Dep. Zool.
 3602, ♂, Sítio do Mato, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., em alcool, Mus. Nacional.
 3601, ♀, Sant'Ana, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., em alcool, Museu Nacional.
 3603, ♂, Carinhanha, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., em alcool, Museu Nacional.
 3605, ♀, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col. em alcool, Museu Nacional.
 3496, ♀, Mato-Grosso, sem data, em alcool, Museu Nacional.
 3645, , Rio Grande do Sul, sem data, em alcool, Museu Nacional.

Molossus obscurus E. Geoffroy

Molossus obscurus E. GEOFFROY, 1805, Ann. du Museum, VI, pg. 154 (Guiana Franceza); GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 58 (Baía).

Molossus rufus var. *obscurus* DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 412 (Antilhas, Equador, Guiana, Perú, Bolívia, Pará, Baía e Pernambuco).

Dysopes velox BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 71.

Molossus olivaceofuscus PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, pg. 43 (Caiçara, Mato-Grosso); H. IHERING, 1895, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, pg. 21 (Porto Alegre, S. Lourenço).

? *Molossus velox* H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catal. pg. 24.

Molossus obscurus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 101; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. tomo XIV, pg. 87 (Estado de S. Paulo e Baía); TOLDT, 1926, Die Chiroptera ausbeute, Zool. Exp., Brasil, 1903, Denkschriften Akad. Wiss., pg. 51 (Paranaguá, Piauí).

LOCALIDADE TÍPICA: América do Sul (Caiena?)

DESCRIÇÃO: Inteiramente semelhante à espécie precedente na forma e na estrutura; diferindo unicamente no colorido e no tamanho, que é bem menor.

Machos também com saco gular secretor dum líquido de odor fétido, que é rudimentar nas fêmeas.

Ambos os sexos têm a mesma cor.

Colorido geral variando do pardo escuro ao pardo fulvo.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ²	Larg. entre can.	Camp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
4453	Amazonas	♂	17,5	11	4	6	3,5	25	12	6,5
1882	São Paulo	♀	18	11	4	5	3,5	2,5	12	6,5

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>N ú m e r o</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>T í b i a</i>	<i>P é</i>	<i>Antebraço</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>T r a g o</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>P o l e g a r</i>
365	Manaus	♀	55	29	11	8	34	9	2	23	14	14	5
2671	Barra, Baía ...	♀	60	32	14	9	38	10	2	38	17	17	5
5849	V. Nova, Baía.	♀	57	32	13	8	38	9	2	38	17	17	5
3561	Santarem, Pará	♂	62	32	14	9	39	11	2	39	18	18	5
5862	S. Paulo, Capit.	♂	54	30	12	7	37	11	2	34	14	14	5
3380	Ipiranga	♂	55	30	12	7	37	11	2	36	15	15	5
1882	Ubatuba, S. P..	♀	59	29	13	9	38	11	2	38	17	17	5
368	Argentina	♀	60	32	14	9	40	11	2	40	17	17	5

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 365, ♀, Manaus, Amazonas, BICEGO col., 1899, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4427, ♀, João Pessoa, OLALLA col., XII-1936, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4433, ♀, João Pessoa, OLALLA col., XII-1936, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4453, ♂, João Pessoa, OLALLA, col. XII-1936, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4464, ♂, João Pessoa, OLALLA col., XII-1936, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 4407, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4411, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 4450, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 3561, ♂, Santarem, Pará, GARBE col., 1921, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 4461, ♀, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 4462, ♂, Caxiricatuba, Pará, OLALLA col., III-1935, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 1309, ♀, Baía, BICEGO col., 1896, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5849, ♀, Vila Nova, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 1365, ♀, Barra, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 5635, , Barra, Baía, GARBE col., 1908, em alcool, Departamento de Zoologia.
 2671, ♀, Barra, Baía, GARBE col., 1908, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1882, ♀, Ubatuba, São Paulo, GARBE col., 1902, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 275, ♂, Piracicaba, São Paulo, ZECH col., 1898, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1340, ♀, Iguape, São Paulo, R. KRONE col., 1901, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 1471, ♂, Iguape, São Paulo, R. KRONE col., 1901, pele cheia, Depart. de Zoologia.
 5862, ♂, São Paulo, Capital, sem data, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3380, ♂, Ipiranga, São Paulo, sem data, em alcool, Departamento de Zoologia.

- 5653, , Lussanvira, WOBONTZORW col., em alcool, Departamento de Zoologia.
 5820, , Curitiba, Paraná L. GUIMARÃES col., em alcool, Departamento de Zoologia.
 1989, , Rio Grande do Sul, ENSLEN col., 1905, em alcool, Departam. de Zoologia.
 5635, , São Bento, Rio de Janeiro, Dr. E. DIAS col., VII-1939, em alcool, M. Nac.
 3604, , Lassance, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., VII-1939, em alcool, M. Nac.
 3662, ♂, Mato-Grosso, KUHLMANN col., VII-1939, em alcool, Museu Nacional.
 3719, ♀, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., 1939, VII-1939, em alcool, Museu Nacional.
 5983, ♀, Angra dos Reis, Est. do Rio, Dr. L. TRAVASSOS FILHO col., 1941, D. Zool.

Gênero EUMOPS Miller

Promops DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Mus., pg. 414 (em parte);
 TROUESSART, 1904, Cat. Mammal Supplem., pg. 102 (subgênero de
Molossus).

Eumops MILLER, 1906. Proceed. Biol. Soc. Washington, XIX, pg. 85, idem,
 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus., Bull. 57,
 pg. 257.

TIPO: *Molossus californicus* Merriam.

Morcegos de várias dimensões, alguns mesmo muito grandes.

Cauda estendendo-se muito alem da membrana interfemural; pés fortes, asas normais, orelhas muito largas, ligadas na base, sobre a frente; antitrigo grande; trago curto, quadrado, arredondado ou linear.

Focinho largo, obtuso ou obliquamente truncado; lábios lisos.

Machos munidos de sacos gulares.

Crânio espesso, com crista sagital muito reduzido ou inteiramente ausente; rostro bem desenvolvido, quase tão comprido quanto a caixa encefálica e quase no mesmo nivel; abóbada palatina ligeiramente arqueada.

Fórmula dentária:
$$\begin{array}{ccccccccc} & & 1 & & 1 & & 2 & & 1 & & 3 \\ i & - & & - & e & - & & - & \text{por} & - & \text{ou} & - & m & - & = & 30 & \text{ou} & 28 \\ & & 2 & & 1 & & 2 & & 2 & & 2 & & 3 \end{array}$$

Incisivos superiores grandes, unidos na base e divergindo na extremidade; incisivos inferiores compridos e bífidos, situados abaixo do cingulum dos caninos; caninos grandes e fortes, superiores, com sulco longitudinal na face anterior e nitidamente achatado ou côncavo em toda sua extensão, na face posterior; primeiro pre-molar superior rudimentar, um tanto saliente e situado na base do canino; segundo pre-molar superior, normal; pre-molares inferiores, normais; primeiros molares superiores, normais, o último reduzido à metade; terceiro molar inferior também diminuto.

Como os membros do gênero precedente, são habitantes das mais quentes regiões da América do Sul, dos Estados Unidos, México e Antilhas, até o Brasil Meridional e Argentina.

Compreende cerca de dez formas, das quais são conhecidas seis no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

A) Grandes (antebraço com 62 a 80)

b) Orelhas maiores do que a cabeça

c) Dentes maiores (diâmetro do primeiro molar inferior, 2,5) ..

..... *perotis trumbullii*

cc) Dentes menores (diâmetro do primeiro molar 1,9. .. *perotis perotis*

bb) Orelhas menores que a cabeça ou do mesmo tamanho.

e) Focinho com Extremidade obtusa e arredondada; trago linear

..... *abrasus abrasus*

ee) Focinho muito obliquante trincado; trago quadrado *glaucinus*

B) Pequenos (antebraço com 38 a 49)

b) Abóbada palatina estendendo-se além do último molar.... *hansue*

bb) Abóbada palatina não alcançando o último molar

..... *bonariensis delticus*

Eumops perotis perotis (Schinz)

Molossus perotis SCHINZ, 1821, Das Thierreich, vol. 1., pg. 870 (Rio de Janeiro).

Dysopes perotis WIED, 1826, Beitr. Naturg. Brasil, II, pg. 227 (Rio de Janeiro); BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliens, pg. 68.

Molossus perotis DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 416. (Brasil e Bolívia).

Eumops perotis LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., vol. XIV, pg. 79 (Rio de Janeiro).

Eumops perotis perotis SANBORN, 1932, The Bats of the Gen. *Eumops*, Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 347 .

LOCALIDADE TÍPICA: São Salvador, Campos dos Goitacazes, rio Paraiba.

DESCRIÇÃO: De grande tamanho, sendo a maior espécie de molossídio americano.

Caracterizam-se pelas enormes orelhas, mais ou menos arredondadas, muito maiores que a cabeça e que cobrem o focinho, quando in-

clinadas sobre ele. Na parte interna da concha, uma dobra longitudinal em forma de quilha bem desenvolvida.

Antitrigo, redondo, mais largo que alto; trago grande e quadrado sem lóbulo na base.

Orelhas bem unidas na base, sobre a fronte. Focinho fortemente truncado obliquamente, com extremidade saliente projetando-se muito além do lábio inferior e com as aberturas das narinas abrindo-se para cima.

Lábios lisos, sem rugas e munidos de pelos curtos. Asas ligadas ao tornozelo; machos munidos de grande saco gular, rudimentar nas fêmeas. Membrana da asa coberta de pelos na parte superior da metade do úmero ao joelho, assim como ao longo do antebraço; parte inferior nua; membrana interfemural coberta de pelos na base.

Colorido das partes superiores pardo avermelhado; pardo acinzentado nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

1490, ♂, comprimento total, 29,5; largura bizigomática, 19; largura interorbital, 6,5; altura occipital, 10; largura no M², 7; largura entre caninos, 4,5; comprimento da mandíbula, 25; comprimento da série de dentes no maxilar, 13.

DIMENSÕES EXTERNAS

1490, ♂, cabeça e corpo, 102; cabeça, 32; orelha, 38; altura do antitrigo, 7; altura do trago, 5; antebraço, 77; polegar com unhas, 8; terceiro dedo: metacarpo, 77; primeira falange, 32; segunda falange, 30; tíbia, 20; calcâneo, 27; pé, 7; cauda, 53.

EXEMPLAR EXAMINADO

1490, ♂, Rio de Janeiro, permuta do Museu Nacional, 1904, pele cheia, Departamento de Zoologia.

Eumops perotis trumbulli (Thomas)

Promops trumbulli THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., série 7, vol. 7, pg. 190 (Pará); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem. pg. 102 (subgênero de *Molossus*).

Eumops perotis trumbulli SANBORN, 1932, The Bats of the Genus *Eumops*, Journal of Mammalogy, vol 13, pg. 347.

LOCALIDADE TÍPICA: Estado do Pará.

DESCRIÇÃO: Inteiramente semelhante a *E. perotis perotis* no aspecto geral, mas diferindo bastante no tamanho, que é menor, no colorido e nos dentes.

Orelhas pouco menores e também unidas na base sobre a fronte; antitrigo e trago, iguais.

Crânio menor e constituído por ossos mais delgados; dentes menores e mais fracos, principalmente os pre-molares e molares.

Colorido geral das partes superiores, pardo acinzentado escuro, em lugar de pardo avermelhado como *E. perotis perotis*; partes inferiores, pardo esbranquiçadas. Face e garganta de colorido pardo muito escuro.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

5625, ♂; comprimento total, 28; largura bizigomática, 18,5; largura interorbital, 5; altura occipital, 7; largura no M² 5; largura entre caninos 31; comprimento da mandíbula, 22; comprimento da série no maxilar, 12.

DIMENSÕES EXTERNAS

5625 ♂; rio Juruá; cabeça e corpo, 92; sabeça, 29; orelha, 31; antebraço, 70; terceiro dedo: metacarpo, 68; primeira falange, 30; segunda falange, 27; tibia, 21; calcâneo, 26; pé, 8;; trago, 5; antitrigo, (largura), 8,5; cauda, 53.

DISTRIBUIÇÃO-GEOGRÁFICA: Pará e Amazonas.

EXEMPLAR EXAMINADO

5625, ♂, Rio Juruá, Amazonas, OLALLA col., VI-1939, em alcool, Dep. de Zoologia.

Eumops abrasus abrasus (Temminck)

Dysopes abrasus TEMMINCK, 1827, Monograf. Mammal. I, pg. 232 (Brasil).

Dysopes leucopleura BURMEISTER, 1854, Thiere Brasiliensis, pg. 73.

Molossus abrasus DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 415 (América Central, Guianas); A. PIRA, 1903, Uber Fledermause von São Paulo, Zoologischer Anzeiger, vol. XXVIII, pg. 12 (Iporanga, São Paulo).

Promops abrasus TROUËSSART, Cat. Mammal, Supplem. pg. 102.

Eumops abrasus TOLDT, 1910, Die Chiropt. Ausbeute, Zool. Exp. Brasil, Denkschief Akad. Wiss. Wien, pg. 49 (Paranaguá, Barra do Rio Grande); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., tomo XIV, pg. 77 (São Paulo e ilha de São Sebastião).

Eumops abrasus abrasus SANBORN, 1932, The Bats of the Gens *Eumops* Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 347.

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Do tamanho de *Molossus rufus*, com o qual muito se assemelha na cor e no aspecto externo, diferindo principalmente nas orelhas que são maiores, arredondadas e com trago linear maior.

Orelhas ligadas na base anteriormente sobre a fronte; concha com dobra em forma de quilha bem desenvolvida; antitrigo grande e arredondado; trago pequeno, linear, com larga base e extremidade aguçada.

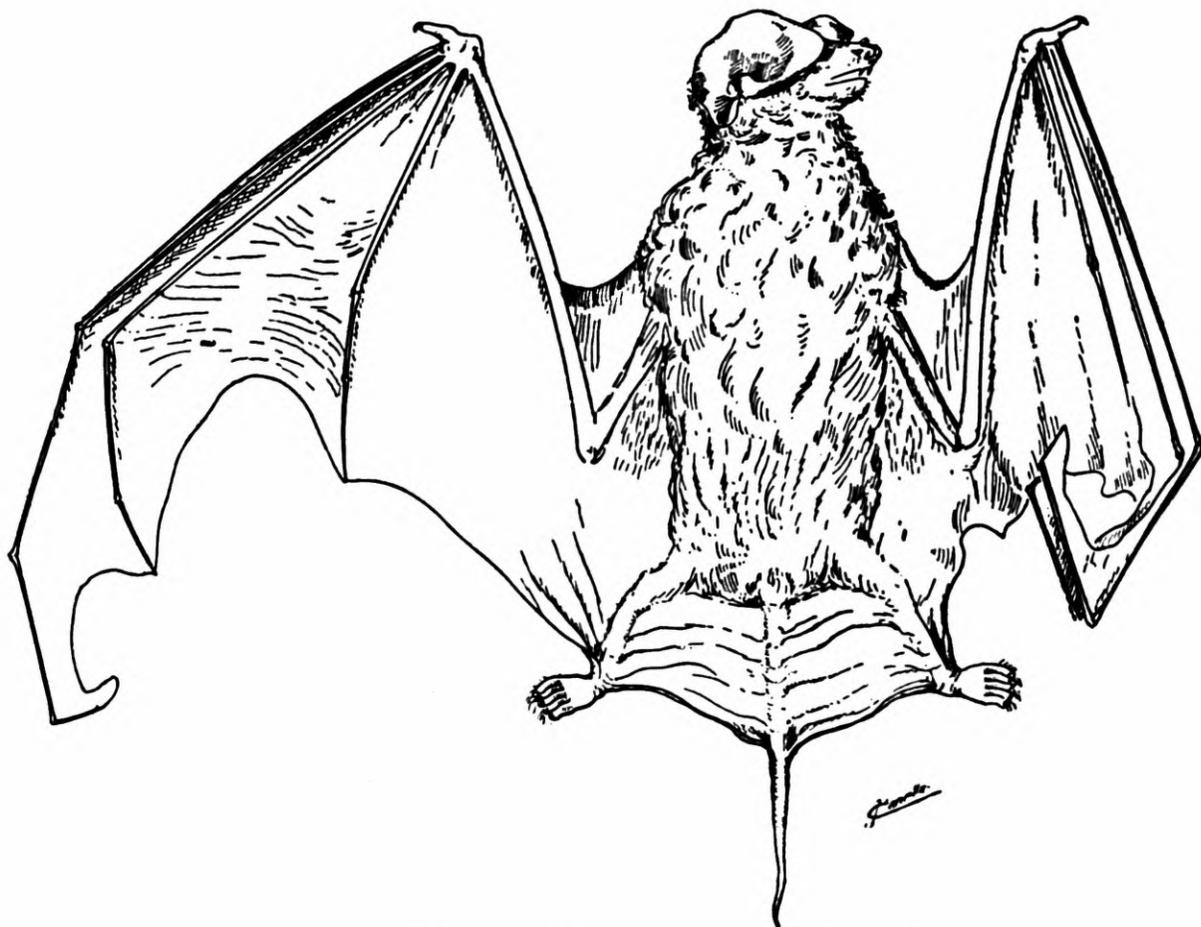


Fig. 41 — *Eumops abrasus abrasus* (Temm.).

Focinho de extremidade obtusa com narinas que se abrem verticalmente e são um tanto salientes; lábios lisos e munidos de pelos curtos.

Machos munidos de sacos gulares bem desenvolvidos, rudimentares nas fêmeas.

Membrana da asa ligada à extremidade da tíbia, pouco acima do tornozelo.

Pelos curtos que recobrem as membranas das asas na face superior do meio do úmero ao joelho; na face inferior, do meio do úmero ao meio do femur. Pelos escassos recobrem a membrana antebraquial na sua face superior, e a base da membrana interfemural.

Face, em volta dos olhos, assim como o mento, nus.

Colorido geral pardo muito escuro ou pardo avermelhado, mais claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

3095 ♂ ; Butantã, São Paulo; comprimento total, 26,5; largura bizigomática, 16; largura interorbital, 5; largura no M² 5; largura entre caninos 3,5; comprimento da mandíbula, 20; comprimento da série de dentes no maxilar, 11.

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	Trago	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Polegar
5660	Pará	♀	78	15	16	11,5	56	14	3	58	26	25	6
2099	São Paulo	—	82	16	20	12	60	15	3	60	26	25	6
3095	São Paulo	—	82	16	20	11	60	15	3	60	26	25	6
5825	São Paulo	♀	84	17	20	11	60	15	3	60	27	26	6
5826	São Paulo	♂	84	17	20	11	60	15	3	60	27	26	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Amazonas, Brasil central e meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 5660, Tapajós, Pará, OLALLA col., 7-VII-1935, em álcool, Departam. de Zoologia.
 2099, Ilha de São Sebastião, S. Paulo, GUNTHER col., II-1905, pele cheia, D. Zool.
 3095, Butantan, São Paulo, 1913, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 3704, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1926, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 1345, São Paulo, coleção antiga, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5818, Píñheiros, São Paulo, Dr. LAURO TRAVASSOS col., 1927, em álcool, D. Zoolog.
 5816, Butantan, São Paulo, 1927, Dr. LAURO TRAVASSOS col., em álcool, D. Zoolog.
 5825, Ipiranga, São Paulo, LIMA col., 1927, em álcool, Departamento de Zoologia.
 5826, Ipiranga S. Paulo, LIMA col., 1926, em álcool, Departamento de Zoologia,
 3452, Sem indicação, em álcool, Museu Nacional.
 3562, Sítio do Mato, Minas Gerais, Dr. E. DIAS col., em álcool, Museu Nacional.
 5976, a 5982, Ipiranga, S. Paulo, L. GUIMARÃES of. V-1940, em álcool, D. Zoolog.

Eumops glaucinus (Wagner)

Dysopes glaucinus WAGNER, 1843, Wiegmann's Archiv fur Naturg., pg. 368 (Mato-Grosso); BURMEISTER, 1854; Thiere Brasilien's, pg. 13.

Molossus glaucinus DOBSON, 1878, Cat. Chirop. Brit. Museum, pg. 417 (Jamaica, Equador e Bolívia); TROUJESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem., pg. 102.

Eumops glaucinus SANBORN, 1932, The Bats of the Genus *Eumops*, Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 347.

LOCALIDADE TÍPICA: Cuiabá, Mato-Grosso.

DESCRIÇÃO: Do tamanho de *Eumops abrasus* com o qual tem sido muitas vezes confundido.

Orelhas largas, de extremidades arredondadas, alcançando quase a extremidade do focinho, quando inclinadas sobre ele; margens internas da concha unidas nas bases sobre a frente; margens interna e externa da concha, bastante convexas; antitrigo separado da orelha por profundo recorte; trago pequeno porém maior que o de *Eumops abrasus*, largo e quadrado, sem lóbulo na base face interna da concha da orelha com quilha bem desenvolvida.

Pelos curtos revestindo a superfície superior da membrana da asa do meio do úmero ao joelho; os pelos estendem-se do começo do terço do antebraço ao longo de sua margem posterior ao osso metacarpiano do quarto dedo, cobrindo cerca de um terço de seu comprimento na parte inferior a membrana da asa é toda nua.

Machos com suco gular bem desenvolvido, abrindo-se para baixo; rudimentar nas fêmeas.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos.

Pelos de colorido pardo na base, castanhos na parte mediana e cinzentos na extremidade; de modo a dar a todo o animal uma cor geral acinzentada. Partes inferiores mais claras.

DIMENSÕES EXTERNAS

3599 ♂; cabeça e corpo, 82; caula livre, 15; tíbia, 15; pé, 10; antebraço, 60; altura da orelha, 14; trago, 4,5; terceiro metacarpo, 60 primeira falange, 26; segunda falange, 22,5; polegar, 9.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Colômbia, Equador, Cuba, Jamaica; Brasil: Estados de São Paulo e Mato-Grosso.

EXEMPLARES EXAMINADOS

3599, Pirajussára, São Paulo, GEHART col., 1921, em álcool, Museu Nacional.

3452, Pirajussára, São Paulo, GEHART col., 1921, em álcool, Museu Nacional.

***Eumops bonariensis delticus* Thomas**

Eumops delticus THOMAS, 1923, Ann. and Mag. Nat. History, série 9, vol. 12, pg. 341 (Pará).

Eumops bonariensis delticus SANBORN, 1932, The Bats of the Genus *Eumops*, Journal of Mammalogy, vol. 13, pg. 347.

LOCALIDADE TÍPICA: Caldeirão, ilha de Marajó, Estado do Pará.

DESCRIÇÃO: Com o mesmo tamanho e caracteres externos de *Eumops bonariensis bonariensis* (Peters) da Argentina e Uruguai, mas diferindo no crânio, nos dentes e no colorido.

Orelhas unidas por faixa mais saliente que em *Eumops glaucinus* e tão altas quanto largas, antitrigo convexo tão largo quanto alto; trago quadrado como na espécie precedente; focinho grosso, obliquamente truncado; narinas grandes e bem separadas. Lábio superior com rugas verticais.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos e cobertas de pelos em suas partes inferiores, do meio do úmero ao joelho: sobre o antebraço alguns raros pelos.

Membrana antebraquial, em sua metade, coberta de pelos curtos e lanosos.

Crânio alongado e delgado, com caixa encefálica menos dilatada e arredondada que em *Eumops bonariensis bonariensis*; apenas ligeiro vestígio de crista sagital.

Destes diferindo nos caninos que são maiores e nos primeiros premolares posteriores.

Medidas do corpo: cabeça e corpo 68; antebraço, 47; cauda, 41; orelha, 19; terceiro dedo: metacarpo, 48; primeira falange, 20.¹

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Ilha de Marajó, Estado do Pará.

(1) Descrição e medidas baseadas nas de THOMAS, Ann. and Mag. Nat. Hist. ser. 9, vol. 12, pg. 341, 1923.

***Eumops hansae* Sanborn**

Eumops hansae SANBORN, 1932, Journal of Mammology, Baltimore, vol. 13, pg. 350.

LOCALIDADE TÍPICA: Colônia Hansa, Estado de Santa Catarina.

Diagnose do autor:

“Externamente muito semelhante a *Eumops bonariensis* mas com antebraço mais curto; crânio pouco maior, com abóbada palatina mais alongada; pontas dos incisivos inferiores não se tocando; molares inferiores não muito juntos.

Colorido pardo escuro, pelos com bases cinzentas, partes inferiores mais claras, pardo acinzentadas, com pelos de bases esbranquiçadas.

Na garganta do exemplar tipo, vestígios de saco gular.

Crânio com rosto mais comprido e estreito que o de *Eumops bonariensis*; abóbada palatina ao contrário da deste, projetando-se muito além dos molares; crista sagital mais desenvolvida, incisivos superiores com as pontas largamente separadas (espaço de quase 1 mm.).

Incisivos inferiores não amontoados como em *Eumops bonariensis* mas quase em linha reta; o externo, quase metade do tamanho do interno e com a margem da coroa projetando-se sobre a face anterior do incisivo interno.

Antebraço com 41,7 mm.”

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Estado de Santa Catarina.

Gênero TADARIDA Rafinesque (1)

Tadarida RAFINESQUE, 1814, “Précis des Découvertes somiologiques ou zoologiques et botaniques”, pg. 55.

Nyctinomus Is. GEOFFROY, 1814, Description de l’Egypte, vol. II, pg. 114; DOBSON, 1878, Catal. Chiropt. Brit. Museum, pg. 420 (em parte); MILLER, 1907, The Fam. and Genera of Bats, U. S. Nat. Mus. Bull. 57, pg. 251.

(1) Este grupo foi primitivamente subdividido em dois gêneros *Nyctinomus* e *Nyctinomops*. Em 1907, MILLER reuniu-os no único gênero *Nyctinomus* de Is. GEOFFROY tendo como tipo *Nyctinomus aegyptiacus* (Is. Geoffroy, Description de l’Egypte, vol. II, pg. 114, 1804). W. H. LYON (Proceed. of the Biol. Society Washington, vol. XXVII, pg. 217, 1914), mudou-o para *Tadarida*, baseado na obra de Rafinesque “Précis des Découvertes somiologiques ou zoologiques et botaniques”, 1814.

Conforme LYON, o segundo volume de SAINT-HILARE que compreendia a parte zoológica, só apareceu em 1818, quatro anos depois da edição de Rafinesque, devendo portanto prevalecer a designação deste autor.

Nyctinomops TROUSSERT, Catal. Mammal. Supplem., p^a. 103 (em parte).

Tadarida H. SHAMEL. Proceed. U. S. Nat. Museum, vol. 78, n. 2862, pg. 1-27, 1931; G. DEVICENZI, Mamíferos del Uruguay, Anales del Museu de H. Natural, Montevideu, tomo IV, n. 10, pg. 31, 1934.

TIPO: *Tadarida taeniotis* Rafinesque.

É este o maior e mais largamente distribuido gênero da família *Molossidae*.

Compreende morcegos que se distinguem logo de todos os outros desta família em ter pregas verticais muito salientes no lábio superior.

Orelhas grandes e arredondadas, unidas na base ou muito juntas sobre a fronte e, quando inclinadas sobre o focinho, estendem-se além de sua extremidade. Na parte interna da concha existe forte dobra em forma de quilha e seis ou oito escrescências córneas na margem superior.

Trago pequeno; antitrageo de forma variavel, algumas vezes indistinto.

Focinho grosso, truncado com lábio superior muito proeminente, projetando-se consideravelmente além do lábio inferior e munido de pregas verticais.

Asas estreitas e compridas; cauda comprida; excedendo a membrana interfemural em cerca de metade de seu comprimento.

Pés como em *Molossus*; o primeiro e o quinto dedos são maiores que os outros e todos revestidos de pelos rijos.

Crânio com caixa encefálica um tanto achatada, ligeiramente elevada sobre o nível do rosto, com distinta depressão na região occipital, crista sagital apenas esboçada; arcada zigomática levemente expandida na parte mediana abóbada palatina levemente arqueada e terminando quase ao nível do último molar.

1	1	1	2	3
2	3	1	2	3

Fórmula dentária: i — ou — c — por — m — = 30 ou 32

Incisivos superiores simples, compridos e agudos, cerca de metade do tamanho dos caninos, convergindo fortemente nas pontas, separados dos caninos por um largo espaço; caninos com cingulum bem desenvolvido; incisivos inferiores iguais; bífidos, com coroas unidas entre si, e o terceiro incisivo (quando presente), com menos de metade do tamanho dos outros, sua coroa levemente bífida. Caninos fortes e bem desenvolvidos, mas não de forma peculiar; cingulum distinto; primeiro pre-molar superior rudimentar, mas colocado na mesma fi-

leira dos outros segundo pre-molar superior grande, com cúspide ântero posterior grande pre-molares inferiores normais, o primeiro menor que o segundo; molares superiores também normais, o último cerca de metade do tamanho dos dois outros; molares inferiores quase iguais em forma e tamanho.

Gênero cosmopolita, compreende cerca de quarenta espécies distribuídas pelas mais quentes regiões do globo.

Das dezesseis formas americanas, somente quatro ocorrem no Brasil.

CHAVE PARA AS ESPÉCIES BRASILEIRAS

- A) Segunda falange do quarto dedo curta (2 a 4mm); orelhas excedendo o focinho quando derrubadas sobre ele; incisivos inferiores paralelos; crista sagital saliente.
- a) Maior (antebraço com 58 mm no máximo) *macrotis*
 - aa) Menores (antebraço com 50 mm. no máximo)
 - b) Tíbia com mais de 15 mm. *laticaudata*
 - bb) Tíbia com menos de 15 mm. *europis*
- B) Segunda falange do quarto dedo longa (6 a 9 mm); orelhas não excedendo o focinho, quando derrubadas sobre ele *brasiliensis*

Tadarida macrotis (Gray)

Nyctinomus macrotis GRAY, 1839, Ann. and Mag. Nat. Hist., vol. 4, pg. 5 (Cuba); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 435, (Cuba); LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul., vol. XIV, pg.

Nyctinomus megalotis DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 434 (Surinan).

Tadarida macrotis SHAMEL, Proceed. U. S. Nat. Museum, vol. 78, n. 2862, pg. 15 (Estados Unidos, Cuba, Jamaica, Equador, Colômbia, Brasil).

LOCALIDADE TÍPICA: Cuba.

DESCRIÇÃO: Orelhas grandes, quase tão longas quanto a cabeça, ligadas na base sobre a fronte, por uma faixa bastante alta; margens externas com bordos irregularmente convexos; parte interna da concha com quilha muito desenvolvida que se projeta além do antitrágo; trágo pequeno e quadrado; antitrágo mais comprido que alto, com bordos arredondados, separado posteriormente por um profundo sulco.

Focinho curto, profundamente côncavo entre as orelhas; narinas largamente separadas e abrindo-se lateralmente entre elas uma quilha vertical bem desenvolvida.

Lábio superior cheio de rugas muito salientes e oblíquas. No pescoço nenhum saco gular.

Asas ligadas pouco acima do tornozelo.

Pelo curto, pardo avermelhado nas partes superiores, mais claro nas partes inferiores.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Larg. palat. M³</i>	<i>Camp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
1750	Minas	♂	16,5	10	4	4	3	3,5	12	11,5
2081	São Paulo	♀	17	10	4	4	3	3,5	12	11,5

DIMENSÕES EXTERNAS

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Cabeça e corpo</i>	<i>Cauda</i>	<i>Tíbia</i>	<i>Pé</i>	<i>Altura da orelha</i>	<i>Trago</i>	<i>3.º metacarpo</i>	<i>1.ª falange</i>	<i>2.ª falange</i>	<i>Polegar</i>
1750	Mariana, Minas	♂	54	30	12	10	42	12	43	16	12	7
2081	Ipiranga.....	♀	55	32	11	10	42	12	43	16	16	7
1744	Paraguai	♀	54	28	10	10	40	10	41	15	15	6

DISTRIBUSÇÃO GEOGRÁFICA: Antilhas, México, Equador, Colômbia, Paraguai; Brasil: Estados de Minas Gerais, Mato-Grosso, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 1750, ♂, Mariana, Minas Gerais, J. B. GODOI col., 1905, pele cheia, Dep. de Zool.
 3656, ♀, Mariana, Minas Gerais, J. B. GODOI col., 1905, pele cheia, Dep. de Zool.
 1483, ♂, Piracicaba, São Paulo, LIMA col., sem data, em álcool, Dep. de Zoologia.
 1341, ♀, Piracicaba, São Paulo, LIMA col., sem data, em álcool, Dep. de Zoologia.
 1353, ♀, Estado de São Paulo, LIMA col., sem data, em álcool, Depart. de Zoologia.
 2081, ♀, Ipiranga, S. Paulo, LIMA col., 1906, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3657, ♀, Ipiranga, S. Paulo, LIMA col., 1906, em álcool, Departam. de Zoologia.
 1737, , Colônia Hansa, Sta. Catarina, EHRHART col., 1905, Depart. de Zoologia.
 1744, ♀, Paraguai, SCHROTZKY col., sem data, pele cheia, Departam. de Zoologia.
 3469, ♀, Sítio do Mato, Minas, Dr. E. DIAS col., em álcool, Museu Nacional.
 3736, ♀, Sítio do Mato, Minas, Dr. E. DIAS col., em álcool, Museu Nacional.

Tadarida europs (Allen)

Nyctinomops europs H. ALLEN, 1889, Proc. U. S. Nat. Mus., vol. 26, pg. 558 (Brasil); TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplem. p. 103.

Tadarida europs SHAMEL, 1931, Proceed. U. S. Nat. Mus., vol. 78, n. 2862, pg. 14 (Venezuela e Brasil).

LOCALIDADE TÍPICA: Brasil.

DESCRIÇÃO: Assemelha-se bastante a *T. macrotis* na forma das orelhas e na cor do pelo, mas difere principalmente no tamanho, que é menor, e na forma do antitrigo.

Orelhas quase unidas sobre a fronte, separadas apenas por um espaço de 2 mm. e com extremidades uniformemente arredondadas. O lado interno da concha é munido de seis pequenas espinhas marginais.

Trago muito pequeno e pontudo, com sulco pouco perceptível na extremidade. Antitrigo tão largo quanto alto, muito mais estreito na parte superior que na base.

Calcâneo pouco desenvolvido, medindo pouco mais ou menos 7 mm. de comprimento.

Primeiro e quinto dedos mais fortes que os de *Tadarida brasiliensis*. A disposição do pelo nesta espécie é bem caracterizada; não se estende sobre a membrana da asa como nas outras espécies. Colorido pardo claro no dorso e pardo acinzentado no pescoço e no ventre.

Crânio menor, com ossos mais delgados e dentes muito menores, principalmente os caninos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

3685 ♂; Comprimento total, 17; largura bizigomática, 9; largura interorbital, 3,5; largura palatal no M², 6; largura entre caninos, 3,5; altura occipital, 6; comprimento da mandíbula, 125; comprimento da série de dentes do maxilar, 6,5.

DIMENSÕES EXTERNAS

3865 ♂ ; cabeça e corpo, 80; cabeça, 25; orelha, 15; trago, 5; antebraço, 72; polegar com unha, 5; terceiro dedo: metacarpo, 54; primeira falange, 15; segunda falange, 22; tibia, 20; pé, 11.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Venezuela e Brasil.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 3683, ♂ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional
 3686, ♀ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.
 3700, ♀ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.
 3704, ♂ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., e malcool, Museu Nacional.
 3705, ♀ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.
 3707, ♂ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.
 3716, ♀ , Corumbá, Mato-Grosso, MIRANDA RIBEIRO col., em alcool, Museu Nacional.

Tadarida laticaudata (E. Geoffroy)

Molossus laticaudatus E. GEOFFROY, 1805, Ann. du Museum de Paris, vol. VI, pg. 156 (baseado no "Chauve-souris huitième de Azara, Paraguai).

Nyctinomus gracilis DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 436 (em parte, Equador e Guatemala).

Nyctinomus laticaudatus THOMAS, 1901, Ann. and Mag. Nat. Hist., série 7, vol. 8, pg. 411 (Paraguai); TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal, Supplem., pg. 103.

Dysopes aurispinosus PEALE, 1844, U. S. Expl. Exped., vol. 8, pg. 21 (Costa do Brasil).

Nyctinomus gracilis LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paulista, tomo XIV, pg. 82 (Iguape e Piracicaba).

Tadarida laticaudata SHAMEL, 1931, Proceed. U. S. Nat. Museum, vol. 78, n. 2862, pg. 12 (Piracicaba, São Paulo, Santa Catarina e Paraguai).

LOCALIDADE TÍPICA: Paraguai.

DESCRIÇÃO: Do mesmo tamanho do precedente, orelhas bastante grandes, ligadas na frente, sobre a fronte, pela base do bordo interno; quilha do lado interno da concha da orelha muito proeminente; anti-trago grande, mais alto que comprido, muito próximo à comissura da boca e separado da base da orelha por um profundo sulco. Trago quasi rudimentar e perfeitamente quadrado. Focinho alongado, côncavo na região próxima à extremidade, que é proeminente, e com as narinas quase verticais e separadas entre si por uma verruga vertical.

Lábios superiores com dobras formando profundos sulcos verticais.

Membranas das asas ligadas aos tornozelos; ausência completa de saco gular.

Pelo curto, pardo escuro quase uniforme.

Membranas todas quase nuas, exceto a interfemural que é ligeiramente revestida de pelos na parte superior.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

Número	Procedência	Sexo	Comp. total	Larg. bizig.	Larg. interorbi	Alt. occipital	Larg. palat. M ^s	Larg. entre can.	Comp. da mand.	Comp. da sér. de dent. máx. sup.
4057	Paraguai	♂	19,5	10	4	6	3,5	2,5	12,5	7,5
506	Piracicaba	♂	19,5	10	4	6	3,5	2,5	12,5	7,5

DIMENSÕES EXTERNAS

Número	Procedência	Sexo	Cabeça e corpo	Cauda	Tíbia	Pé	Antebraço	Altura da orelha	3.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	Trago	Polegar
1310	Iguape	♂	65	35	14	9	45	13	43,5	17	17	2	6
4057	Paraguai	♂	68	40	13	10	45	14	44	18	18	2	6
506	Piracicaba	♂		38	12	12	45	14	44	17	17	2	6

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil Meridional.

EXEMPLARES EXAMINADOS

- 4051, ♂, Sapucaí, Paraguai, Perm. U. S. Nat. Museu, pele cheia, Dep. Zoologia.
 506, ♂, Piracicaba, São Paulo, 1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1312, ♂, Piracicaba, São Paulo, 1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1314, , Piracicaba, São Paulo, 1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 1310, ♂, Iguape, São Paulo, 1899, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 3419, ♀, Sem indicação, em alcool, Museu Nacional, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3420, ♀, Sem indicação, em alcool, Museu Nacional, pele cheia, Dep. de Zoologia.
 3421, ♀, Sem indicação, em alcool, Museu Nacional, pele cheia, Dep. de Zoologia.

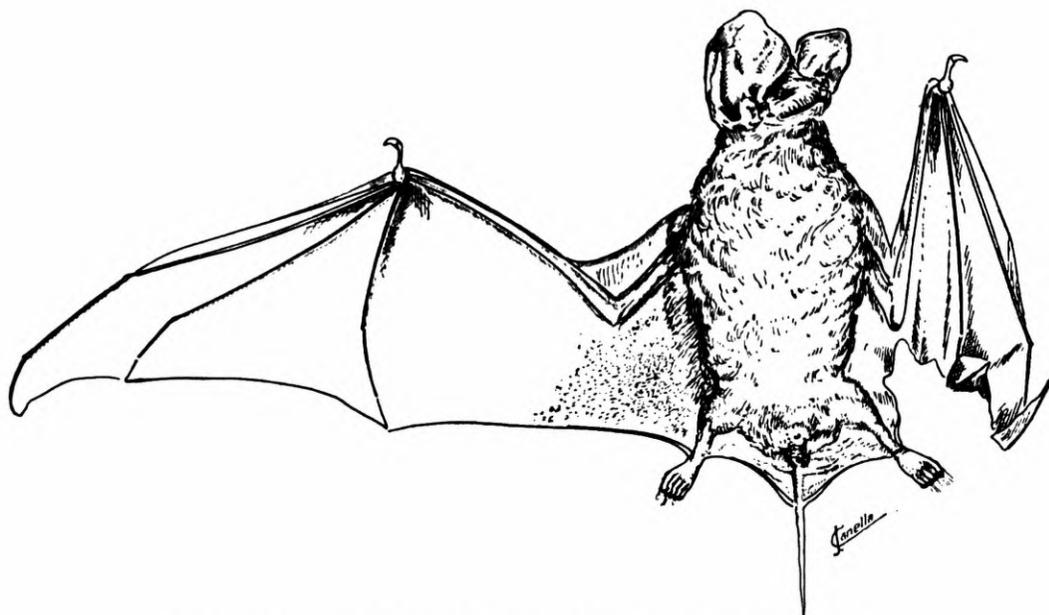


Fig. 42 — *Tadarida brasiliensis* (I. Geoffroy)

***Tadarida brasiliensis* (I. Geoffroy)**

Nyctinomus brasiliensis I. GEOFFROY, 1824, Annales des Sciences Naturelles, vol. I, pg. 337 (Brasil).

Nyctinomus brasiliensis GERVAIS, 1855, Expéd. du Comte de CASTELNAU, Zoologie, pg. 60, pl. XII, fig. 2 e 2^a. (Saraiacu ?); DOBSON, 1878, Cat. Chiropt. Brit. Museum, pg. 437 (México, América Central, Antilhas, Chile); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, pg. 214; TROUËSSART, 1904, Cat. Mammal Supplement., pg. 105; LIMA, 1926, Os Morcegos do Museu Paulista, Rev. Mus. Paul. tomo XIV, pg. 83 (Venezuela e Chile).

Tadarida brasiliensis THOMAS, 1920, Proceed. U. S. Nat. Museum, vol. 58, pg. 222 (Perú); SHAMEL, 1931, Proceed. U. S. Nat. Museum, vol. 78, n. 2862, pg. 3 (Costa Rica, Venezuela, Perú, Brasil, Paraguai, Urugui e Argentina); DEVICENZI, 1932, Mamíferos del Urugui, An. del Museu de Hist. Nat. de Montevideu, tomo IV, n. 10, pg. 132 (Maldonado e Montevideu).

LOCALIDADE TÍPICA: Curitiba, Paraná.

DESCRIÇÃO: Pouco menor que a espécie precedente; orelhas quase tão grandes quanto a cabeça, aparentemente unidas na base, sobre a frente, mas realmente separadas entre si por um espaço de 1 mm. mais ou menos. Bordos da orelha regularmente convexos, extremidades arredondadas; interior da concha inteiramente nu e com uma série de pregas longitudinais. Antitrigo pouco desenvolvido separado posteriormente por um sulco não muito profundo. Trigo pequeno e quadrado.

Focinho largo e truncado com profundo sulco entre as narinas cujo bordo superior apresenta várias excrescências córneas, lábios superiores munidos de pregas verticais.

Asas ligadas acima dos tornozelos.

Tanto o macho como a fêmea, são completamente desprovidos de qualquer vestígio de saco gular.

Pelos curtos, recobrimdo todo corpo com exceção das faces que são desnudas, porem munidas de longas cerdas.

Colorido geral pardo escuro, mais claro nas partes inferiores. Membranas quase negras.

Difere principalmente das espécies precedentes em ter seis incisivos inferiores em vez de quatro, sendo os incisivos externos muito pequenos e fracos.

DIMENSÕES DO CRÂNIO

<i>Número</i>	<i>Procedência</i>	<i>Sexo</i>	<i>Comp. total</i>	<i>Larg. bizig.</i>	<i>Larg. interorbi</i>	<i>Alt. occipital</i>	<i>Larg. palat. M^s</i>	<i>Larg. entre can.</i>	<i>Camp. da mand.</i>	<i>Comp. da sér. de dent. máx. sup.</i>
5779	Ipiranga	♂	17,5	11	4	6	3,5	2	12	6,5
3557	Rio G. do Sul..	♂	17,5	11	4	6	3,5	2	12	7

DIMENSÕES EXTERNAS

N ú m e r o	Procedência	S e x o	C a b e ç a e c o r p o	C a u d a	T í b i a	P é	A n t e b r a ç o	A l t u r a d a o r e l h a	T r a g o	2.º metacarpo	1.ª falange	2.ª falange	P o l e g a r
1355	Chile	—	65	22	15	9	45	15	2	43	19	15	5
3617	Sta. Catarina .	♀	66	22	15	9	45	15	2	43	19	15	5

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: América Central e América do Sul, da Venezuela ao Chile.

EXEMPLAR EXAMINADO

- 1355, , Chile, permuta, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 2542, , Mérida, Venezuela, V-1904, pele cheia, Departamento de Zoologia.
 5779, ♂, Ipiranga, S. Paulo, LIMA col., 1927, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3557, ♂, Rio G. do Sul, GARBE col., 1914, em alcool, Departamento de Zoologia.
 3617, ♀, Joinville, Santa Catarina, EBERHARDT col., 1915, em alcool, Dep. de Zool.

B I B L I O G R A F I A

AIRES DO CASAL

Corografia Brasílica ou relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil,
 Rio de Janeiro, 1817.

ALLEN, HARRISSON

Proceed. Amer. Philadelphia, vol. XXVI, pg. 558, 1888. Sobre o gênero
Nyctinomus.

ALLEN, HARRISSON

Proceed. Amer. Philosoph. Society Philadelphia, 1889, pg. 313. Sobre os va-
 lores taxonômicos das membranas das asas e falanges terminais dos
 dedos dos quiropteros.

Proceed. Acad. Sciences Philadelphia, pg. 400, 1891. Sobre *Vampyrops za-
 rhinus*.

Bull. Amer. Museum Nat. History New-York, vol. VI, pg. 247, 1893. Sobre
Chilonycteris rubiginosa.

Bull. U. Nat. Museum Washington, 43, 1893. Monografia dos morcegos da América do Norte.

ANDERSEN, KNUD,

Proceed. Zoological Soc. London, pg. 204, 1908. O gênero *Artibeus* e seus aliados.

BIER, O. G.,

Comptes rendus Soc. Biol. Paris, n. 110, pg. 129, 1932. Sobre a ação anticoagulante e fibrinolítica do extrato das glândulas salivares dum morcego hematófago (*Desmodus rufus*).

BURMEISTER, HERMANN,

Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens, vol. I, Mammalia, 1854.

CABRERA, ANGEL,

Revista Chilena de História Natural, Valparaiso, 1903, nos. 5 e 6, Catálogo Descritivo de los Quiropteros Chilenos.

Notas del Museu de La Plata, Zoologia, n. 8, tomo III, pg. 5, 1938. Sobre dois morcegos da Argentina.

CABRERA, ANGEL e JOSÉ YEPES

História Natural Ediar, Mamíferos Sul-americanos, Buenos Aires, 1940.

CAMPBELL,

Journal of Mammalogy, Baltimore, vol. 12, pg. 312, 1931. Proteção contra os vampiros.

COPE, E. D.

American Naturalist, New York, vol. 23, n. 266, 1889. Sobre os mamíferos obtidos pela Naturalist Exploring Expedition no Sul do Brasil.

COTT, H. B.

Proceed. Zool. Soc. London, pg. 173, 1926. Notas sobre a biologia de vários morcegos da ilha de Marajó.

DITMARS & GREENHALL,

Zoológica, New York, vol. 29, pg. 53, 1935. Hábitos do vampiro e revisão de sua história.

DOBSON, GEORGE EDWARD

Annals and Magazine of Natural History, London, 4.^a série, vol. 16, pg. 345, 1875. Sinopse das subordens, famílias e gêneros de *Chiroptera* dispostos de acordo com suas afinidades naturais.

Annals and Magazine of Natural History, London, 4.^a série, vol. 18, pg. 4, Sobre a estrutura dos pés de *Thyroptera tricolor*.

Proceed. of Zool. Soc. of London, pg. 701, 1876. Monografia do grupo *Moloss*.
Catalogue of the Chiroptera in the Collection of the British Museum, Londres, 1878.

ELLIOT, DANIEL GIRAUD,

Field Columbian Museum, Chicago, Zoological Série, vol. IV, parte II, 1904.
The Land and Sea Mammals of Middle América and West Indias.

GERVAIS, PAUL,

Documents zoologiques pour servir á la monographie des Cheiropteres de la
Amerique du Sud. Expedition du Comte de Castelnau, 7.^a part.,
Paris, 1855.

GOELDI, EMILIO,

Zoologische Garten, Frankfurt, ns. 6 e 7, pg. 163, 1887. Estudo sobre a biolo-
gia do vampiro.

Os mamíferos do Brasil, Monografias Brasileiras, vol. I, Rio de Janeiro, 1893.

GRAY, J. E.,

Proceed. of Zoological Society of London, pg. 111, 1886. Revisão dos gêneros
da família *Phyllostomidae*.

HALM,

Proceed. Smith. Inst. Nat. History, n. 32, pg. 103, 1907. Revisão das espécies do
gênero *Carollia* e novo nome para este gênero.

HARTING, J. E.,

Field Museum, Chicago, 1889, Notas sobre os hábitos piscívoros de *Noctilio
leporinus*.

HENSEL, R.,

Zoologischer Garten, pg. 135, 1869. Modo de vida e índole dos morcegos dos
gêneros *Diphylla* e *Desmodus*.

Akademie Wissenchften Berlin, 1872. Contribuição ao conhecimento dos ma-
míferos do sul do Brasil.

IHERING, HERMANN VON

Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, Anuário do Estado do Rio Grande do
Sul para o ano de 1893. Porto Alegre, 1892.

Os Mamíferos de São Paulo, Catálogo, 1894.

KING & SAPHIR

Zoológica, New York, vol. 22, pg. 281, 1937. Observações sobre a alimentação
do vampiro.

LATASTE, FERDINAND,

Annali del Museu Civico di Storia Naturale di Genova, série XXX, vol. 10,
pg. 658, 1891. Sobre uma nova espécie de *Molossus* no Estado do Rio
de Janeiro.

LIMA, JOÃO LEONARDO DE,

Revista do Museu Paulista, vol. XIV, pg. 42, 1926. Os morcegos do Museu
Paulista.

LIMA, E. QUEIROZ.

Revista do Departamento Nacional de Produção Animal, ano I, ns. 2, 3 e 4, 1934. A transmissão da raiva dos herbívoros pelos morcegos hematófagos da família *Desmodontidae*.

LIMA, E. QUEIROZ e SILVIO TORRES.

Revista do Departamento Nacional de Produção Animal, ano III, ns. 1 a 6, 1936. A raiva e a infecção natural dos morcegos hematófagos.

MILLER, GERRIT S.

Proced. Biological Society Washington, vol. 10, pg. 1909, 1895. Sobre *Thyroptera discifera*.

Proceed. Acad. Sciences Philadelphia, pg. 405, 1902. Sobre *Vampyrops fumosus*.

Proceed. Bilog. Soc. Washington, pg. 84, 1906. Sobre os novos gêneros *Dirias* e *Diaemus*.

Bull. of United States National Museun, Washington, n. 57, 1907. The Families and Genera of Bats.

MIRANDA RIBEIRO

Comissão de Linhas Telegráficas Mato-Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, 1914.

MOOJEN DE OLIVEIRA, J.

O Campo, Rio de Janeiro, n. 114, pg. 70, 1939. Sanguivorismo de *Diphylla ecaudata* Spix em *Gallus gallus domesticus*.

OSGOOD, W. H.,

Columbian Field Museum Natural History, Zoological Serie, publ. 155, vol. 10, 5, pg. 33, 1912. Mammals from Western Venezuela and Western Colombia.

PELZELN, A. VON,

Brasilische Säugethiere, K. Zoologische-botanische Gellschaft in Wien, vol. XXIII, 1883. Estudo do material de mamíferos coligidos por Natterer nos anos de 1817 a 1835.

PETERS, W.

Monatsberichte der K. Akadem. des Wissenchf. in Berlin, pg. 470, 1870. Notas sobre as espécies do gênero *Saccopteryx*.

PETERS, W.,

Monatsberichte der K. Akad. des Wissenchften in Berlin, pg. 907, 1870. Monografia das espécies do gênero *Atalapha*.

PIRA, ADOLF .

Zoologischer Anzeiger, Leipzig, vol. XXVIII, pg. 12, 1905. Sobre uma coleção de morcegos obtida por Ricardo Krone no litoral do Estado de São Paulo.

REINHARDT, J. T.,

Meddelseri of Naturalist Voren, Copenhagen, 1886. Observações sobre *Desmodus rufus*.

SANBORN, COLLIN CAMPBELL,

Annals Carnegie Museum, Pittsburg, vol. 21, pg. 171, 1932. Neotropical Bats in the Carnegie Museum.

Field Museum of Nat. History, Zool. vol. 20, pg. 320, 1937. American Bats of the Subfam. Emballonuridae.

SHAMEL,

Proceed. Unit. States Nat. Museum, vol. 78, n. 19, 1931. Revisão do gênero *Tadarida* (*Nyctinomus*) com descrição e chaves para todas as espécies.

THOMAS, OLDFIELD.

Annali del Museu Civico di Storia Naturale di Genova, 1899, série 2, vol. XX, pg. 546, List of the Mammals obtained by Dr. G. F. Grillo, in the Province of Paraná, Brasil.

Annals and Magazine of Natural History, vol. 8, série 7, pg. 189, 1901. Sobre uma coleção de morcegos do Estado do Pará existente no Museu Paraense de Belém.

Proceed. Zoological Society London, vol. XIII, pg. 459, 1903. Sobre duas espécies novas de morcegos da Baía.

Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol 6, pg. 500, Sobre uma coleção de mamíferos do Estado do Ceará obtida pelo dr. Snethlage.

Annals and Magazine of Natural History, série 8, vol. 12, pg. 134, 1913. Sobre morcegos do Pará com um gênero e espécie novos.

TOLDT, K.,

Dekschriften Akademie Wissencht. Wien, pg. 43, 1926. Die Chiroptera Ausbeute Zoological Exped. nach Brasil, 1903. Estudo duma coleção de morcegos obtida por uma expedição ao nordeste do Brasil em 1903.

TORRES, SILVIO,

A raiva e a infecção natural dos morcegos hematófagos, Revista do Departamento Nacional de Produção Animal, ano III, ns. 1 e 6.

Os morcegos da família *Desmodontidae* e seu papel na transmissão de moléstias nos animais. Revista do Departamento Nacional de Produção Animal, ano I, ns. 5-6, 1934.

A febre aftosa e o papel dos morcegos hematófagos na sua disseminação. Revista do Departamento Nacional de Produção Animal, ano II, ns. 4-5-6, 1935.

WAGNER, J. A.,

Abhandlugen der K. Bairischer Akademie Wissenchtften in Munchen, vol. 5, pg. 162. Estudo dos morcegos do espólio de Natterer.

WAGNER J. A. e SCHREBER,

Saugethiere, Supplement band, I, 1855.

WIED NEUWIED, MAXIMILIAN.

Viagem ao Brasil. Tradução do original Reise nach Brasilien, Weimar, 1820, por E. S. Mendonça e P. Figueiredo, refundida e anotada por Oliverio Pinto, coleção Brasiliana, série 5, vol. I, São Paulo, 1940.

Beitrag zur Naturgecht Brasiliens, Weimar, 1826.

Abbildungen zur Naturgescht Brasiliens, Weimar, 1823-1831.

WINGE, HERLUF,

Jordfundne og nulevende Flagermus (Chiroptera) fra Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasilien. E. Museu Lundii, vol. III, pg. 1 a 65, pl. I e II, 1892. Estudo dos morcegos vivos e fósseis achados nos arredores da Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais pelo Dr. P. W. Lund e atualmente no Museu da Universidade de Copenhague.

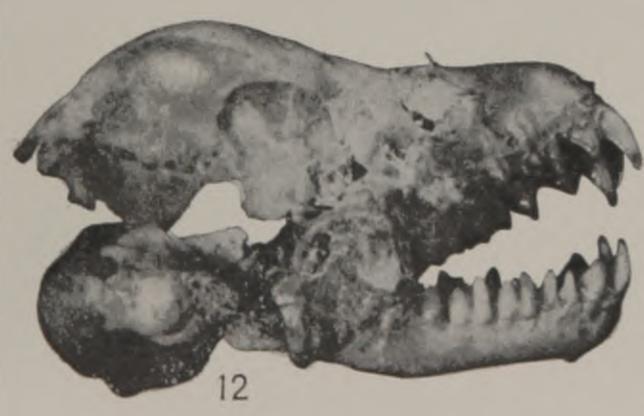
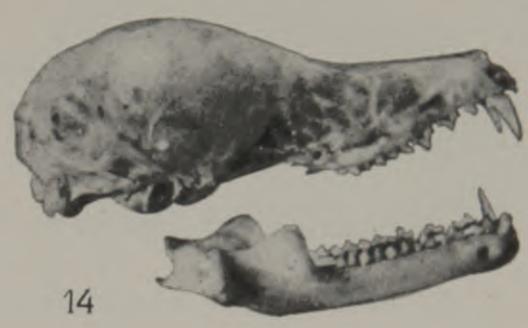
PRANCHA I

- N.º 1 — *Peropteryx macrotis macrotis*, n. 3881, D. Z.
" 2 — *Saccopteryx bilineata*, n.º 700 D. Z.
" 3 — *Diclidurus albus*, n.º 5823 D. Z.
" 4 — *Noctilio leporinus*, n.º 1256 D. Z.
" 5 — *Dirias albiventer*, n.º 5618 D. Z.
" 6 — *Pteronotus davyi*, n.º 2026 D. Z.
" 7 — *Phyllostomus hastatus hastatus*, n.º 2251 D. Z.
" 8 — *Trachops cirrhosus*, 4448 D. Z.



PRANCHA II

- N.º 9 — *Choropterus auritus australis*, n.º 1478 D. Z.
" 10 — *Tonatia bidens*, n.º 2520 D. Z.
" 11 — *Mimon bennettii*, 1096, D. Z.
" 12 — *Micronycteris megalotis*, n.º 1210 D. Z.
" 13 — *Glossophaga soricina*, n.º 2655 D. Z.
" 14 — *Anoura geoffroyi*, n.º 2797 D. Z.
" 15 — *Hcmiderma perspicillatum*, n.º 5771 D. Z.
" 16 — *Sturnira lilium*, n.º 5771 D. Z.



PRANCHA III

N.º 17 — *Artibeus jamaicensis lituratus*, n.º 3389 D. Z.

" 18 — *Vampyriscus bidens*, n.º 4373 D. Z.

" 19 — *Pygoderma bilabiatum*, n.º 2796 D. Z.

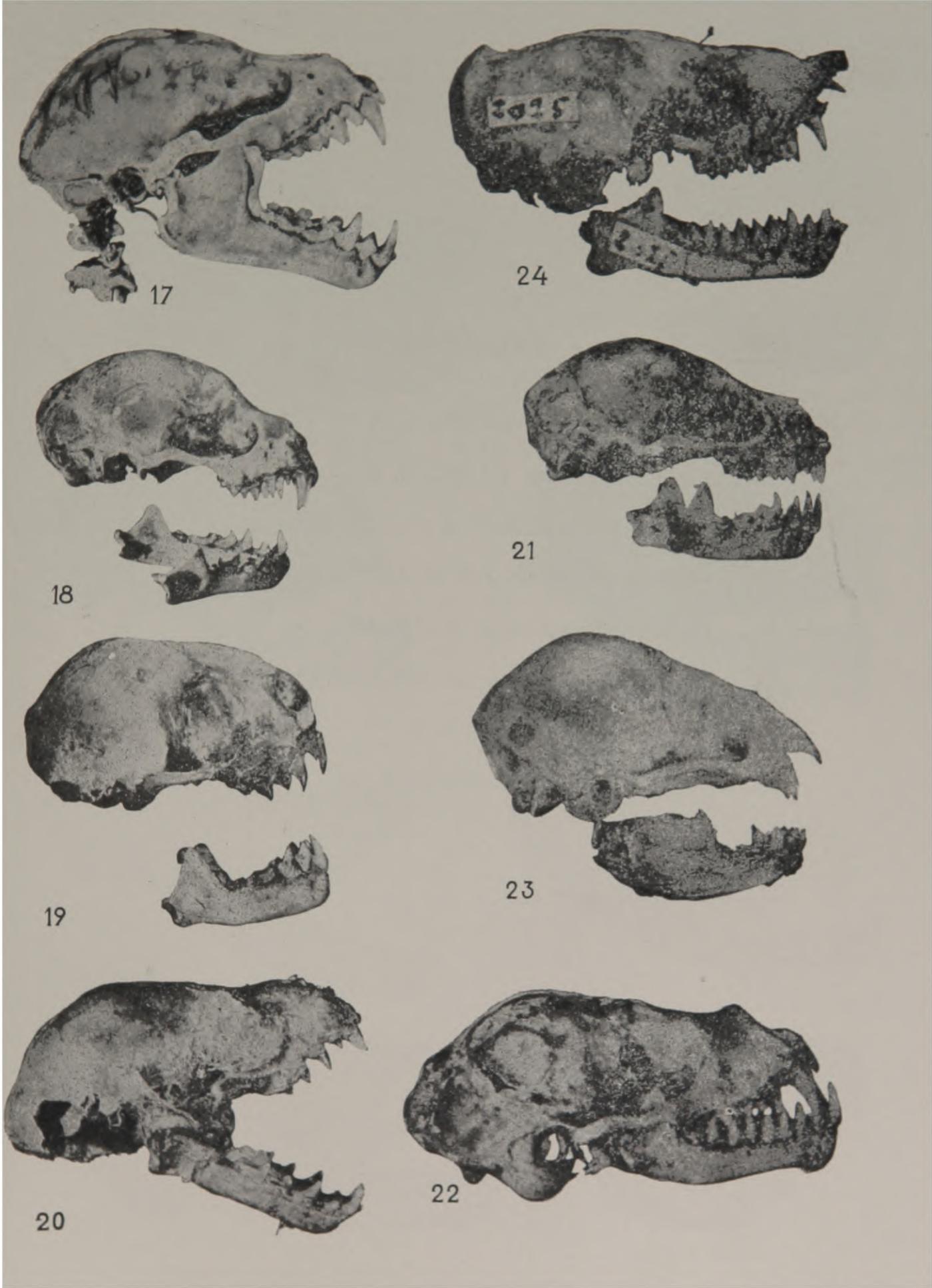
" 20 — *Mesophyla macconeli*, n.º 704 D. Z.

" 21 — *Artibeus quadrivittatus*, n.º 2022 D. Z.

" 22 — *Anthorhina longifolium*, n.º 5612 D. Z.

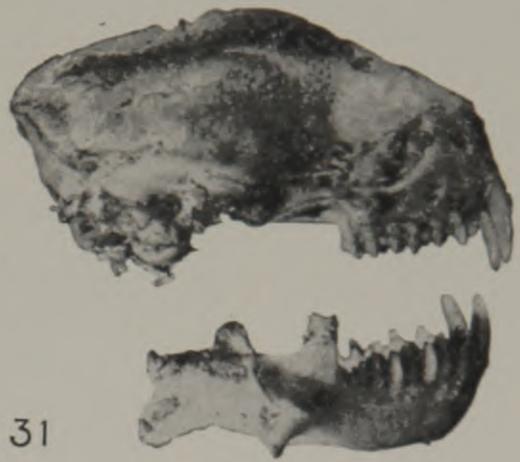
" 23 — *Desmodus rotundus rotundus*, n.º 1350 D. Z.

" 24 — *Natalus stramineus*, n.º 2025 D. Z.



PRANCHA IV

- N.º 25 — *Furipterus horrens*, n.º 1360 D. Z.
" 26 — *Thyroptera tricolor*, n.º 5628 D. Z.
" 27 — *Myotis ruber*, n. 1748 D. Z.
" 28 — *Histiotus velatus*, n.º 3668 D. Z.
" 29 — *Lasiurus cinereus grayi*, 1326 D. Z.
" 30 — *Dasypterus intermedius*, n.º 5615 D. Z.
" 31 — *Molossus rufus*, n.º 5630 D. Z.
" 32 — *Tadarida laticaudata*, n.º 1310 D. Z.



I N D I C E *

A			
<i>abrasus, Dysopes</i>	442	<i>Artibeus</i>	342
<i>abrasus, Eumops</i>	442	<i>Artibeus bilobatus</i>	363
<i>abrasus abrasus, Eumops</i>	442	<i>Artibeus cinereus</i>	349
<i>abrasus, Molossus</i>	442	<i>Artibeus cinereus cinereus</i>	349
<i>abrasus, Promops</i>	442	<i>Artibeus concolor</i>	349
<i>aga, Lasiurus ecaudatus et</i>	424	<i>Artibeus jamaicensis</i>	345
<i>albescens, Myotis</i>	402	<i>Artibeus jamaicensis lituratus..</i>	344
<i>albescens, Vespertilio</i>	402	<i>Artibeus lineatus</i>	353
<i>albiventer, Dirias</i>	263	<i>Artibeus perspicillatus</i>	348
<i>albiventer, Hyonicterus</i>	390	<i>Artibeus planirostris</i>	348
<i>albiventer juquiaensis, Thyroptera</i>		<i>Artibeus planirostris</i>	349
<i>ra</i>	391	<i>Artibeus planirostris planirostris</i>	347
<i>albiventer, Noctilio</i>	263	<i>Artibeus quadrivittatus</i>	350
<i>albiventer, Thyroptera</i>	290	<i>aruma, Phyllostomus hastatus</i>	279
<i>albus, Diclidurus</i>	252	<i>Atalapha</i>	415
<i>alecto, Cyttarops</i>	254	<i>Atalapha cinerea</i>	416
<i>alter, Myotis chiloensis</i>	399	<i>Atalapha cinerea brasiliensis</i> ..	416
<i>amblyotis, Lophostoma</i>	294	<i>Atalapha ega</i>	422
<i>amblyotis, Phyllostoma</i>	294	<i>Atalapha ega</i>	423
<i>amblyotis, Tonatia</i>	294	<i>Atalapha egregia</i>	424
<i>amblyotis, Vampyrus</i>	294	<i>Atalapha intermedia</i>	422
<i>americanus, Noctilio</i>	258	<i>Atalapha mexicana</i>	418
<i>americanus, Vespertilio</i>	258	<i>Atalapha noveboracensis v. fran-</i>	
<i>Ametrida</i>	369	<i>tzi</i>	418
<i>Ametrida centurio</i>	369	<i>aurispinosus, Dysopes</i>	452
<i>amplexicaudata, Glossophaga</i> ..	316	<i>aurita, Lonchorhina</i>	304
<i>amplexicaudata, Phyllophora</i> ..	316	<i>auritus australis, Chrotopterus</i>	289
<i>angusticeps, Phyllostoma</i>	280	<i>auritus, Vampyrus</i>	289
<i>Anoura</i>	323	<i>australis, Chrotopterus auritus</i>	289
<i>Anoura geoffroyi</i>	324		
<i>Anthorhina</i>	298	B	
<i>Anthorhina crenulatum</i>	299	<i>behni, Glyphonycteris</i>	310
<i>Anthorhina longifolium</i>	300	<i>behni, Micronycteris</i>	310
<i>Anthorhina picata</i>	302	<i>bennettii, Mimon</i>	297
<i>Anthorhina picatum</i>	302	<i>bennettii, Phyllostoma</i>	297
<i>Anoura wiedii</i>	328	<i>bicolor, Thyroptera</i>	388
<i>arsinoe, Vespertilio</i>	402	<i>bidens, Chiroderma</i>	361

(*) Os nomes grifados representam sinônimos.

<i>delticus, Eumops</i>	446	<i>ecaudata, Lonchoglossa</i>	328
<i>delticus, Eumops bonariensis</i> ..	446	<i>ecaudata, Lonchoglossa</i>	326
<i>Depanycteris</i>	255	<i>ega, Atalapha</i>	422
<i>Depanycteris isabellae</i>	255	<i>ega, Atalapha</i>	423
<i>Dermanura cinereum</i>	349	<i>ega, Dasypterus</i>	423
<i>derasus, Vespertilio</i>	407	<i>ega, Lasiurus</i>	424
<i>Dermonotus</i>	268	<i>ega, Nycticejus</i>	423
<i>Dermonotus davyl</i>	268	<i>egregia, Atalapha</i>	424
<i>Desmodae</i>	370	<i>egregius, Dasypterus</i>	424
<i>Desmodontes</i>	370	<i>egregius, Lasiurus</i>	424
<i>Desmodontidae</i>	370	<i>elongata, Phyllostoma</i>	307
<i>Desmodus</i>	372	<i>elongatum, Phyllostomus</i>	281
<i>Desmodus rotundus rotundus</i> ..	373	<i>Emballonuridae</i>	229
<i>Desmodus rufus</i>	373	<i>Emballonuridae</i>	256
<i>Desmodus youngi</i>	379	<i>Emballonuridae</i>	383
<i>Diaemus</i>	378	<i>Emballonurinae</i>	230
<i>Diaemus youngi</i>	379	<i>Emballonurinae</i>	230
<i>Dicliduri</i>	251	<i>Emballonura bilineata</i>	239
<i>Diclidurinae</i>	251	<i>Emballonura brevirostris</i>	243
<i>Diclidurus</i>	252	<i>Emballonura macrotis</i>	232
<i>Diclidurus albus</i>	252	<i>enslenii, Lasiurus</i>	420
<i>Diclidurus freynessii</i>	252	<i>Eptesicus</i>	406
<i>Diclidurus scutatus</i>	252	<i>Eptesicus brasiliensis</i>	410
<i>diminutus, Eptesicus</i>	409	<i>Eptesicus diminutus</i>	409
<i>Diphylla</i>	375	<i>Eptesicus hilarii</i>	407
<i>Diphylla ecaudata</i>	378	<i>Eumops</i>	439
<i>Dirias</i>	262	<i>Eumops abrasus</i>	442
<i>Dirias albiventer</i>	263	<i>Eumops abrasus abrasus</i>	442
<i>Dirias irex</i>	265	<i>Eumops bonariensis delticus</i> ..	446
<i>discolor, Phyllostoma</i>	280	<i>Eumops delticus</i>	446
<i>discolor discolor, Phyllostomus</i>	280	<i>Eumops glaucinus</i>	444
<i>Dolichophyllum</i>	311	<i>Eumops hansae</i>	447
<i>Dolichophyllum macrophyllum</i>	312	<i>Eumops perotis</i>	440
<i>doriae, Chiroderma</i>	360	<i>Eumops perotis perotis</i>	440
<i>Dysopes abrasus</i>	442	<i>Eumops perotis trumbulli</i>	441
<i>Dysopes aurispinosus</i>	452	<i>europs, Tadarida</i>	451
<i>Dysopes glaucinus</i>	444	<i>excisa, Sturnira</i>	337
<i>Dysopes leucopleura</i>	442	<i>excisum, Extenoderma</i>	337
<i>Dysopes perotis</i>	440		
<i>Dysopes temminckii</i>		F	
<i>Dysopes velox</i>	437		
E		<i>fluminensis, M. lossus</i>	434
<i>ecaudata, Diphylla</i>	378	<i>frantzii, Atalapha noveboracen-</i>	
<i>ecaudata, Glossophaga</i>	328	<i>sis var.</i>	418
<i>ecaudata, Glossophaga, caudife-</i>		<i>freynessii, Diclidurus</i>	252
<i>ra et</i>		<i>fuliginosus, Trachops</i>	284
		<i>fumosus, Vampyrops</i>	357
		<i>Furia</i>	384

<i>Furia horrens</i>	384
<i>Furipterus</i>	384
<i>Furipterus horrens</i>	385
<i>Furipterus horrens et caerule- lescens</i>	385
<i>Furipteridae</i>	383

G

<i>geoffroyi</i> , Anoura	324
<i>geoffroyi</i> , <i>Glossonycteris</i>	324
<i>glaucinus</i> , <i>Dysopes</i>	444
<i>glaucinus</i> , <i>Eumops</i>	444
<i>glaucinus</i> , <i>Molossus</i>	445
<i>Glossonycteris</i>	323
<i>Glossonycteris geoffroyi</i>	324
<i>Glossophaga</i>	315
<i>Glossophaga</i>	325
<i>Glossophaga amplexicaudata</i> ..	316
<i>Glossophaga caudifera et ecau- data</i>	326
<i>Glossophaga ecaudata</i>	328
<i>Glossophaga soricina</i>	316
<i>Glossophagae</i>	314
<i>Glossophaginae</i>	314
<i>Glyphonycteris</i>	310
<i>Glyphonycteris behni</i>	310
<i>gracilis</i> , <i>Nyctinomus</i>	452
<i>grayi</i> , <i>Lasiurus</i>	416
<i>grayi</i> , <i>Lasiurus cinereus</i>	416
<i>gymnotus</i> , <i>Chilonycteris</i>	268
<i>gymnura</i> , <i>Saccopteryx</i>	241

H

<i>hansae</i> , <i>Eumops</i>	447
<i>hastatus aruma</i> , <i>Psyllostomus</i> ..	279
<i>hastatus hastatus</i> , <i>Phyllostomus</i>	277
<i>hastatum</i> , <i>Phyllostoma</i>	276
<i>hastatus</i> , <i>Vespertilio</i>	276
<i>Hemiderma</i>	331
<i>Hemiderminae</i>	330
<i>Hemiderma brevitcaudum</i>	331
<i>Hemiderma perspicillatum</i>	331
<i>hilarii</i> , <i>Eptesicus</i>	407

<i>hilarii</i> , <i>Vesperus</i>	407
<i>hilarii</i> , <i>Vespertilio</i>	407
<i>hilarii</i> , <i>Vesperugo</i>	407
<i>Histiotus</i>	412
<i>Histiotus velatus</i>	413
<i>horrens</i> , <i>Furia</i>	385
<i>horrens</i> , <i>Furipterus</i>	385
<i>horrens et caerulescens</i> , <i>Furip- terus</i>	385
<i>Hyonycteris</i>	387
<i>Hyonycteris albiventer</i>	390

I

<i>intermedia</i> , <i>Atalapha</i>	422
<i>intermedius</i> , <i>Dasypterus</i>	421
<i>intermedius</i> , <i>Lasiurus</i>	422
<i>irex</i> , <i>Dirias</i>	265
<i>isabella</i> , <i>Depanycteris</i>	255

J

<i>jamaicensis</i> , <i>Artibeus</i>	344
<i>jamaicensis lituratus</i> , <i>Artibeus</i>	344
<i>juquiaensis</i> , <i>Thyroptera albi- venter</i>	391

K

<i>kappleri</i> , <i>Peropteryx</i>	234
---	-----

L

<i>Lasiurus</i>	415
<i>Lasiurus borealis mexicanus</i> ..	418
<i>Lasiurus cinereus</i>	416
<i>Lasiurus cinereus grayi</i>	416
<i>Lasiurus caudatus et aga</i>	423
<i>Lasiurus ega</i>	424
<i>Lasiurus egregius</i>	424
<i>Lasiurus enslenii</i>	420
<i>Lasiurus grayi</i>	416
<i>Lasiurus intermedius</i>	421
<i>laticaudatus</i> , <i>Molossus</i>	452

<i>Myopterus</i>	427
<i>Myotis</i>	395
<i>Myotis albescens</i>	402
<i>Myotis chiloensis alter</i>	399
<i>Myotis levis</i>	400
<i>Myotis nigricans</i>	397
<i>Myotis nigricans nigricans</i>	396
<i>Myotis polythryx</i>	400
<i>Myotis ruber</i>	401
<i>Myotis simus</i>	404

N

<i>naso, Rhynchonycteris</i>	247
<i>naso, Rhynchiscus</i>	247
<i>naso, Vespertilio</i>	247
<i>Natalis stramineus</i>	382
<i>Natalus</i>	381
<i>Natalus stramineus</i>	382
<i>Natalidae</i>	380
<i>Natalidae</i>	383
<i>neuwiedii, Microphyllum</i>	312
<i>nigricans, Myotis</i>	397
<i>nigricans nigricans, Myotis</i>	396
<i>nigricans, Vesperugo</i>	396
<i>Noctilio</i>	257
<i>Noctilio</i>	262
<i>Noctilio albiventer</i>	263
<i>Noctilio americanus</i>	258
<i>Noctilio leporinus</i>	263
<i>Noctilio leporinus leporinus</i>	258
<i>Noctilio leporinus rufipes</i>	261
<i>Noctilio leporinus v. mastivus</i>	258
<i>Noctilio rufipes</i>	261
<i>Noctilio rufus</i>	258
<i>Noctilio unicolor</i>	258
<i>Noctilionino</i>	267
<i>Noctilioninae</i>	256
<i>Noctilionidae</i>	256
<i>noveboracensis, Atalapha</i>	418
<i>nubilis, Vespertilio</i>	403
<i>Nycticejus ega</i>	
<i>Nyctiellus</i>	381
<i>Nyctinomops</i>	448
<i>Nyctinomops europs</i>	451
<i>Nyctinomus</i>	447
<i>Nyctinomus brasiliensis</i>	454
<i>Nyctinomus gracilis</i>	452

<i>Nyctinomus laticaudatus</i>	452
<i>Nyctinomus macrotis</i>	449
<i>Nyctinomus megalotis</i>	449

O

<i>obscurus, Molossus</i>	437
<i>obscurum, Phyllostoma</i>	347
<i>olivaceofuscus, Molossus</i>	437

P

<i>paranus, Molossops planirostris</i>	432
<i>parvulus, Vespertilio</i>	397
<i>Peronymus</i>	250
<i>Peronymus leucopterus leucop-</i> <i>terus</i>	250
<i>Peropteryx</i>	250
<i>Peropteryx</i>	231
<i>Peropteryx canina</i>	233
<i>Peropteryx kappleri</i>	234
<i>Peropteryx leucoptera</i>	250
<i>Peropteryx macrotis macrotis</i>	232
<i>Perotis, Dysopes</i>	440
<i>perotis, Eumops</i>	440
<i>perotis perotis, Eumops</i>	440
<i>perotis, Molossus</i>	440
<i>perotis trumbulli, Eumops</i>	441
<i>perspicillatus, Artibeus</i>	331
<i>perspicillatus, Stenoderma</i>	331
<i>perspicillatum, Hemiderma</i>	331
<i>perspicillatum, Phyllostoma</i>	331
<i>perspicillatus, Vespertilio</i>	331
<i>personata, Chilonycteris</i>	271
<i>personatum, Uroderma</i>	363
<i>personatum, Stenoderma</i>	363
<i>Phyllophora amplexicaudata</i>	316
<i>Phyllophora megalotis</i>	307
<i>Phyllostoma</i>	275
<i>Phyllostoma amblyotis</i>	294
<i>Phyllostoma angusticeps</i>	280
<i>Phyllostoma bennettii</i>	279
<i>Phyllostoma bilabiatum</i>	365
<i>Phyllostoma brevicaudus</i>	331
<i>Phyllostoma childreni</i>	292
<i>Phyllostoma crenulatum</i>	299

<i>Phyllostoma discolor</i>	280	<i>pusilla, Vampyressa</i>	359
<i>Phyllostoma elongata</i>	307	<i>Pusillus, Vampyrops</i>	358
<i>Phyllostoma hastatum</i>	276	Pygoderma	364
<i>Phyllostoma lilium</i>	337	Pygoderma bilabiatum	365
<i>Phyllostoma lineatum</i>	353		
<i>Phyllostoma longifolium</i>	300	Q	
<i>Phyllostoma macrophyllum</i>	312	quadrivittatus, Artibeus	350
<i>Phyllostoma maximus</i>	276		
<i>Phyllostoma obscurum</i>	347	R	
<i>Phyllostoma perspicillatum</i>	331		
<i>Phyllostoma planirostre</i>	347		
<i>Phyllostoma pusillum</i>	358		
<i>Phyllostoma rotundum</i>	373		
<i>Phyllostoma spectrum</i>	287		
<i>Phyllostomus</i>	275	<i>recifinus, Vampyrops</i>	356
<i>Phyllostomus discolor discolor</i>	278	Rhinophylla	335
<i>Phyllostomus elongatum</i>	281	Rhinophylla pumilio	336
<i>Phyllostomus hastatus</i>	276	Rhynchiscus	246
<i>Phyllostomus hastatus hastatus</i>	276	Rhynchiscus naso	247
<i>Phyllostomus hastatus aruma</i>	279	<i>Rhynchonycteris</i>	247
<i>Phyllostomus lituratus</i>	279	<i>Rhynchonycteris naso</i>	247
<i>Phyllostomus soricinus</i>	316	<i>rivalis et saxatilis, Proboscidea</i>	247
<i>Phyllostomata</i>	266	<i>rotundum, Phyllostoma</i>	373
Phyllostomidae	266	rotundus rotundus, Desmodus	373
Phyllostominae	273	ruber, Myotis	400
<i>Phyllostominae</i>	330	<i>ruber, Vespertilio</i>	400
<i>picata, Antherhina</i>	302	rubiginosa, Chilonycteris	273
<i>platum, Antherhina</i>	302	rufipes, Noctilio leporinus	261
<i>planirostre, Phyllostoma</i>	347	<i>rufipes, Noctilio</i>	261
<i>planirostris, Artibeus</i>	348	<i>rufus, Desmodus</i>	373
<i>planirostris planirostris, Artibeus</i>	347	rufus, Molossus	434
<i>planirostris, Molossus</i>	432	<i>rufus v. obscurus, Molossus</i>	437
<i>planirostris paranus, Molossops</i>	432	rufus, Noctilio	258
<i>Plecotus velatus</i>	413		
<i>polythrix, Myotis</i>	400	S	
<i>polythrix, Vespertilio</i>	400	Saccopteryx	236
<i>Proboscidea</i>	246	Saccopteryx bilineata	239
<i>Proboscidea rivalis et saxatilis</i>	247	<i>Saccopteryx calcarata</i>	246
<i>Promops</i>	439	<i>Saccopteryx canescens</i>	240
<i>Promops abrasus</i>	441	<i>Saccopteryx canina</i>	232
<i>Promops trumbulli</i>	441	Saccopteryx gymnura	241
<i>Pteroderma</i>	342	Saccopteryx leptura	237
Pteronotus	268	<i>Saccopteryx leucoptera</i>	250
Pteronotus davyi	268	<i>Saccopteryx wiedii</i>	245
pumilio, Rhinophylla	336	<i>saxatilis, Proboscidea rivalis et</i>	247
pusillum, Chiroderma	358	<i>Schizostoma</i>	307
pusillum, <i>Phyllostoma</i>	358	<i>Schizostoma megalotis</i>	307
pusillum, <i>Stenoderma</i>	358		

<i>Vampyrus cirrhosus</i>	284	<i>Vespertilio spectrum</i>	287
<i>Vampyrus spectrum</i>	287	<i>Vespertilio velatus</i>	413
? <i>Vampyrus spectrum</i>	276	Vespertilionidae	393
<i>velatus, Histiopus</i>	413	<i>Vespertilionidae</i>	386
<i>velatus, Flecoius</i>	413	Vespertilioninae	394
<i>velatus, Vesperugo</i>	413	<i>Vespertiones</i>	394
<i>velatus, Vespertilio</i>	413	<i>Vesperugo nigricans</i>	396
<i>velox, Dysopes</i>	437	<i>Vesperugo velatus</i>	413
<i>velox, Molossus</i>	437	<i>Vesperus</i>	412
<i>Vespertilio</i>	406	<i>Vesperus</i>	407
<i>Vespertilio</i>	395	<i>Vesperus hilarii</i>	407
<i>Vespertilio americanus vulgaris</i>	331	<i>villosum, Chiroderma</i>	360
<i>Vespertilio arsinoe</i>	402	<i>vulgaris, Vespertilio americanus</i>	330
<i>Vespertilio brasiliensis</i>	396		
<i>Vespertilio brasiliensis</i>	406	W	
<i>Vespertilio calcaratus</i>	245	<i>wiedii, Anura</i>	328
<i>Vespertilio caninus</i>	232	<i>wledii, Centronycteris</i>	246
<i>Vespertilio derasus</i>	407	<i>wiedii, Lonchoglossa</i>	328
<i>Vespertilio hilarii</i>	407	<i>wledii, Saccopteryx</i>	245
<i>Vespertilio leporinus</i>	258		
<i>Vespertilio lepturus</i>	237	Y	
<i>Vespertilio leucogaster</i>	402	<i>youngi, Desmodus</i>	379
<i>Vespertilio levis</i>	400	<i>youngi, Diaemus</i>	379
<i>Vespertilio maximiliani</i>	245		
<i>Vespertilio naso</i>	247	Z	
<i>Vespertilio nigricans</i>	396	<i>zarhinus, Vampyrops</i>	355
<i>Vespertilio nubilis</i>	403		
<i>Vespertilio parvulus</i>	397		
<i>Vespertilio perspicillatus</i>	331		
<i>Vespertilio polythrix</i>	400		
<i>Vespertilio ruber</i>	400		
<i>Vespertilio soricinus</i>	316		

